

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JANINA RODAS

**A CRÍTICA SOBRE FICÇÃO HISTÓRICA BRASILEIRA NO JORNALISMO  
IMPRESSO E *ON-LINE* (1981 – 2010)**

CURITIBA

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - LITERATURA  
JANINA RODAS

**A CRÍTICA SOBRE FICÇÃO HISTÓRICA BRASILEIRA NO JORNALISMO  
IMPRESSO E *ON-LINE* (1981 – 2010)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras, na Área de Concentração Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras, no Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marilene Weinhardt

CURITIBA

2015

Catálogo na publicação  
Mariluci Zanela – CRB 9/1233  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Rodas, Janina

A crítica sobre ficção histórica brasileira no jornalismo impresso e *on-line*  
(1981 – 2010) / Janina Rodas – Curitiba, 2015.  
283 f.

Orientadora: Profa. Dra. Marilene Weinhardt  
Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da  
Universidade Federal do Paraná.

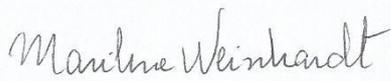
1. Jornalismo - Aspectos sociais. 2. Jornalismo – Brasil - Cultura. 3.  
Imprensa e propaganda. 4. Crítica literária. 5. Ficção histórica. I.Título.

CDD 079.81

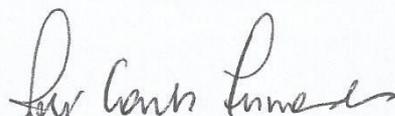


Setor de Ciências Humanas  
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras  
Tel./Fax: +55 41 3360-5102

Ata seiscentésima octogésima quarta, referente à sessão pública de defesa de dissertação para a obtenção de título de mestre a que se submeteu a mestranda **JANINA RODAS**. No dia vinte e nove de abril de dois mil e quinze, às quatorze horas, na sala 1013, 10.º andar, no Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos da Banca Examinadora, constituída pelos seguintes Professores Doutores: Marilene Weinhardt, Presidente, Benedita de Cássia Lima de Sant'Anna e José Carlos Fernandes designados pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Letras, para a sessão pública de defesa de dissertação intitulada "**A CRÍTICA SOBRE FICÇÃO HISTÓRICA BRASILEIRA NO JORNALISMO IMPRESSO E ON-LINE (1981-2010)**", apresentada por **JANINA RODAS**. A sessão teve início com a apresentação oral da mestranda sobre o estudo desenvolvido. Logo após, a senhora presidente dos trabalhos concedeu a palavra a cada um dos examinadores para as suas arguições. Em seguida, a candidata apresentou sua defesa. Na sequência, a Professora Marilene Weinhardt retomou a palavra para as considerações finais. Na continuação, a Banca Examinadora, reunida sigilosamente, decidiu pela aprovação da candidata. Em seguida, a senhora Presidente declarou **APROVADA** a candidata, que recebeu o título de **Mestre em Letras**, área de concentração Estudos Literários. A versão final da dissertação deverá ser encaminhada à Coordenação em até 60 dias. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora e pela candidata. Feita em Curitiba, no dia vinte e nove de abril de dois mil e quinze.

  
Dr<sup>a</sup> Marilene Weinhardt

  
Dr<sup>a</sup> Benedita de Cássia Lima de Sant'Anna

  
Dr. José Carlos Fernandes

  
Janina Rodas



Setor de Ciências Humanas  
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras  
Tel./Fax: +55 41 3360-5102

## PARECER

Defesa de dissertação de mestrado de **JANINA RODAS** para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Os abaixo-assinados Marilene Weinhardt, Benedita de Cássia Lima de Sant'Anna e José Carlos Fernandes arguíram, nesta data, a candidata, que apresentou a dissertação "**A CRÍTICA SOBRE FICÇÃO HISTÓRICA BRASILEIRA NO JORNALISMO IMPRESSO E ON-LINE (1981-2010)**".

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADO Não APROVADO
Dr <sup>a</sup> Marilene Weinhardt		Aprovada
Dr <sup>a</sup> Benedita de Cássia Lima de Sant'Anna		Aprovada
Dr. José Carlos Fernandes		Aprovado

Curitiba, 29 de abril de 2015.

Profª Drª Maria José Foltran  
Vice-Coordenadora

## Resumo

Esta dissertação tem por objetivo estudar a crítica sobre ficção histórica brasileira produzida no calor da hora e publicada na imprensa, observando as permanências e as alterações ao longo de três décadas. A pesquisa tem como foco a crítica literária e a imprensa diária, considerando a relação entre as duas áreas e os problemas enfrentados por ambas na contemporaneidade. Para seleção do material, partiu-se das pesquisas de títulos de ficção histórica realizadas por Marilene Weinhardt (2006-2011) nos períodos de 1981 – 2000 e 2001 a 2010. Em relação ao primeiro período o levantamento foi realizado nos jornais digitalizados O Globo, Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo. Para o segundo, o levantamento incluiu resultados de buscas na web. A partir dos dados, foram selecionadas 15 críticas sobre sete romances, as quais foram comentadas ao final deste trabalho. Com isso pretendemos lançar um olhar contemporâneo sobre o atual estado da crítica, bem como da imprensa cultural e da recepção da ficção histórica ao longo dessas últimas décadas.

**Palavras-chave:** Ficção histórica; Crítica; Imprensa diária.

## Abstract

The present thesis aims to study the criticism of Brazilian historical fiction produced and published in the press, noting the permanence and changes over three decades. The research focuses on the literary criticism and the daily press, considering the relationship between the two areas and the nowadays problems faced by both. The study material was selected through the research of historical fiction titles made by Marilene Weinhardt (2006 -2011) considering the periods of 1981 - 2000 and 2001 - 2010. The survey in the first period (1981- 2000) was conducted in the digitalized newspapers *O Globo*, *Folha de S. Paulo* and *O Estado de S. Paulo*. For the second period, the survey included results of web searches. From the data, we selected 15 reviews about seven novels, each commented at the end of this work. With this we intend to launch a contemporary look at the current state of criticism, as well as the cultural press and the perception of historical fiction over these three past decades.

**Keywords:** Historical Fiction; Criticism; Daily Press .

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>Introdução.....</b>	<b>5</b>
<b>2.</b>	<b>Crítica e imprensa.....</b>	<b>8</b>
2.1	Uma relação que vai além do rodapé.....	8
2.2	Por que a imprensa? .....	16
2.3	Jornalismo cultural e crítica – a crise .....	17
2.4	O desaparecimento da crítica na imprensa e os problemas do jornalismo .....	25
<b>3</b>	<b>Ficção histórica e as mudanças dos tempos – um breve panorama.....</b>	<b>35</b>
<b>4</b>	<b>Metodologia e resultados.....</b>	<b>38</b>
4.1	Crterios de análise e classificação .....	37
4.2	Metodologia: o processo no <i>on-line</i> e no impresso .....	43
4.3	Resultados 1981 a 2000 .....	46
4.4	Resultados 2001 a 2010 .....	56
4.5	Os números nessa história – uma breve comparação .....	60
<b>5</b>	<b>Sobre as críticas.....</b>	<b>63</b>
5.1.	Sobre as críticas – 1981 a 2000 – <i>Viva o Povo Brasileiro – O Globo</i> .....	63
5.2	Sobre as críticas – 1981 a 2000 – <i>Viva o Povo Brasileiro – Estadão</i> .....	68
5.3	Sobre as críticas – 1981 a 2000 – <i>A majestade do Xingu – O Globo</i> .....	74
5.4	Sobre as críticas – 1981 a 2000 – <i>A majestade do Xingu – Estadão</i> .....	79
5.5	Sobre as críticas – 1981 a 2000 – <i>A majestade do Xingu – Folha</i> .....	84
5.6	Sobre as críticas – 1981 a 2000 – <i>Romance sem Palavras – O Globo</i> .....	87
5.7	Sobre as críticas – 1981 a 2000 – <i>Romance sem Palavras – Folha de S. Paulo</i> .....	93
5.8	Sobre as críticas – 1981 a 2000 – <i>O Selvagem da Ópera – O Estado de S. Paulo</i> .....	97
5.9	Sobre as críticas – 1981 a 2000 – <i>O Selvagem da Ópera – O Globo</i> .....	100
5.10	Sobre as críticas – 2001 a 2010 – <i>Leite Derramado – Site da Folha</i> .....	104

5.11 Sobre as críticas – 2001 a 2010 – <i>Leite Derramado</i> – Site do Rascunho .....	108
5.12 Sobre as críticas – 2001 a 2010 – <i>Mongólia</i> - Site da <i>Folha</i> .....	114
5.13 Sobre as críticas – 2001 a 2010 – <i>Mongólia</i> - Site da <i>Folha</i> .....	120
5.14 Sobre as críticas – 2001 a 2010 – <i>O Sol se põe em São Paulo</i> – <i>Revista Sibila</i> .....	124
5.15 Sobre as críticas – 2001 a 2010 – <i>O Sol se põe em São Paulo</i> – <i>Revista Veja</i> .....	135
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>138</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>141</b>
<b>ANEXO A</b> .....	<b>146</b>
<b>APÊNDICE 1: Índice catalográfico 1981 a 2000</b> .....	<b>202</b>
<b>APÊNDICE 2: : Índice catalográfico 2001 a 2010</b> .....	<b>241</b>

## Introdução

O período entre o final de um século e o início de outro tende a ser conhecido por mudanças, conflitos e adaptações, bem como por grandes inovações, criações artísticas e avanços em diferentes áreas. Basta olharmos para trás e pensarmos no fim do XIX e início do XX, ou no fim do XVIII e início do XIX, e grandes marcos na história da humanidade começam a aparecer na lembrança. Mas é claro que evocar esses períodos passados e avaliar suas conquistas e mudanças torna-se tarefa mais fácil com o distanciamento histórico. Em relação a esta transição de século que estamos passando, será que conseguimos também avaliar de forma tão clara e objetiva? Será que conseguimos apreciar a novidade e a mudança como algo positivo, ou nos fecharemos na lembrança dos saudosos dias de outrora?

Sem querer abraçar todas as áreas afetadas por um tempo de mudanças como este em que vivemos agora, mas sim tentando trazer um pouco de reflexão sobre uma em específico, a crítica literária no calor da hora, é que se propõe este trabalho.

Considerando que o distanciamento histórico não é possível, mas também não aceitando este como a única forma mais segura de análise de uma situação crítica, desenvolveu-se neste trabalho uma metodologia de levantamento seguido de análise de críticas para que possamos, através de dados concretos, ter um panorama da crítica neste período de transição e, mais ainda, nos arriscamos a fazer diversas análises destas para que também auxiliem no registro e interpretação deste tempo e situação.

Portanto, a partir de duas listas de títulos de ficção histórica publicadas no Brasil e compiladas por Marilene Weinhardt nos trabalhos “Ficção histórica contemporânea no Brasil: uma proposta de sistematização” e “Outros palimpsestos: ficção e história” que contemplam os seguintes períodos: 1981 a 2000 e 2001 a 2010, coletamos o material para a pesquisa. Para darmos conta destas listas, foram feitos dois levantamentos, o primeiro em jornal impresso digitalizado e o segundo na aparentemente infinita rede mundial de computadores, a internet.

O levantamento em jornal impresso digitalizado foi feito nos seguintes periódicos: *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Já o levantamento na *web* abarcou diversas publicações, entre elas blogs, sites de autores, editoras, revistas culturais, etc.

O objetivo de coletar os textos críticos sobre a ficção histórica contemporânea publicados na imprensa possui uma função que vai além do simples registro, pois permite acesso a dados que oferecem uma abertura para análises futuras, tanto da crítica, quanto da forma como a ficção histórica é percebida pela imprensa e pelo público no contexto em que foram publicadas.

Neste trabalho, abordaremos discussões envolvendo tanto a crítica literária no calor da hora, quanto o jornalismo cultural. Para tanto fez-se no item intitulado: “Uma relação que vai além do rodapé”, uma análise baseada no trabalho de João Cezar de Castro Rocha (2011) envolvendo a polêmica da crítica de rodapé e da cátedra, que considera a importância do jornalismo nessa disputa, a descentralização do livro na cultura audiovisual e as consequências para a crítica literária contemporânea.

Seguido deste, há uma breve justificativa da importância de se aprofundar nos problemas do jornalismo para a crítica literária, no item intitulado de “Por que a imprensa?”, este item também serve de introdução para o próximo, “Jornalismo cultural e crítica – a crise”, no qual abordamos diferentes argumentos publicados nos livros *Rumos do Jornalismo Cultural* (2007), organizado por Felipe Lindoso, e *Rumos da Crítica* (2000), organizado por Maria Helena Martins, ambos de grande importância pela atualidade da discussão sobre jornalismo cultural e crítica. Neste item, enfatizamos uma leitura contextual das mudanças do jornalismo e da crítica relacionadas com um período específico. Neste caso recorreu-se aos anos 1980 até os 2000, já que é o recorte temporal deste trabalho.

Em seguida há mais uma subdivisão que traz à tona diversos problemas contemporâneos enfrentados pelo jornalismo cultural e que são de extrema importância para refletirmos, com mais dados e informações, sobre o estado atual da crítica na imprensa diária.

Na sequência, voltamos nosso olhar para a ficção histórica demonstrando que a mesma também sofreu mudanças em sua trajetória, no capítulo intitulado, “Ficção histórica e as mudanças dos tempos – um breve panorama”. Este capítulo se torna necessário, pois nosso objeto de pesquisa é a crítica sobre ficção histórica.

Após esse aporte teórico partimos para a realização da pesquisa em si, iniciando com a metodologia seguida dos resultados. No item inicial, “Metodologia: critérios de análise e classificação”, abordamos os critérios que nos orientaram na classificação dos textos encontrados nos levantamentos. Na sequência há outra subdivisão na qual explicamos como os levantamentos foram realizados e as dificuldades e características do processo de pesquisa.

Logo após, são apresentados os resultados de cada um dos levantamentos, com tabelas e informações sobre os tipos de textos encontrados, demonstrando também o quanto esses dados correspondem ao aporte teórico.

No item que se segue temos uma situação à parte onde apresentamos um terceiro levantamento. Este tem um papel importante para percebermos o quanto o recorte temporal e a metodologia de pesquisa interferem nos resultados finais, podendo até mesmo levar a uma interpretação errônea dos dados.

A partir de então comentamos as críticas selecionadas para este trabalho. Os livros com críticas analisadas no período de 1981 a 2000 são: *Viva o Povo Brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro no *O Globo* (referenciado também como *Globo*) e no *O Estado de S. Paulo* (referenciado, também, a partir daqui como *Estadão*) e *A majestade do Xingu*, de Moacyr Scliar, no *Globo*, no *Estadão* e na *Folha de S. Paulo* (referenciada também como *Folha*), além de *Romance sem Palavras* de Carlos Heitor Cony, com duas críticas, uma na *Folha* e outra no *Globo*; e *O Selvagem da Ópera* com duas críticas, uma no *Globo* e outra no *Estadão*. Já no período de 2001 a 2010, os livros com críticas encontradas na *web* são: *Leite Derramado*, de Chico Buarque, no *site* da *Folha* e do *Rascunho*; *Mongólia*, de Bernardo Carvalho com duas críticas, ambas no *site* da *Folha* e *O Sol se põe em São Paulo* com duas críticas uma na *Revista Sibila* e outra na *Revista Veja*.

Com as críticas comentadas finalizamos nosso trabalho. Incluímos também o ANEXO A com as críticas reproduzidas integralmente e o APÊNDICE 1 e 2 com os índices de todos os retornos encontrados durante a pesquisa para as duas listagens de romances históricos, de 1981 a 2000 e de 2001 a 2010.

## 2. Crítica e imprensa

### 2.1 Uma relação que vai além do rodapé

Sempre é interessante rever a bibliografia polêmica que tange a relação entre a crítica literária e a imprensa. Entre farpas e afagos lá se vão pelo menos dois séculos e um pouquinho deste XXI. Da polêmica entre intelectuais nas páginas dos jornais ou nos púlpitos das universidades, ao apocalíptico desfecho (?) no mar da informação mercadológica digital, muita coisa foi e é dita.

Por impossibilidades óbvias, já que nem todos têm o privilégio e a destreza de desenvolver um trabalho de resgate e análise de tudo e mais um pouco aos moldes de Wilson Martins, escolheu-se aqui, neste trabalho, uma revisão mais modesta e contemporânea da relação entre a crítica e a imprensa para compreendermos um pouco mais sobre o tema que exploramos nesta pesquisa. O motivo está implícito no objeto: crítica literária e jornalismo da década de 80 do século XX até 2010. Mas, é claro que nenhuma análise contemporânea pode se dar sem o resgate histórico, por isso voltaremos um pouco no tempo para explicar a história específica de cada uma das áreas envolvidas.

João Cezar de Castro Rocha é um dos autores contemporâneos que tentam lançar um novo olhar sobre a questão da crítica no jornal diário. Para isso recorre à história da crítica literária no Brasil, tomando como base a polêmica pública, ou seja, em jornal diário. Dos debates acalorados da intelectualidade brasileira no século XIX até a contemporaneidade, a polêmica é parte essencial do DNA da crítica brasileira, principalmente da crítica no calor da hora.

Mas será que essa relação ainda se sustenta? Segundo o próprio autor após a década de 80 as coisas ficaram um pouco mais complicadas. Com a informação digital à disposição de todos, não só a polêmica, mas também o papel do crítico enquanto intelectual munido de conhecimento privilegiado passou a entrar em crise, como pode ser verificado na citação abaixo, na qual Castro Rocha utiliza a análise de Marcelo Coelho sobre *Diário da Corte*, de Paulo Francis, para esclarecer a questão:

Uma coluna como a de Paulo Francis, por exemplo, dificilmente teria hoje a mesma repercussão. Como poucos, ele soube tirar proveito do isolamento, transformando em rentável moeda de troca sua fruição de bens culturais estrangeiros: '[...] comentava filmes que jamais veríamos, lia autores a nós vedados. Eram tempos de censura, pré-internet e extorsivos impostos de importação para publicações (que muitas vezes acabavam apreendidas na alfândega. Francis nos abria horizontes [...]'). Ora, basta recordar como se chamava a coluna para avaliar a ironia (às vezes o ridículo) da situação: *Diário da Corte*. Por isso mesmo, em seu texto, Marcelo Coelho referiu-se ao panorama da década de 1980, e, claro, naquele contexto, estar antenado equivalia a estar à frente dos demais, dispor de dados colhidos no calor da hora e divulgá-los com o prazer dos iniciados – os *happy few*, não apenas do jornalismo, mas da própria vida intelectual. (ROCHA, 2011, p. 45 e 46).

É interessante destacar neste trecho a escolha de Castro Rocha por Marcelo Coelho, jornalista, e a escolha deste por Paulo Francis, já que o último não só incorpora a figura do crítico de informação privilegiada, como também é a referência (não necessariamente positiva) quando se trata de polêmica. Tanto que, inspirado nele, criou-se o termo “Síndrome de Paulo Francis”, utilizado pelo próprio Coelho para designar a polêmica pela polêmica, como uma espécie de banalização pró-mercado onde “a subjetividade vira mercadoria. A opinião vira grife” (COELHO, M., 2000, p. 92).

Já a escolha pela análise de Marcelo Coelho, além de muito bem utilizada, nos ajuda a repensar a visão polarizadora que separa em galáxias distintas o jornalismo e a crítica literária. Afinal, podemos perceber que não é apenas no suporte que a relação se dá, mas que existem muitos pontos de encontro e que todos influenciam no resultado final, crítica.

Em seguida Castro Rocha parte com a análise de Marcelo Coelho para os anos 90, quando a informação privilegiada começou a ficar disponível para o acesso de todos:

Pelo contrário, “os anos 90 significaram para parte considerável da classe média brasileira, e, claro, para as elites, um período de interessantes aquisições tecnológicas na vida cotidiana”. Tais aquisições alteraram profundamente a paisagem cultural, pois franquearam o acesso a informações vindas de todos os quadrantes. Portanto, se o jornalista não pode mais se limitar a legislar sobre o presente com base numa atualização com as últimas novidades, o que dizer do acadêmico tradicional? Ele também terá de inventar

novos métodos, em lugar de especializar-se na obra do último teórico da moda. (ROCHA, 2011, p. 45 e 46).

Esta última observação sobre a academia marca o início das considerações sobre os problemas enfrentados pela crítica acadêmica, pelos próprios cursos de Letras desde seu início até hoje, mas principalmente serve como alavanca para a polêmica das polêmicas: crítica acadêmica ou crítica de rodapé?

Esta polêmica Castro Rocha analisa a fundo e minuciosamente, desde suas protomanifestações até Afrânio Coutinho e Álvaro Lins e é justamente sobre esta questão, tão bem revista por diferentes estudiosos da área, que Rocha lança um novo olhar. Para ele a disputa já estava ganha do lado da academia antes mesmo de se entrar em campo, mas não pelos motivos conhecidos e sim por conta do jornalismo, que ao longo de sua evolução acabou virando o juiz do jogo (ROCHA, 2001).

Para explicar tal situação, Castro Rocha recorre à história da participação do intelectual na imprensa brasileira movida, pela necessidade social de compartilhar o conhecimento produzido na universidade com a população e seus altos e baixos, e vai além, para uma mudança de comportamento social que passou do literário para o audiovisual.

Iniciando sua explanação Castro Rocha volta-se para uma análise apresentada por Silviano Santiago:

De qualquer modo, além de superar o modelo do duelo, por intermédio do reconhecimento da contribuição da crítica de rodapé, Silviano Santiago esclareceu que o ocaso dessa crítica não foi sucedido pelo predomínio da crítica universitária na grande imprensa. Pelo contrário, os críticos formados na universidade não encontraram necessariamente guarida nos jornais, pelo menos não os formados na área de Letras. Portanto, na versão exclusivamente bélica que procuro contestar, os críticos literários parecem acreditar que textos escritos por acadêmicos simplesmente desapareceram da grande imprensa. Afinal, Narciso acha mesmo feio o que não é espelho. (ROCHA, 2011, p. 323 e 324)

Castro Rocha decide olhar para a questão de outro modo, escolhendo o mapeamento da participação do intelectual na imprensa brasileira feito por Maria Hermínia Tavares Almeida como chave de leitura para entender um pouco mais sobre a polêmica universitária *versus* rodapé.

Inicialmente, Tavares Almeida recordou a associação intrínseca entre imprensa e pensamento social brasileiro, associação que remonta ao século XIX, ou seja, aos primórdios do projeto de formação da nacionalidade: 'A atividade jornalística manteve importância destacada, mesmo depois que as Ciências Sociais encontraram seu sítio nas universidades, a partir da década de 1930'. De imediato, percebe-se uma nuance decisiva no trato com a imprensa, em lugar da batalha sem tréguas por Afrânio Coutinho. A razão desse matiz era sintomática e dialogava com o fenômeno do 'vale quanto pesa', tal como identificado por Silviano Santiago: 'Falar para a nação requeria um meio de comunicação mais poderoso do que livros e revistas de trânsito limitado aos circuitos universitário e intelectual'. Aliás, mais do que apenas dirigir-se à Nação, a tradição do ensaísmo brasileiro procurava nada menos do que orientá-la, identificando os dilemas da formação nacional e apontando os caminhos para sua superação. (ROCHA, 2011, p. 324 e 325)

Impossível não ver nessa digressão histórica pontos de encontro (e desencontro) com a situação atual do intelectual na imprensa e da produção de conhecimento acadêmico fechado em si mesmo. Durante o levantamento das críticas realizado nesta pesquisa, nos deparamos com inúmeros artigos e produções acadêmicas, muitos sobre livros que não chegaram a ser mencionados na imprensa revelando um distanciamento do saber universitário da população, justamente movimento oposto ao indicado pela digressão histórica de Rocha.

Continuando pelos caminhos da história, Rocha volta-se para o embate entre a USP e o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e seus posicionamentos quanto à imprensa, no qual exponenciaram nomes como Florestan Fernandes, que desenvolvia tanto artigos acadêmicos quanto jornalísticos.

Porém a contribuição intelectual na imprensa teria uma abrupta e trágica interrupção, a ditadura militar:

De qualquer modo, o confronto entre jornalismo e cátedra conheceu uma interrupção brusca, pois, por motivos óbvios, durante a vigência do regime militar, a imprensa tornou-se literalmente um não lugar, ou, no mínimo, um campo minado. Foi preciso esperar iniciativas corajosas, em meio ao período mais duro da repressão, durante o governo do general Médici, para que tivesse lugar o retorno dos cientistas sociais à cena pública por meio de dois veículos principais: os jornais *Opinião* e *Folha de S. Paulo*. (ROCHA, 2011, p. 328).

Nesses dois periódicos, o pensamento gerado na academia voltou a alcançar o público anônimo e diverso do jornal, realizando assim uma troca social. Mas não foi somente essa a importância para o curso do jornalismo e da crítica. As duas publicações passaram a dedicar espaços específicos para a participação acadêmica, separadas do jornal pela tipografia, o rodapé, que marca um passo importante na história do jornalismo, e que no futuro próximo culminaria com cadernos culturais específicos encartados no jornal.

Quanto à crítica feita por acadêmicos nos rodapés dos jornais, Rocha alerta para a questão da linguagem *versus* comprometimento de conteúdo:

Compreenda-se, contudo, um ponto fundamental: traduzir um vocabulário especializado, necessário para o tipo de pesquisa realizado na universidade, e uma linguagem de caráter mais geral, não significa comprometer a complexidade do pensamento, tampouco banalizá-lo. Em vez disso, trata-se de torná-lo acessível à sociedade que, em última instância, financia a universidade pública. O processo somente cumpre sua finalidade se tal transmissão colaborar para o questionamento das relações sociais, inclusive das relações que favorecem determinado tipo de produção de conhecimento em detrimento de outras modalidades possíveis. (ROCHA, 2011, p. 331 e 332).

O aviso é importante já que muito do que se discute sobre o assunto acaba no argumento de que a crítica acadêmica não tem condições de ser trabalhada no jornal por conta da linguagem. Ora, tal afirmação hoje não é de todo estranha, mas é bom reforçar que nem sempre foi assim e que um dia a colaboração entre acadêmicos e redações Brasil afora foi profícua e fundamental para ambos desempenharem seus papéis enquanto críticos sociais.

Mas os tempos mudaram e a mudança veio com um desvio de foco, do todo para o específico:

Segundo a perspectiva de Silviano Santiago, os suplementos literários paulatinamente se limitaram a publicar resenhas, muitas vezes em íntimo comércio com os interesses das editoras mais poderosas. Na reconstituição de Flora Süssekind, “se um primeiro duelo entre críticos-cronistas e críticos-professores apontara a vitória parcial dos últimos nas décadas de 40 – 50, em meados dos anos 60 assiste-se a um fenômeno que bem se poderia considerar uma vingança do rodapé”. A vingança teria sido dupla. Em primeiro lugar, no sentido de fazer das seções de livros e dos suplementos simples páginas de ‘classificados’ dos ‘últimos lançamentos’ das grandes

editoras locais”. Em segundo lugar, “[...] no início dos anos 1970, assiste-se a uma virada. Se nos anos 40 – 50 eram os críticos-professores que olhavam com desconfiança os rodapés, agora são os jornalistas que atribuem à produção acadêmica características de um oponente”. (ROCHA, 2011, p. 332)

A citação da fala de Flora Süssekind no texto de Castro Rocha aqui nos serve mais para elucidar a próxima entrada do texto onde a análise sobre o jornalismo ter sido o fator definitivo na batalha entre crítica acadêmica e de rodapé se faz presente, como segue abaixo:

Infelizmente, porém, os longos comentários, típicos dos rodapés, não retornaram às páginas dos suplementos literários – essa sim teria sido uma autêntica revanche! Ora, como Silviano e a própria Flora assinalaram, assistiu-se à emergência de resenhas breves, simples notícias dos últimos lançamentos ou reportagens sobre os autores, numa espécie de recuperação consciente do modelo da vida literária, como referimos no final do capítulo anterior. Em outras palavras, embora à época, seu ensaio tenha sido inovador, Flora não compreendeu que entre os jornalistas da década de 1970 e os críticos de rodapé um abismo se havia aberto. Esse abismo foi cavado precisamente pelas mudanças internas à linguagem jornalística [...]. (ROCHA, 2011, p. 333 e 334).

A linguagem jornalística, que a partir da metade do século XX passa a ser cada vez mais objetiva e voltada para o factual, é um dos fatores que Castro Rocha assinala como fundamentais para a mudança da crítica publicada em jornal. Esse aspecto é muito importante, porém não é o único fator envolvido no jornalismo, como veremos mais adiante nos itens 2.4 e 2.5, que contribuiu para a diminuição e mutação da crítica dos jornais.

Na sequência Castro Rocha volta a afirmar a questão da linguagem jornalística como mola propulsora para a diminuição da crítica do jornal, mas expande a questão para uma situação muito mais contemporânea e que a todos afeta, inclusive o jornalismo: a internet, o audiovisual e as novas formas de consumo da cultura.

Pelo menos desde o término da Segunda Guerra Mundial, o feitiço começou a voltar-se contra o livro impresso, que se viu progressivamente suplantado por uma nova tecnologia de informação. Ora, na Galáxia de Gutenberg, a criação de vínculos simbólicos entre indivíduos, inclusive entre indivíduos de tempos

históricos diversos, dependia do modelo clássico da vida intelectual entendida como um diálogo que atravessa séculos e se preserva na visita à biblioteca. Hoje, pelo contrário, aquela criação transferiu-se do campo literário, da esfera do livro, para áreas de produção associadas à tecnologia com base em recursos audiovisuais e digitais. O rádio, o cinema, a televisão e a informática assumem o papel que um dia coube à tecnologia dos tipos impressos. Nesse contexto, a crítica literária e a crítica cultural vivem um momento particular, no qual seus pressupostos devem ser reavaliados, e seu papel, literalmente, reinventado. (ROCHA, 2011, p. 336 e 337).

A transferência do saber do suporte livro para o audiovisual impactou na distribuição e consumo do livro, mas também na leitura e produção crítica na imprensa diária, ou seja, não foi somente a cada vez mais objetiva linguagem jornalística que trouxe problemas para a crítica, mas foi ela uma das grandes responsáveis junto com a mudança dos tempos, como afirma Castro Rocha:

Ora, por meio de uma inteligente análise interna da linguagem jornalística, Isabel Travancas identificou um processo mais geral que permite atar os pontos da minha releitura. Ou seja, também se deve associar a disputa entre cátedra e rodapé à perda de espaço da literatura no jornal e ao advento de meios de comunicação predominantemente audiovisuais. E vale a pena repetir: os dois fenômenos ocorrem simultaneamente. (ROCHA, 2011, p. 341).

Essa perda de espaço da literatura no jornal é justamente um dos pontos mais trabalhados e discutidos durante esta pesquisa. Nos itens 2.4 e 2.5 veremos outros pontos de vista que associam essa perda não somente aos novos moldes de se fazer jornalismo, mas também à inserção do discurso publicitário e aos interesses de mercado tomando conta das páginas dos jornais e das páginas literárias. É importante fazer mais uma observação em relação ao texto de Castro Rocha. Suas análises estão sendo comparadas com outras feitas na sequência do trabalho justamente por, apesar de iniciarem com a batalha entre cátedra e rodapé, são ampliadas pelo próprio autor até a contemporaneidade, recorte temporal de que se ocupa este trabalho.

Na sequência, Castro Rocha volta para o início do que ele considera a questão fundamental na decisão da batalha entre a crítica acadêmica e o rodapé:

Em outras palavras, se o projeto de uma futura crítica com base nas regras do método se opunha ao ensaísmo jornalístico, a própria

dinâmica interna do jornalismo pós-1945 havia selado o destino do rodapé pelas mesmas razões. Posso dizê-lo de maneira ainda mais direta: se a cátedra rompeu com o rodapé devido a seu desejo de especialização, então, andou de mãos dadas com o modelo de jornalismo que se impunha na época, e que, por si só, já havia decretado o fim do rodapé, e por motivos de ordem interna à própria linguagem jornalística. Vale dizer, a batalha da cátedra contra o rodapé estava ganha antes mesmo de ter começado, e os adversários, ainda que sem sabê-lo, foram vencidos pelo mesmo inimigo: os meios audiovisuais, que deslocaram o literário do centro da cena cultural. Hoje em dia, a proeminência adquirida pelo universo digital apenas tornou o panorama mais claro. (ROCHA, 2011, p. 343).

O marco que Castro Rocha define para tal mudança é o ano de 1945, mas não especifica se está tratando o assunto a nível nacional ou internacional. Se considerarmos como um marco internacional a afirmação não está equivocada, mas no Brasil as primeiras mudanças do gênero ocorreram com Reynaldo Jardim à frente do *JB* na segunda metade da década de 50. Porém, apesar da possível divergência dos anos, a questão apresentada é válida e de grande interesse para pensarmos na batalha da cátedra com o rodapé.

A lógica interna dos suplementos obedeceu à dinâmica do jornalismo moderno, definido pela capacidade de obter informações com uma rapidez sempre crescente. Daí a importância do “furo”: a evidência irrefutável de que se está à frente dos demais. E, de igual modo, a importância do “gancho” jornalístico: a certeza de que se está em sintonia absoluta com o aqui e o agora<sup>1</sup>. Não surpreende, assim, que em seções tão distintas da literária quanto a política e a econômica, minuciosos textos analíticos também perderam espaço para breves e sempre atualizadas notas relativas aos últimos acontecimentos. Afinal “com o avanço tecnológico (telégrafo, telefone) o jornal se tornou menos opinativo e mais informativo”. A seu modo, esse processo anunciou o atual predomínio dos meios audiovisuais e digitais, pois o privilégio da informação, em detrimento da análise, foi favorecido e mesmo estimulado pelos primórdios da revolução tecnológica que terminou por deslocar o livro do centro da cena cultural. Ressalte-se o paradoxo: a universidade e a imprensa foram afetadas ao mesmo tempo pela mosca azul da objetividade, com uma única, porém crucial, diferença: os críticos formados na universidade parecem não ter compreendido (até hoje) que o ataque à crítica de rodapé teve o efeito de um inesperado e incômodo bumerangue. (ROCHA, 2011, p. 350 e 351).

Esse parágrafo precisou ser citado integralmente para podermos concluir essa breve história da relação da crítica com o jornalismo. É importante ressaltar que

o deslocamento do literário para o audiovisual é diretamente proporcional à especialização do jornalismo em suas técnicas e linguagem. Porém o hibridismo com a publicidade e o interesse de mercado agindo cada vez mais nas redações e afetando a crítica não foi tão explorado, e esses são fatores que consideramos importantes e devem ser levados em consideração, por isso dedicaremos mais atenção no desenvolver do trabalho.

A abordagem de Castro Rocha se torna essencial para lançar uma nova luz sobre a questão tanto da evolução da crítica, quanto da polêmica batalha entre rodapé e cátedra. Esta última é igualmente contributiva para as mudanças na crítica, tanto quanto a especialização jornalística e o predomínio do audiovisual sobre o livro.

## 2.2 Por que a imprensa?

Como bem analisado por João Cezar de Castro Rocha, a relação da crítica com a imprensa vai muito além do simples suporte de publicação e perpassa esferas globais de mudanças sociais e de comportamento. Portanto, consideramos importante dedicar mais atenção ao jornalismo e suas implicações na crítica literária no calor da hora.

Decretada por muitos teóricos como o local por excelência da atividade crítica, a imprensa, e a crítica literária brasileira, como conhecidas hoje, surgiram nos meados do século XIX e por muito tempo seguiram os moldes de outrora, porém ambas passaram por transformações que as levaram a se distanciar do modelo dos séculos passados. Esse distanciamento exige, portanto, novas ferramentas para analisá-las e mais ainda, novas informações.

Duas coisas, porém, permanecem: o caráter de ponte entre arte e público, no caso da crítica, e de espaço público e de representação da sociedade, ou “esfera pública”, nos termos de Habermas (1984), no caso do jornal. Essas duas máximas são responsáveis por manter a existência da crítica e do jornalismo como tal. Apesar de se manterem, sofreram várias alterações na contemporaneidade.

Coletar os textos críticos sobre a ficção histórica contemporânea, publicados na imprensa possui uma função que vai além do simples registro, pois permite

acesso a dados que oferecem uma abertura para análises futuras, tanto da crítica, quanto da forma como a ficção histórica é percebida pela imprensa e pelo público no contexto em que foram publicadas.

Para compreender essa relação da crítica e da imprensa com a sociedade e com a literatura é preciso compreender as raízes e mudanças da imprensa e do jornalismo cultural, gênero que abarca a crítica literária.

### 2.3 Jornalismo cultural e crítica – a crise

Iniciamos este capítulo retomando a batalha entre a crítica de rodapé e a acadêmica para lembrar que o motivo da prevalência de uma sobre outra não estava diretamente relacionado com a polêmica, mas sim com um fator externo a esta: o jornalismo. Segundo João Cezar de Castro Rocha,

[E]screver o obituário da crítica de rodapé atribuindo à crítica universitária o papel antipático, mas ainda assim pretensioso, de coveiro, além de repetir uma versão anacrônica, revela um desconhecimento da dinâmica interna à própria linguagem jornalística. Dito de maneira ainda mais direta: os longos rodapés estavam condenados devido tanto à lógica da informação “objetiva” quanto à busca do “furo” a todo custo. (ROCHA, 2011, p. 354).

Na análise de Rocha, abordada com mais atenção no segundo capítulo desta dissertação, a prevalência da linguagem jornalística objetiva foi, junto com a substituição do livro pelo audiovisual, responsável por dar fim aos rodapés literários. Mas também consideramos que outros fatores passaram a fazer parte do jornalismo diário e devem ser abordados, fornecendo assim, mais dados sobre a atual situação dos dois tanto para entender uma polêmica passada, quanto para compreendermos a crítica literária feita em jornal a partir da década de 80, período de que se ocupa este trabalho.

Não são poucos os estudos que apontam os descontentamentos com o jornalismo cultural praticado hoje. Seja pela falta de espaço para a crítica, seja pelos excessos da publicidade, seja ainda pelo desrespeito com a profissão, levando ao enxugamento das redações e ao questionamento da ética nas práticas diárias.

Apesar de generalistas, tais preocupações, ou melhor, apontamentos, se baseiam em fatos concretos: todo jornalista cultural é um ser que pensa criticamente a sua realidade, caso contrário não está realizando jornalismo de cultura. Para pensar criticamente a realidade é preciso uma visão crítica e tempo para executar tal crítica, tal reflexão. O tempo no jornalismo atual tem sido reduzido, as redações empregam pouco e mal os profissionais, um jornalista pode começar o dia com quatro pautas. Pouco tempo e pouco investimento em pessoal resultam em matérias mais rasas, que bebem da mesma fonte e não realizam reflexão crítica. Sendo assim, sem reflexão, sem tempo e sem profissionais, tanto o jornalismo cultural quanto a crítica se esvaem dia a dia das redações.

Mas tudo tem um início e se pudermos indicar um momento preciso de quando este cenário passou a se delinear, provavelmente seria o período das décadas de 70 a 80, dependendo do periódico. Foi nesse período que se deu início à profissionalização das redações, com ênfase na objetividade jornalística, que contemplava, entre outros fatores, a ênfase no factual do texto e limitava as liberdades estilísticas, inclusive do jornalismo cultural. É claro que esta objetividade jornalística teve início muito antes, como pode ser visto no ítem sobre a batalha da crítica de rodapé e da cátedra, mas foi nas últimas décadas do século passado que isso se intensificou. Nos anos 90, por exemplo, essa concepção de jornalismo já havia se solidificado e se espalhado para a maior parte das publicações nacionais. O problema que decorreu dessa abordagem objetiva e factual foi a colocação em segundo plano dos textos de opinião, típicos do jornalismo cultural onde a crítica está inserida, e o uso do factual serviu de plataforma para o hibridismo entre publicidade e jornalismo, que teve seu auge na segunda metade da década de 90 e se estende até os dias atuais.

Olhando mais de perto para o problema, percebe-se que estas mudanças que levaram à crise do jornalismo cultural são globais. Existe um sentimento comunitário de que tanto os jornalistas, quanto os críticos, quanto às próprias publicações não encontram mais lugar na sociedade do excesso de informação. Como afirma Piza, “o bombardeio de dados e informações da era eletrônica criou uma carência ainda maior de análises e comentários, que suplementem argumentos, perspectiva e contextos para o cidadão desenvolver senso crítico e conectar disciplinas” (PIZA, 2002, p. 32).

Para Teixeira Coelho, o problema não se encontra somente nas redações que diminuem espaço e exigem uma velocidade de informação de forma padronizada constantemente, mas sim, também no próprio jornalista cultural:

...no jornalismo cultural, se o indivíduo não for capaz de encontrar sua voz pessoal distintiva, ele não tem muito que fazer na profissão. Ele poderá ser aquilo que no Brasil comumente se entende por jornalista cultural, mas não um jornalista cultural no sentido crítico da palavra, isto é, alguém capaz de colocar um fato cultural numa perspectiva histórica (e crítica) do campo cultural relacionado que está sendo tratado. O que significa que ele deve ser especialista não apenas no assunto que está tratando mas um especialista no modo de abordar aquele assunto (COELHO, T., 2007,[s.p.]

Ou seja, um dos problemas enfrentados atualmente pela crítica e pelo jornalismo cultural situa-se no próprio jornalista, que deve buscar uma formação ampla para o exercício crítico de sua profissão, o que não ocorre, muitas vezes, devido à ausência cada vez maior da crítica no jornalismo cultural, restrito a textos informativos de acordo com o padrão do jornal.

O autor aponta também que, no mundo contemporâneo, onde todas as ideologias desbancaram e as áreas cinza tomaram lugar das certezas ideológicas, o jornalista precisa recorrer a um panorama cultural e ideológico próprio, porém coletivo, para ser honesto e ético com o leitor e com sua profissão:

Mas é preciso que o jornalista cultural reveja os valores habituais e busque sintonizar-se com as reais tendências atuais, aquelas que se manifestam na prática e na vida cotidiana das pessoas. Para tanto é preciso ser capaz de detectar as orientações culturais do seu tempo. O bom jornalista cultural deve assumir como ponto de partida a ideia de que é preciso pensar sempre de outro modo, que é preciso ver uma questão sempre pelo outro lado, pelo lado que não está sendo visto, pelo lado oposto do hábito cultural. Nada pior em cultura do que o hábito cultural. E o jornalismo cultural brasileiro ainda está cheio de hábitos culturais. A cultura pode ser feita de hábitos culturais. O jornalismo, não. (COELHO, T., 2007, [s.p.]

Jornalismo cultural enquanto cultura é também analisado criticamente por Cremilda Medina, que apresenta uma abordagem diferente, porém complementar à de Teixeira Coelho. Falar em jornalismo cultural torna-se uma redundância, visto que para ela todo jornalismo é cultural, ou seja, um produto da cultura:

A minha noção de cultura atravessa o jornalismo, e a exemplo do que já se discutiu em alguns eventos, retomo minha fala sobre um período muito fértil na década de 80, quando se discutia o jornalismo cultural. Em vários encontros nacionais e internacionais, repetia à exaustão: a cultura passa em todos os espaços e tempos do jornalismo. (MEDINA, 2007, [s.p.])

Medina complementa sua afirmação sobre todo jornalismo ser cultural a partir da função do jornalismo na sociedade, uma função social e cultural:

Não há narrativa nem matéria jornalística que não seja produção cultural, o que se diz da realidade à nossa volta é representado simbolicamente no discurso jornalístico. E quem interpreta a realidade é um leitor da contemporaneidade que produz sentidos, produz significados perante o acontecimento social, econômico, político, artístico, esportivo, científico, ambiental, etc. o leitor cultural observa, colhe informações dos acervos e fontes vivas, cria elos de contexto e elege o protagonismo daqueles que vivem a situação de sua narrativa. E aí se consuma a humanização como eixo central da leitura social. (MEDINA, 2007, [s.p.])

Diante deste conceito claro de jornalismo enquanto produto da cultura, ou enquanto crítico desta, conforme Teixeira Coelho tem-se o quadro atual da produção jornalística contemporânea que, ao invés de corroborar com estas definições, deixa a desejar em ambas, tornando-se apenas um relator do discurso oficial, seja este governamental, privado, publicitário, etc. “Então, na medida em que os profissionais da comunicação se burocratizam, se fecham em guetos, tendem a produzir uma leitura cultural medíocre que presta vassalagem aos significados oficiais.” (MEDINA, 2007, [s.p.])

Essa condição exposta por Medina é o que acaba transformando o jornalismo cultural (e o jornalismo em geral) em um jornalismo de serviço, no qual a crítica não encontra espaço. “A informação de serviço é fundamental desde que o jornalismo existe, mas, por outro lado, sempre houve a necessidade da voz individual, da voz de opinião. No caso das artes, essa voz se manifesta através da crítica, das resenhas e dos ensaios.” (MEDINA, 2007, [s.p.])

O problema que esta prática do jornalismo de serviço implica à prática da profissão e é que a voz autoral vem sendo cada vez mais engolida pelo serviço e, por conta disso, praticamente desapareceu das páginas, ou sites, dos grandes

jornais do país. E é preciso lembrar que a voz autoral é a essência da crítica contemporânea.

A voz autoral tem assim, cada vez menos espaço nos diários brasileiros, o que para Teixeira Coelho não é apenas um processo interno do jornalismo, mas um reflexo de uma situação externa:

A presença do crítico na imprensa voltada para a cultura é um tema que traz uma discussão a mais, o desaparecimento gradativo de espaço para a crítica dentro do jornalismo cultural, tema esse sempre presente em seminários e debates. Essa redução mostra que o processo de embrutecimento cultural no Brasil tem sido muito claro nos últimos 20 anos. (COELHO, T., 2007, [s.p.]

É interessante perceber o recorte de período de tempo que Teixeira Coelho aponta como evidência do embrutecimento cultural do país: os últimos 20 anos, ou seja, um período que começa no final da década de 80. Este período está contemplado neste trabalho sobre crítica literária e ficção histórica, e as evidências estatísticas da diminuição do espaço da crítica, que serão apresentadas nos próximos capítulos, corroboram as observações do período citado pelo autor.

Ainda sobre a diminuição do espaço da crítica, Teixeira Coelho oferece uma explicação, desta vez de caráter interno, para justificar a cada vez mais constante ausência da crítica nos jornais.

É muito clara e precisa a diminuição do espaço para reflexão sobre a cultura. De maneira geral, há uma presunção tola dos meios de comunicação no Brasil, a de que o brasileiro não se interessa por esses assuntos, de que não há tempo para leitura e que, portanto, deve-se reduzir os textos. (COELHO, T., 2007, [s.p.]

O argumento do gosto do público e de se colocar a serviço deste tem outra explicação para Marcelo Coelho, que não vê apenas a presunção dos jornais como motivo, mas sim a contabilidade positiva que acaba por servir como justificativa para a imprensa estar a serviço de pautas que rendam publicidade, agendando o comportamento do público a favor de produtos culturais de consumo. Discorre Marcelo Coelho:

Surge, então, uma outra distorção: supostamente, estávamos dando esse destaque todo (reportagens informativas, noticiosas e não crítica) porque é do “interesse do público”. Porém, terminamos atendendo, na verdade, ao interesse do mercado. (COELHO, M., 2000, p. 90)

Essa crise da crítica em jornal diário, que já não é mais a da crise da crítica de rodapé, pois vai além desta, se intensificou desde o final dos anos 90. Sobre este aspecto Marcelo Coelho exemplifica com um caso ocorrido no *Estado de S. Paulo* na ocasião do lançamento do filme *Advogado do Diabo*:

É óbvio que o espaço da crítica diminuiu na imprensa diária. Vale a pena lembrar o exemplo do que fez o “Caderno 2” de *O Estado* com o filme, *Advogado do diabo*: o jornal deu a primeira página do caderno para o filme, uma matéria sobre a estréia, etc., e depois as duas páginas centrais – entrevista com o Al Pacino e com o outro ator, a clássica reportagem sobre os efeitos especiais, uma retrospectiva de filmes sobre demônio, enfim, tudo o que se quisesse saber sobre o *Advogado do diabo*. Em um quadrinho, bem embaixo, uma crítica tecendo considerações sobre o filme, etc., e o penúltimo parágrafo, se me lembro bem, dizia: “o filme é uma bobagem”. Aquela frase já não era uma crítica, era um desabafo, como se o próprio crítico estivesse sufocado diante de tanto espaço concedido à película. (COELHO, M., 2000, p. 89)

Este cenário é típico do *star system* que sempre existiu, mas que ficou ainda mais evidente no início dos anos 2000, com a crise financeira nas redações que fizeram necessário uma nova abordagem para o jornalismo diário e principalmente cultural, para que a imprensa como conhecida hoje não fosse extinta. A internet foi a alternativa à crise mais prática e condizente com os hábitos de leitura e consumo do início dos 2000, mas também definiu quase que como padrão a situação acima exposta por Marcelo Coelho.

Além disso, a popularização da internet merece maior atenção, pois metade do levantamento desta pesquisa foi feito com textos *on-line*. A interação e a troca de dados e informações em escalas antes jamais imaginadas foram (e são) as grandes vantagens da internet, mas ela também despertou um interesse novo por escrever, o que pode ser observado pelo surgimento e difusão dos *blogs* e *sites* pessoais (KUCINSKI, 2005). Porém, a internet tem seus limites, como a linguagem econômica que caracteriza o jornalismo *on-line*, a exaustão de informações e a necessidade do tempo-real, que exige muita velocidade na produção dos textos. Vale a pena

ressaltar que muitos textos críticos encontrados na pesquisa estavam em seções periféricas dos jornais, como por exemplo, *blogs* de jornalistas, colunistas e colaboradores do veículo, ao invés de figurarem dentro das seções correspondentes aos cadernos de cultura, o que leva a textos ainda mais leves, mas não necessariamente mais curtos.

É bom lembrar que a migração do impresso para *on-line* veio junto com o discurso de que se o jornal não consegue mais alcançar ninguém, se não há espaço por conta do balanço mensal, na internet isso não seria um problema, teríamos espaço ilimitado para trazer informação de qualidade, textos de fôlego, análises e críticas. Seria uma nova revolução no fazer jornalístico, tão importante quanto a reforma do *JB* na década de 50. Mas essa revolução não veio.

É interessante notar que na imprensa atual percebe-se que os princípios de temas factuais na crítica trouxeram uma homogeneidade de conteúdo (KUCINSKI, 2005), os jornais acabam cobrindo os mesmos livros. O laço de identificação dos leitores com os cadernos de cultura (PIZA, 2002) tende a ser rompido quando estes não lhe oferecem um posicionamento crítico diferenciado dos textos de agência, uma informação de qualidade e textos que não sejam *releases* editoriais e que apresentem diferenciação de diário para diário. Porém, esse tipo de jornalismo e crítica está sendo, gradativamente, cada vez mais difícil de ser encontrado.

Tomando como base este breve panorama do jornalismo cultural contemporâneo é possível destacar alguns pontos que puderam ser verificados na pesquisa realizada: a homogeneização de conteúdo (mesmo em relação a críticas), onde os mesmos pontos sobre determinado livro são explorados, com uso semelhante de frases e construções e também um predomínio da notícia sobre a crítica, ou seja, textos com caráter factual e relativos ao autor ou a novidades sobre o livro, como traduções, adaptações, prêmios ou vendas. O que se observa no jornalismo cultural atualmente é um aumento significativo de matérias informativas, geralmente ligadas a um contexto de mercado, ou seja, de produtos culturais provindos do sistema da indústria cultural, e não necessariamente de produções artísticas e culturais que justificassem a quantidade de espaço dedicado a essas produções de cunho mercadológico.

O desaparecimento da crítica dos jornais é analisado por Marcelo Coelho demonstrando as condições da crítica que se faz atualmente em jornal diário e sua

conexão com problemas externos a este, problemas de carácter social e cultural que vão além do limite das páginas dos jornais.

Mas estamos vivendo um momento em que, sem “-ismos” a defender, a própria crítica, no fundo, vai perdendo qualquer eixo de valoração. Se com isso a crítica vai desaparecendo do jornalismo cultural, não é porque os jornais não deixem ela existir, embora pudesse ser feito, como eu disse, um jornalismo cultural melhor; é que o próprio âmbito da cultura, no mundo todo, vai se dissolvendo no mercado, vai se pulverizando, no máximo, em resistências individuais ou étnicas ou “ecológicas”, e logo em seguida absorvidas pelo mercado. O que sobra são nichos, e o crítico cultural, a meu ver, não tem outra saída senão se conscientizar dos riscos desse processo, fugir ao duplo risco, ser publicitário da cultura e ser embalagem de si mesmo. (COELHO, M., 2000, p. 94)

O problema do mercado está também relacionado com a imprensa, fazendo com que o conteúdo do jornal esteja a serviço dos interesses publicitários, culminando com o atual jornalismo híbrido, e se estendendo a outros suportes, como aponta Dulcilia Helena Schroeder Buitoni:

A publicidade permeia tudo. Jornais, revistas, veículos especializados, segmentação de públicos, pesquisa de audiência. *Marketing* cultural. (...) E, finalmente, a circulação virtual, o consumo virtual – mas medido pelo número de acessos (BUIIONI, 2000, p. 61).

A presença da publicidade e da transformação do jornalismo cultural em um meio de divulgação de produtos culturais é contrária à natureza do jornalismo cultural, que provém de um exercício crítico coerente não só da parte do jornalista, mas também do público leitor dessas publicações.

Essa característica de formação de público, de crítica e de atuação social é fundamental no jornalismo cultural, como afirma Teixeira Coelho:

O jornalismo cultural só deveria desaparecer, e ter menos espaço nos jornais e meios de comunicação, quando todos tivessem um nível cultural minimamente satisfatório. Aqui, para não dizer que esse nível é vergonhoso e aviltante, como de fato é, vamos dizer que ele está longe de ser o mais minimamente satisfatório possível... (COELHO, t., 2007, [s.p.])

Em meio a essa realidade soa mais do que necessária a crítica no jornalismo cultural para superar, mesmo que de maneira superestimada, os limites impostos pelo mercado de bens culturais, despertando assim, o espírito crítico do leitor e sua formação enquanto público.

#### 2.4 O desaparecimento da crítica na imprensa e os problemas do jornalismo

Como vimos, a crítica literária no calor da hora está relacionada com o jornalismo cultural diário e, portanto, os problemas que um enfrenta impactam diretamente no outro. Assim, torna-se necessário avaliar e conhecer tais problemas para que possamos compreender o estado da crítica contemporânea, principalmente quando se trata do período em questão nesta pesquisa, ou seja, de 1980 até 2010, quando a discussão sobre o jornalismo cultural, seus problemas e mudanças, e a crítica no suporte jornal passam a ser problematizados dentro do campo dos meios de comunicação de massa e das novas formas de consumo e produção artística e intelectual.

Segundo Cremilda Medina, existem três fatores que contribuem para a crise do jornalismo cultural e da crítica. O primeiro grande problema é o excesso de espaço no jornal, não excesso de espaço para crítica, mas sim uma quantidade imensa de cadernos culturais diários que precisam produzir matérias sobre diversos temas apenas para preencher papel, o que acaba em jornalismo de serviço, mesmas fontes e muita agenda:

[...] um excesso de espaço na imprensa, ocupado por meio de pressões do mercado, basicamente do marketing cultural, e que se organiza cada vez mais. Para sair do estresse de informação gerada pelo marketing cultural só autores, jornalistas de muita criatividade para se tornarem independentes dessas pressões. (MEDINA, 2007, [s.p.])

De acordo com Maurício Stycer, que também faz uma lista dos grandes problemas atuais do jornalismo, a questão do excesso de espaço para as páginas de cultura também vigora no topo da lista de complicações para o exercício crítico:

Um primeiro problema do jornalismo cultural no Brasil, algo que poderia ser visto por alguns como um elemento positivo, é o excesso de espaço. Não conheço no mundo nenhuma imprensa que dê tanto espaço para o jornalismo dito cultural quanto a imprensa brasileira. Nenhum dos jornais que conheço com algum hábito de leitura, como o *The New York Times*, *Guardian* na Inglaterra, *Libération* ou *Le Monde* na França, *La Repubblica* ou *Carriere della Sera* na Itália, *El País* na Espanha, dedicam à cultura um caderno diário de dez, 12 páginas. (STYCER, 2007, [s.p]).

O segundo problema identificado por Medina é quando ocorre atitude de emulação do jornalista cultural, reproduzindo a afetação demonstrada de alguns artistas, ou ainda são maldoso para com o sujeito criticado. Em ambas as situações não há benefício algum para o leitor.

Os jornalistas que se intitulam “culturais” padecem do deslumbramento ou vedetismo que atingem o artista. Como eles próprios gostariam de ser olímpicos das artes, destilam um veneno vingativo nos juízos de valor com que avaliam os artistas, principalmente os de sua vizinhança. Outra vingança da frustração dos editores de cultura se manifesta na marginalização da arte necessária e cotidiana em detrimento dos alvos preferências. (MEDINA, 2007, [s.p.])

Os problemas apontados pela autora têm em vista o papel social da comunicação que, “como em qualquer área do conhecimento, estão estritamente ligados ao exercício da cidadania”. (MEDINA in LINDOSO, 2007, [s.p.]). Exercício este que não pode ser feito quando o jornalista está mais comprometido com a verba de publicidade e em atender às assessorias de imprensa do que com o próprio jornalismo.

Os problemas do jornalismo cultural e da crítica, porém, não se limitam aos jornais do Brasil. Andrés Szantò, coordenador do *National Arts Journalism Program* (NAJP), explica que a situação é muito semelhante nos Estados Unidos, com o agravante da proximidade geográfica que tal país tem com os grandes produtores da cultura de massa, como Hollywood, deixando as pressões de mercado muito mais incisivas nas páginas dos jornais. Sobre tal situação vale a pena transcrever um trecho mais longo de sua análise.

Existem dois modelos, duas grandes abordagens do jornalismo cultural, no meu entendimento. Essas duas filosofias estão atualmente lutando e competindo nos Estados Unidos (e acredito que algo disso também deve ser verdade no Brasil), e uma está lentamente ganhando posição sobre a outra.

O Primeiro modelo, que eu chamaria de “tradicional”, baseia-se na ideia de que nós, editores de jornais, fazemos as escolhas relevantes – saímos e vemos o que está acontecendo na cultura, e decidimos que isso, isto e aquilo são importantes. E publicamos esses assuntos importantes no jornal.

O leitor pode não compreender tudo o que escuta ou vê, mas temos nossos críticos, e podemos explicar por que esse evento cultural é importante. Pode-se dizer que esse é o modelo de jornalismo cultural elitista, de cima para baixo. É assim que o jornalismo cultural tradicionalmente é praticado. Repousa na ideia de que somos os especialistas, temos o conhecimento crítico especializado e o leitor é o beneficiário de nossa especialização.

Atualmente emerge um novo modelo de jornalismo cultural, que eu chamaria de “modelo de serviço”. A idéia é a de que nós, editores, não possuímos o conhecimento relevante. É o leitor que tem a especialização relevante: porque apenas ele sabe identificar o que quer fazer no fim de semana e como deseja usar seu tempo livre para divertir-se ou edificar-se. Nossa tarefa enquanto jornal é proporcionar ao leitor toda a informação que possa necessitar para tomar uma decisão, sob a forma de enormes listas de programas e anúncios, sobre como usar seu tempo livre.

O resultado desse jornalismo cultural orientado para o serviço é o que se percebe atualmente na maioria dos jornais americanos. Mais da metade do espaço editorial destinado ao jornalismo cultural consiste em listas: intermináveis colunas detalhando todas as exposições, todas as apresentações musicais, todas as conferências que acontecem na cidade. O leitor tem menos resenhas críticas, porque se assume que a informação crítica, a inteligência crítica está com o leitor. Isso produz uma cobertura cultural rasa, mas útil. (SZANTÓ, 2007, [s.p.]).

Este problema do jornalismo de serviço tomar conta do espaço crítico nos Estados Unidos encontra par na situação do jornalismo brasileiro. Interessante notar que a questão da agenda ou jornalismo de serviço estar ocupando mais páginas do que a crítica pode ser muito bem observada nesta pesquisa, onde a maioria dos resultados para um determinado livro ou autor se encontravam no espaço da agenda, que ocupa muitas páginas dos cadernos culturais, principalmente a partir dos anos 90.

O resultado desse tipo de jornalismo é no mínimo fraco, mas o perigo dele é que pode levar a um completo despropósito a cobertura de literatura e outras artes, homogeneizando os temas e, conseqüentemente, empobrecendo e muito a produção e a recepção crítica.

O objetivo desse negócio é agregar audiências. Temos uma semelhança de diversidade, mas a realidade econômica e financeira é a de audiências enormemente agregadas. Compreensivelmente, isso resulta na trivialização, homogeneização e estupidificação da cobertura. (SZANTÒ, 2007, [s.p.]).

Outro problema observado pelo autor, e também verificado nesta pesquisa, é a internet como espaço para matérias aprofundadas e até mesmo crítica em detrimento do veículo impresso.

A internet tem sido uma desculpa conveniente para alguns dos líderes do noticiário, que podem dizer: “Bem, vocês sabem, cortamos o espaço para a cultura, mas vejam só nosso website, onde há todo esse espaço. Apesar de termos menos cobertura para as artes no jornal, qualquer um pode entrar on-line e descobrir centenas de artigos diferentes sobre qualquer assunto”. (SZANTÒ, 2007, [s.p.]).

E este é exatamente o problema, com a *web* não se é surpreendido com a informação, o leitor procura exatamente aquilo que ele quer e acaba por não conhecer outras coisas, não se surpreender, não se deparar com um artigo sobre um livro ou peça que ele nunca pensou antes e a partir disso se interessar por ele. “O problema com a internet é que se tem de ir atrás das coisas por conta própria, de forma que, quando se as encontra, não se é surpreendido”. (SZANTÒ, 2007, [s.p.]).

Além disso, tem-se um outro problema que pode ser exemplificado pela teoria da *Agenda-Setting*, na qual os assuntos que repercutem na imprensa são automaticamente agendados pelo público, ou seja, este passa a considerar importante para sua vida social e prática aquilo que ele vê na cobertura dos meios de comunicação. Ora, se o leitor não se depara com a cobertura de um romance específico este não existe para ele, não é importante. Na sequência deste trabalho serão apresentadas algumas tabelas sobre os romances presentes nos levantamentos. Se a teoria da *Agenda-Setting* estiver correta, muitos livros ficaram de fora da agenda dos leitores por não receberem nenhuma cobertura da mídia.

E ainda mais do que esse problema temos a questão do blog. Este texto de András Szantò foi publicado em 2007, atualmente vemos nos jornais uma grande discussão sobre credibilidade da informação, com redes sociais pipocando informações de todos os usuários. A consequência disto é que erros podem ocorrer

e não haverá ninguém, nem uma profissão, nem um conselho de ética, nada para responsabilizar tais indivíduos, porque eles estão apenas dando sua opinião, passando uma informação, e como diz o ditado, “quem conta um conto aumenta um ponto”.

Temo, porém, que, enquanto as grandes organizações de mídia estão se estupidificando, um novo mundo de blogs chegue sem nada mais que opiniões. Esse jornalismo não está apoiado em reportagem profissional. Podemos estar abrindo as portas para um jornalismo não confiável. (SZANTÒ, 2007, [s.p.]).

Além de todos estes problemas tem-se ainda muitos outros. Um deles estritamente relacionado com a literatura é a ditadura do *best-seller*. Mas por que isto se caracteriza como um grande problema? Porque os jornalistas se veem obrigados a cobrir todos os lançamentos e livros de sucesso com grande número de vendas, deixando pouco espaço para a investigação dos livros de autores que não possuem tanto apelo popular ou divulgação da editora. A pergunta que segue é: mas não foi sempre assim? E, a resposta não poderia deixar de ser: não, não foi.

A cobertura praticamente exclusiva do *best seller* é um fenômeno que pode ser observado nos jornais a partir dos anos 80, ganhando pleno fôlego e intensidade nos anos 90 e repercutindo até hoje, fruto da consequência direta da linguagem cada vez mais objetiva. Humberto Werneck, jornalista, explica essa situação:

Do ponto de vista de quem trabalhava naquelas revistas [*Veja, Istoé*], havia a possibilidade de jogar mais para os lados, já que o alvo era menos nítido. Não se ficava preso à agenda quanto se ficou depois. E era possível fugir um pouco mais dos assuntos preferências da revista. Era assim no caso da seção de livros da *Veja*, por exemplo, que eu editei de 1977 a 1979. É claro que a revista se ocupava dos *best-sellers*. A imprensa não pode ignorar um livro novo do Paulo Coelho, uma obra recém-lançada de qualquer outro escritor ou artista que esteja fazendo sucesso, vendendo muito. Se está vendendo muito, é óbvio que tem muita gente interessada, então temos a obrigação de falar.

Mas havia espaço para falar também daquilo que vendia menos mas era bom. Havia espaço para o jornalista cumprir o papel, hoje meio esquecido, de garimpar coisas importantes, preciosas, que correm o risco de passar despercebidas do público na massa cada vez mais volumosa da produção cultural. Havia essa janelinha. (WERNECK, 2007 [s.p.]).

Segundo o autor, esse problema se dá porque atualmente somente o *best-seller* é pautado, não prioritariamente, mas exclusivamente, fazendo parecer que nada mais merece estar no jornal:

O problema é que a certa altura boa parte do jornalismo cultural passou a reservar todo o espaço para o mainstream, a corrente principal, da produção cultural. O que estiver fora disso quase fatalmente será ignorado. Mas não dá pra ser escravo do mainstream! Como jornalista, eu estarei traindo a profissão, traindo a mim mesmo, traindo o leitor, se decidir ou aceitar que só se deve falar de um livro se ele entrar na lista dos mais vendidos. O pobre do livro que não estourar em livraria a ponto de entrar numa lista – e a gente sabe que essas listas são muito discutíveis – provavelmente jamais vai se resenhado. (WERNECK, 2007, [s.p.]).

Outro problema que vem acarretando perda de qualidade jornalística e também de crítica no calor da hora é o enxugamento das redações devido à crise financeira dos jornais e também do hibridismo com a publicidade.

Segundo, ainda, Humberto Werneck, este enxugamento e padronização das redações só resulta em uma linha de montagem de jornalistas e jornalismo, como explicou Teixeira Coelho ao se referir à falta de qualidade na formação do jornalista, que nada tem a acrescentar para o próprio jornalismo, mas apenas para os interesses de mercado.

Ao mesmo tempo, as redações vão se tornando diminutas, os quadros vão sendo reduzidos, muitas vezes com o argumento falacioso de dar oportunidade aos jovens, ao sangue novo, aos novos valores. Só que não é bem isso. O que essas publicações querem é pessoas mal pagas e que sejam, todas, iguaizinhas, inclusive porque isso facilita a reposição: se alguém não está agradando, eles tiram e botam outra igual no lugar. (WERNECK, 2007, [s.p.]).

Outro problema também identificado por Werneck é o excesso de pautas que o jornalista tem que cumprir em um dia na redação. Já que as equipes foram reduzidas sobrecarrega-se quem está presente, acarretando em matérias rasas, nas quais o jornalista não mais investiga uma situação, mas sim sai com uma hipótese a ser comprovada na marra, o que com certeza economiza muito mais tempo de produção de matérias.

Nessa correria para cumprir várias pautas, não costuma haver tempo nem dinheiro para investir numa boa matéria. E isso, no jornalismo cultural, leva a um raquitismo de dar dó e raiva. Em geral o repórter recebe de manhã uma pauta que no fim da tarde tem a obrigação de ter virado matéria. (WERNECK, 2007, [s.p.])

Como consequência da pressa para se produzir as matérias, muitos jornalistas recorrem também à *web* como processo de produção de reportagem, o que leva a informações muitas vezes errôneas, pois também não se tem tempo, nem disposição para conferir nada, na melhor das hipóteses, se oferecem informações repetidas em diferentes jornais.

Além do mais, como todo mundo “pesca” na internet, as matérias necessariamente são iguais. Se compararmos as revistas entre si, os jornais entre si, o que se constata é uma mesmice acachapante. É óbvio: se todo mundo vai beber na mesma fonte, todas as matérias serão iguais. (WERNECK, 2007, [s.p.])

Maurício Stycer levantou seis grandes problemas que acrescentam novas informações a esta análise. Um deles já apontado acima, é o excesso de espaço para o jornalismo cultural. O segundo problema apontado é o excesso de informação com que o jornalista tem que trabalhar todo dia. Segundo o autor semanalmente ele recebe uma média de 30 a 50 livros novos para resenhar e mais de 20 CDs. “É uma dificuldade e uma tarefa enorme para o jornalista cultural lidar com esse volume de informação e selecioná-lo” (STYCER, 2007, [s.p.]).

Este problema apontado por Stycer pode muito bem ser somado ao excesso de pautas e à ditadura do *best-seller*, já que no meio de tanta informação ou se sobrecarrega o jornalista responsável ou este se encarrega de resenhar aquele livro que está vendendo mais e somente este.

O terceiro problema apontado é a contaminação do jornalismo pela publicidade, mas não nos termos apontados por Marcelo Coelho, onde se resenha somente aquilo que vem da demanda do marketing cultural, como o caso da reportagem sobre o filme *O Advogado do Diabo*, explicitado anteriormente, mas da total contaminação da linguagem do jornalismo pela publicitária.

O terceiro problema e talvez um dos mais graves, que é realmente um problema do nosso tempo, é a contaminação do jornalismo pela publicidade. E aqui recorro a um exemplo, uma capa da revista *Época*, sobre o filme *Harry Potter*. Minha crítica nem é à iniciativa de colocar um filme como esse na capa de uma revista semanal. Deixo essa discussão para outro fórum. Era o primeiro filme da série *Harry Potter* e o título da capa da *Época* foi: “A magia vai começar”. Um outro exemplo, não sei se foi na *Época* ou na *Veja*: quando lançaram o segundo filme da série *Matrix*, o título da capa da revista foi “O novo *Matrix*”. Não tinha nenhuma informação, nenhuma ideia, o leitor simplesmente era convidado a comprar aquela revista porque estava saindo o novo *Matrix*. E a função do jornalismo cultural é ir bem além disso. (STYCER, 2007, [s.p.]).

Outra contaminação apontada como um dos problemas é o jornalismo de celebridades.

Hoje a vida é mais importante que a obra. E isso é dramático. Não dá para discutir cultura se a vida do artista é mais importante que a obra que ele produziu. Digamos, discutir Volpi, citando exclusivamente que ele teve uma vida simples, que era um cara simplório até o fim de sua vida, e não discutir como ele chegou a fazer aquela obra, que é magnífica, não é possível. A cobertura cultural tem privilegiado a vida em detrimento da obra. E isso ocorre como reflexo do que chamo de jornalismo de celebridades. (STYCER, 2007, [s.p.]).

Essa escolha da vida ganhar mais destaque do que a obra pode muito bem ser observada nesta pesquisa, onde muitas das críticas ou reportagens fixaram seu alvo de análise na personalidade e história do autor, ao invés de focar na obra em questão. Um caso que demonstra essa situação é o de Paulo Leminski, que não está contemplado no recorte desta pesquisa, mas que elucidada a questão. De acordo com levantamento das críticas sobre Leminski, (RODAS, 2013) verificou-se que enquanto vivo as críticas jornalísticas sobre Leminski muito pouco faziam referência a sua vida. Logo depois da sua morte, nos anos 90, tem-se uma completa enxurrada de matérias focando a personalidade e vida de Leminski, criando assim o mito do poeta marginal, até então restrito aqueles que o conheciam pessoalmente.

O último problema detectado é a influência das assessorias de imprensa no jornalismo cultural e conseqüentemente na produção da crítica.

Como os artistas se deixam administrar por assessores de imprensa, estes passam a negociar diretamente com editores e repórteres o tipo de matéria que querem ver publicadas, dando preferência,

evidentemente, para a carreira do artista que ele administra. (STYCER, 2007, [s.p.]).

Este problema, é claro, está estritamente ligado à interferência do marketing cultural no jornalismo e do hibridismo deste com a publicidade. Tanto um quanto o outro interferem na raiz da prática jornalística, que é a autonomia e ética imparcial e objetiva em relação ao sujeito da matéria. Isto é muito grave.

Finalmente temos a própria crítica como problema. Afinal há tempos que ouvimos, nos meios acadêmicos e jornalísticos, afirmações sobre a crise da crítica, a morte da crítica, entre tantas outras expressões similares há mais de meio século. O que nos faz pensar em relação a que esta crise é posta hoje.

É fato que muitas mudanças, não só na crítica, mas na sociedade em geral, se deram nos últimos 50 anos. A crítica de certa forma a acompanhou. Não se pode imaginar uma crítica literária atual como aquela feita no século XIX, tampouco uma literatura, ou mesmo os jornais, diários, local por excelência da atividade crítica, mas que atualmente passam por tantas mudanças e problemas, como os apontados acima, que nos fazem perguntar se este local por excelência continua válido.

Hoje, nas páginas dos jornais, e nas críticas analisadas nesta pesquisa, as correntes clássicas de crítica não estão mais presentes. A crítica se diluiu no mar do mercado e no tempo escasso do presente, sempre já passado, das páginas dos jornais e dos links em tempo real da *web*.

O enxugamento e padronização das redações é também apontado como um dos fatores para a redução do espaço crítico por Maria Hirszman, mostrando que tal fator não interfere apenas na produção do jornalismo cultural, ou jornalismo em geral, mas também na feitura da crítica no calor da hora.

O enxugamento de pessoal, a redução cada vez maior da idade dos repórteres e a avalanche crescente de pautas (perde-se mais tempo dizendo não do que investindo nas pautas que realmente valem a pena) tornaram as redações locais mais parecidas com fábricas do que com a visão romântica que temos delas.

A absoluta falta de continuidade de um projeto, o predomínio da famosa “reportagem”, que dá aos artistas a palavra – forçando-os a explicar racionalmente criações poéticas a título de uma isenção jornalística -, os pedidos da chefia, etc. são também fatores de complicação. (HIRSZMAN, 2007, [s.p.])

No período pesquisado, que vai de 1981 a 2010, muito se pode dizer sobre o mesmo problema, relacionando este com a abertura política, de mercado, de consumo, a crise do jornal impresso, o hibridismo com a publicidade, a presença cada vez mais constante da internet como fonte de informação, entre outros. Dentro deste contexto encontramos diversas formas de manifestação da crítica, desde o texto tijolão até mesmo aquelas duas colunas espremidas entre os anúncios e a grande reportagem de assessoria, em meio a tudo isto está a crítica, fruto da inteligência e consequência de seu tempo.

### 3. Ficção histórica e as mudanças dos tempos – um breve panorama

A primeira década do novo milênio chegou a seu fim nos fornecendo dados para o entendimento de muitos aspectos da contemporaneidade. Os anos 2000 podem não ter trazido o fim do mundo ou a viagem civil ao espaço, como muitos imaginaram no recém-século passado, mas trouxe novas formas tanto de relacionamento social, produção e difusão cultural, quanto no fazer jornalístico e literário.

Quanto ao romance passou a circular em novas formas e com outros suportes. No movimento de passagem do livro para a tela, surgiu o romance digital, o colaborativo, o interativo, entre outras possibilidades. Os subgêneros também acompanharam as mudanças na práxis da vida atual. Entre eles, o romance histórico.

Desde que Lukács elegeu como modelo para o romance histórico a obra de Walter Scott, o gênero passou por diversas transformações ao longo dos séculos. Do seu auge ao seu esquecimento, tendo mesmo sido relegado à categoria de entretenimento, como comenta Perry Anderson sobre a ficção histórica após 1848:

...as conexões do passado com o presente foram cortadas na ficção européia e o romance histórico foi gradualmente se tornando um gênero morto, de antiquário, especializando-se em representações mais ou menos decadentes de um passado remoto, sem conexão viva com a existência contemporânea, ou funcionando como rejeição dela e evasão.(ANDERSON, 2007, p.206)

Porém, após seu declínio, é o mesmo crítico que constata que o romance histórico renasceu na segunda metade do século XX, adaptando-se às novas exigências da literatura, modificando sua estrutura inicial e se reconectando à contemporaneidade:

Agora, virtualmente todas as regras do cânone clássico, tais como explicitadas por Lukács, são desprezadas e invertidas. Entre outros traços, o romance histórico reinventado para os pós-modernos pode misturar livremente os tempos, combinando ou entretecendo passado e presente; exhibir o autor dentro da própria narrativa; adotar figuras históricas ilustres como personagens centrais, e não apenas secundárias; propor situações contrafactuais; disseminar

anacronismos; multiplicar finais alternativos; traficar com apocalipses. (ANDERSON, 2007, p. 217)

Antônio R. Esteves também comenta essa mutação do romance histórico, colocando-a na gênese de sua formação: o gênero híbrido entre literatura e história.

De modo geral, pode-se afirmar, de acordo com vários estudiosos que o romance histórico vive em crise desde suas origens, embora tenha sobrevivido e se renovado, se consideramos a sua evolução ao longo dos últimos séculos. As transformações pelas quais passou estão relacionadas, no fundo, com sua essência híbrida. Segundo mudam as concepções do romance e suas relações com a sociedade também muda o romance histórico, da mesma maneira que ele se vê afetado pelas mudanças epistemológicas que se verificam na concepção de história. (ESTEVES, 2010, p. 34)

A própria história foi quem trouxe novos ares ao romance histórico, que a partir dos processos de redemocratização na América Latina viu surgir uma nova função para a ficção histórica: a de resgatar uma identidade nacional perdida e silenciada à força.

Esse novo auge teve início no final do século XX e é chamado por alguns críticos de Novo Romance Histórico Latino-americano. Sobre esse momento da ficção histórica, Anderson explica:

Uma resposta-padrão diria que, se deixarmos de lado precursores individuais, a decolagem dessas formas data dos anos 1970. O que elas traduzem, essencialmente, é a experiência da derrota — a história do que deu errado no continente, a despeito do heroísmo, lirismo e colorido: o descarte das democracias, o esmagamento das guerrilhas, a expansão das ditaduras militares, os desaparecimentos e torturas que marcaram o período. Daí a centralidade de romances sobre ditadores nesse conjunto de escritos. (ANDERSON, 2007, p. 218)

Mas não apenas ditadores e ditaduras foram ficcionalizados. No final do século XX e início do XXI, o romance histórico passou a dialogar com a própria literatura, quando as obras “ficcionalizam a criação literária criando escritores como personagens ou reaproveitando personagens ficcionais” (WEINHARDT, 2010, p. 93). Para essa forma de ficção historiográfica, Marilene Weinhardt adota a denominação de “ficção-crítica”.

Partindo das obras apontadas por Weinhardt, foi feita uma busca por textos críticos publicados na imprensa sobre os romances listados, com o intuito de entender a relação do romance histórico com a mídia e o estado da crítica literária atual no calor da hora. O levantamento das obras que podem ser lidas como ficção histórica contemporânea brasileira, desenvolvido por Weinhardt, contempla na primeira divisão de 1981 a 2000 um total de 127 romances e na segunda, de 2001 a 2010 ao todo 87 títulos. Todos os livros listados foram incluídos nesta pesquisa e resultaram na seleção de críticas que aqui fizemos e apresentaremos em seguida.

## 4. Metodologia e resultados

### 4.1 Critérios de análise e classificação

Os textos sobre literatura encontrados durante a pesquisa foram classificados de acordo com a definição de gêneros jornalísticos de José Marques de Melo. O teórico considera que o jornalismo pode ser dividido em dois grandes grupos: o informativo e o opinativo. No jornalismo informativo encontram-se a *nota*, a *notícia*, a *reportagem* e a *entrevista*. No opinativo, definido como o jornalismo que “reage diante das notícias, difundindo opiniões, seja as opiniões próprias, seja as que lê, ouve e vê. Nesse sentido assemelha-se à instituição do *Fórum* na Grécia antiga, atuando como conselheiro, como formadora de opinião” (MELO, 2003, p.29), são encontrados o *editorial*, o *comentário*, o *artigo*, a *resenha*, a *coluna*, a *crônica*, a *caricatura* e a *carta*. Melo utiliza dois termos, que considera próprios do gênero para descrevê-lo: a autoria, que está relacionada com quem emite opinião, e a angulação, a perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião (MELO, 2003, p.65). Por este motivo os textos encontrados durante o levantamento foram classificados como crítica somente se estivessem assinados.

Quanto ao jornalismo informativo, a *nota* corresponde “ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração” . A notícia, por sua vez, é o “relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social”. A *reportagem* é “o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística”. A *entrevista* é definida como sendo “um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade” (MELO, 2003, p.65 e 66).

Em relação ao jornalismo opinativo, explica:

O *comentário*, o *artigo* e a *resenha* pressupõem autoria definida e explicitada, pois este é o indicador que orienta a sintonização do receptor; já o *editorial* não tem autoria, divulgando-se como espaço da opinião institucional (ou seja, a autoria corresponde à instituição jornalística) (MELO, 2003, p.66).

Nesse contexto é possível incluir a crítica, pois tanto o comentário quanto o artigo e a resenha possuem autoria e são os gêneros designados pelas redações para se referir à crítica, quando presente no jornal. Na pesquisa, se observou que o comentário e o artigo eram geralmente escritos por especialistas convidados, enquanto a resenha, principalmente na década de 1990, era feita por jornalistas.

O gênero jornalístico *comentário* também foi utilizado neste trabalho para analisar as críticas encontradas permitindo uma abordagem mais ligeira e ao mesmo tempo ampla do texto analisado.

Melo continua a descrição em relação aos gêneros do jornalismo opinativo:

Em relação à *coluna*, *crônica*, *caricatura* e *carta* um traço comum é a identificação da autoria. Já as angulagens são distintas. A *coluna* e a *caricatura* emitem opiniões temporalmente contínuas, sincronizadas com o emergir e o repercutir dos acontecimentos. A *crônica* e a *carta* estruturam-se de modo temporalmente mais defasado; vinculam-se diretamente aos fatos que estão acontecendo, mas seguram-lhe o rastro, ou melhor, não coincidem com o seu momento eclópsico. (MELO, 2003, p.66 e 67).

Estas definições de Melo foram utilizadas para guiar as classificações dos diferentes tipos de textos encontrados durante a pesquisa. Já quanto às críticas, essas foram classificadas utilizando dois autores: André Richard e Daniel Piza.

Antes de passarmos para a classificação, cabe aqui acrescentar uma definição de crítica publicada em jornal, que é nosso foco neste trabalho. Segundo o Dicionário de Comunicação de Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Barbosa, crítica é:

Discussão fundamentada e sistemática a respeito de determinada manifestação artística, publicada geralmente em **veículos de massa** (jornal, revista, livro, rádio tv) e emitida por um jornalista, professor, escritor ou por outros especialistas, em geral vinculados profissionalmente ao veículo como colaboradores regulares. Apreciação estética e ideológica, desenvolvida a partir de um ponto de vista individual, em que entra a experiência prática e/ou teórica do crítico, a respeito de um trabalho literário, teatral, cinematográfico, de artes plásticas etc. O exercício da crítica implica na compreensão de tudo o que entra no processo de criação de uma obra artística, suas técnicas, seus significados, suas propostas e sua importância dentro de um contexto cultural. “A crítica visa ao conhecimento e valorização da obra, tendo em mira orientar o gosto e a curiosidade do leitor” (Massaud Moisés). Elaborada a partir de um padrão moderno ou

acadêmico – de proposta artística e pela comparação dos valores e informações da obra com o ideal estético daquele que analisa e opina, a crítica é também uma atividade criativa, na medida em que reinterpreta intelectualmente o objeto examinado, e propicia ao leitor um conjunto de impressões, idéias e sugestões que inclusive enriquecem a informação original. (...) (RABAÇA; BARBOSA, 1978, p. 138 e 139).

Tendo em vista a definição de crítica acima, podemos partir para as classificações de André Richard e Daniel Piza. De acordo com André Richard (1958, publicado no Brasil em 1988), existem seis tipos de crítica:

- a) a crítica descritiva, surgida na Grécia antiga e que parte do princípio da mimese, tanto da arte, quanto da própria crítica, ou seja, esta deve descrever o objeto artístico que deve assemelhar-se a um objeto da natureza;
- b) a crítica canônica, que impõe critérios rigorosos para a avaliação da obra de arte e faz da própria crítica uma criação que deve seguir uma metodologia bastante rígida. É dessa forma de crítica que avaliações sobre a ordem, proporção, simetria das obras e modelos surge, porém a grande vantagem é que, com essa crítica, se derruba a questão da mimese, trazendo toda a atenção para a obra de arte em si, encerrando-a em si mesma;
- c) a crítica ideológica, que lê a obra de arte a partir de seu discurso para com o público e os ideais que esta pretende passar em detrimento de seu conteúdo plástico;
- d) a crítica subjetiva, que está relacionada ao gosto do crítico, às suas preferências pessoais, constituindo o início da crítica moderna defendida por Baudelaire;
- e) a crítica formal, que analisa as obras de arte a partir e unicamente pela sua forma.
- f) a crítica histórica, que busca na biografia do artista elementos para análise da obra.

Piza, (2003) qualifica a crítica em jornal como resenha, classificando-a segundo quatro tipos:

- a) a resenha “impressionista”, na qual o autor descreve suas reações mais imediatas diante da obra, utilizando-se de adjetivos para qualificá-la;

- b) a resenha “estruturalista”, que é objetiva nos critérios de análise da obra, utilizando-se geralmente de características de linguagem e de acordo com as transformações sofridas por aquela arte ao longo do tempo;
- c) a resenha centrada na vida do autor, que busca explicar a obra a partir de uma justificativa biográfica;
- d) a resenha baseada no tema, no assunto, no conteúdo da obra ignorando os aspectos plásticos, estilísticos, etc. da obra prendendo-se em questões sociológicas.

O diálogo entre a obra de Richard e a de Piza é evidente, apesar de estarem separadas por mais de 50 anos. A partir desse diálogo é possível perceber a simplificação (não necessariamente no sentido depreciativo) da crítica ao longo dos anos, bem como a sua fusão, cada vez mais intensa, com a linguagem e o fazer jornalístico.

Na pesquisa realizada, por exemplo, a maior parte das críticas encontradas era denominada como resenha, ou seja, a resenha crítica foi o gênero que mais teve retorno no levantamento das críticas, evidenciando a importância desta classificação e diálogo do jornalismo com a crítica.

Para entendermos um pouco mais sobre a crítica jornalística e como essa se diferencia das outras modalidades de crítica, vale a pena transcrever parte de um artigo de Nelson Ascher para a *Folha*, publicado no *Almanaque* em 30 de novembro de 1991:

Para que serve um artigo de, digamos, 60 linhas sobre um livro ou outro assunto literário, quando um comentário especializado de um único verso difícil pode ocupar páginas e páginas? A síntese cada vez mais requerida pelo jornal não seria uma maneira sintética de perder tempo? A reivindicação maximalista dos críticos fiéis a seus princípios não deveria ser a de que, se não há espaço para dizer tudo, o melhor é não dizer nada? Acatar normas jornalísticas para uma atividade paralela mas distinta não é, em última instância, um compromisso espúrio e condenável?

Não. A crítica veiculada pelo jornal é uma atividade com suas próprias regras e objetivos. É um gênero, quase uma forma à parte. Pelo seu próprio tamanho, ela deve ser mais opinativa do que explicativa - o que não quer dizer que as opiniões que expressa não precisem ser, caso necessário, prontamente explicáveis. Por não ser veiculada a sós, mas embalsamada numa pilha de informações de toda ordem, ela não pode se dar ao luxo de "speak softly and carry a big stick"; não pode falar mansamente carregada de autoridade; ela é obrigada a gritar para chamar a atenção do leitor que se aproxima

anestesiado de tanta informação. Não se trata de ser polêmica a toda hora: atacar é a maneira mais fácil e barata de chamar sobre si a atenção - qualquer principiante pode fazê-lo. (CRÍTICA JORNALÍSTICA... 1991)

O texto entusiasmado de Ascher traz algumas informações interessantes, principalmente para entendermos a diferença entre crítica jornalística e crítica não jornalística (acadêmica, especializada, etc.). A principal diferença, como pode ser observada no texto, é o ritmo e o espaço, e, claro, a boa utilização destes para não deixar de transmitir a mensagem ao leitor e ao mesmo tempo não ocupar muito espaço no caderno, que como o autor mesmo disse, vem recheado de outras informações, como vimos no caso do filme *O Advogado do Diabo*, descrito por Marcelo Coelho. Seguindo esse mesmo raciocínio chegamos a outro ponto abordado por Ascher e que merece uma última atenção:

Num país como o Brasil, essa crítica, infelizmente, tem que ser didática. Mas não para levar alguém pela mão até um livro ou afastar de um outro, dizendo-lhe: cuidado, filhinho, isso não vai lhe fazer bem. Não há tempo nem espaço para tais delicadezas. Sua propedêutica é a terapia de choque. Seus inimigos principais são a letargia, a sonolência, a inércia intelectual e o bom-mocismo. Para esse tipo de crítica, nenhuma obra ganha respeitabilidade por antiguidade ou decurso de prazo, nem por qualquer tipo de autoridade de que esteja investido seu autor. Nenhuma obra, aliás, é respeitável ou merecedora de considerações atenuantes. As obras são boas ou ruins. E mesmo quando ruins, elas o são de modos e em graus diferentes. Um crítico que se preze, por obrigação de ofício, deve saber distinguir entre o ruim e o pior. Nivelar por baixo ou por cima não passa de preguiça e irresponsabilidade. (CRÍTICA JORNALÍSTICA... 1991)

Este trecho consta aqui principalmente para apontar que tal posicionamento crítico de combate não faz jus à realidade da crítica jornalística. É claro que existem críticas mais diretas, mas durante o trabalho de pesquisa, quando foi realizado o levantamento das críticas de 1981 a 2010 percebeu-se que a crítica em jornal diário tende muito mais a amenizar certos aspectos negativos da obra e, quando estes são muito gritantes, geralmente veem acompanhados de pontos positivos, como se o jornalista tentasse criar uma balança na análise da obra.

Outro ponto a ser pensado, considerando o artigo de Ascher e os resultados encontrados na pesquisa, é talvez a fusão deste aspecto fortemente opinativo da

crítica jornalística ideal de Ascher com a crítica não jornalística, já que na pesquisa os textos que se destacaram por serem mais enfáticos em condenar ou elevar à categoria de obra prima determinado livro do levantamento, foram justamente as críticas mais especializadas publicadas em cadernos ou revistas igualmente especializados. É importante lembrar, todavia, que a crítica é um gênero autoral e não comporta uma fórmula ou padronização, sendo tão diversa quanto aqueles que a produzem.

Considerando, portanto todas essas variáveis teóricas e de classificação pode-se passar para a metodologia relativa ao processo de coleta e análise dos dados, ou seja, críticas, textos informativos, acadêmicos, anúncios publicitários, entre tantos outros, encontrados durante as três décadas pesquisadas.

#### 4.2 Metodologia: o processo no *on-line* e no impresso

A pesquisa foi realizada na *web* de duas formas diferentes, porém com o mesmo método de levantamento completo dos resultados e não por amostragem. Por esse motivo o *Jornal do Brasil*, que estava contemplado no início deste projeto, foi excluído da pesquisa, pois se mostrou irrealizável um método de levantamento completo, já que muitas edições do jornal digitalizado estavam faltando, além do sistema de digitalização não permitir uma busca específica.

Portanto, permanecemos com o levantamento dos acervos digitalizados dos jornais impressos *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* para a listagem de 1981 a 2000 e os resultados gerais da *web*, sem especificar nenhum jornal ou *site*, para a lista de livros publicados entre 2001 e 2010. Esta escolha de procedimento foi feita pela coerência do suporte (impresso ou *on-line*) com a época em que os livros foram publicados.

A pesquisa sobre o período de 2001 a 2010 foi feita com o navegador *Chrome* e o *site* de busca *Google*. É importante destacar esse sistema de busca, pois ele tem impacto direto no resultado da pesquisa. Por exemplo: o *Google* “salva” os perfis dos usuários, ou seja, registra quais foram as últimas buscas, os *sites* mais acessados, tempo de permanência, cliques, entre outros, para criar buscas personalizadas direcionando acessos e publicidade.

Tal condição de busca não invalida a pesquisa, mas é preciso observar os dados tendo em vista essa limitação tecnológica. Um fato a ser notado é que durante a realização do levantamento, várias vezes o *Google* interrompeu a pesquisa exigindo que um código de verificação fosse digitado, para ter certeza de que o usuário era real e não um robô ou outra pessoa utilizando do mesmo computador, já que a pesquisa divergia das outras buscas realizadas, o que indica a questão da interferência da “busca personalizada” do *Google*.

A pergunta que se apresenta é: por que diante dessas limitações utilizar o *Google* para a pesquisa? Por ser o *site* de buscas mais consultado por usuários de todo o mundo, permitindo que os resultados fossem os mais próximos possíveis dos que outro usuário encontraria se realizasse a mesma pesquisa, sob as mesmas condições, considerando, é claro, a questão da dinamicidade dos conteúdos na *web*.

Os termos de busca foram: o título do livro ou título mais autor entre aspas. Dependendo dos retornos, as aspas eram postas apenas no título do livro ou no nome do autor, ou ainda nos dois. Um exemplo dessa busca combinada é o livro *Sonho de uma noite de verão* de Adriana Falcão. Neste caso não era possível realizar a pesquisa apenas com o título do livro, ou os retornos seriam mais relacionados a Shakespeare do que à obra em questão. Para este caso e semelhantes a este foi utilizado o recurso de combinar o nome do autor com o título, ambos entre aspas.

Caso os resultados fossem poucos ou insatisfatórios, ou seja, resultados de agenda, notas de lançamento ou citações apenas do nome do autor, realizava-se novamente a busca colocando o nome do livro entre aspas e o autor livre, ou ainda combinando os dois sem aspas. Mas, mesmo com essas variações de busca muitos retornos foram insatisfatórios ou nulos, somando ao todo nove livros da lista que não obtiveram nenhum resultado.

A pesquisa levou em conta cada retorno, sendo registrados aqueles que eram possíveis de visualizar, considerando que muitos *sites* de jornais exigem assinatura depois da visualização de um número determinado de matérias.

Os resultados foram compilados em uma planilha de *Excel*, onde foi feita uma tabulação dos dados, posteriormente os textos completos foram transferidos para documentos do *Word*. Nestes casos, não foi possível localizar novamente alguns textos, outros não foi possível visualizar, devido à questão da assinatura.

Já o levantamento realizado com a listagem de livros no período de 1981 a 2010 foi feita através dos acervos digitalizados dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*. Para tais foi feito um recorte temporal de até três anos após a publicação dos romances. Todos os três acervos são disponibilizados *on-line* pelos próprios jornais e o acesso a estes é permitido mediante assinatura.

Todos os três trabalham com sistemas similares de busca, nos quais existe um campo onde é possível digitar o nome do livro ou nome do autor e buscar resultados específicos para estes. É claro que muitos dos resultados não foram tão objetivos quanto podem aparentar pela descrição do sistema. Muitos acabavam sendo errôneos, pois buscavam apenas o nome do autor. Por exemplo, no caso de João Ubaldo Ribeiro, todas as pessoas que se chamavam João acabavam aparecendo como retornos da pesquisa. Por isso, em muitos casos foi necessário combinar o nome do autor, com o livro e a década específica que se pretendia pesquisar, já que nenhum dos três jornais apresentava a opção de busca por caderno ou editoria, o que talvez ajudasse na dinâmica do sistema de busca.

O acervo digital do *Estadão* foi o que mais se destacou pelo sistema de busca que tende a agilizar o processo de pesquisa para o usuário, já que apresenta ao lado do retorno uma prévia da página digitalizada, o que auxilia na hora de verificar se aquele retorno é válido, ou seja, se é sobre o João Ubaldo Ribeiro, ou sobre outro João.

Já *O Globo* exige que para verificar se o resultado é válido tenha-se que visualizar cada página digitalizada, o que não dinamiza tanto o processo de pesquisa, mas também não se torna uma grande dificuldade.

Em contrapartida, porém, a *Folha* apresentou o pior sistema de busca no qual o usuário precisa passar por mais de cinco etapas diferentes para conseguir visualizar a página digitalizada, sem contar os erros de classificação da própria *Folha*, que indicam que determinada página se encontra na editoria de “Informática”, por exemplo, quando na verdade esta pertence à “Ilustrada”, ou ainda números de páginas erroneamente indicados, baixa qualidade de digitalização de muitas páginas, entre outros. Mas, apesar dos problemas, não impossibilitou a realização da pesquisa, ao contrário do *Jornal do Brasil*, que simplesmente não permitia um método de levantamento completo, exigindo uma pesquisa por amostragem, já que não permitia a busca por nenhum termo específico, apenas a visualização das

edições digitalizadas. Além disso, seu acervo, disponível gratuitamente, possui muitas lacunas, muitas edições faltando, às vezes meses ou anos inteiros.

Tendo apresentado o processo de pesquisa e todas as características e peculiaridades com que tivemos que trabalhar com o objeto da pesquisa podemos passar para os resultados.

#### 4.3 Resultados 1981 a 2000

Durante o período de 1981 a 2000 foi feito o levantamento de 127 romances listados por Marilene Weinhardt, todos considerados ficção histórica (WEINHARDT, 2006). Destes 127 romances muitos tiveram retornos satisfatórios, outros nem foram mencionados pelos jornais.

No *Globo*, dos 127 romances pesquisados, 60 não obtiveram nenhum retorno fosse de jornalismo informativo ou crítica. No *Estadão*, em contrapartida, foram 83 livros que simplesmente não obtiveram nenhum resultado, nenhuma resenha, nenhuma notícia, nenhuma nota em coluna social (onde muitos romances e romancistas figuraram). Já na *Folha* foram 78 resultados nulos. Para compararmos a ausência de cobertura dos romances, vale a pena adicionar a lista dos que não receberam cobertura da mídia nos três jornais. Importante reforçar que o levantamento considerou apenas três anos de cobertura após o lançamento dos livros, portanto, casos de romances como *O Mez da Gripe* que foram reeditados anos mais tarde, e conseqüentemente redescobertos pela crítica, figuram neste levantamento com a recepção que obtiveram no tempo de seu primeiro lançamento, o mesmo serve para casos semelhantes.

**Tabela 1:** Livros sem resultado de cobertura jornalística ou crítica no impresso *O Globo*

---

<i>Mil anos menos cinqüenta</i> (1995) – de Ângela Abreu
<i>A mão esquerda</i> (1996) – de Fausto Wolff
<i>Questão de honra</i> (1999) – de Domingos Pellegrini
<i>Videiras de Cristal</i> (1991) – de Luiz Antonio de Assis Brasil
<i>Império Caboclo</i> (1994) – de Donaldo Schüler
<i>Os rebeldes brotam da terra</i> (1995) – de Alcides Ribeiro J. da Silva.
<i>O Mez da Grippe</i> (1981) – de Valêncio Xavier
<i>A conquista dos sertões de dentro</i> (1983) – de Renato Castelo Branco
<i>Senhores e escravos</i> (1983) – de Renato Castelo Branco
<i>Gaúchos no Obelisco</i> (1984) – de Cyro Martins
<i>Boca de chafariz</i> (1991) – de Rui Mourão
<i>O Exílio na terra dos muitos</i> (1992) – de Antonio Hohlfeldt
<i>Perversas famílias</i> (1992) – de Luiz Antônio de Assis Brasil
<i>Pedra da memória</i> (1993) – de Luiz Antônio Assis Brasil
<i>Os desvalidos</i> (1993) – de Francisco J. C. Dantas
<i>Noturno, 1894</i> (1993) – de Francisco Caruso
<i>Os senhores do século</i> (1994) – de Luiz Antônio Assis Brasil
<i>Paraguaçu e Caramuru</i> (1995) – de Assis Brasil
<i>Descobertos e extravios</i> (1997) – de Vera de Vives
<i>Mares do Sul</i> (1999) – de Marcos Santarrita
<i>A Quarta parte do mundo</i> (1999) – de Clóvis Bulcão
<i>1549 – Romance nas terras de Santa Cruz</i> (1999) – de Aydano Roriz
<i>Meu querido canibal</i> (2000) – de Antonio Torres
<i>Marcelino Nanmbrá, o manumisso</i> (2000) – de Godofredo Rangel de Oliveira.
<i>Eu, Tiradentes</i> (1990) – de Pascoal Motta
<i>Fogo verde</i> (1990) – de Duílio Gomes
<i>Rei Branco, Rainha Negra</i> (1990) – de Paulo Amador
<i>Anna e outros amores de Tiradentes</i> (1995), de Joaquim Borges
<i>Netto perde sua alma</i> (1995) – de Tabajara Ruas
<i>Imperatriz no fim do mundo</i> (1997) – de Ivanir Calado
<i>Nos céus de Paris</i> (1998) – de Alcy Cheuiche
<i>Anita</i> (1999) – de Flávio Águar.
<i>Manhã transfigurada</i> (1982) – de Luiz Antonio de Assis Brasil
<i>As virtudes da casa</i> (1985) – de Luiz Antonio de Assis Brasil
<i>Coivara da memória</i> (1991) – de Francisco J. C. Dantas
<i>O avesso do retrato</i> (1999) – de Ângela Dutra de Menezes
<i>Joaquina, filha de Tiradentes</i> (1987) – de Maria José Pereira de Queiroz
<i>Jovita, missão trágica no Paraguai</i> (1994) – de Assis Brasil
<i>Jan e Nassau</i> (1996) – de Esther Largmann
<i>Capitão Mouro</i> (1997) – de George Bourdoukan
<i>Um largo, sete memórias</i> (1997) – de Adolfo Boos Júnior

**Tabela 1:** Livros sem resultado de cobertura jornalística ou crítica no impresso *O Globo*

---

*Breviário das terras do Brasil* (1997) – de Luiz Antonio de Assis Brasil

---

*O Memorial da Bruxa* (1997) – de Alda Andréia Therkovsky

---

*O ouro da liberdade* (1997) – de Helena Moura

---

*A descoberta da América pelos turcos* (1994) – de Jorge Amado

---

*Os dias do demônio* (1995) – de Roberto Gomes

---

*O Quatrilho* (1985) – de José Clemente Pozenato

---

*Jovens polacas* (1993) – de Ester Largmann

---

*A terra e a dor* (1998) – de Ruy Nedel

---

*Tio Kuba nos trópicos* (1999) – de Ester Largmann

---

*Memorial de um herege* (2000) – de Samuel Reibscheid

---

*Dona Leonor Teles* (1995) – de Heloísa Maranhão

---

*O doente Molière* (2000) – de Rubem Fonseca

---

*A dança da serpente* (1990) – de Sebastião Martins

---

*O primeiro brasileiro* (1995) – de Gilberto Villar

---

*Clarice* (1996) – de Ana Miranda

---

*Masmorras da Inquisição* (1997) – de Isolina Bresolin Viana

---

*Enquanto isso em Dom Casmurro* (1993) – de José Endoenças Martins

---

*Os rios inumeráveis* (1997) – de Álvaro Cardoso Gomes

---

*Lúcia* (1999) – de Gustavo Bernardo

**Tabela 1:** Fonte: a autora.

**Tabela 2:** Livros sem resultado de cobertura jornalística ou crítica no impresso O Estado de S. Paulo

<i>Mil anos menos cinqüenta</i> (1995) – de Ângela Abreu
<i>A mão esquerda</i> (1996) – de Fausto Wolff
<i>A República dos bugres</i> (1999) – de Ruy Tapioca
<i>A Guerra dos Farrapos</i> (1985) – de Alcy Cheuiche
<i>Os varões assinalados</i> (1985) – de Tabajara Ruas
<i>Questão de honra</i> (1999) – de Domingos Pellegrini
<i>Os senhores da guerra</i> (2000) – de José Antonio Severo
<i>Sete léguas de paraíso</i> (1989) – de Antônio José de Moura
<i>Videiras de Cristal</i> (1991) – de Luiz Antonio de Assis Brasil
<i>Império Caboclo</i> (1994) – de Donaldo Schüler
<i>Os rebeldes brotam da terra</i> (1995) – de Alcides Ribeiro J. da Silva.
<i>Rios da liberdade</i> (1982) – de Renato Castelo Branco
<i>Senhores e escravos</i> (1983) – de Renato Castelo Branco
<i>Gaúchos no Obelisco</i> (1984) – de Cyro Martins
<i>O Planalto</i> (1985) – de Renato Castelo Branco
<i>O Exílio na terra dos muitos</i> (1992) – de Antonio Hohlfeldt
<i>Perversas famílias</i> (1992) – de Luiz Antônio de Assis Brasil
<i>Pedra da memória</i> (1993) – de Luiz Antônio Assis Brasil
<i>Noturno, 1894</i> (1993) – de Francisco Caruso
<i>Os senhores do século</i> (1994) – de Luiz Antônio Assis Brasil
<i>Paraguaçu e Caramuru</i> (1995) – de Assis Brasil
<i>O Bruxo do Contestado</i> (1996) – de Godofredo Oliveira Neto
<i>Descobertos e extravios</i> (1997) – de Vera de Vives
<i>Terra Papagalli</i> (1997) – de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta
<i>Bandeirantes, os comandos da morte</i> (1999) – de Assis Brasil
<i>Mares do Sul</i> (1999) – de Marcos Santarrita
<i>Memorial do paraíso</i> (1999) – de Sílvio Castro
<i>A Quarta parte do mundo</i> (1999) – de Clóvis Bulcão
<i>Romance sem palavras</i> (1999) – de Carlos Heitor Cony
<i>O trono da rainha Jinga</i> (1999) – de Alberto Mussa
<i>1549 – Romance nas terras de Santa Cruz</i> (1999) – de Aydano Roriz
<i>Meu querido canibal</i> (2000) – de Antonio Torres
<i>Marcelino Nanmbrá, o manumisso</i> (2000) – de Godofredo Rangel de Oliveira.
<i>Amor que faz o mundo girar</i> (1990) – de Ary Quintella
<i>Eu, Tiradentes</i> (1990) – de Pascoal Motta
<i>Fogo verde</i> (1990) – de Duílio Gomes
<i>Nassau: sangue e amor nos trópicos</i> (1990) – de Assis Brasil
<i>Rei Branco, Rainha Negra</i> (1990) – de Paulo Amador
<i>Villegagnon: paixão e morte na Guanabara</i> (1991) – de Assis Brasil
<i>Sonhos Tropicais</i> (1992) – de Moacyr Scliar

**Tabela 2: : Livros sem resultado de cobertura jornalística ou crítica no impresso**

<i>Piguara, o senhor dos caminhos</i> (1993) – de Edilberto Coutinho
<i>Tiradentes, poder oculto o livrou da força</i> (1993) – de Assis Brasil
<i>Anna e outros amores de Tiradentes</i> (1995), de Joaquim Borges
<i>Netto perde sua alma</i> (1995) – de Tabajara Ruas
<i>Imperatriz no fim do mundo</i> (1997) – de Ivanir Calado
<i>Nos céus de Paris</i> (1998) – de Alcy Cheuiche
<i>Manhã transfigurada</i> (1982) – de Luiz Antonio de Assis Brasil
<i>Cartilha do silêncio</i> (1997) – de Francisco J. C. Dantas
<i>Concerto Campestre</i> (1997) – de Luiz Antonio de Assis Brasil
<i>O avesso do retrato</i> (1999) – de Ângela Dutra de Menezes
<i>Joaquina, filha de Tiradentes</i> (1987) – de Maria José Pereira de Queiroz
<i>Jovita, missão trágica no Paraguai</i> (1994) – de Assis Brasil
<i>Desmundo</i> (1996) – de Ana Miranda
<i>Jan e Nassau</i> (1996) – de Esther Largmann
<i>Capitão Mouro</i> (1997) – de George Bourdoukan
<i>Um largo, sete memórias</i> (1997) – de Adolfo Boos Júnior
<i>Breviário das terras do Brasil</i> (1997) – de Luiz Antonio de Assis Brasil
<i>O Memorial da Bruxa</i> (1997) – de Alda Andréia Therkovsky
<i>O ouro da liberdade</i> (1997) – de Helena Moura
<i>Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz</i> (1997) – de Heloísa Maranhão
<i>A estranha nação de Rafael Mendes</i> (1983) – de Moacyr Scliar
<i>Os dias do demônio</i> (1995) – de Roberto Gomes
<i>Jovens polacas</i> (1993) – de Ester Largmann
<i>A terra e a dor</i> (1998) – de Ruy Nedel
<i>Tio Kuba nos trópicos</i> (1999) – de Ester Largmann
<i>A cocanha</i> (2000) – de José Clemente Pozenato
<i>Aqueles malditos cães de Arquelaú</i> (1993) – de Isaías Pessoti
<i>Dona Leonor Teles</i> (1995) – de Heloísa Maranhão
<i>O mistério do leão rampante</i> (1995) – de Rodrigo Lacerda
<i>O Santo</i> (1996) – de Décio Orlandi
<i>Teresa</i> (1997) – de Deonísio da Silva
<i>Os leopardos de Kafka</i> (2000) – de Moacyr Scliar
<i>Medo de Sade</i> (2000) – de Bernardo Carvalho
<i>Cães da província</i> (1987) – de Luiz Antonio de Assis Brasil
<i>A dança da serpente</i> (1990) – de Sebastião Martins
<i>Os rios turvos</i> (1993) – de Luzilá Gonçalves Ferreira
<i>O primeiro brasileiro</i> (1995) – de Gilberto Villar
<i>A última quimera</i> (1995) – Ana Miranda
<i>Clarice</i> (1996) – de Ana Miranda
<i>Masmorras da Inquisição</i> (1997) – de Isolina Bresolin Viana
<i>Enquanto isso em Dom Casmurro</i> (1993) – de José Endoenças Martins

**Tabela 2:** Livros sem resultado de cobertura jornalística ou crítica no impresso

*Os rios inumeráveis* (1997) – de Álvaro Cardoso Gomes

*Lúcia* (1999) – de Gustavo Bernardo

**Tabela 2:** Fonte: a autora.

**Tabela 3:** Livros sem resultado de cobertura jornalística ou crítica no impresso  
Folha de S. Paulo

*A ilha dos trópicos* (1990) – de Marcos Santarrita

*Mil anos menos cinqüenta* (1995) – de Ângela Abreu

*A Guerra dos Farrapos* (1985) – de Alcy Cheuiche

*Avante, soldados: para trás* (1992) – de Deonísio da Silva

*Questão de honra* (1999) – de Domingos Pellegrini

*Os senhores da guerra* (2000) – de José Antonio Severo

*A casca da serpente* (1989) – de José J. Veiga

*Sete léguas de paraíso* (1989) – de Antônio José de Moura

*Videiras de Cristal* (1991) – de Luiz Antonio de Assis Brasil

*Império Caboclo* (1994) – de Donald Schüler

*Os rebeldes brotam da terra* (1995) – de Alcides Ribeiro J. da Silva.

*O Mez da Gripe* (1981) – de Valêncio Xavier

*Rios da liberdade* (1982) – de Renato Castelo Branco

*Senhores e escravos* (1983) – de Renato Castelo Branco

*Gaúchos no Obelisco* (1984) – de Cyro Martins

*O Planalto* (1985) – de Renato Castelo Branco

*A cidade dos padres* (1986) – de Deonísio da Silva

*Boca de chafariz* (1991) – de Rui Mourão

*O Exílio na terra dos muitos* (1992) – de Antonio Hohlfeldt

*Perversas famílias* (1992) – de Luiz Antônio de Assis Brasil

*Pedra da memória* (1993) – de Luiz Antônio Assis Brasil

*Noturno, 1894* (1993) – de Francisco Caruso

*Os senhores do século* (1994) – de Luiz Antônio Assis Brasil

*Paraguaçu e Caramuru* (1995) – de Assis Brasil

*O equilibrista do arame farpado* (1996) – de Flávio Moreira da Costa

*Descobertos e extraviados* (1997) – de Vera de Vives

*A guerra das imaginações* (1997) – de Doc Comparato

*Terra Papagalli* (1997) – de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta

*Bandeirantes, os comandos da morte* (1999) – de Assis Brasil

*Memorial do paraíso* (1999) – de Sílvio Castro

*A Quarta parte do mundo* (1999) – de Clóvis Bulcão

*O trono da rainha Jinga* (1999) – de Alberto Mussa

*Marcelino Nanmbrá, o manumisso* (2000) – de Godofredo Rangel de Oliveira.

**Tabela 3:** Livros sem resultado de cobertura jornalística ou crítica no impresso

*Amor que faz o mundo girar* (1990) – de Ary Quintella

*Eu, Tiradentes* (1990) – de Pascoal Motta

*Fogo verde* (1990) – de Duílio Gomes

*Rei Branco, Rainha Negra* (1990) – de Paulo Amador

*Sonhos Tropicais* (1992) – de Moacyr Scliar

*Piguara, o senhor dos caminhos* (1993) – de Edilberto Coutinho

*Tiradentes, poder oculto o livrou da forca* (1993) – de Assis Brasil

*Anna e outros amores de Tiradentes* (1995), de Joaquim Borges

*Netto perde sua alma* (1995) – de Tabajara Ruas

*Imperatriz no fim do mundo* (1997) – de Ivanir Calado

*Nos céus de Paris* (1998) – de Alcy Cheuiche

*Anita* (1999) – de Flávio Águar.

*As virtudes da casa* (1985) – de Luiz Antonio de Assis Brasil

*Café Pequeno* (1995) – de Zulmira Ribeiro Tavares

*Concerto Campestre* (1997) – de Luiz Antonio de Assis Brasil

*O avesso do retrato* (1999) – de Ângela Dutra de Menezes

*O tetraneto del rei* (1982) – de Haroldo Maranhão

*Joaquina, filha de Tiradentes* (1987) – de Maria José Pereira de Queiroz

*Jovita, missão trágica no Paraguai* (1994) – de Assis Brasil

*Jan e Nassau* (1996) – de Esther Largmann

*Capitão Mouro* (1997) – de George Bourdoukan

*Um largo, sete memórias* (1997) – de Adolfo Boos Júnior

*Breviário das terras do Brasil* (1997) – de Luiz Antonio de Assis Brasil

*O Memorial da Bruxa* (1997) – de Alda Andréia Therkovsky

*O ouro da liberdade* (1997) – de Helena Moura

*Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz* (1997) – de Heloísa Maranhão

*A república dos sonhos* (1984) – de Nélide Piñon

*Os dias do demônio* (1995) – de Roberto Gomes

*Jovens polacas* (1993) – de Ester Largmann

*A terra e a dor* (1998) – de Ruy Nedel

*Tio Kuba nos trópicos* (1999) – de Ester Largmann

*A cocanha* (2000) – de José Clemente Pozenato

*Dona Leonor Teles* (1995) – de Heloísa Maranhão

*O Santo* (1996) – de Décio Orlandi

*Teresa* (1997) – de Deonísio da Silva

*Cães da província* (1987) – de Luiz Antonio de Assis Brasil

*A barca dos amantes* (1990) – de Antonio Barreto

*A dança da serpente* (1990) – de Sebastião Martins

*Memorial do fim* (1991) – de Haroldo Maranhão

*Os rios turvos* (1993) – de Luzilá Gonçalves Ferreira

*O primeiro brasileiro* (1995) – de Gilberto Villar

**Tabela 3:** Livros sem resultado de cobertura jornalística ou crítica no impresso

---

*Masmorras da Inquisição* (1997) – de Isolina Bresolin Viana

---

*Enquanto isso em Dom Casmurro* (1993) – de José Endoenças Martins

---

*Os rios inumeráveis* (1997) – de Álvaro Cardoso Gomes

---

*Lúcia* (1999) – de Gustavo Bernardo

**Tabela 3: Fonte:** a autora.

Podemos observar pela tabela acima que não foram poucas as coincidências de livros deixados de lado tanto pelo jornal carioca quanto pelos paulistas. Essa falta de cobertura pode ser explicada tanto como um reflexo da superprodução cultural (afinal não se lê um livro na mesma velocidade que se escuta um CD) que combinada com a falta de pessoal nas redações acaba se tornando impraticável a cobertura de todos os romances que chegam à mesa do jornalista ou crítico. Mas não apenas isso, no processo de feitura de um livro muita coisa acaba interferindo na sua recepção, ou seja, desde a má divulgação da editora, gosto pessoal do crítico, visibilidade do autor, *star system*, etc..

O porquê desta lista de livros com recepção ausente estar figurando aqui é motivada por um problema já abordado brevemente no capítulo “Jornalismo cultural e crítica - a crise”, que é a padronização de pautas como também, a *Agenda-Setting* que, se não agenda os assuntos (romances) de interesse no público, no mínimo restringe essa informação dos leitores.

Porém, existem exceções surpreendentes, como o romance de Jorge Amado, *A Descoberta da América pelos Turcos*, que não recebeu nenhuma menção no *Globo*, ou *Romance Sem Palavras* de Carlos Heitor Cony que também foi ignorado pelo *Estadão*. Essas situações fazem com que a dúvida de por que vieram a acontecer fique suspensa, sem resposta.

Dos romances que obtiveram resultados, os números são os seguintes: no *Globo* foram 74 livros que obtiveram um total de 203 resultados na pesquisa, destes apenas 18 receberam críticas, somando um total de 18 críticas. Já no *Estadão* foram 30 livros com 80 retornos, destes 18 receberam críticas, totalizando 15 críticas. No caso da *Folha* foram 50 livros com um total de 136 resultados, sendo que destes apenas 17 livros receberam críticas, totalizando 21 críticas. Os números totais são, portanto: 420 resultados em geral, destes 57 considerados como crítica.

Tendo em vista apenas o número é possível dizer a princípio que o periódico que manteve um equilíbrio maior entre a cobertura informativa e crítica foi o *Estadão*, enquanto o *Globo* que teve 209 resultados e apenas 18 críticas mostrou-se como o mais coerente com os moldes de jornalismo informativo, sendo que muitos dos resultados figuravam em listas de mais vendidos, lançamentos e agendas diversas.

Na próxima tabela temos a lista dos livros que foram alvo (positivo ou não) da crítica nos três jornais.

**Tabela 4:** Livros com crítica no impresso

O Globo	O Estado de S. Paulo	Folha de S. Paulo
<i>Viva o povo brasileiro</i> (1984) – de João Ubaldo Ribeiro	<i>Viva o povo brasileiro</i> (1984) – de João Ubaldo Ribeiro	<i>A mão esquerda</i> (1996) – de Fausto Wolff
<i>Avante, soldados: para trás</i> (1992) – de Deonísio da Silva	<i>A ilha dos trópicos</i> (1990) – de Marcos Santarrita	<i>Os varões assinalados</i> (1985) – de Tabajara Ruas
<i>Caldeirão</i> (1982) – de Cláudio Aguiar	<i>A cidade dos padres</i> (1986) – de Deonísio da Silva	<i>Caldeirão</i> (1982) – de Cláudio Aguiar
<i>O Mez da Grippe</i> (1981) – de Valêncio Xavier	<i>Agosto</i> (1990) – de Rubem Fonseca	<i>A conquista dos sertões de dentro</i> (1983) – de Renato Castelo Branco
<i>A cidade dos padres</i> (1986) – de Deonísio da Silva	<i>Boca de chafariz</i> (1991) – de Rui Mourão	<i>Agosto</i> (1990) – de Rubem Fonseca
<i>O equilibrista do arame farpado</i> (1996) – de Flávio Moreira da Costa	<i>Os desvalidos</i> (1993) – de Francisco J. C. Dantas	<i>Mares do Sul</i> (1999) – de Marcos Santarrita
<i>A guerra das imaginações</i> (1997) – de Doc Comparato	<i>O brasileiro voador</i> (1986) – de Márcio Souza	<i>Romance sem palavras</i> (1999) – de Carlos Heitor Cony
<i>Romance sem palavras</i> (1999) – de Carlos Heitor Cony	<i>O Selvagem da ópera</i> (1994) – de Rubem Fonseca	<i>Coivara da memória</i> (1991) – de Francisco J. C. Dantas
<i>Villegagnon: paixão e morte na Guanabara</i> (1991) – de Assis Brasil	<i>As virtudes da casa</i> (1985) – de Luiz Antonio de Assis Brasil	<i>Cartilha do silêncio</i> (1997) – de Francisco J. C. Dantas
<i>O Selvagem da ópera</i> (1994) – de Rubem Fonseca	<i>Coivara da memória</i> (1991) – de Francisco J. C. Dantas	<i>Resumo de Ana</i> (1998) – de Modesto Carone
<i>O tetraneto del rei</i> (1982) – de Haroldo Maranhão	<i>Café Pequeno</i> (1995) – de Zulmira Ribeiro Tavares	<i>A majestade do Xingu</i> (1997) – de Moacyr Scliar
<i>A majestade do Xingu</i> (1997) – de Moacyr Scliar	<i>Resumo de Ana</i> (1998) – de Modesto Carone	<i>O doente Molière</i> (2000) – de Rubem Fonseca
<i>A estranha nação de Rafael Mendes</i> (1983) – de Moacyr Scliar	<i>O tetraneto del rei</i> (1982) – de Haroldo Maranhão	<i>Os leopardos de Kafka</i> (2000) – de Moacyr Scliar
<i>A república dos sonhos</i> (1984) – de Nélida Piñon	<i>A majestade do Xingu</i> (1997) – de Moacyr Scliar	<i>Em liberdade</i> (1981) – de Silviano Santiago
<i>Boca do Inferno</i> (1989) – de Ana Miranda	<i>A descoberta da América pelos turcos</i> (1994) – de Jorge Amado	<i>Clarice</i> (1996) – de Ana Miranda
<i>Memorial do fim</i> (1991) – de Haroldo Maranhão	<i>Amrik</i> (1997) – de Ana Miranda	<i>Bilac vê estrelas</i> (2000) – de Ruy Castro.
<i>Os rios turvos</i> (1993) – de Luzilá Gonçalves Ferreira	<i>Em liberdade</i> (1981) – de Silviano Santiago	<i>Amor de Capitu</i> (1999) – de Fernando Sabino
<i>Amor de Capitu</i> (1999) – de Fernando Sabino	<i>Memorial do fim</i> (1991) – de Haroldo Maranhão	

**Tabela 4: Fonte:** a autora.

**Legenda:** Em azul: livros que se repetem em mais de um jornal; em rosa que se repetem nos três.

Esta tabela mostra um retrato interessante das escolhas da crítica, apesar da literatura sobre jornalismo cultural apontar, como visto nesta dissertação, que não há escolha, ou seja, que o mercado permeia tudo e obriga o *best-seller* a ser

resenhado. A partir desta tabela, tem-se uma resposta diferente, pelo menos para a crítica. Esta, apesar de não ser muito frequente parece manter uma certa autonomia em relação aos ditames do mercado e do falso gosto do público, já que o único livro criticado por todos foi *A Majestade do Xingu*, de Moacyr Scliar.

É claro que o mesmo não se aplica ao jornalismo cultural. Estes na pesquisa estão na casa das centenas e cobrem sim muitos *best-sellers* (lembrando que *best-seller* aqui não está relacionado à qualidade da obra, mas sim ao significado da expressão, ou seja, “mais vendidos”). Para tais livros encontram-se reportagens de páginas inteiras, com *box* (complementação do texto fora do corpo da matéria) com , olho (parte do texto destacado dentro da matéria), foto, ilustração, entrevista, direcionando vezes para a vida do autor, vezes para o número de venda.

Em relação à avaliação das críticas, há uma predominância de críticas “positivas”, sendo respectivamente, no *Globo* 16 críticas “positivas” e apenas três “negativas”; no *Estadão* foram 16 críticas “positivas” e duas “negativas”; e por último na *Folha* foram 17 críticas “positivas” em contrapartida a apenas duas “negativas”.

Quanto a menção direta do termo romance histórico ou ficção histórica, os resultados foram os seguintes: no *Globo* apenas cinco das críticas fazem esta menção, no *Estadão* são quatro e na *Folha* também quatro. Na leitura dos textos não foi identificada nenhuma hostilidade à ficção histórica, pelo contrário, muitos dos textos de jornalismo cultural traziam matérias especiais sobre o gênero e como este estava sendo valorizado pelo mercado nos anos 80 e 90, porém, muitas das críticas, aparentemente, preferem focar na questão textual ao invés da relação entre ficção e história.

#### 4.4 Resultados 2001 a 2010

O levantamento foi feito com um total de 87 romances (WEINHARDT. 2011) para os quais foram registrados ao todo 448 resultados, desses 78 classificados como crítica ou resenha. Dos 370 restantes pode-se observar um grande número de textos impressionistas publicados em páginas e *sites* pessoais, como *blogs* e afins.

Nesse tipo de texto foi observada uma marcante diferença daqueles encontrados na imprensa, que é a questão da temporalidade: enquanto os textos de *blogs* não estavam vinculados à época de lançamento do livro, sendo publicados até mesmo 10 anos depois, nos jornais isso não acontecia, sendo mais comum os textos aparecerem na época dos lançamentos dos livros, e comentados em períodos próximos, caso o livro tenha recebido um grande prêmio ou algo noticioso ocorrido com o autor, o que explicita desta forma como o caráter factual do texto muitas vezes é um fator determinante para que o mesmo receba espaço no jornal.

Apesar da distância temporal, os textos de *blogs* possuem em sua maioria o caráter de novidade, do leitor surpreso com o livro, não fazendo referência a outros textos previamente escritos sobre este, sejam esses críticos ou não, e também, na maioria das vezes não citam a data de lançamento ou não a referenciam enquanto tempo, por exemplo: “Há sete anos foi lançado...” apenas tratam do livro no presente, com características de diário no texto, ou seja, “Hoje terminei de ler o livro tal”, fazendo da resenha do livro uma experiência pessoal.

No levantamento, além dos textos encontrados com os termos de busca, foram salvos também, em documento de *Word*, os comentários desses textos (quando era possível sua cópia, pois alguns eram protegidos). A partir dos comentários pode-se observar tanto o perfil do próprio *site* ou *blog*, quanto de seu público leitor.

Os comentários foram divididos entre aqueles que são de cunho pessoal com o autor do *site* ou *blog*, elogiando o texto ou perguntando sobre algum evento da vida pessoal, casamento, festa, etc., enquanto a outra categoria se restringe à obra em si e ao texto, emitindo opinião própria sobre o que achou do livro ou texto, indicando outras obras do autor ou correlatas ao tema do livro. É claro, que em muitos casos esses dois tipos de comentários podem ocorrer em um mesmo *site* ou *blog*.

No levantamento foi observado que apenas nove livros não tiveram nenhum retorno, fosse de crítica, fosse de outros tipos de texto. Os livros que não figuraram na web durante a pesquisa foram:

**Tabela 5:** Livros sem retornos jornalísticos ou críticas na web

---

BRAFF, Menalton. *Na teia do sol*. São Paulo: Planeta, 2004

---

CAVALCANTI, Pihba. *A cidadela inventada*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

---

CREMASCO, Marco Aurélio. *Santo Reis da Luz Divina*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

---

SILVA, Carlos Nascimento. *Vale do sol*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

---

SILVEIRA, Maria José. *Eleanor Marx, filha de Karl*. São Paulo: Francis, 2002.

---

SILVEIRA, Maria José. *O fantasma de Buñuel*. São Paulo: Francis, 2004.

---

SOUZA, Márcio. *Desordem*. Rio de Janeiro: Record, 2001

---

TAPIOCA, Ruy. *O proscrito*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

---

YAZBECK, Fuad. *O segundo degredado*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

---

**Fonte:** a autora.

Neste ponto é interessante perceber a diferença entre impresso e *on-line*. Enquanto no jornal impresso a tabela com os livros que não receberam nenhuma atenção da crítica é imensa, no *on-line* a cobertura é muito maior. É claro que isso se deve à própria natureza do meio e da metodologia de levantamento, ou seja, não se restringiu a busca a determinado jornal e por isso pode-se agregar um número muito grande de textos produzidos, típico da realidade da internet.

Também devemos fazer mais uma observação sobre esta tabela, apesar da cobertura ser muito maior não significa que a qualidade desta seja igualmente proporcional. Na verdade tivemos grande dificuldade em encontrar críticas boas o suficiente para figurarem nas análises, ou seja, muitas eram extremamente rasas, ou continham erros de informação sobre o livro ou autor, ou eram breves demais, etc, não servindo aos objetivos desta pesquisa.

Os livros que receberam retornos classificados enquanto crítica somam 37 livros, para os quais 78 resultados correspondem à crítica e resenha e que, por sua vez, possuem características próprias e diferenciam-se entre si muito mais do que os de *blogs* ou *sites* pessoais. Não se restringindo apenas a resenhas e críticas impressionistas, mas também abrangendo aquelas centradas na vida do autor e no tema da obra. Nesta última situação, ocorre, muitas vezes, de o tema sobrepor o livro, com textos que focam principalmente no personagem ou fato histórico, como a crítica de Wilson Martins para *O Globo* sobre *Príncipe e Corsário* de Maria Cristina

Cavalcante de Albuquerque, que apesar de muito interessante direciona sua análise mais para o personagem histórico do que para a ficcionalização deste. Os livros criticados são:

**Tabela 6:** Livros com crítica na web

---

ALBUQUERQUE, Maria Cristina Cavalcanti de. *Príncipe e corsário*. São Paulo: A Girafa, 2004.

---

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *A margem imóvel do rio*. Porto Alegre: L&PM, 2003.

---

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Música perdida*. Porto Alegre: L&PM, 2006.

---

ÁVILA, Luís Felipe d'. *Cosimo de Medici*. Memórias de um líder renascentista. São Paulo: Ediouro, 2008.

---

BRACHER, Beatriz. *Antonio*. São Paulo: Editora 34, 2007.

---

BRACHER, Beatriz. *Não falei*. São Paulo: Editora 34, 2004.

---

BERNARDO, Gustavo. *A filha do escritor*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

---

BUARQUE, Chico. *Leite derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

---

CAMPANA, Fábio. *O último dia de Cabeza de Vaca*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2005.

---

CARVALHO, Bernardo. *O filho da mãe*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

---

CARVALHO, Bernardo. *Mongólia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

---

CARVALHO, Bernardo. *Nove noites*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

---

CARVALHO, Bernardo. *O sol se põe em São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

---

CARVALHO, Murilo. *O rastro do jaguar*. São Paulo: Leya, 2009.

---

CASTRO, Ruy. *Era no tempo do rei*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

---

CASTELLO, José. *Fantasma*. Rio de Janeiro: Record, 2001

---

CHAMIE, Mario. *Pauliceia dilacerada*: (monólogo póstumo dialogado de Mario de Andrade). Ribeirão Preto, SP: FUNPEC Editora, 2009.

---

DANTAS, Francisco. *Sob o peso das sombras*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.

---

FERREIRA, Luzilá Ferreira. *No tempo frágil das horas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

---

FERRONI, Marcelo. *Método prático da guerrilha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

---

FONSECA, Aleilton. *Nhô Guimarães*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

---

FORTES, Leandro. *Fragments da Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

---

GLEISER, Marcelo. *A harmonia do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

---

HATOUM, Milton. *Cinzas do norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

---

HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

---

LAGE, Cláudia. *Mundos de Eufrásia*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

---

LEPECKI, Maria Filomena Bouissou. *Cunhataí*. São Paulo: Talento, 2003.

---

LUCCHESI, Marco. *O dom do crime*. Rio de Janeiro: Record, 2010

---

MEDINA, Sinval. *O herdeiro das sombras*. São Paulo: Mandarin, 2001.

---

MUSSA, Alberto. *O enigma de Qaf*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

---

RODRIGUES, Sérgio. *Elza, a garota*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

---

SANCHES NETO, Miguel. *Um amor anarquista*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

---

SANTIAGO, Silviano. *Heranças*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

---

SCHWARZ, Rodrigo. *A ilha dos cães*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

---

SCLIAR, Moacyr. *Os vendilhões do templo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

---

SILVA, Carlos Nascimento. *Desengano*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

---

TORRES, Antônio. *O nobre seqüestrador*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

---

**Fonte:** a autora.

Aqui percebemos novamente uma inversão em relação ao impresso, ou seja, há muito mais livros com crítica do que sem, porém também podemos notar que isso não representa a totalidade de romances listados, ou melhor, mesmo com a infinita possibilidade de textos da *web* e de pessoas dispostas a escreverem estes textos não foram todos os livros do período que receberam atenção. O que nos faz questionar o quanto realmente de informação está disponível na *web* e o quanto os meios tradicionais de divulgação e fomento de produtos culturais interfere até mesmo no meio de comunicação mais democrático dos últimos tempos.

Outra questão apontada pela pesquisa é a de que muitos textos não trazem o termo “romance histórico” ou “ficção histórica” para classificar o livro, preferem expressões como: “um romance com fundo histórico”; “romance biográfico” ou até mesmo “romance de imaginação”. Por parte dos ficcionistas a mesma situação se repete ao falarem de suas obras em entrevistas e declarações, não citando, na maioria das vezes, que o livro pode ser lido como uma ficção histórica, situação um pouco diferente da encontrada nas décadas anteriores, mas ainda assim similar.

Também foram classificados aqueles textos que correspondem a produções acadêmicas, somando ao todo 38 resultados, que contemplam tanto artigos acadêmicos, ensaios, teses, dissertações e monografias. Vale ressaltar que 22 resultados na pesquisa diziam respeito à publicação de trechos dos livros, alguns desses estavam relacionados a editoras e livrarias parceiras do jornal, como é o caso já mencionado da Publifolha.

Quanto às avaliações, as críticas foram separadas em “positiva” e “negativa” e “neutra”, esta última quando o crítico faz um balanço entre elogios e apontamentos negativos da obra, não deixando claro seu juízo de valor. Nessa classificação a maioria das críticas, 71, foi avaliada como “positiva”, em contrapartida as “negativas” somaram seis resultados, enquanto aquelas que apenas forneciam um balanço de pontos positivos e negativos totalizaram sete resultados.

#### 4.5 Os números nessa história – uma breve comparação

Denys Arcand em seu filme *As Invasões Bárbaras* inclui na fala do personagem Remy, uma interessante declaração: “Três coisas importam na história: a primeira é o número, a segunda, o número e a terceira: o número” (AS INVASÕES..., 2003). Usando livremente essa citação sem recorrer a que tipo de abordagem historiográfica que o cineasta pode ter se baseado para construir tal fala, tem-se uma declaração que pode interessar a esta pesquisa.

Quando o personagem menciona a importância do número na História ele o faz para refletir sobre os vencidos e os vencedores, os massacrados e os carrascos, implicando que a partir dos números e só a partir deles é que se pode conhecer a História. Bem, no caso desta pesquisa não estamos tratando da História propriamente dita, mas de uma história que os números aqui levantados nos possam contar. A história da crítica e do jornalismo cultural na passagem do suporte impresso para o *on-line*.

A lista de livros pesquisados referente ao período de 1981 a 2000 é de 127 romances, já a do período seguinte, até 2010, de 87. Teoricamente esperou-se que a maior lista tivesse o maior número de resultados, porém não foi o que aconteceu. A diferença também não foi gritante. Da lista com 87 romances surgiram 448 resultados, sendo destes 78 críticas enquanto que os 127 romances do primeiro período obtiveram 420 resultados gerais e 57 críticas.

A partir destes números, e somente deles, pode-se chegar a algumas hipóteses que favorecem o quadro dos resultados da *web*, pois se pode afirmar inicialmente que esta possui muito mais crítica do que o jornal impresso, confirmando então a migração dos críticos para sites e portais especializados onde os mesmos tem mais espaço e mais liberdade de trabalho. Pode-se dizer também que a *web* oferece mais informação em geral do que o jornal impresso e, generalizando, uma melhor recepção da literatura pelo público, com mais visibilidade, mais crítica e mais informação.

Porém estas possíveis hipóteses devem ser vistas sob o ângulo do recorte de tempo pesquisado, neste caso não estamos falando dos períodos de publicação das listas de romances, mas sim do recorte temporal utilizado para a realização da pesquisa nos jornais impressos x o recorte utilizado na pesquisa *on-line*. Esse

recorte foi de apenas três anos da data de publicação do romance o impresso e na web essa limitação de tempo não foi feita (por ser inviável). Sendo assim, quais resultados se mostram mais relevantes? Qual é o suporte que mais fornece informação, visibilidade e crítica? Pelos números é o jornal impresso.

É importante lembrar que o objetivo desta pesquisa não é averiguar quem é melhor, o impresso ou o *on-line*, mas em uma situação dessas não se pode deixar de analisar os números com lentes de microscópio para evitar mal entendidos.

Um grande mal-entendido poderia ser, por exemplo, submeter a primeira lista de livros (1981 a 2000) à uma pesquisa na rede, acreditando que esta poderia fornecer mais informações sobre os romances, ou até mesmo de críticas espalhadas em outros periódicos que não foram contemplados na pesquisa. Na verdade este último motivo foi o que levou à realização de tal levantamento, que aqui consta apenas para comparação, e os dados recolhidos foram os seguintes: um total de 763 retornos, um número quase equivalente à soma dos retornos dos dois períodos nos dois suportes, porém apenas 24 críticas, dessas a maioria presente nos sites dos jornais contemplados na pesquisa apresentada. Outra grande quantidade de resultados estava presente em sites pessoais dos autores, *blogs* diversos e artigos acadêmicos.

O problema deste terceiro levantamento, que consta aqui apenas para exemplificar uma situação crítica da *web* como fonte de informação, é a questão do tempo e como este pode acabar distorcendo a percepção da realidade, ou seja, da recepção crítica de uma obra no calor da hora, no suporte que mais se utilizava à época, ou seja, o impresso.

Por não ser possível fazer uma delimitação precisa do período de busca, muitos resultados não diziam respeito à época de publicação dos romances, sendo encontrados nos anos e décadas que se seguiram, o que fez com que livros que nos anos seguintes de seus lançamentos tivessem pouca ou quase nenhuma repercussão, aparecessem nesse terceiro levantamento com tantos resultados quanto um *Leite Derramado*. É o caso, por exemplo, de *O Mez da Grippe* de Valêncio Xavier, que à época de seu primeiro lançamento, em 1981, não recebeu nenhuma atenção, principalmente por ter sido um lançamento local pela Fundação Cultural de Curitiba e quando relançado em 1998 teve uma ou duas críticas, mas neste levantamento aparece com um total de 25 resultados. Ou ainda *O Homem que matou Getúlio Vargas*, de Jô Soares, que não teve um grande número de retornos

no impresso, por mais estranho que pareça devido ao apelo popular de seu autor, mas que aqui figura com 24 resultados. O mesmo acontece com *A estranha nação de Rafael Mendes*, de Moacyr Scliar, com 21 resultados, ou *Mil anos menos cinquenta*, de Ângela Abreu, com 28 resultados e uma crítica, e a lista continua. Esse tipo de resultado demonstra que nada melhor do que a época de publicação para se atestar a recepção de um livro e que o tempo pode transformar até livros medianos em grandes sucessos no gosto do público.

Estranhamente *Viva o Povo Brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, recebeu apenas 17 resultados neste terceiro levantamento, quando à época foi um livro que figurou por dois anos seguidos na lista de mais vendidos e teve o maior número de retornos, no impresso, de todo o período (lembrando que este levantamento foi feito antes do recente falecimento do autor, atualmente esses números podem ter mudado um pouco).

O que nos mostra, concluindo brevemente, que os números importam sim, mas apenas se olharmos para eles de maneira microscópica, sem deixar de lado o contexto histórico, social e cultural em que estão inseridos, já que um livro que não recebeu muita atenção da crítica ou da imprensa a seu tempo pode-se tornar um próximo “cânone” com o passar dos anos ou mesmo um grande sucesso de vendas no imaginário coletivo, mesmo que não tenha feito tanto sucesso assim, pois a *web* está hoje, sim, mais presente na vida cultural do que o jornal impresso, porém esta só é válida para esta vida cultural e não para as passadas, essas a história imprimiu em preto e branco e offset.

## 5. Sobre as críticas

A seleção das críticas para serem comentadas foi determinada primeiramente por apenas um fator: os romances que obtiveram maiores retornos e maior número de críticas. No caso do período mais recente, essa foi uma solução que parecia ser a mais lógica, porém nem todos os livros com mais resultados tiveram mais críticas, por isso se optou por selecionar os livros que tiveram pelo menos mais de cinco retornos. No caso dos romances da década de 80 até 2000 o maior número de retornos e de crítica variou muito de jornal para jornal, e não foi encontrado em nenhum dos periódicos mais de duas críticas por livro, portanto o critério para este período foi o seguinte: era preciso haver crítica sobre determinado romance em pelo menos dois dos jornais pesquisados.

Com esses critérios de seleção chegou-se aos seguintes livros, de 1981 a 2000 são os seguintes: *A majestade do Xingu*, de Moacyr Scliar; *Viva o Povo Brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, *Romance sem palavras*, de Carlos Heitor Cony e *O Selvagem da Ópera*, de Rubem Fonseca. De 2001 a 2010: *Leite Derramado*, de Chico Buarque, *Mongólia* e *O sol se põe em São Paulo*, ambos de Bernardo Carvalho.

### 5.1. Sobre as críticas – 1981 a 2000 – *Viva o Povo Brasileiro* – *O Globo*

A primeira crítica analisada sobre o romance de João Ubaldo Ribeiro, *Viva o povo brasileiro*, é de autoria de Luiz Garcia, publicada no *Globo*, em 16 de dezembro de 1984. O texto está situado exatamente na metade da página, ocupando quatro colunas pela metade e inclui apenas uma foto da capa do livro. Sob o título “História de alienados e oprimidos”, o autor abre seu primeiro parágrafo:

Imagine-se um rio no mato, beleza de cartão postal, a água correndo alegre igual criança, sensual nas curvas como mulher feita. Pode-se beber sem susto, é cristalina. Mas cuidado com o mergulho de corpo inteiro: logo abaixo da superfície corre forte uma correnteza

implacável, feroz como ira santa, que pega e não larga mais. (HISTÓRIA DE..., 1984, p.7)

Este primeiro parágrafo muito nos conta sobre a crítica jornalística da época. Seu autor Luiz Garcia, era editor de opinião do *Globo*, e mesmo tendo clara experiência em jornalismo, não fez de seu parágrafo um *lead* no clássico formato de pirâmide invertida. (terminologia jornalística para indicar um texto com as principais informações no primeiro parágrafo, contextualização no segundo e desenvolvimento até o final). Nem mesmo mencionou o nome do livro. É claro que diante da diagramação da página, esta informação já está implícita, afinal, tem-se bem abaixo do título da crítica, a capa do livro. Ao optar por uma abordagem mais subjetiva com o leitor, o crítico permite assim, uma maior aproximação com o romance, ou melhor, para a sua leitura deste. No parágrafo seguinte, as informações clássicas aparecem, ou seja, “quem, quando, onde e porquê”:

“Viva o povo brasileiro” é mais ou menos isso. Visto de um jeito, grande painel alegórico de histórias dentro da História do Brasil. No centro a ilha baiana de Itaparica, pela qual, nota o leitor ladino, o autor tem certo apego; ou seja, morre de paixões. (HISTÓRIA DE..., 1984, p.7).

Os parágrafos, como podem ser observados, não contém informações fechadas em si mesmas, eles exigem uma continuidade de leitura para se entender ao certo a ideia final do crítico. Mas, é importante ressaltar neste trecho a alusão ao apego de Ubaldo por Itaparica, enquanto Garcia apenas diz que este “morre de paixões” muitos outros textos encontrados focam demasiadamente nesta questão, voltando-se para a vida do autor, o que nos mostra que a crítica direcionada para a vida pessoal não é um fenômeno exclusivamente recente nas páginas dos jornais. No trecho seguinte o crítico explica a importância de Itaparica para o desenvolvimento do romance e não para o autor:

Lá desfilam os heróis, muitos sem caráter algum. Desde o prematuro fim do Alferes Brandão Galvão na Guerra da Independência (que só o resto do Brasil não sabe que houve), mas logo voltando atrás para lembrar o refinado apetite do lendário caboclo Capiroba, comedor de gente, primeiro gourmet nacional a preferir o produto importado. Depois saltando anos, vadeia-se o século XIX e atinge-se o XX, anos 70. (HISTÓRIA DE..., 1984, p.7).

O trecho acima pode parecer um pouco confuso para o leitor não familiarizado com o romance, afinal, relata duas situações específicas e de repente chega aos anos 70. Apesar da aparente confusão, o crítico menciona os episódios e personagem de forma cativante para o leitor, até mesmo trazendo um pouco do humor e do ritmo da prosa de Ubaldo, como se estivesse contagiado pela leitura do romance. Continuando a apresentação dos personagens e enredo, Garcia segue seu texto:

Assim, temos o infame Barão das Baleias com seu pérfido secretário e sucessor, Amleto Ferreira, cuja descendência formará, digamos, o establishment da grande saga. E temos o povo, monte de caboclos e cafusos, negros e mulatos, escravos antes e depois da Abolição, aviltada gentinha de pouca serventia – como se pensava, como talvez se pense ainda, só que hoje em dia com verniz. (HISTÓRIA DE..., 1984, p.7).

Aqui é possível observar que o jornalista já introduz sua visão crítica acerca do romance, e por que não, a visão crítica do próprio romance. Depois de apresentar mais personagens e mencionar que o livro é uma saga, o crítico faz um paralelo com a sociedade atual, paralelo esse que pode ser entendido como um dos motivos para o grande sucesso do livro na época. No trecho seguinte a visão do crítico fica ainda mais evidente: “Com a canalhice de uns e o sofrer de outro vá o leitor se distraindo. Tanta graça, safadeza e mágica tem esse Ubaldo... Vá se divertindo, leitor. Desavisado”. (História de..., 1984). Após essa quebra no texto, Garcia então, avisa o leitor do que o romance trata, no seu ponto de vista, e o que lhe espera, como pode ser observado abaixo:

Aos poucos, porém, e querendo, irá notando que o agudo humor do autor não está apenas a serviço da demolição de hipocrisias individuais. Que a fantasia não é folclore, o folclore não é regionalismo, o regionalismo não é mais que um pano de fundo. (HISTÓRIA DE..., 1984, p.7).

Tendo esclarecido para o leitor que o romance diz muito mais do que aparenta, e que apesar de seu foco ser no nordeste do país, em uma pequena ilha ele serve como um retrato de todo o Brasil. A partir de então, como no parágrafo

seguinte, o crítico irá defender esta ideia de análise: a de que o romance de Ubaldo pretende um retrato do Brasil a partir do particular para o nacional:

Acontece que João Ubaldo de Oliveira não é apenas um baiano, dizem que de Sergipe como a maioria, que escreve bem e engraçado; não se trata de um sub-Jorge Amado (Jorge Amado como se sabe é um super- Jorge Amado, ou seja, melhor e mais relevante, pelo conjunto da obra, do que possa dar impressão qualquer tentativa apressada de rotulá-lo.). (HISTÓRIA DE..., 1984, p.7).

Este período acima soa estranho no texto por alguns motivos. O primeiro deles é que parece estar incompleto, afinal o crítico inicia o parágrafo dizendo que o escritor não é só um baiano e termina em uma defesa de Jorge Amado sem concluir porque o escritor não é só um baiano (afinal, o que significa para o crítico ser só um baiano?); depois, na defesa de Jorge Amado, o crítico inicia uma comparação que leva a acreditar que o texto de Ubaldo é superior ao de Amado, mas abre um parênteses extenso em defesa do último, como se estivesse se retratando por antecedência. Neste trecho, portanto, percebe-se que o estilo de texto do crítico - emendar um parágrafo no outro - acaba se tornando um problema para a leitura, pois não conclui nenhum pensamento, deixando seus apontamentos mais precisos para o parágrafo seguinte como segue abaixo:

Pois Ubaldo – ele que perdoe, verdades precisam ser ditas – é erudito, de profunda e sólida formação. De pronto, não há quem o diga, escreve como as pessoas falam. Alitera, hiperboliza, metaforiza – mas, caridoso com o leitor, não merquioriza, embora possa, como o mais douto dos merquiores. (HISTÓRIA DE..., 1984, p.7).

A referência acima a José Guilherme Merquior é clara e incisiva. O crítico ao continuar explicando que Ubaldo, e seu romance, tem muito mais do que chega aos olhos, e que o escritor é um intelectual (ao contrário de Jorge Amado?), opta por trazer a intelectualidade velada no livro, elogiando o escritor. Para isso cria verbos a partir de construções literárias e então ataca com o “merquioriza” o crítico literário, conhecido por suas posições políticas diversas, estilo crítico que se aproxima da filosofia e polêmicas afins. Demonstrando, assim a escolha do crítico por um tipo de literatura e uma forma de expressar a erudição que não é pomposa ou hermética, e

mais ainda, podemos pensar que a defesa de Ubaldo aqui, se dá pela questão política, já que nessa época Merquior já havia passado da esquerda para a direita. No próximo parágrafo, o crítico continua a defesa, sem maiores referências à polêmica, de que Ubaldo estaria assim, buscando construir, ou encontrar, com o romance uma identidade brasileira: “Apenas, ou muito mais que apenas, a revelação de uma sofrida busca de identidade”. (HISTÓRIA DE..., 1984, p.7).

O parágrafo seguinte vale a pena ser citado por completo, já que revela e muito sobre a época em que foi lançado o romance:

O recurso ao fantástico disfarça mas não engana: “Viva o povo brasileiro” é história de opressores e oprimidos, de alienados e daqueles que, por natureza ou deliberação, foram procurando construir o verdadeiro orgulho nacional. O qual, evidentemente, só viceja à custa de porretadas na cabeça da opressão. Iguais, é bom lembrar, às porretadas desferidas pelo caboclo Capiroba na cabeça dos holandeses, antes de moqueá-los com perícia. (HISTÓRIA DE..., 1984, p.7).

Neste trecho novamente o texto crítico parece contaminado pelo literário, mas o que mais chama a atenção é o direcionamento de esquerda, até mesmo marxista (não que esta crítica seja um exemplo de crítica marxista) fica evidente pela escolha de palavras do crítico: “oprimidos”, “opressores”, “alienadas”. Seguido deste, mais um trecho que explora essa escolha política do texto (e do autor): “Os oprimidos de João Ubaldo vêm do mato e têm a pele escura; os opressores também, mas vão branqueando na medida do possível. São todos, mesmo os que não querem, brasileiros.” (HISTÓRIA DE..., 1984, p.7).

Tendo deixado seu posicionamento político claro, ou seja, a ideologia da crítica (como era comum na época e hoje não se faz mais tanto, como pode ser observado no capítulo sobre os problemas do jornalismo) e ainda o que o livro revela sob a superfície, o crítico se volta novamente para o enredo e os personagens, dessa vez anunciando claramente a relação que estes têm com a leitura de Garcia sobre o romance:

Na fusão e na confusão, no choque e na paixão, a alma desse povo vai surgindo. Do negro Leléu, humano e malandro, passa-se o bastão para uma Dafé, impossivelmente heroica e lendária, capaz de incríveis proezas; ambos têm seu lugar, entendidos como devem ser.

E tudo se entende. Quando a vitória em Tuiuti só se torna possível com a ajuda de Oxóssi e Xangô, vê-se que é assim mesmo que a História tinha obrigação de acontecer. E, ao fim, quando o General Patrício Macário, de excelente família, encontra a paz na sabedoria e no tempero de uma mãe-de-santo, fecha-se o ciclo. E o que vem depois do fecho é o desfecho, rescaldo. (HISTÓRIA DE..., 1984, p.7).

Finalizando o texto, o crítico apresenta uma visão e leitura apaixonada da obra e, principalmente, de seu conteúdo:

O que faço, pergunta o General à cabocla. Ela diz, segue. E é o que faz o povo brasileiro, humilhado e sofrido, rebelde e orgulhoso, patriota da melhor maneira, neste romance emocionado. Emocionante será, para quem nele se engajar. (HISTÓRIA DE..., 1984, p.7).

A crítica de Garcia é contundente com seu tempo, com o romance e com a função que o jornalista exercia, a de editor de opinião. Apesar dos parágrafos inacabados, ou incompletos, e da citação livre de personagens, sem maiores explicações, o crítico conseguiu trazer para o leitor uma boa visão do romance, inclusive de sua prosa, e, principalmente, de sua importância política para o Brasil da época na leitura do crítico.

É importante ressaltar que esta crítica saiu justamente em 1984, quando o livro passou a figurar na lista de *best-sellers* somente no ano seguinte, ano este em que não se encontrou nenhuma leitura tão política quanto a de Garcia. O que confirma a importância e número de vendas deste romance em um período de tantas mudanças políticas no país.

## 5.2 Sobre as críticas – 1981 a 2000 – *Viva o Povo Brasileiro* - *Estadão*

Intitulado de “A questão do nacional e do popular”, o texto sobre o romance de João Ubaldo Ribeiro figura no *Estadão* em 17 de fevereiro de 1985, logo quando as vendas do livro começaram a estourar. Seguindo a estética do *Suplemento Literário* do *Estadão*, muito comum ainda nos anos 80, este texto não possui

imagens, nem outros recursos gráficos para facilitar a leitura. O texto é de autoria de Lúcia Helena, professora universitária.

Helena inicia o texto com uma digressão ao processo civilizatório do Brasil e da nacionalidade nas letras:

Foram muitos os percalços do processo civilizatório aqui implantado. Desde o silêncio a que se reduziram legítimas raízes de nossa cultura até a manipulação, por vezes populista, conservadora e autoritária, com que se buscou resgatá-las, sob a égide de um pernicioso alibi a que normalmente se denominou de “nacionalismo”, ou em nome de uma abstrata noção de “identidade” do nacional e da missão do escritor. (A QUESTÃO..., 1985, p.10).

Esta introdução diz muito sobre o estilo e posicionamento político da autora em relação à literatura. Mas também revela traços de época. Enquanto a maior parte dos textos críticos encontrados nos jornais a partir dos anos 90 tende a seguir o formato de pirâmide invertida, como será observado nas análises de 2001 a 2010, aqui a autora inicia com um posicionamento crítico da história do Brasil e da própria literatura e seus movimentos que buscavam imprimir em romances a identidade brasileira, tão controversa quanto a proposta.

No parágrafo seguinte Helena continua sua análise voltando-se para os problemas enfrentados pela literatura brasileira:

Na rota desses desvios, o intelectual deparou-se quase sempre com a obrigação de ser o doublé de “outra coisa”. Um diletaante, não por opção, mas por falta de oportunidades sociais de extrair de seu trabalho crítico e criador o necessário à sobrevivência. A mazela ainda se alastra e raríssimos são os que podem viver do ofício de escritor. (A QUESTÃO..., 1985, p.10).

Das contradições da identidade brasileira ilustrada nas páginas romanescas Helena sinaliza uma outra situação que também afeta o fazer das letras, a falta de recursos básicos à sobrevivência do escritor, que pode, e deve ser relacionada, com a necessidade deste de ter uma outra fonte de renda, retirando grande parte de sua energia da produção literária. A diferença entre o texto de Helena e Garcia, no Globo, fica evidente, enquanto um possui características de ensaio e procura contextualizar a análise do livro dentro de uma visão crítica sobre a literatura, o de

Garcia, apesar do direcionamento político, é muito mais centrado no romance em si, como pode ser observado na continuação da análise de Helena transcrita abaixo:

Muitos foram socialmente engendrados como sustentáculo dessa ambiguidade e como forma de se obscurecer uma contingência cultural hostil: o escritor sempre foi visto como um missionário, o brasileiro como modelo do homem cordial, o Brasil como o país do carnaval, a América do Sul como o paraíso do sol/sul/sal, a formação social híbrida apresentada como um todo coeso e harmônico. A enumeração iria ao infinito. (A QUESTÃO..., 1985, p.10).

A partir deste trecho a intenção da autora de desmitificar a imagem criada externamente do Brasil, e da América Latina, como um todo, começa a fazer sentido para o leitor, bem como, a possível leitura da obra de Ubaldo, como se apresenta abaixo:

Esse feixe de temas e problemas foi magnificamente abordado, na década de 20, por Mário de Andrade, em *Macunaíma*. Obra atualíssima que em tudo expressa a perplexidade e matização dos níveis formadores de uma sociedade nada una e não tão cordial como à primeira vista poderia parecer. (A QUESTÃO..., 1985, p.10).

Nos próximos dois parágrafos Helena se dedica a *Macunaíma*, obra que em uma análise comparativa, possui vários pontos de encontro com o romance de João Ubaldo Ribeiro, por serem ambos romances de formação. O último parágrafo do trecho sobre *Macunaíma* vale a pena ser transcrito aqui, pois é a chave de leitura da relação do romance de 20 com o de 80:

O próprio Mário, no prefácio ao livro (que afinal acabou não sendo acochado a seu texto), afirma não querer que tomem seus personagens como símbolos. Eles são, na verdade, alegorias de uma pergunta incômoda e delicada: o que caracteriza nossa cultura e povo? Somos uma "identidade cultural"? E, se somos o que significa isto; uniformidade? (A QUESTÃO..., 1985, p.10).

Sobre esses questionamentos a respeito da controversa identidade brasileira, apresentados pela autora em *Macunaíma*, e na fala do próprio Mário de Andrade, a autora faz uma relação com *Viva o Povo Brasileiro*, de forma positiva para com Ubaldo: "O romance **Viva o Povo Brasileiro** (Ed. Nova Fronteira), obra

recente do baiano João Ubaldo Ribeiro, vai trilhar, corajosa e largamente, os descaminhos desse “ninho de cobra”: a questão do nacional e do popular.” (A questão..., 1985).

A leitura que Helena faz do livro de Ubaldo novamente se distancia um pouco da que Garcia fez no *Globo*, afinal aqui a autora traça um foco mais preciso na questão da identidade brasileira formada através de deturpações de classes e interesses diversos e não apenas na formação dessa identidade através de diferentes raças, caráter e classes, mas sim na manipulação, no discurso oficial, como pode ser observado no seguinte trecho:

Quem e o quê é o povo brasileiro? A resposta (existe uma?) não é simples e João Ubaldo sabe disso. Tanto que, nesta obra riquíssima, ele – felizmente – mais pergunta do que responde, mais duvida do que afirma, mais dialoga do que tenta impor uma pretensa e única (e ideológica) “verdade”. Se – ao ler o título do romance – o leitor imagina que vai encontrar diante de si uma obra em que se louva algo que, simbolicamente, o escritor estaria apresentando como “nosso povo”, do qual se traça um perfil de glórias patrióticas, cairá num ledó e grosseiro engano. (A QUESTÃO..., 1985, p.10).

A abertura do texto, portanto, com *Macunaíma* e a manipulação do discurso oficial sobre o que é ser brasileiro serve como uma introdução, uma chave de leitura para a análise de Helena sobre o romance de Ubaldo:

Esse “povo-personagem” tão genérico, tão embaçado, tão oprimido integra uma narrativa em que não só nos é revelado com dignidade e alta taxa de criação o quanto de ideológico se oculta nas visões e escolares, quanto se procura questionar tudo isso. A questão do poder, da opressão, de suas modulações – o fato de ser o poder uma rede complexa de relações que não podem ser explicadas nem entendidas a partir da visão maniqueísta que oponha romanticamente os “bons” aos “maus” – é tema que perpassa todo o longo e belo texto de João Ubaldo. Senhores e escravos, colonos, colonizadores não são pólos intocáveis de antíteses a serem conciliadas, mas contrapontos de uma incrível polifonia de configurações sócio-culturais. (A QUESTÃO..., 1985, p.10).

A lógica de leitura da autora continua no trecho acima, mas dois detalhes devem ser mencionados. O primeiro é a questão da palavra oprimido, aqui, não se assemelha a uma escolha particularmente relacionada com posicionamentos

políticos de esquerda, é uma palavra, que da forma como foi posta lê-se naturalmente, sem uma alusão ideológica mais incisiva, como se não houvesse outra para tal construção. A outra questão que merece destaque é o posicionamento político que não tende ingenuamente para um lado ou outro, mas sim faz uma crítica que perpassa qualquer ideologia vigente e aponta para outra coisa, uma manipulação independente de esquerda ou direita, que tende a uma visão maniqueísta e mais ainda a uma leitura da História do Brasil que só pode ser encontrada nos livros didáticos. A interpretação do romance de Ubaldo continua no trecho abaixo:

Nesta obra, que abrange três séculos brasileiros – e procura pensar a especificidade de seu intercâmbio tanto com a problemática nacional como internacional -, formula-se de múltiplas maneiras uma indagação crucial: como tratar o tema do nacional fora de uma perspectiva conservadora, autoritária e “pseudo-liberal”? Como enfrentar esse difícil problema sem revelar nas interpretações apaziguadoras e sem perder de vista o que há de inquietante tanto em nosso mosaico cultural quanto no mundo específico da linguagem literária? Ou seja, como procurar também escapar da fórmula – já tão desgastada e em muitos níveis, também conveniente – do depoimento fidedigno e da denúncia social transparente que se nutre de um máximo de verdade (?) e de um mínimo de literatura? (A QUESTÃO..., 1985, p.10).

Os questionamentos de Helena já fornecem respostas implícitas, na solução ficcional de Ubaldo, mas são uma saída interessante para apresentar os erros que o autor não cometeu ao escrever o romance, ou seja, não comprometeu o ficcional em prol de um relato fidedigno, nem escolheu uma verdade absoluta e ideológica. Posto dessa forma, o questionamento que a autora faz aqui, é o questionamento do romance histórico, ou seja, o quanto de história e ficção se compromete no produto final - romance? A resposta implícita sugere que Ubaldo soube medir muito bem esses dois elementos, como pode ser verificado abaixo:

A opção de João Ubaldo é um achado pessoal – mas, é também a retomada – a meu ver – de um veio marioandradino (e observe-se que não falo de influência): aquele veio que permite a ambos apresentar a divisão entre a colônia e o não colonial, entre o mítico e o real, entre o literário e o social, entre o “meu” discurso e o do outro, entre a história “oficial” e suas contraversões como algo que necessita ser focalizado a partir de uma perspectiva de desmascaramento paródico e do resgate alegórico de vozes culturais

silenciadas. E isto feito com a argúcia necessária para não se deixar seduzir pela denúncia – que é sempre mais fácil, mais comunicativa e, para os espíritos simples, sempre mais aliciadora – nem pelos preconceitos que confundem literatura com depoimento. (A QUESTÃO..., 1985, p.10).

Neste extenso trecho a autora refaz o paralelo de escolhas ideológicas (ou não) com Mário de Andrade e finaliza o parágrafo insistindo no valor de Ubaldo em não ter focado seu romance em um ponto de vista apenas, o ponto de vista dos oprimidos, que leva automaticamente a uma postura ideológica. Porém, com a paixão com que escreve, semelhante à de Garcia, no *Globo*, porém não explícita em palavras como o autor do jornal carioca, nem contaminada pela estilística de Ubaldo, acaba por fazer uma afirmação incômoda, ao chamar de “espíritos simples” pessoas que se levam pela ideologia. Não estaria a própria autora aqui reproduzindo o discurso oficial, ou pelo menos uma forma de preconceito elitizado, ou esta é uma leitura que cabe mais aos dias de hoje?

Viva o povo brasileiro não é um “retrato” ou uma radiografia do Brasil e de seu povo. É, antes de tudo, ficção e como tal se comporta, metamorfoseando nosso absurdo colossal sem dele extrair lições exemplares para transmiti-las, como receitas, ao leitor. Ao contrário, o texto de João Ubaldo apreende e interpreta rica e obliquamente a realidade sócio-cultural brasileira, transgredindo-a na realidade ficcional, urdida pelo imaginário. Uma manifestação disso é dada pela maneira através da qual o autor maneja o traçado épico de sua obra – composta de várias histórias distintas, que se interpenetram, articulam e também mantêm relativa independência -, sem ceder à grandiloquência e à louvação histórica que têm caracterizado o gênero no Brasil. Ao contrário, o **heroísmo**, valor tão caro ao gênero épico e à “mitologia” deste país que se tem contentado em recitar nas salas escolares o verde de suas matas e o amarelo de seu ouro, é frequentemente ironizado na obra de João Ubaldo, pelo fino humor que dele faz um parodista de primeiro time. (A QUESTÃO..., 1985, p.10).

Este é o penúltimo parágrafo do texto de Helena que a autora abre afirmando que o livro não é um retrato do povo brasileiro, muito menos de sua história, a história oficial - é interessante observar que todos os outros textos sobre o livro encontrados na pesquisa, determinam que este é um retrato do nosso povo, inusitado, porém retrato, até mesmo o texto de Garcia indica isso - aqui a autora leva a paródia como função principal, e novamente elogia seu não direcionamento ideológico e sua capacidade ficcional, a qual muitos textos no levantamento também

colocam em segundo plano, priorizando a História. Em relação a esta e ao gênero que aqui nos é caro, a autora chama a ficção histórica de Ubaldo de épico:

Outra característica importante de *Viva o Povo Brasileiro* é que, na construção de sua história, o narrador evita o tom de messias incumbido de salvar, numa espécie de “má consciência” culpada, os oprimidos. O livro abre, para a safra literária de 1985, uma trilha instigante na qual se ergue uma coorte de personagens que se estruturam para além do bem x mal e que – como o negro Leléu – são portadores de uma **sabedoria** macunaímica toda sua: a de serem capazes de ver que os dois lados da medalha são vários e que, na matemática mágica da ficção, dois e dois podem ser cinco. (A QUESTÃO..., 1985, p.10).

Fechando o texto a autora menciona pela primeira vez o nome de um personagem do livro, sem maiores explicações ou trechos introdutórios, simplesmente utiliza o personagem como um exemplo prático da relação com *Macunaíma*.

Este texto paira entre a crítica literária e o ensaio, defendendo uma relação, clara para a autora, entre *Macunaíma* e *Viva o povo brasileiro*. Lúcia Helena desfia elogios ao discurso de Ubaldo, contrário ao discurso oficial e ao ideológico que tende a ver o Brasil como uma terra de opressores e oprimidos com papéis distintos, sem áreas cinza, trazendo, assim, uma crítica muito diferente daquela feita em outros textos jornalísticos, entrevistas com o autor, etc., que tendem para uma visão da época na qual a leitura política do romance muitas vezes se sobressai à própria qualidade literária deste.

### 5.3 Sobre as críticas – 1981 a 2000 – *A majestade do Xingu* – *O Globo*

*A majestade do Xingu* foi o único livro com críticas nos três jornais pesquisados. A primeira crítica é do carioca *O Globo*. É intitulada de “As reduzidas situações romanescas” de autoria de Wilson Martins, datando de 24 de janeiro de 1998.

O texto não é dedicado exclusivamente ao romance de Scliar, mas também ao *A casa do poeta trágico*, de Carlos Heitor Cony e *Viagem ao extremo sul da*

*solidão*, de Juremir Machado da Silva. Nesta análise o crítico utiliza os três livros para expor e analisar as condições do romance contemporâneo, iniciando sua análise da seguinte forma:

Há algo novo no romance brasileiro: tem-se tornado, nestes últimos tempos, uma “obra de arte literária”, sem qualquer outro compromisso a não ser consigo mesmo enquanto literatura. Não se trata de “contar uma história” processo que automaticamente rejeita o leitor para fora, como “estranho” e exterior ao tecido da narrativa: trata-se de incluí-lo na trama como personagem globalizante que se confunde com todos os outros e que, em certo sentido, os resume. As congeminações teóricas que distinguem “o autor”, “o narrador”, “o protagonista” e assim por diante (sempre por meio de um vocabulário absconso), ignoram desde logo, no ponto de partida, o que é o romance – terceira entidade de todos eles, sem realmente identificar-se com qualquer um. (AS REDUZIDAS..., 1998, p. 4).

Neste parágrafo introdutório Wilson Martins levanta uma discussão muito própria da literatura e comum no meio acadêmico, e que, portanto, pode soar distante do leitor de jornal, mas ao mesmo tempo em que na escolha do tema o crítico é mais hermético, seu texto, com exceção de uma construção ou outra, é de fácil entendimento, e tende a suavizar nos parágrafos seguintes.

É interessante a escolha do crítico, não por um romance em si, mas por três romances contemporâneos de escritores experientes, pois a crítica, assim, não fica presa ao tema ou análise literária, social, cultural, de uma das obras, mas sim no ponto de encontro destas que é a participação do leitor.

Um detalhe deve ser acrescentado aqui: a crítica de Wilson Martins é sobre o romance de Scliar, mas também sobre o de Cony, e o de Juremir. Pode-se dizer que o de Cony recebeu mais destaque visualmente no jornal, pois, além de ser o primeiro analisado, também há na diagramação da página uma foto de Cony, ocupando duas colunas com legenda. Na continuação, Martins apresenta os romances que analisará:

Em outras palavras, o “narrador” é o “autor” e vice-versa, sendo ambos, ao mesmo tempo, os protagonistas da narrativa, que tampouco neles se assimila, mas que “assimilam” o leitor. A prova está em que as “situações romanescas” são tão reduzidas em número e variedade quanto as legendárias 36 situações dramáticas outrora esquematizadas por G. Polti num livro de 1895 que teve o seu momento de celebridade. Os leitores de Proust certamente

reconhecerão no romance de Carlos Heitor Cony (“A casa do poeta trágico”. São Paulo: Companhia das Letras, 1997) e em boa parte no de Juremir Machado da Silva (Viagem ao extremo sul da solidão, Porto Alegre: Sulina, 1997) a situação romanesca de “Un amour de Swann”, ou seja, o romance como obra de arte literária, tão “gratuito” quanto uma escultura abstrata ou um quadro de gênero, sem nada perder do seu valor como testemunho da condição humana. (AS REDUZIDAS..., 1998, p. 4).

Neste segundo parágrafo Martins se dedica a exemplificar as situações postas no primeiro, além de incluir, mas não aprofundar, a questão do narrador enquanto autor, como o de Scliar, mas a princípio esta não parece ser a preocupação do crítico. O que não pode deixar de soar estranho é que as mesmas situações romanescas reduzidas, as quais o autor elogia nos romances analisados, são discutidas a séculos, tanto que o exemplo de Proust se encaixou perfeitamente, mas esses autores, experientes, estão pondo em prática essa quebra, a arte pela arte, somente no final do século XX? Após levantar essa discussão, e dúvidas, o crítico se volta para os romances propriamente ditos:

No romance de Cony, as afinidades com as artes plásticas são sugeridas desde o título e pelo tema, ao mesmo tempo central e puramente episódico, proposto pela visita às Ruínas de Pompéia, para nada dizer da atmosfera levemente artificial em que toda a intriga se desenvolve, muitas vezes confinando com a inverossimilhança e no tratamento “prototípico” das situações e figurantes, com sacrifício do realismo ou, se quisermos, da realidade por assim dizer imperativa de cada momento. (AS REDUZIDAS..., 1998, p. 4).

Pegando o “gancho”, como se diz no jargão jornalístico, com o final do último parágrafo em que se fez a comparação das situações romanescas, ou falta destas, com a arte do final do XIX e início do XX, Martins afirma que o romance de Cony expressa essa plasticidade inverossímil, como uma pintura abstrata, ou mais ainda impressionista, apesar de interessante, este parágrafo em específico, se distancia dos demais.

No parágrafo seguinte Martins volta-se mais para o romance de Juremir Machado da Silva:

Em “Viagem ao extremo sul da solidão” (título constrangedoramente melodramático, capaz de afastar os leitores sérios), ocorrem as

mesmas características, com os ecos proustianos da cidade de Paris e o tom cosmopolita que também distingue o de Heitor Carlos Cony. Cosmopolita até demais, porque nem um, nem outro, soube resistir ao impulso turístico de autenticar a narrativa pelos pormenores da topografia citadina (nomes de ruas, monumentos, edifícios públicos, referências específicas aos transportes urbanos, etc etc). Juremir Machado da Silva poderia ter evitado a grosseria dos palavrões, que não “combinam” com a qualidade literária do texto, nem com a figura do tenebroso herói romântico e maldito que é o seu personagem. (AS REDUZIDAS..., 1998, p. 4).

Neste trecho acima tem-se uma observação crítica de Wilson Martins sobre os dois livros, ainda relacionando estes com Proust mas, ao mesmo tempo, se afastando da referência. O crítico faz assim, uma análise bem clara para o leitor e traz um personagem para a crítica, entrando cada vez mais nos romances em si, como pode ser observado na continuação abaixo:

Igualmente românticos e tenebrosos (à sua maneira...) são os personagens de Carlos Heitor Cony, nomeadamente Mona, cujo “mistério” o protagonista não chega a decifrar, e o leitor menos ainda (pode-se pensar que não havia “mistério” nenhum). O de Juremir Machado da Silva é, afinal de contas, o falso herói maldito, porque, diante do planejado suicídio, que seria o desenlace natural de seu destino, prefere a solução, mais uma vez, turística da evasão: “Carrego o revólver. Deposito-o sobre a mesa de trabalho. (...) Saio para espreitar. Apalpo-me para ter certeza de que carrego os documentos no bolso de dentro do casaco. (...) Entro na Gare Montparnasse (...). Parto, definitivamente, em viagem ao extremo sul da indiferença, ao país da solidão”. (As reduzidas..., 1998). (AS REDUZIDAS..., 1998, p. 4).

No parágrafo acima, antes de direcionar a análise para o romance que aqui mais nos interessa, Martins fornece ao leitor mais observações críticas sobre os personagens dos romances e ainda apresenta um trecho do livro de Juremir, para então comentar a obra de Scliar que, apesar de não receber destaque na diagramação da página, possui um total de três parágrafos exclusivos. O primeiro deles é transcrito abaixo:

Respondendo às tragédias da vida contemporânea e à obscura memória ancestral do povo bíblico, Moacyr Scliar criou, com o narrador do seu romance (“A majestade do Xingu”. São Paulo: Companhia das Letras, 1997), o protótipo do herói maldito e sem grandeza, o elo tão insignificante quanto indispensável para que a história (e a História) se realize. É também uma obra de arte literária,

escrita com sabedoria e perfeito domínio da matéria, no tom de nobre gravidade e realismo que o tema exigia: “Esta noite, doutor, pensei muito em Noel Nutels”, diz o narrador ao médico que o assiste durante a hospitalização. (AS REDUZIDAS..., 1998, p. 4).

Neste primeiro parágrafo sobre a obra de Scliar o texto crítico fica mais leve, fazendo parecer, até mesmo, que toda a discussão sobre a literatura e sobre os outros dois romances serviram mais como uma introdução à análise do texto de Scliar do que uma parte independente ou mesmo coesa com o restante do texto. Aqui, já no primeiro parágrafo, o crítico aponta claramente seu juízo de valor, afirmando a qualidade do romance de Scliar e também sobre o tema que se trata, já que apresenta um trecho no qual o nome do protagonista aparece e fecha o parágrafo:

No tratamento da temática judaica, Moacyr Scliar passou da visão irônica e distanciada dos contos (no que se pode considerar como a primeira fase de sua carreira) para a visão compensatória e ortodoxa dos romances. “A estranha nação de Rafael Mendes” (1983) marcou o ponto de ruptura, completando a passagem para o romance de alta qualidade que é “A majestade do Xingu”, capítulo pungente e vitorioso da diáspora, contrastando as vidas paralelas de dois judeus, aliás assimilados: de um lado, o narrador, “judeu sem dinheiro”, e, de outro, o amigo de infância (separados para sempre com a chegada ao Brasil), o sanitarista Noel Nutels, ícone sentimental da esquerda brasileira, figura igualmente mitológica na imaginação do narrador: “O senhor nem sabe de quem estou falando”, diz ele ao interlocutor silencioso. (AS REDUZIDAS..., 1998, p. 4).

Wilson Martins inicia o trecho acima com uma digressão e análise da obra de Scliar, desde suas primeiras publicações até o atual romance. Na análise, novamente o juízo de valor do crítico é expresso com precisão: elogia, explica e apresenta da metade para o final do parágrafo mais sobre o romance em questão, apresentando personagem e narrador e a questão do monólogo, do ponto de vista do crítico, ou da perda da memória da história.

No último parágrafo Martins compara a obra de Scliar com *Grande Sertão: Veredas*:

Essa é a situação romanesca, semelhante, diga-se de passagem, à de “Grande sertão: veredas”, e até a do romance proustiano que, tudo bem considerado, é também um imenso monólogo. A obsessão do narrador, no contraste entre as suas frustrações e a carreira

vitoriosa do amigo, encontra “tradução” nos diversos sonhos metafóricos, entre outros o que, por assim dizer, contrapõe a fantasia onírica à realidade cruel: “Sonhei com o Xingu, que nunca tinha visto, um lugar de uma beleza arrebatadora. Ali estava eu, à porta da grande loja recém-inaugurada. Multidões de índios, massas bronzeadas, aguardavam a cerimônia de inauguração, brincando e dançando sob o alegre sol dos trópicos (...)”.(AS REDUZIDAS..., 1998, p. 4).

Neste fechamento do texto Wilson Martins recorre novamente à narrativa proustiana, e também acrescenta a similaridade com *Grande Sertão: Veredas* no que tange ao monólogo do narrador que conta, lembra e tenta expressar, talvez, até mesmo um diálogo sem resposta.

A crítica de Wilson Martins discute, a princípio, a quebra de conceitos clássicos da construção romanesca e acaba por utilizar muito pouco dessa discussão na análise da obra de Scliar, principalmente porque chegando nela, o autor se prende mais no tema e na qualidade literária do romance, que parecem ter tocado o crítico a ponto de, estilisticamente, a primeira metade do texto parecer ter sido escrita por outra pessoa. Mas é um bom exemplo de uma crítica, feita nos anos 90, em jornal impresso, com espaço de destaque (primeira metade da página) e que não se viu obrigada a seguir nenhum padrão de escrita jornalística, como *lead*, pirâmide invertida, etc., mas que, como é de se esperar da crítica no calor da hora, trata de romances recém-publicados, o que não deixa de se encaixar na necessidade factual do jornalismo da época.

#### 5.4 Sobre as críticas – 1981 a 2000 – *A majestade do Xingu - Estadão*

Se a qualidade de um romance pode ser atestada pelas críticas (e qualidade destas) que recebe, *A majestade do Xingu* pode ser considerado um grande romance.

No *Estadão*, o romance de Scliar recebe duas páginas exclusivas sobre seu romance, sendo que uma delas é inteiramente a crítica de José Castello ao livro. Intitulada “Moacyr Scliar retoma o lirismo em novo livro”, datada de 27 de setembro de 1997, mesmo ano da publicação do romance.

A crítica de página inteira tem a seguinte estrutura: título, foto de Noel Nutels ao centro e capa do livro abaixo (as duas bem grandes), olho (trecho retirado do texto para destaque) e lidão (parágrafo introdutório desconectado do texto, geralmente indicado pela mudança na tipografia, no caso em itálico). Este é escrito como a seguir: “O escritor gaúcho está em São Paulo, onde lança, hoje, sua novela ‘A majestade do Xingu’, uma ficção que tem como um dos personagens o médico e sanitarista russo Noel Nutels, que emigrou para o Brasil em 1921” (Moacyr Scliar..., 1997). Neste trecho vale destacar dois pontos: o primeiro é que o crítico chama o que outros denominaram romance de novela, e o segundo é que por este lidão não se tem indicação nenhuma de que é uma crítica que o sucede.

No primeiro parágrafo do texto de Castello há uma abertura muito mais informal e voltada para o autor do que o texto de Wilson Martins:

Não é do estilo do escritor gaúcho Moacyr Scliar sonhar em escrever algo se assemelhe a um “romance total”, uma ficção que tenha a presunção de esgotar, em uma só penada, os impasses postos na mesa literária de seu tempo. Cada vez me interessa menos, de minha parte, pelas afirmações imperativas, que tanto parece confortar os leitores mais ligeiros, mas se tornam sempre imprudentes e, em se tratando de arte, se transformam frequentemente em falsificações. (MOACYR SCLIAR..., 1997, p.D2).

E não é só essa diferença que existe entre o paulista e o carioca, ambos radicados em Curitiba. O texto de Castello procura uma abordagem mais informal, tanto que além de atribuir ao autor o desejo de não escrever um romance total, ainda se coloca no texto, logo na abertura, para dizer que concorda com Scliar. Das divergências, Castello passa a algumas concordâncias com Martins:

Ainda assim, *A majestade do Xingu*, o mais novo romance de Moacyr Scliar (Companhia das Letras) que é lançado hoje, a partir das 11 horas na Livraria Cultura, em São Paulo, traz em suas breves 210 páginas, não posso deixar de pensar, a síntese de alguns dos impasses que mortificaram a produção literária brasileira de hoje. (MOACYR SCLIAR..., 1997, p.D2).

Neste trecho o crítico dá início à sua análise da produção literária contemporânea no país, mas o ponto de encontro não está somente nisto, e sim na capacidade do romance de ter gerado tais discussões na crítica. Outro ponto

importante a ressaltar aqui é a informação de serviço, muito bem encaixada no restante do texto, de forma que não se sobressai, não quebra e permite uma continuidade de leitura.

O parágrafo que segue a esta introdução infelizmente está muito mal digitalizado para ser transcrito com precisão neste texto, trata da literatura brasileira nos anos 80, e a trata de forma nada amigável. Chama a produção dos anos 80 de “afônica” e afirma que a literatura brasileira se reencontrou nos 90 com o romance histórico (MOACYR SCLIAR..., 1997, p.D2).. Justificando esta afirmação, muito interessante para este trabalho, o crítico cita a produção de Ana Miranda, Luiz Antônio de Assis Brasil, Ruy Castro, entre outros, afirmando que neste período a literatura brasileira “se sintonizou, novamente, com o relógio da história” (MOACYR SCLIAR..., 1997, p.D2).

Na sequência, Castello faz uma avaliação dos anos 90 dizendo que este trouxe consigo algumas velhas e sempre inquietantes questões da literatura (infelizmente este trecho também está mal digitalizado). Questões estas como o limite entre realidade e ficção e se a literatura pode ficar imune ao tempo histórico. (MOACYR SCLIAR..., 1997, p.D2):

Todas essas perguntas, agora são respondidas por Moacyr Scliar, de 60 anos, em sua emocionante novela *A majestade do Xingu*. A idéia de um rol de respostas talvez não seja correta, já que Scliar não realizou uma ficção didática, não optou pela linguagem mais emaranhada do ensaísmo (que poderia facilitar as coisas, talvez, mas onde ele poderia também se perder) nem cedeu um só milímetro na decisão, fundamental, de se limitar a contar uma história. (MOACYR SCLIAR..., 1997, p.D2).

Esta crítica de Castello data de meses antes da crítica de Wilson Martins, aqui temos talvez o maior ponto de divergência, se quisermos fazer uma comparação. Enquanto Martins afirma que os três romances, entre eles o de Scliar, não estavam querendo contar uma história ou cumprir com qualquer função do romance ou da literatura, Castello utiliza um parágrafo inteiro dizendo o que o escritor não fez, para afirmar que sua a realização com maestria foi justamente contar uma história. No próximo parágrafo Castello justifica esse contar uma história como a arte de colocar a ficção em primeiro lugar e a história em segundo, citando como exemplo mal sucedido desta união o romance *Sonhos Tropicais*, do mesmo

autor, quando nele, segundo o crítico, a história prevaleceu sobre a ficção. Seguindo deste parágrafo tem-se um subtítulo “Ficção envergonhada”:

Dessa vez, ele repara esse desvio intelectualista com o magnífico A majestade do Xingu, que é o mais lírico e provavelmente o mais bem-sucedido livro que já escreveu. Mas não permitiu que nada, nenhuma inquietação, nem mesmo a vocação vacilante de biógrafo ficasse para trás. Só que mudou tudo de lugar – e, sobretudo, mudou a si mesmo de lugar, alterando assim a perspectiva da narração.

O romance é, numa certa perspectiva, a perspectiva do médico e também sanitaria Noel Nutels, que emigrou para o Brasil vindo da Rússia em 1921, ainda menino, e se tornou uma das mais importantes figuras da resistência moral durante os anos negros do regime militar. É uma biografia, mas não é uma biografia. (MOACYR SCLiar..., 1997, p.D2).

No trecho acima o crítico emite claramente seu juízo de valor sobre a obra com a utilização do adjetivo “magnífico” e de outras construções no texto. Não deixa claro se o fato do livro ser bem sucedido é uma questão de realização literária ou de recepção do público e começa a introduzir o tema do romance, ou novela. Mas o que mais chama a atenção é que, após ter feito uma digressão sobre os anos 80 e apontado o romance histórico como o grande achado da época, Castello aproxima o livro de Scliar da biografia. O que é um pouco estranho para um crítico com tamanha leitura e conhecimento, já que o livro não corresponde nem no formato nem no processo a uma biografia.

Nos próximos cinco parágrafos, que também estão muito mal digitalizados não permitindo uma citação precisa, Castello narra a história, ou melhor, o enredo do livro. Conta quem foi Nutels, de onde veio e o que fez até o desfecho com sua morte. Estes parágrafos são, portanto, voltados para o resumo do enredo, mas também há uma observação interessante, quando o crítico supõe que a relação do narrador com o protagonista é imaginária.

Após o subtítulo “Inexorabilidade”, o crítico ainda mantém parágrafos de resumo do enredo, agora mesclados com depoimentos do autor e um pouco de sua análise, como no trecho abaixo:

O anonimato do narrador, é importante dizer, não é um dado supérfluo. A identidade oculta, na verdade, não oculta coisa alguma. “Esse personagem que não tem rosto é uma opção deliberada”,

Scliar diz. “Ele pode ter pedaços de mim, mas é um resultado antes de tudo de minhas fantasias”. É o sinal de que, para Scliar, a história – com seu imenso H – é o que menos importa. (MOACYR SCLiar..., 1997, p.D2).

O texto crítico de Castello vai ganhando, assim, ao longo dos parágrafos, o aspecto de resenha e, além disso, vai se misturando com o texto jornalístico (lembrando que Castello é jornalista) e utilizando declarações do autor sobre sua obra, quando estas talvez não importassem tanto para a escrita da crítica. Mais um exemplo dessa voz do autor pode ser encontrado no parágrafo seguinte:

O personagem histórico de Nutels também ele, é apenas uma provocação para que a fantasia se desencadeie e tome a frente da cena. É, também, um alter ego que Scliar usa para, sem nenhuma veleidade de realizar uma autobiografia, falar um pouco também de si. “Exponho neste livro meus dilemas pessoais e também os dilemas de minha geração, pois não posso estar fora dela”, Scliar diz. “Essa geração que fez muitas coisas extraordinárias, outras não tão boas, mas cuja experiência jamais se descolou da história”. (MOACYR SCLiar..., 1997, p.D2).

Neste ritmo o crítico segue por mais nove parágrafos. O caso aqui não é nem o de observar certos vícios de linguagem, como o “diz” ao final da declaração, nem sugerir que o escritor tomou o texto crítico para si, e sim que a quantidade de espaço que foi dedicada ao livro e dispensada a Castello foi mal aproveitada, poderia haver uma crítica do começo ao fim, mas tem-se uma crítica no começo, uma resenha no meio, uma reportagem no final até que se volta à crítica, em alguns momentos, como o transcrito abaixo:

Também aqueles que forem ler A majestade do Xingu como se tomassem uma biografia assinada por Castro, ou Morais, se deixarão iludir, Noel Nutels é apenas o núcleo exposto, o osso fraturado, peça em torno da qual se enrolam os condutores narrativos e em torno tudo o mais é fantasia brilhante. (MOACYR SCLiar..., 1997, p.D2).

Seguido deste parágrafo em que o crítico novamente relaciona a obra com biografia, tem-se um trecho que volta para a reportagem jornalística informando onde o autor estará nos próximos meses, informação aparentemente desconexa do restante do texto a não ser pela temática judaica das palestras que irá proferir, mas

que realmente não importam para a análise do romance, afinal este é um tema constante na obra do autor e que não foi mencionado pelo crítico:

“Esse é um território que talvez se esteja esgotando”, diz. “As mudanças no mundo são tão aceleradas que, daqui a pouco, a experiência do judaísmo poderá restringir-se à expressão religiosa que não compartilho, ou à vida em Israel, o que também não é o meu caso”. Ainda que essa previsão pessimista se realize, restarão os livros – e *A majestade do Xingu* será peça importante desse acervo de resistência. Em que, por fim, não é só a cultura judaica que resiste, mas toda a literatura. (MOACYR SCLIAR..., 1997, p.D2).

Este último parágrafo do texto confirma a evolução do mesmo, de um início promissor, com análise do panorama da literatura no Brasil até uma simples reportagem de jornalismo cultural, na qual parece que o crítico se perdeu e deu voz ao jornalista que passou a atestar tudo o que diz com declarações do entrevistado. Ao terminar o texto, Castello, ainda em ritmo jornalístico, aborda a questão judaica, tema constante na obra de Scliar, mas que infelizmente está situada no final do texto não permitindo uma maior exploração por parte do crítico, tão necessária para este romance em questão.

### 5.5 Sobre as críticas – 1981 a 2000 – *A majestade do Xingu* - *Folha*

A crítica da *Folha* foi escrita por Cristovão Tezza e intitula-se “Uma vida trepidante”. Data de 26 de outubro de 1997 e está no caderno *Mais!*. Ocupando duas colunas inteiras no meio da página, a crítica traz uma foto de Nutels e pelo seu título podemos indagar se ela também não focará mais no aspecto biográfico da obra.

O primeiro parágrafo começa da seguinte forma:

Um homem na UTI conta ao médico a história de sua vida: este é o eixo narrativo de *A majestade do Xingu*, o novo livro do escritor gaúcho Moacyr Scliar. Parece simples e banal – e, de fato, é uma história simples e banal, mas daquela forma especialíssima de simplicidade e banalidade que com frequência faz a grandeza da literatura. Para começar, o homem é um judeu russo sem nome cujo único feito notável, pelo que ele nos diz com patética insistência, ressaltando a cada linha a sua completa nulidade, foi ter vindo da

Europa ao Brasil em 1921, no cargueiro “Madeira”, ainda criança, junto com Noel Nutels, o mesmo Noel que se tornará, anos depois, o célebre sanitarista dedicado às populações indígenas. (UMA VIDA..., 1997, p. 13).

Datada do mesmo ano que a publicação do romance, meses depois da crítica de Castello, a aparência biográfica indicada pelo título não se realiza por completo no primeiro parágrafo, mas permeia todo o texto crítico. O próximo parágrafo, por exemplo, cortado por um *box* de serviço, se dedica a fornecer mais explicações da trama para o leitor, e finaliza com um ponto de vista de análise crítica ao comentar o narrador de Scliar:

O narrador não é nada, jamais pode querer ser nada, repetindo o clássico verso de Fernando Pessoa; mas é como se ele se refugiasse nessa “contra-identidade”; é como se ele só pudesse ser alguma coisa, não sendo o que o outro é. Há uma perturbadora afirmação do “não-ser” – e talvez aí esteja o seu segredo maior. (UMA VIDA..., 1997, p. 13).

Esta análise de Tezza é muito interessante já que foi o primeiro nas críticas encontradas em observar essa nulidade do narrador e não tentar atribuir este ao autor Scliar, como nas duas críticas anteriores:

Essa tensa e louca relação que vai definindo a alma do personagem ao longo de uma narrativa vertiginosa, realiza-se com uma linguagem de uma simplicidade irresistível. A partir da situação inicial, o homem falando a um médico que não interfere, mas cuja presença é outra tensão que pontua o livro. Moacyr Scliar simula tecnicamente uma perfeita oralidade, o único registro da linguagem que seria capaz de despojar ainda mais o personagem, tirando-lhe qualquer ranço retórico, qualquer projeto de pose literária, qualquer sombra de “estilo”. O que também será outra revelação: neste livro de Moacyr Scliar, a simplicidade é menos um estilo e muito mais a realização de uma ética, uma ética possível, aliás a sombra que parece atormentar o narrador ao longo de sua vida. Uma vida que corre pela oralidade, como a paisagem vista pela janela de um trem veloz – princípio e fim que se completam numa estrutura narrativa de rara unidade. (UMA VIDA..., 1997, p. 13).

No trecho citado Tezza se mostra um excelente “crítico escritor”, pois consegue analisar com detalhes e atenção o aspecto da linguagem utilizada por Scliar para compor seu romance. Sem levantar maiores problemáticas romanescas,

ou cair na resenha, o autor oferece ao leitor uma leitura crítica da obra, tendo como foco sua construção, não seu tema. Após esse trecho de análise, o crítico se volta mais para o enredo da obra nos próximos três parágrafos, entretanto não deixa de todo a análise do romance de fora do texto, como pode ser observado abaixo:

Atrás do balcão de sua nulidade, nosso herói imagina desvarios de alegria que se desdobram em castelos delirantes de uma outra vida, pontilhada tanto de aeromoças que o amam em bolhas plásticas em pleno céu quanto de um reencontro com um Noel Nutels que, nos sonhos, o reconheceria imediatamente mesmo anos depois. E o homem que conta vai promovendo também o sonho da comunhão universal, mental e geográfica, o sublime com o torpe, a confluência do índio com a civilização, o Xingu entendido como o umbigo do mundo, onde ele colocaria sua loja “A Majestade”, realizando a seu modo o ideário do ídolo Noel. (UMA VIDA..., 1997, p. 13).

Em um parágrafo o autor conseguiu oferecer ao leitor uma boa visão da obra e sua temática central e o caráter do personagem narrador.

No parágrafo seguinte Tezza narra um dos episódios com Sarita, uma das personagens e parte para o parágrafo final:

Se, de um lado, o livro é brasileiríssimo pelas suas referências imediatas, de outro ele se inscreve, nas próprias palavras do narrador, no “ininterrupto fluxo da torrente espiritual que arrasta, como troncos ou como gravetos, todos os escritores, todos os leitores, todos aqueles que se atiram de ponta-cabeça no caudaloso rio do texto”. Num afluente importante desse grande rio encontraremos a família literária de Scliar, agora num de seus mais inspirados momentos: “A imemorial culpa judaica, a culpa que nos acompanhava de país a país, de região em região, em nossa peregrinação milenar”. Em seu romance, Scliar realiza com sutileza tanto o tema do “duplo” (que o escritor Phillip Roth levou ao extremo em “Operação Shylock”) quanto a da “culpa imemorial”; nesse território, o torturado personagem de Scliar fará, com os heróis de outro romancista americano, Bernard Malamud (“O Assistente”), uma companhia à altura.

Numa palavra: “A majestade do Xingu” é um belo romance. (UMA VIDA..., 1997, p. 13).

Neste parágrafo de fechamento o autor coloca em voga algumas das questões levantadas pelos outros críticos, de forma mais simples e menos dramática, talvez, porém, apesar de ter um texto coerente, mais do que os demais, onde se percebe uma unidade, o final é completamente estranho ao texto. Depois de

uma longa dissertação sobre o romance o autor finaliza com a simples frase “é um belo romance”, o que pode indicar um corte de espaço e, portanto talvez mais texto estivesse por vir.

#### 5.6 Sobre as críticas – 1981 a 2000 – *Romance sem Palavras* – O Globo

A recepção crítica do romance de Carlos Heitor Cony não foi tão uniforme quanto a dos outros livros que aqui figuram, ou seja, enquanto alguns jornais dedicam mais de meia página com foto ao livro, outros, como o *Estadão*, não publicam uma palavra sequer a seu respeito. Por que? A resposta (ou as respostas) podem vir de diferentes direções, tanto de gosto pessoal em relação ao livro quanto de problemas entre o jornal e o autor ou a editora. Estas são especulações, importando somente o que se tem publicado, e isso iremos comentar aqui.

A primeira crítica analisada se encaixa no perfil da crítica jornalística propriamente dita. Assinada por Paulo Roberto Pires e intitulada “O tempo da delicadeza de Carlos Heitor Cony”, foi publicada no *Globo* em 10 de abril de 1999, no caderno Prosa e Verso. O texto conta com vários subtítulos e uma foto central de Cony. Logo abaixo do título tem-se a “gravata” (texto seguido do título): “Em ‘Romance sem palavras’, o escritor retoma os temas de sua obra num triângulo amoroso de tintas crepusculares” (O TEMPO da..., 1999). Após o título e seus derivativos temos o serviço, ou seja, qual livro está sendo apresentado, por qual editora e por quanto. Em seguida abre-se o texto:

Entre “O ventre”, estreia de Carlos Heitor Cony na literatura, e este “Romance sem palavras”, estão 41 anos de uma relação interrompida e retomada com a literatura e, como produto dela, 13 livros de ficção. O primeiro romance, violento e radical em sua experiência existencialista, tinha como pano de fundo o triângulo amoroso entre dois irmãos e uma mulher. Na novela que chega às livrarias esta semana, o trio de amantes é o centro da trama e mostra, mais uma vez, como essas relações triangulares em particular e os amores difíceis tem sido um *leitmotiv* na obra de um autor que não gratuitamente já usou como epígrafe (em “Matéria de memória”) a seca constatação de Ingmar Bergman: “O amor é horrível ocupação”. (O TEMPO da..., 1999).

Como pode ser observado, este parágrafo de abertura começa com uma retrospectiva da vida literária do autor e do sugerido tema central de sua obra em geral: o amor e suas armadilhas, sendo as relações de triângulos amorosos as mais recorrentes. O interessante deste primeiro parágrafo é que ele evita a fórmula *lead* e tenta oferecer ao leitor uma base dos assuntos discutidos na obra de Cony, uma técnica não muito utilizada na crítica jornalística.

O segundo parágrafo, como o primeiro, evita as armadilhas da fórmula *sublead* e abre com uma citação do romance analisado:

“Não tínhamos nada a conversar em especial, bastava que ficássemos juntos e o diálogo interior se formava, sem necessidade de palavras, como as peças musicais que levam o título de ‘canção sem palavras’”, afirma Beto, o narrador, dando assim a chave tanto da novela quanto de seu relacionamento com Jorge Marcos e Iracema. Professor de História, ele havia sido preso sob vagas acusações de subversão no início dos anos 70, uma das fazes mais violentas da ditadura. (O TEMPO..., 1999).

Aqui o jornalista utiliza a citação do trecho do romance para introduzir os personagens, o porquê do título do romance (ou um dos porquês) e a história. Os dois primeiros parágrafos do texto, escritos desta forma, conduzem o leitor pelo enredo do livro sem necessariamente entregá-lo nas primeiras linhas, adicionando informações conforme se dá a leitura, o que tende a cativar a atenção do leitor por mais tempo no texto. Importante ressaltar que ao final deste parágrafo tem-se a indicação de que o romance é de base histórica, mais precisamente da ditadura militar no Brasil.

Na sequência há uma quebra no texto com o seguinte subtítulo: “Livro autobiográfico abala relação dos personagens” (O TEMPO..., 1999). Pode-se perceber que neste momento mais uma informação é adicionada: romance autobiográfico. O parágrafo que se abre é o seguinte:

Na cela de onde ouvia, sozinho, os gritos de bárbaras torturas, foi jogado o corpo, desfigurado, de Jorge Marcos. A ele Beto dedicou cuidados e amizade e, ao deixar a prisão, uniu-se a um grupo organizado para tentar libertar o ex-companheiro da cadeia que, ele agora o sabia, era um padre completamente mobilizado pela luta política. Engajado pelo afeto, Beto acaba se apaixonando por Iracema, num romance proibido, pelo menos aparentemente, pela

rígida hierarquia das organizações clandestinas. (O TEMPO da..., 1999).

Neste momento o jornalista entra no enredo propriamente dito do romance sem, contudo, revelar o caráter autobiográfico da obra. No parágrafo seguinte mais um mergulho no enredo:

São os três que aparecem, no início da novela, conversando na varanda de uma confortável casa em Angra dos Reis. O ano, 1995, quando Iracema e Jorge Marcos comemoram “o sétimo ou oitavo ano em que viviam juntos”. O país mudou, o agora ex-padre ensina literatura e joga na bolsa, a destemida guerrilheira é uma bem-sucedida advogada. Na futilidade de um almoço comemorativo, subsiste, entre os três, uma relação sem palavras que, afinal, é também uma sucessão de não-ditos, de cumplicidade e de temores velados. (O TEMPO..., 1999).

Tem-se, assim, uma descrição mais precisa da relação entre os personagens e o contexto da situação histórica, presente X passado, o relacionamento da juventude que se estendeu pela vida e fornece, assim, mais uma chave de leitura para o romance sem palavras, ou seja, os “não-ditos” do triângulo amoroso e da amizade.

Na continuação, mais informações sobre o enredo e o fechamento do subtítulo:

Este delicado equilíbrio ameaça romper-se quando Jorge Marcos, intrigado com as constantes “ameaças” de Iracema em transformar suas memórias num romance, vai bisbilhotar o *notebook* da mulher. Entre os personagens de uma narrativa claramente autobiográfica, ele acredita descobrir uma das palavras não ditas nessa relação: Iracema só ama verdadeiramente Beto, o homem a quem ele, Jorge Marcos, é eternamente grato por ter salvo sua vida. É esta revelação que vai desencadear uma penosa revisão na relação dos três. (O TEMPO..., 1999).

Somente neste parágrafo final é que o caráter autobiográfico do romance sugerido no subtítulo é revelado. Se o leitor desavisado pensou que era relativo ao autor, Cony, se enganou. Este recurso do jornalista (ou de seu editor) pode tanto ser fruto da edição do texto, ou seja, ao final da produção optou-se pelo uso dos

subtítulos para facilitar a leitura, como pode ser um recurso para prender a atenção do leitor sugerindo algo e entregando outro. A primeira opção é a mais provável.

Em seguida tem-se mais um subtítulo: “Rio de Janeiro é descrito com olhos apaixonados” (O TEMPO... 1999), o texto que segue é o seguinte:

“Romance sem palavras” espelha fielmente o universo ficcional de Cony, estabelecendo uma continuidade com elementos dispersos por sua obra. Como o narrador de “Informação ao crucificado” (1961) e as lembranças do próprio autor em “Quase memória” (1995), Jorge Marcos luta todo o tempo com sua vocação religiosa. Como o protagonista de “Pessach, a travessia” (1967), Beto é engajado na luta política mais pela força das circunstâncias do que pela ideologia e, sempre que pode, sublinha o absurdo do engajamento. (O TEMPO..., 1999).

Neste segundo subtítulo o jornalista inicia sua crítica propriamente dita. Utilizando de termos como “universo ficcional” e fazendo novamente uma revisão da trajetória do escritor.

Em seguida o tema Rio de Janeiro:

E, assim como em toda sua obra, o cenário é um Rio de Janeiro descrito com detalhes de morador da Zona Sul e, sobretudo, olhos apaixonados. “Cheguei a pensar que se dirigia à Igreja de São José, um negócio abominável e redondo, todo de vidro, que entre outras coisas prova que não se fazem mais igrejas como antigamente”, comenta Beto, num carioquismo militante, em defesa da Lagoa. (O TEMPO..., 1999).

Esta característica de contextualização geográfica é apresentada neste parágrafo sem necessariamente uma análise, mas, como será visto no final do texto, a insistência em explicar as paisagens cariocas será chamada de “didatismo”.

No parágrafo seguinte o jornalista volta ao tema das relações no romance:

Mas, diferentemente dos arroubos apaixonados da grande maioria dos personagens de Cony, sempre arrastados pelo desejo para mulheres que são céu e inferno e despertam o sublime e o horror, os protagonistas de “Romance sem palavras” amam “devagar e urgentemente”, na imagem da canção de Chico Buarque que parece perfeita para traduzir a atmosfera um tanto crepuscular e um pouco melancólica do livro. Se, em todos os amores complicados de Cony, os interditos impostos pela moral da típica classe média carioca – e pela sociedade como um todo – detonaram tanto a tempestade

existencial dos personagens quanto suas frustrações, aqui Beto, Jorge Marcos e Iracema não estão tão sujeitos às coerções externas e cada um tem que enfrentar a verdade de seu desejo. (O TEMPO..., 1999).

Neste trecho o jornalista aponta para uma questão interessante que é a mudança da prosa do autor, já que, claramente, o jornalista se propõe a uma crítica per passando pela a obra do escritor, aqui ele deixa claro que não é de se esperar grandes rompantes de paixão, mas sim uma relação mais nebulosa, silenciosa, sem palavras.

Na sequência, o último parágrafo deste subtítulo:

Um exemplo é o papel secundário que aqui assume a traição da mulher, sempre retratada como preza e algoz do homem. A infidelidade das mulheres (des) orienta a personalidade de José de “O ventre” e faz o inferno de Luís em “Antes, o verão” (1964). É, na obra de Cony, a repetição como farsa da expulsão do Paraíso. Um peso do pecado original que começou a se dissipar na beleza do recente “A casa do poeta trágico” (1997) e ganha leveza nesta novela que, às vezes, dá a impressão de pouco precisar de palavras mesmo em suas enxutas 132 páginas. (O TEMPO..., 1999).

Concluindo, assim, sua análise baseada na retrospectiva da obra do autor, o jornalista fornece mais informações que corroboram com a mudança de tom na presente obra de Cony.

Continuando a análise retrospectiva tem-se mais um subtítulo: “Autor é totalmente fiel ao seu projeto literário” (O TEMPO..., 1999) seguido do texto:

Este é um Cony fidelíssimo ao seu projeto literário e, ou por isso mesmo, diferente do Cony que se conhece. Não que o livro traduza um mundo róseo e sem conflitos: há, como em todo lugar e todo mundo, rancores, mágoas, desentendimentos, desilusões, carinho e nostalgia que corre sob a banalidade das relações massacradas pelo cotidiano. Só que os personagens de “Romance sem palavras” encontram a medida da delicadeza para lidar com esse “lixo” da existência. Beto, por exemplo, jamais pensava em Iracema com rancor, mas “como se ela fosse um daqueles marcos antigos, cobertos de limo, que a gente encontra quando passeia pelas Paineiras, nos caminhos abandonados e cobertos por árvores daquela que é considerada a maior floresta urbana do mundo”. (O TEMPO..., 1999).

Neste caso não parece haver a necessidade de um subtítulo para continuar o assunto do tópico anterior como o jornalista aqui o faz. Talvez o tema tenha lhe parecido demasiado pesado para não ter pausas de leitura, ou visualmente esta divisão lhe favorecesse. Em todo caso, aqui ele utiliza trechos do livro para reafirmar a mudança no tom das relações dos personagens de Cony.

Em seguida tem-se o último subtítulo do texto, no qual o jornalista pontua os momentos altos e baixos do romance: “Didatismo é incômodo para a narrativa” (O TEMPO da..., 1999). Seguido do texto:

Nesta última frase, aliás, um resumo dos méritos e do senão que perpassa esta novela que, como o autor mesmo revelou em entrevista ao GLOBO, foi escrita em 11 dias. À bela poesia de algumas descrições, Cony insiste em contrapor, quase didaticamente referências do cotidiano, que variam desde a explicação do que é a Floresta da Tijuca até insistentes referências a uma marca de uísque e considerações diversas sobre a realidade política brasileira. (O TEMPO..., 1999).

Tal parágrafo é muito interessante, pois como veremos a seguir, esse didatismo não parece incomodar outros críticos, mas infelizmente o jornalista parou por aí, não explorou mais o tema. Motivo para tal, somente o próprio crítico pode responder, mas podemos cogitar tanto a possibilidade de interferência editorial do jornal quanto da editora, quanto do próprio jornalista, que não quis insistir no assunto por falta de espaço ou por ser desnecessário necessidade já que no parágrafo seguinte, fecha o texto com salvas positivas para o autor:

“Romance sem palavras” é, sobretudo, um escritor no auge de seu domínio técnico, com uma notável capacidade de condensar emoções e, ainda, surpreender o leitor com um final de mestre. Carlos Heitor Cony mostra com esta novela como um autor pode se manter fiel a si mesmo sem, de forma alguma, se tornar uma cópia do que já foi. (O TEMPO..., 1999).

A análise de Paulo Roberto Pires tem o tom mais ligeiro do jornalismo mas não se prende a fórmulas de texto. O crítico tende a segurar a mão quando aponta características negativas na obra e também não se aprofunda muito nas positivas quando estas não se dão pelo respaldo histórico da revisão da obra de Cony. De qualquer forma, ainda é uma boa análise e de fácil compreensão.

## 5.7 Sobre as críticas – 1981 a 2000 – *Romance sem Palavras* – *Folha de S. Paulo*

A segunda crítica comentada sobre *Romance sem Palavras* é de autoria de Arthur Nestrovski, publicada na *Folha de S. Paulo* em 20 junho 1999, sob o título: “A miséria do ciúme”.

Esta crítica se distancia mais da linguagem jornalística em alguns aspectos, como podemos verificar em seu primeiro parágrafo:

Quem não quer uma vida sem palavras? Ou sem a necessidade delas? Quem não quer o entendimento direto das coisas? Quem não quer um diálogo seja de amizade ou de amor conduzido nos tons imediatos do silêncio? E quem não está preso seja na amizade ou no amor às obliquidades e opacidades da fala? “Palavras, palavras, palavras: quem não quer um romance sem palavras? [sic.] A interpretação dos livros, como a dos sonhos, é uma das tantas maneiras de multiplicar o que foi cifrado; e isso ainda é pouco, comparado à decifração do passado, ou pior, à decifração do passado num livro. Ou, pior ainda, à decifração de um amor do passado num livro. Amor, passado e livro se confundem no novo trabalho de Carlos Heitor Cony, “Romance sem Palavras”. Descrito pelo autor como uma novela, seu tema é um romance, nos dois sentidos: romance de amor e romance literário, o romance que conta a história de um romance. Conta um romance de história, também, episódios da vida brasileira sob a ditadura militar. (A MISÉRIA..., 1999).

Neste parágrafo de fôlego o crítico abre com questionamentos seguidos de afirmações que se repetem, compondo uma espécie de prosa poética, mas que não se perde no estilismo, pois apresenta todas as informações necessárias para o leitor saber do que trata sua crítica e como e sobre o que é o romance analisado.

No trecho seguinte o crítico se aprofunda nos tempos do romance, presente e passado explicando mais sobre a relação dos personagens na ditadura militar até o presente. Infelizmente tal trecho está muito mal digitalizado para ser citado aqui por completo. Seguimos, então para o terceiro parágrafo:

Que esse enigma faça parte de um triângulo amoroso e que o triângulo vá sendo enquadrado em novas geometrias afetivas ao longo do tempo e, acima de tudo, o que oferece ao autor a possibilidade de fiar sua narrativa. Visto de outra perspectiva, mais ambiciosa, o enredo das paixões é também, de modo indireto, uma forma de acompanhar a realidade inacessível daquele passado, um

momento do passado do Brasil que parece tão distante. O caráter artificial dos nomes, desde a musa “Iracema”, nome de guerrilheira, anagrama romântico de “América”, até o igualmente romântico e anagramático “Raul”, uma das “tantas reencarnações de Che” daquela época, e até mesmo “Beto”, que pode ser hamletianamente invertido em “to be”, num livro que cita Shakespeare mais de uma vez, reforça a condição de virtualidade desse livro tão voltado para o entendimento humano do que foi vivido. (A MISÉRIA..., 1999).

O trecho acima traz uma observação única, já que não foi encontrado nada semelhante em nenhum dos outros textos sobre o livro, que é a análise dos nomes dos personagens, e o melhor, perceber a motivação de tais escolhas. Neste caso, a interpretação do crítico, como o mesmo já se desculpou no primeiro parágrafo, é tão acurada quanto a de sonhos, ou seja, não há material para corroborar com sua análise, mas ela é bem sustentada o que a torna plausível.

No parágrafo que se segue o crítico se volta para a obra do autor em geral:

O risco maior de Cony, aqui como em seus outros romances recentes, na sequência aplaudida de “Quase Memória” (1995), “O Piano e a Orquestra” (1996) e “A Casa do Poeta Trágico” (1997), é cortejar a sentimentalidade. Cada um desses livros resiste a ela como pode. As quebras e saltos da narrativa no “Romance sem Palavras” são uma forma de contrabalancear essas comoções, que não deveriam ser lidas como centro do livro, nem muito menos da experiência. Certa ênfase no coloquialismo tem o mesmo propósito de criar um contrapeso para as afetações do sentimento. Nesses momentos, a sabedoria literária de Cony fraqueja pela própria coragem: o naturalismo assumido de palavras como “cara” ou “sacanear” soa artificial. Cony é um encantador, não desencantador, de palavras; é tão mais simples e convincente quando faz de lugares como “Fonte da Saudade” e “um dos prédios mais antigos até de Higienópolis” nomes de sítios mitológicos, locais fantásticos onde se passa uma vida mais alta, mais intensa – uma vida, precisamente, da literatura. (A MISÉRIA..., 1999).

No período acima o crítico trabalha com outros romances do autor, mas contrariamente à crítica anterior, foca nas obras mais recentes evocando o sentimentalismo característico de Cony em seus livros e principalmente trazendo a questão da linguagem coloquial que, segundo o crítico, não foi bem realizada, soando artificial.

No parágrafo seguinte o crítico volta a apontar os pontos positivos do romance:

Que o livro seja de natureza mais modesta que os anteriores não diminui seu grau de comprometimento. A busca de um sentido retrospectivo é uma paixão de toda essa “geração desperdiçada”, observando agora, com desprezo, resignação ou contentamento, o país que poderia ter sido e o que se tem. Esses ex-guerrilheiros, hoje professores, advogados, investidores da bolsa, representam, uns para os outros, as imagens do que de mais forte se quis e se fez e do quanto sobrou – tão pouco – de tanta paixão e tanto sacrifício. (A MISÉRIA..., 1999).

Neste momento o crítico se deixa absorver pela trama do livro e a transporta para a realidade, há uma fusão do texto de Cony com o conteúdo da crítica, como pode ser observado pelo uso da expressão “geração desperdiçada” utilizada no romance e que na crítica aparece entre aspas.

No próximo trecho o crítico continua a análise do romance:

A retrospectiva é também um exercício espiritual dos amorosos, confrontados aqui e ali com os signos do passado, semelhantes aqueles “marcos antigos, cobertos de limo, que a gente encontra quando passeia... nos caminhos abandonados”. A “perda da mulher que durante um verão e que, no clima exaltado que alimentava, esperava reencontrar para ser e para sempre” é o que move o narrador a recriar o acontecido. Isso para, quem sabe, chegar, afinal, ao que se passou. História e amor, no caso, têm um movimento análogo: ninguém, no livro, está inteiramente no presente. O presente só se revela depois – e pode trazer surpresas. (A MISÉRIA..., 1999).

Mais fusão entre crítica e romance. Interessante notar o uso da mesma citação da crítica anterior em uma situação diferente, aqui o crítico não fala de Iracema apenas, mas dos signos do passado que o triângulo amoroso vivencia sem nunca estar no presente.

Continuando a análise temporal do romance:

As pressões da narrativa constituem assim um modo de entrar na opacidade do mundo. Mas Cony é controlado e, no fundo, bem-humorado o suficiente para não acreditar de todo nessas iluminações. É Iracema, não Beto, quem anuncia que está escrevendo um “Romance sem Palavras”; e nada nos impede de ler o livro como obra dela, o que levaria a uma interpretação muito diferente de seu desenlace. São pelo menos dois romances, então, o que se vai ler. E há um terceiro, ainda: o romance verdadeiramente sem palavras, a história de um amor escondido atrás dos outros,

aquilo que é “talvez, o maior sentido da vida”, mas que, no caso, revela só a falta de sentido de tantas outras vidas vividas na ilusão e no erro. (A MISÉRIA..., 1999).

Aqui o crítico traz uma nova luz à análise do livro: o romance que Iracema está escrevendo, que pode ser muito bem o que está sendo lido no de Cony, gerando assim, uma segunda chave de interpretação.

No penúltimo capítulo o crítico volta ao título do romance:

Mais um romance sem palavras se adivinha, também, fora do livro, na sequência da história, que cada leitor há de imaginar como puder. O fingimento revela-se, no fim, como uma lei não só da ficção, mas da compreensão, e da compreensão de si em particular. A miséria do ciúme, epigrafada com frases de “Othello” e do “Inferno” de Dante, chegará então à apoteose ou ao zero, segundo o caráter ou a sorte de cada um. (A MISÉRIA..., 1999).

Aqui o crítico volta ao enredo do livro revelando em partes para o leitor, seu ápice. Na sequência há o fechamento do texto:

Todos nós, portanto, assim como o narrador e seus colegas de trama, temos bom motivo para desejar o silêncio e a intuição completa. Ou então a música – a música sem palavras, um dos nossos mitos da vida interior. Mas a última palavra fica, naturalmente, por conta do autor. Nem Beto, nem Iracema, nem Raul, nem Jorge Marcos, mas ao mesmo todos e nenhum, é ele quem vem mais uma vez exercer seu papel sagrado e humano de compor histórias e nos ensinar a ler romances, de palavras ou sem. (A MISÉRIA..., 1999).

Com este parágrafo de fechamento o crítico consegue retornar, de certa forma, ao início de seu texto, estruturando-o de maneira correta. Os personagens voltam a aparecer e o título do romance e seus múltiplos sentidos, também. Esta é uma crítica leve, porém bem trabalhada, na qual o autor não mediu esforços em sua análise, mas nem por isso a tornou demasiada complexa.

## 5.8 Sobre as críticas – 1981 a 2000 – *O Selvagem da Ópera* – *O Estado de S. Paulo*

A primeira crítica sobre *O Selvagem da Ópera* de Rubem Fonseca data de 28 de agosto de 1994 e foi publicada no *Estadão* sob o título de “O Selvagem da Ópera” na coluna de Paulo Francis, “Diário da Corte”.

O primeiro parágrafo inicia já com a morte de Carlos Gomes:

Rubem Fonseca descreve como falsificaram as receitas dadas a Carlos Gomes, nosso melhor músico, quando morreu, para parecer que ele tinha sido bem cuidado medicamente. A fotografia, Carlos Gomes em seu leito de morte foi encenada, ele já morto há algum tempo, mas criando a impressão de que era um instantâneo da morte. Está tudo em *O Selvagem da Ópera*, 246 págs, R\$ 13, Companhia das Letras. Carlos Gomes morreu abandonado pela República. No longo parágrafo da página 242 até a 243, descrevendo as lembranças de Carlos Gomes, antes de sua morte violenta (parecida com a de Oscar Wilde, que também explodiu, por assim dizer), Rubem mostra que só literatura pode dimensionar o humano sem simplificações. (O SELVAGEM..., 1994).

Neste primeiro parágrafo o crítico traz os fatos biográficos presentes no livro de Fonseca, realiza o serviço, ou seja, nome do livro, editora, etc, mas não deixa de indicar ao final de que o mesmo não se trata de uma biografia e sim de uma obra literária.

Na sequência, o crítico volta ao enredo biográfico:

O livro é cheio de revelações. Vamos ao Rio imperial, em que o palácio de D. Pedro fede porque ali perto os escravos despejam nas águas o excremento da cidade. Conhecemos esse negro de alma de branca, André Rebouças, engenheiro, que se exilou na República na Ilha da Madeira e teve um fim trágico. A roda do Visconde de Taunay, e até o Barão de Mauá, que sonhou com o Brasil industrializado, estão entre os extras. Em Milão, encontramos boêmios boas-vidas, os *scapigliati*, da *scagliatura*, literalmente descabelamento, com pretensões estéticas de abolir barreiras entre as artes, iconoclasmo, badernas, contestação do convencional, waal, vocês sabem como é. Continua... (O SELVAGEM..., 1994).

No parágrafo acima Paulo Francis apresenta mais fatos biográficos presentes no romance e o interessante é perceber o uso de determinadas informações que podem parecer elitistas, dos *happy few*, que Castro Rocha

menciona a respeito da coluna de Francis discutido no início deste trabalho. Tais informações se repetirão ao longo do texto.

No parágrafo seguinte o fechamento da primeira parte do texto onde são três as situações biográficas da obra que Francis apresenta:

O mais interessante do grupo é Arrigo Boito, libretista de Verdi no apogeu de seu gênio (Simon Bocanera, Otello e Falstaff). As mulheres de Carlos Gomes, desde a costureirinha que papa, virgem (os dois), no Rio, a Adelina, com que se casa e procria à beça, Haricléa Darclée, a quem menos maltratou, são críveis. Os pais de Adelina se opõe [sic] por racismo ao casamento. Carlos consegue uma carta de recomendação de D. Pedro. Casaram. Morrem os filhos varões do casal. Adelina acusa-o de sangue ruim. Ele bate nela. (O SELVAGEM..., 1994).

O ritmo utilizado pelo crítico para trazer tais fatos biográficos talvez seja o mais interessante dessa sequência de parágrafos de abertura do texto. Na sequência há um subtítulo “Zona do agrião”, em parágrafo único:

Rubem nota que pouca gente conhece Carlos Gomes, mas alguns conhecem *O Guarani*. O tenor que estreou Peri em Milão, Villani, recusou-se a tirar o bigode, logo tivemos um índio meridional italiano. José de Alencar ficou tiririca em face da adaptação de sua obra (chata). Verdi disse que gostou, mas a frase que todos nós, digo, da geração de Rubem e minha, conhecemos, “Esse rapaz começa por onde terminei”, é falsa. Rubem atribui a Rossini sobre Bellini, que morreu com 34 anos. Wagner, sim senhor, adorava Bellini. Mas quem esquece *Casta Diva*? Callas nos fez ver o gênio quando ressuscitou *Norma* e *I Puritani*. Até Boito, mau músico, escreveu *L'altra notte...* em *Mefistofele*, que soprano nenhuma de voz grande resiste. O problema de Carlos Gomes é que não é memorável. É formalmente pobre e de inspiração derivativa. Talvez devesse ter feito uma obra sobre os Palmares. Soltaria a espontaneidade que represou a vida inteira. Talvez por isso explodisse ao morrer. (O SELVAGEM..., 1994).

Nesse trecho o estilo despojado do crítico aparece com mais clareza. O que mais chama a atenção é que Paulo Francis muda o foco do romance para o personagem e passa a criticar este enquanto músico.

Na sequência mais um subtítulo, “Presença de Osíris”; Rubem cria um Carlos Gomes sensual, priápico, que, depois que goza a mulher, sofre em excesso do *post-coitum triste*, dessa melancolia tão masculina depois do ato, ao contrário da mulher que quer, em geral,

carinho, intimidade e afeição. Carlos não conhece a satisfação, a serenidade, o assentamento emocional, que seja; mesmo no sucesso, há uma sobrecarga irremovível de tormento. Se o pai de Carlos Gomes matou ou não a mãe dele me parece um dado fascinante das descobertas do livro, mas não vejo em que explique a incapacidade de ser original de Carlos Gomes, ou sua personalidade narcisista: “Carlos sofre quando percebe que nem todos o amam – nos momentos de depressão *ninguém o ama* – mas ele não ama ninguém, nem a si mesmo”, escreve Rubem. Está falando conosco, 1994. (O SELVAGEM..., 1994).

Neste trecho Paulo Francis continua a crítica ao personagem (à pessoa Carlos Gomes) misturando a mesmo com passagens do romance de Rubem Fonseca. No trecho seguinte o crítico continua sua crítica ao personagem:

O maior sucesso do livro é demonstrar que a síndrome de Osíris está entranhada em nossa alma. O Brasil odiava o sucesso de Carlos no Exterior. Rebouças diz a ele: “Deves mesmo sair do Brasil, não és, como nós, condenado a esta terra de botocudos e de aimorés, cheia de vilania e inveja”.

Pequenos tecos. Por que não dizer ao leitor que o crítico Corno di Basseto é Bernard Shaw, o maior crítico musical do século 19? Wagner não me parece influenciado por Beethoven e, sim, por Liszt, de quem copiou trechos inteiros (Liszt teria dito: “Assim ficarei imortal”). É o Wagner do *Anel* e *Tristão e Isolda*, que deixou os sucessores num beco sem saída, Carlos Gomes parece não ter conhecido esse Wagner. Na página 236, Puccini diz a Carlos: “Há poucas coisas melhor (sic) no mundo do que um bom charuto”. Rubem no momento que escreveu isso, , deve ter olhado para a propaganda eleitoral de Lula... Acontece, como dizia Gal Costa. É também *connoisseur* e não “...*naisseur*”. Tudo facilmente corrigível em outras edições. (O SELVAGEM..., 1994).

O estilo de Paulo Francis se sobrepõe à crítica, até mesmo ao romance, que parece servir apenas de pano de fundo para o crítico atirar suas opiniões a respeito do compositor, das óperas e política.

Na sequência o último parágrafo:

A imersão de Rubem no período me parece um bálsamo contra o minimalismo telegráfico e populacheiro de tantos modernos, mas acho excessivo quando Carlos vai comprar láudano (ópio), que tenhamos de ler um histórico sobre a droga, sem ao menos menção de contemporâneos como Cocteu, Graham Greene, que fumavam. O livro se sustenta como literatura, sem que Rubem também precise nos distanciar emocionalmente do drama, escrevendo que vemos um filme, dando ângulos, nuances de montagem, etc., que esfriam a

narrativa. Empaquei algumas vezes. Mas a meio caminho *O Selvagem da Ópera* se torna leitura irresistível e tem um final que é como um mergulho no abismo. (O SELVAGEM..., 1994).

Na finalização do texto temos *flashes* da análise que poderia ter sido realizada nos parágrafos anteriores. Aqui Paulo Francis explica pela primeira vez que o romance é feito em forma de roteiro, mas diz que isso não necessariamente cria um distanciamento emocional, o que não será observado na crítica seguinte, menciona um certo didatismo e ao final elogia o trabalho do escritor. O estilo de Paulo Francis se sobressai à crítica, diminuindo-a, ou seja, o romance de Rubem Fonseca não é o objeto da crítica de Francis, mas sim um motivo para o crítico espalhar seu conhecimento sobre ópera, história e seus próprios julgamentos a respeito de Carlos Gomes.

#### 5.9 Sobre as críticas – 1981 a 2000 – *O Selvagem da Ópera* – *O Globo*

Esta crítica data de 15 de agosto de 1994 e foi publicada no *Globo* por Luciano Trigo sob o título de “Sua vida foi uma ópera”. Seguindo mais a linha da crítica jornalística tradicional o autor abre o primeiro parágrafo:

“Isto é um filme, ou melhor, o texto de um filme que tem como pano de fundo a ópera, como principal personagem um músico que depois de amado e glorificado foi esquecido e abandonado, um filme que pergunta se uma pessoa pode ser aquilo que ela não é, um filme que fala da coragem de fazer e do medo de errar”. (SUA VIDA..., 1994).

Estranhamente o jornalista neste primeiro parágrafo escolhe começar com um trecho do próprio Rubem Fonseca, onde o mesmo descreve tanto a forma quanto o tema de seu livro.

Na sequência o jornalista apresenta o livro por si mesmo:

Essa declaração de intenções presente nas primeiras páginas de “*O selvagem da ópera*” – o novo romance de Rubem Fonseca, que a Companhia das Letras lança esta semana – deixa claro que o

escritor permanece fiel a pelo menos duas de suas obsessões, o cinema e a música. Mas também serve como um alerta irônico para o leitor: o que ele tem nas mãos não é exatamente uma biografia romanceada, mas um texto preparatório para um filme imaginário sobre a vida de Carlos Gomes, autor de “O Guarani” e “Fosca”. (SUA VIDA..., 1994).

No trecho acima pode-se destacar duas coisas: a síntese do jornalista em trazer tanto enredo, quanto serviço e autor em um só parágrafo, quanto também a justificativa implícita do primeiro parágrafo.

No próximo trecho o jornalista continua a trabalhar a questão do roteiro cinematográfico:

“O selvagem da ópera” é portanto um romance que nega a sua condição, paradoxo reafirmado diversas vezes durante o texto (nesse sentido o escritor lembra Magritte, que desenhou um cachimbo acompanhado pela frase: “Isto não é um cachimbo”. “Se eu fosse um romancista...”, Rubem chega a escrever.). Corre por conta disso a primeira surpresa do livro: a quantidade incomum de digressões sobre a natureza do cinema e da literatura, a chamada metalinguagem. Virão outras. (SUA VIDA..., 1994).

A analogia com Magritte é interessante já que o romance se apresenta como um não-romance, um roteiro cinematográfico. É interessante notar que aqui o jornalista insere a questão da metalinguagem e das (excessivas) interferências no romance que lembram o leitor a todo momento que ele não está lendo um romance.

No próximo parágrafo o jornalista se volta para a estrutura e enredo do romance:

Machadianamente estruturado em capítulos curtos, o livro recria a atribulada trajetória de Carlos Gomes a partir de seus 23 anos, pouco antes de trocar Campinas pelo Rio de Janeiro, em busca do patrocínio do imperador Pedro II. Prossegue com sua partida para a Itália, onde conhece o prazer efêmero da glória e a amargura duradoura das críticas: “(Carlos) sofre com o mais leve repúdio, não tem forças para suportar rejeições, ele precisa – precisa! – ser festejado e amado por todos”. Mostra, por fim, a penúria material e existencial de seus últimos anos, marcados por tragédias familiares e pelo fim do impulso criativo. (SUA VIDA..., 1994).

Novamente a síntese do jornalista aparece no texto, resumindo em um parágrafo tanto a condição psicológica do personagem quanto a trajetória biográfica abordada no livro.

No próximo parágrafo o texto volta-se para o autor e o trabalho de pesquisa histórica para construir o romance, trazendo também a questão de que este não é uma biografia, utilizando para tanto uma declaração de Rubem Fonseca:

Depois de um breve retorno ao gênero conto, em “Romance negro e outras histórias”, Rubem Fonseca volta ao romance com a elegância de estilo habitual. Seu trabalho de reconstituição histórica, baseada na leitura de mais de cem livros e da vasta correspondência do compositor – ainda que o autor não abra mão de brincar com a tênue fronteira entre verdade e imaginação: “Todo fato é uma interpretação subjetiva (mentirosa) daquilo que observamos”. E, além da riqueza do mundo operístico da segunda metade do século passado – em que circulavam Verdi, Wagner e Puccini, entre outros - seu personagem é fascinante: artista incompreendido, de temperamento conflituoso, dado a aventuras amorosas (há um momento em que o artista é descrito como “um daqueles personagens ambiciosos de Balzac que vêm da província e procuram subir na vida frequentando a alcova das grandes senhoras da nobreza”). Essa matéria-prima, nas mãos de Rubem Fonseca, já é garantia de uma grande arte. (SUA VIDA..., 1994).

Neste trecho o jornalista também aborda a personalidade de Carlos Gomes enquanto personagem, ou seja, como nas mãos de Rubem Fonseca o gênio do personagem pode ser utilizado para elevar o romance.

No próximo trecho o jornalista observa alguns pontos negativos na obra:

Ainda assim, “O selvagem da ópera” é o romance menos brilhante de Rubem Fonseca. Duas opções até certo ponto surpreendentes impuseram à narrativa uma camisa-de-força formal, em alguns momentos: primeiro, a opção pela estrutura de mosaico, em que o retrato do protagonista surge da soma de **flashes** curtos de sua vida (um empreendimento semelhante ao de Márcio Souza em “O brasileiro voador”, sobre outro mito brasileiro, Santos Dummont). Segundo, ao assumir a forma de um projeto cinematográfico, o romance conta os episódios, ao invés de mostrá-los: há sempre intermediação do narrador, o que dilui o impacto da ação. E, como se quisesse lembrar a todo momento o leitor de que se trata de um filme, e não de um livro, Rubem inclui no texto um excesso de interferências do tipo: “A câmera mostra-o...” ou “Logo veremos no nosso filme...” ou ainda “numa dessas coincidências felizes que ocorrem muito no cinema” (pelo mesmo motivo, o narrador inicia

diversas sentenças com a palavra “Hoje”, ainda que se refira a períodos diversos da vida do compositor). (SUA VIDA..., 1994).

Estas observações formais feitas pelo jornalista são muito interessantes, principalmente se forem colocadas lado a lado com as de Paulo Francis. Outro ponto a se destacar é a comparação com o romance de Márcio Souza, *O brasileiro voador*, que não teve uma boa receptividade da crítica.

No fechamento do texto o jornalista retoma os pontos positivos do romance:

É claro que nada disso compromete a qualidade do livro. “O selvagem da ópera” acerta ao humanizar a figura de Carlos Gomes – atormentado, na Europa, pelo complexo de rejeição, pela impressão de ser visto como um selvagem que o faz compor óperas cada vez mais bem comportadas; capaz de derrubar com um golpe sua mulher Adelina quando ela atribui ao seu “sangue negro” a causa da morte dos filhos. Acerta ao retificar certas incorreções históricas (por exemplo, lembrando que a frase “Esse rapaz começa onde eu termino” não foi dita por Verdi, mas por Rossini, nem se referia a Carlos Gomes, mas a Bellini). Acerta nos vários trechos em que o autor é fiel ao seu agudo senso de humor, sobretudo nos diálogos (“O senhor é um marquês verdadeiro?” “Nossa família é uma das mais antigas da Perugia. Dante fala de nós na ‘Divina Comédia’”. “Fala bem ou mal?”) e em **boutades** como “Um poeta gordo e feliz será sempre um patife”. E, principalmente, ao sublinhar a relação simbiótica de Carlos Gomes com a ópera, mostrando que sua vida inteira foi uma sucessão infundável de episódios bufos e trágicos. (SUA VIDA..., 1994).

Neste último parágrafo o jornalista executa sua função de dar um parecer sobre a obra no pé da matéria, como é característico dos textos jornalísticos. O mais importante neste último parágrafo é perceber que o parecer não se dá sem justificativas plausíveis de análise. O texto é assim, bem escrito e trabalhado em linguagem apropriada e que permite ao leitor entender e refletir a respeito da obra. O texto ainda conta com um Box resumindo a carreira de Rubem Fonseca e com outro trazendo um trecho do romance.

### 5.10 Sobre as críticas – 2001 a 2010 – *Leite Derramado* – Site da *Folha*

Neste subcapítulo faremos a análise das críticas de 2001 a 2010, a primeira delas é sobre o livro *Leite Derramado* de Chico Buarque, que obteve 49 retornos do levantamento feito na *web*, sendo que destes um total de quatro foi considerado crítica. Nesta análise, em específico apresentaremos dois textos diferentes para que se tenha conhecimento do tipo de crítica encontrada na pesquisa e as diferenças entre aquelas feitas por “escritores-críticos” e “críticos-jornalistas”.

Os títulos analisados serão: “Chega às livrarias ‘Leite Derramado’, novo livro de Chico Buarque”, de Sylvia Colombo, publicado no caderno *Ilustrada da Folha de S. Paulo* em 28 de março de 2009; e outro de Gregório Dantas, intitulado “As sombras da memória”, publicado no jornal *Rascunho*, em julho de 2009.

No texto de Sylvia Colombo, para o *site da Folha de S. Paulo*, a autora tece uma crítica jornalística que se aproxima da resenha, mas ao mesmo tempo mescla informações de vida e obra do autor a análise do livro, apresentando a seguinte estrutura:

No primeiro parágrafo, a autora apresenta o enredo do romance: “Um idoso centenário agoniza no leito de um hospital. Às enfermeiras que dele tratam, conta, de modo confuso e algo delirante, a história de sua vida.” (CHEGA ÀS..., 2009)

Este tipo de abordagem subjetiva no início do texto exige um segundo parágrafo, comumente chamado de *sub-lead*, que acrescenta as informações deixadas de lado no parágrafo de abertura:

A saga de uma família que tem início na corte portuguesa, atravessa os períodos do Império e da República Velha e desemboca nos dias de hoje é o centro do enredo de "Leite Derramado", quarto romance do cantor, compositor e escritor carioca Chico Buarque, 64, que chega hoje às livrarias (CHEGA ÀS..., 2009).

A partir de então, decorrem dois parágrafos que fazem referência a matérias e críticas da *Folha*, misturando análise literária. Ressalta-se que o terceiro parágrafo possui uma estrutura estranha ao texto, como se não se relacionasse com o restante: “A trama percorre o mapa de um Rio tradicional, revisitado pela reportagem da **Folha**” (CHEGA ÀS..., 2009).

Composto apenas por uma frase, o parágrafo é deslocado do restante do texto. Uma hipótese para isso é que ele tenha sido incluído quando a matéria já estava finalizada, afinal trata-se de um “hiperlink”, uma divulgação de outro trabalho realizado pela *Folha* e relacionado com o livro.

No quarto parágrafo, como já mencionado, a autora continua a referenciar trabalhos da *Folha* e aponta a visão de duas críticas desenvolvidas a convite do caderno cultural *Ilustrada*:

Do ponto de vista estilístico, a prosa de Chico evoca características da narrativa machadiana. O diálogo com o "bruxo do Cosme Velho" foi observado pelo crítico Roberto Schwarz e pelo economista Eduardo Giannetti, que resenharam a obra a convite da **Ilustrada** (CHEGA ÀS..., 2009).

Estes dois textos não foram encontrados pela pesquisa, mas na fala da autora ficam suspensos muitos questionamentos, e a afirmação: “Do ponto de vista estilístico, a prosa de Chico evoca características da narrativa machadiana” (CHEGA ÀS..., 2009) pede maiores explicações para o leitor.

A partir de então se seguem três parágrafos, ligeiramente curtos, com informações a respeito do motivo pelo qual Chico Buarque escreveu o romance: “A inspiração inicial para o livro veio da canção "O Velho Francisco", de 1987.” (CHEGA ÀS..., 2009)

No restante do parágrafo, e nos outros dois, a autora continua a explorar esse ponto, remetendo ao dia em que Chico Buarque disse para Rodrigo Teixeira, produtor musical, que queria fazer uma série de livros baseados em canções, e também que da ideia inicial de escrever sobre um escravo alforriado passou para a decadência da elite, com seu personagem Eulálio Montenegro d'Assumpção.

Esses três parágrafos poderiam se resumir em um só, pois há muito pouco informação para serem divididos desta forma breve, o que não contribui, do ponto de vista estético, pois não se mantém na continuação do texto, como visto acima e como ocorrerá em seu restante.

A partir de então o texto escrito é “quebrado” por uma foto de Chico Buarque, encarando a câmera, quase sem expressão, ou com uma expressão de tédio e poucos amigos, com uma camiseta recém-vestida, pois ainda carrega as marcas das dobras no armário, e mãos nos bolsos. A legenda da foto é descritiva,

contendo apenas duas informações adicionais: a idade do autor e o local onde foram tiradas as fotos: “O cantor, compositor e escritor carioca Chico Buarque, 64, em sessão de fotos realizada em sua casa, no Rio” (CHEGA ÀS..., 2009)

Após essa quebra ou respiro de leitura seguem-se mais quatro parágrafos, três com aproximadamente quatro linhas e um com duas e meia. Nos dois primeiros parágrafos a autora continua discorrendo sobre o enredo e acrescenta a questão racial presente nesse, indicando que a canção que inspirou o romance num primeiro momento, continuava presente: “A questão racial, porém, continuou sendo central na obra. O protagonista casa-se com uma mulata – ainda que finja não percebê-la como tal – e tem comportamento racista em diversas ocasiões.” (CHEGA ÀS..., 2009)

No penúltimo parágrafo dessa parte do texto ocorre mais uma vez a informação deslocada. Após a autora falar da questão racial e citar informações do enredo para justificá-la insere uma informação sobre o título do romance: “Um dos primeiros leitores do texto foi o romancista Rubem Fonseca, que não gostou do título e recomendou que fosse trocado. Chico pensou um pouco, mas não mudou de ideia” (CHEGA ÀS..., 2009).

Neste caso, parece que a informação foi incluída neste trecho, pois não se encontrou um lugar melhor para ela. Importante ressaltar que talvez esses parágrafos que parecem deslocados possam ter feito parte de parágrafos ou até mesmo trechos completos maiores e mais bem explorados que, por questões de espaço editorial, foram reduzidos ou cortados, para que apenas a informação mais importante aparecesse, como é normal na rotina de um texto para jornal.

No último parágrafo dessa primeira parte do texto, uma sequência de informações deslocadas aparece. A primeira está já no início do parágrafo e parece que caberia melhor no início do texto: “O romance começou a ser escrito em agosto de 2007” (CHEGA ÀS..., 2009).

Essa informação é seguida por outras que relacionam pela primeira vez o romance ao cunho autobiográfico:

... e dá vida a objetos e lugares que habitam as lembranças do autor, como aparelhos de vitrola, refrigeradores Frigidaire, colégios para moças, ritmos de época. Sua paixão pelo Fluminense se materializa na figura de Xerxes, um fictício jogador indisciplinado dos anos 50 (CHEGA ÀS..., 2009).

A partir de então, mais uma quebra ou respiro e passa-se para um subtítulo chamado: “História”. Nessa parte do texto, que compreende três curtos parágrafos tem-se a análise dos aspectos historiográficos na obra de forma ligeira e uma negação implícita em relação ao romance histórico, aliás este termo não aparece na resenha. No primeiro parágrafo a autora fala sobre a reportagem ter visitado o espaço onde o romance se passa, fazendo alusão ao enredo:

A reportagem visitou locais nos quais o romance se desenvolve. Vistos hoje, os casarões de Botafogo abandonados, a ocupação desordenada da Tijuca e a explosão imobiliária de Copacabana parecem corresponder à degradação proposta pelo enredo (CHEGA ÀS..., 2009).

No parágrafo seguinte tem-se uma afirmação que coloca a opinião de outros não citados de que o romance possui um cunho histórico:

Por ser filho do mais importante historiador brasileiro, Sergio Buarque de Holanda (1902-1982), e por ter optado por um enredo sobre o passado do país, alguns acreditaram que "Leite Derramado" fosse fazer aproximações entre literatura e história (CHEGA ÀS..., 2009).

Após essa afirmação a autora continua no último parágrafo a questão historiográfica e afirma que em sua opinião esta não é uma ficção histórica, ou melhor, de que a história não importa tanto assim: “A obra, porém, diz respeito mais à primeira do que à segunda. O próprio Chico deixou claro que partiu da ficção para a pesquisa de fatos, datas e acontecimentos, e não o contrário” (CHEGA ÀS..., 2009). Essas afirmações denotam duas coisas a princípio: a de que a jornalista não tem muita proximidade com a ficção histórica e de que a opinião do autor sobre a obra recebe muito destaque.

Após essa questão segue-se mais um subtítulo, “Timidez”, o qual trata do autor Chico Buarque em apenas um parágrafo, misturando informações de seu processo criativo e aversão à imprensa:

Celebrizado por sua discrição e timidez como músico, Chico se mostra ainda mais contido como escritor. Recusa-se a conceder entrevistas, alegando dificuldades em explicar o livro além do que

está dito em seu conteúdo. Quando está metido na literatura, trabalha em silêncio e praticamente isola-se para se manter totalmente concentrado, em seu apartamento, no Leblon (CHEGA ÀS..., 2009).

Finalizando o texto, encontra-se um parágrafo que relaciona as outras obras do autor e o volume de vendas:

"Leite Derramado" contribui para consolidar o Chico escritor. Sucede livros cuja vendagem vem crescendo. O primeiro, "Estorvo" (1991), vendeu 180 mil cópias; o segundo, "Benjamim" (1995), 85 mil; e o mais recente, "Budapeste" (2003), chegou a 275 mil (CHEGA ÀS..., 2009)

Ao final do texto encontra-se um *box* de Serviço, contendo o nome da obra, uma pequena imagem do livro, o preço e a editora, comum em resenhas da *Folha* e de outros jornais.

Do ponto de vista estilístico o texto de Sylvia parece ter sofrido grandes cortes e edições posteriores, bem como não conseguiu desenvolver muito bem uma ideia sem a necessidade de dividi-la em parágrafos demasiadamente curtos e desnecessários. Porém, apesar de sua extensão o texto segue os preceitos do texto jornalístico com *lead* e *sublead*, subtítulos e respiros (espaços em branco entre um bloco de texto e outro) para facilitar a leitura e pé da matéria, ou seja, informações não tão importantes assim colocadas para o final que podem ser cortadas sem prejuízo do texto. Porém como análise literária é rasa e como matéria ou resenha jornalística também.

#### 5.11 Sobre as críticas – 2001 a 2010 – *Leite Derramado* – Site do Rascunho

O outro resultado encontrado é o texto de Gregório Dantas para o jornal *Rascunho*, intitulado "As Sombras da Memória". Interessante ressaltar que já pelo título, sem contar o jornal onde foi publicado, já temos indícios do que se esperar do texto, ou seja, em comparação com o anterior, de caráter factual e jornalístico, esse apresenta um título poético e subjetivo.

Antes de partirmos para o texto crítico é preciso ressaltar que nesta matéria, mais do que nas outras, encontram-se elementos paratextuais como uma ilustração, uma breve biografia de Chico Buarque com uma imagem de divulgação, seguida de um olho (trecho do texto destacado) e um trecho do livro que fala justamente da questão da memória e da paixão por Matilde (personagem do romance). Depois disso, segue por último o Serviço com a capa do livro, a editora e quantidade de páginas, sem preço.

O texto de Gregório Dantas inicia com um parágrafo contextualizando a obra quanto a sua receptividade por parte do mercado, dos críticos e jornalistas. A primeira frase apresenta para o leitor o aspecto factual, porém apenas para situar o tempo, pois fala em “ano” e não ontem ou hoje, tempos considerados factuais no jornalismo: “O lançamento do último romance de Chico Buarque, **Leite derramado**, foi sem dúvida um dos eventos literários do ano” (AS SOMBRAS..., 2009). Logo em seguida o autor parte para a contextualização crítica e social, destacando os pontos de senso comum na receptividade da obra e da importância dela para a crítica:

O livro está em todo lugar — nas grandes livrarias, nos supermercados, nas lojas de conveniência — e em todas as bocas: trata-se de um daqueles eventos culturais que, a exemplo de certos filmes ditos “imperdíveis”, quase todo mundo está comentando, do leitor eventual de best-sellers ao acadêmico desconfiado dos grandes sucessos comerciais. Além disso, **Leite derramado** foi tema de capa dos suplementos culturais mais importantes do país, e tem merecido resenhas positivas de intelectuais importantes, como Roberto Schwarz, Augusto Massi, Samuel Titan Jr. e Leyla Perrone-Moisés (também responsável pela orelha do livro), o que indica uma aceitação crítica bastante singular (AS SOMBRAS..., 2009).

No segundo parágrafo, o autor continua as ideias desenvolvidas no primeiro acrescentando que, para ele, tanto o ressentimento ao sucesso quanto a supervalorização da obra: “São posturas pueris, é verdade, mas bastante reais” (AS SOMBRAS..., 2009).

No terceiro parágrafo, o autor continua a trabalhar a questão da recepção e crítica ao romance, mas nesse caso se justifica diante dos problemas de resenhar um livro tão polêmico:

Aos comentadores do livro — que, como eu, se aventuram a emitir publicamente uma opinião, inevitavelmente fadada a réplicas e

contestações — resta uma outra armadilha, bastante traiçoeira: a de se deixar tomar pelos debates em torno do livro sem comentá-lo propriamente, reduzindo-o a um pretexto para se discutir questões mais amplas, como o mercado editorial ou os rumos da crítica literária contemporânea. Não que haja algo de errado nesses temas, e o fato de o romance de Chico Buarque promover discussões dessa ordem já é um indício de sua relevância. Mas é importante não perder o texto de vista; porque é ele, afinal, o motivo de tudo isso (AS SOMBRAS..., 2009).

No quarto parágrafo e último da primeira parte do texto, o autor fala finalmente da obra de Chico Buarque sem trabalhar com tanta exaustão sua receptividade e crítica por parte da imprensa especializada, dando a entender que considera Chico Buarque um grande escritor e por isso escolheu resenhar seu texto:

E a ficção de Chico Buarque tem se destacado no recente panorama do romance brasileiro. Já em seu primeiro romance, **Estorvo**, de 1991, o escritor se mostrava seguro de suas escolhas estilísticas, e determinado a procurar uma nova voz, que não fosse mera extensão daquela conquistada em uma longa e bem-sucedida carreira musical. Depois de **Benjamim** e **Budapeste**, **Leite derramado** vem demonstrar que Chico Buarque tem alcançado esse intento com rara competência (AS SOMBRAS..., 2009).

Ao final deste parágrafo segue-se um subtítulo, que além de gerar um respiro para o texto, também sinaliza para o leitor que o assunto mudou. Esse subtítulo dá a entender que agora se falará do livro propriamente dito com destaque para sua estilística: “Ritmo fragmentado”.

No parágrafo inicial após o subtítulo, o autor começa a explicar quem é o narrador e como ele conta sua história, para então afirmar que isto é um recurso para causar o ritmo fragmentado:

**Leite derramado** é narrado por Eulálio d’Assumpção, um senhor à beira da morte que, preso a um leito de hospital, conta a história de sua vida. Seu relato, bem como o contexto de sua enunciação, não possui contornos claros. A começar por sua interlocutora — por vezes uma enfermeira, por outras sua filha — e pelas limitações de sua memória, que impõem um ritmo fragmentado e repetitivo ao discurso memorialista (AS SOMBRAS..., 2009).

No parágrafo seguinte o autor continua a explorar a questão do personagem, afirmando que este não é simpático ao leitor, explorando as características do

personagem que atestam isso no livro e também faz um resumo do enredo do romance:

Eulálio não é muito merecedor da estima do leitor: sua arrogância fica evidente logo nas primeiras linhas, em que convida a enfermeira para compartilharem uma nova vida, “na fazenda feliz” de sua infância. Sempre associando seus afetos às posses da família, o narrador exhibe um indisfarçado orgulho da longa “tradição senhorial” de que faz parte. E a partir da caracterização de Eulálio, de sua ascendência e descendência familiar, Chico Buarque termina por compor um irônico (e triste) painel dos valores de gerações da elite brasileira (AS SOMBRAS..., 2009).

Depois o crítico analisa a questão da escolha do tema e enfatiza sua opinião positiva em relação à escrita de Buarque:

Não é simples criar uma representação literária dessa elite, sem sucumbir ao tom sociológico mais óbvio ou ao moralismo da pior literatura. Mas Chico Buarque alcança o feito com desenvoltura, a começar pela arriscada escolha do foco narrativo, de um membro decadente dessa elite (AS SOMBRAS..., 2009).

A partir de então Dantas continua a analisar o personagem, retirando citações do livro para elucidar sua análise e julgamento:

Nas entrelinhas (nem sempre discretas) da narrativa de Eulálio, desenham-se os preconceitos e a desfaçatez de sua classe. A respeito, por exemplo, dos demais doentes do hospital, Eulálio deduz que “são pessoas do povo, sem grandes luzes, mas minha linhagem não me faz melhor que ninguém. (...) Seria até cômico, eu aqui, todo cagado nas fraldas, dizer a vocês que tive berço”. Mas termina por dizer: sua suposta humildade não impede que ele relate a história e seu avô, “grande benfeitor da raça negra”, e freqüentador do antigo palácio Imperial, na época de dom Pedro II (AS SOMBRAS..., 2009).

No parágrafo seguinte Dantas continua na mesma ideia e estrutura, porém acrescenta um novo aspecto da narrativa: uma relação homoerótica do protagonista. Tal percepção foi pouco encontrada em outros textos críticos que não estão contemplados nesta análise, sugerindo uma interpretação própria do crítico, como pode ser verificado abaixo:

Bastante representativo dessa desfaçatez é o episódio do desejo sexual mal disfarçado que Eulálio, quando jovem, nutria pelo negro Balbino, um amigo de infância (neto de escravos e de “índole prestativa”), sentimento logo transferido para sua futura esposa, Matilde: em comum, a baixa casta sugerida pelo tom da pele da esposa e o sentido de propriedade conferido ao casamento (AS SOMBRAS..., 2009).

Ao final desse parágrafo encontra-se um trecho retirado do livro, que elucida a questão anterior apontada pelo autor, porém em tamanho maior às outras citações da obra encontradas e com diferenciação de fonte nesta passagem em itálico:

*No entanto garanto que a convivência com Balbino fez de mim um adulto sem preconceitos de cor. Nisso não puxei ao meu pai, que só apreciava as louras e as ruivas, de preferência sardentas. Nem à minha mãe, que ao me ver arrastando a asa para Matilde, de saída me perguntou se por acaso a menina não tinha cheiro de corpo. Só porque Matilde era de pele quase castanha, era a mais moreninha das congregadas marianas que cantaram na missa do meu pai (AS SOMBRAS..., 2009).*

No parágrafo que segue, o autor continua explorando os problemas raciais encontrados na obra e citando a própria para elucidá-los, porém focando na figura de Matilde:

Filha bastarda de um influente deputado, Matilde era “a mais moreninha da classe”, e jamais seria aceita pela sogra, uma mulher ressentida pela iminente decadência familiar, mas que ainda falava francês perto dos empregados, pouco merecedores de confiança. Mas essa defesa da “pureza” familiar é vã: já o avô escravo de Balbino adotara um sobrenome quase homônimo ao do patrão, Assunção (ao invés do Assumpção), “como a pedir licença para entrar na família sem sapatos”. A mesma sem-cerimônia demonstraria Matilde, ao dedilhar no piano da família não uma adequada peça de Mozart, mas um batuque chamado Macumba Gegê: “E mamãe se despencou pela escada, para ver que diabo se passava”, conta Eulálio (AS SOMBRAS..., 2009).

A análise sobre o personagem continua no parágrafo seguinte, quando expõe mais uma opinião do autor sobre Chico Buarque:

Pequenos, mas significativos episódios como esse também revelam um oportuno senso de humor por parte do autor (e obviamente involuntário, por parte do narrador), de que são exemplares a

decepção de Eulálio ao ouvir a amante do bisneto chamando-o, na cama, de “negão”, ou sua insistência em dizer que Matilde não é mulata, mas “teria quando muito uma ascendência mourisca, por via de seus ancestrais ibéricos”. Não à toa, é com certo prazer perverso que assistimos a um policial brutamontes esbofetear Eulálio e praguejar contra seus ancestrais. Ainda assim, o percurso de sua decadência é longo; e, eventualmente, o leitor concederá alguma compaixão para com o impotente moribundo que, resignado, resmungo: “tudo é mesmo uma merda, mas depois melhora um pouco, quando de noite a namorada vem”. A decadência física e o patético de sua exposição são comuns a todos, afinal (AS SOMBRAS..., 2009).

A seguir no texto aparece mais um subtítulo, “Outras leituras”, onde o autor fala do diálogo com Machado de Assis e a sociologia. No parágrafo seguinte começa a traçar análises do discurso memorialístico presente na obra:

Um personagem caracterizado ostensivamente com as marcas de uma história cultural e social tão presentes, ainda hoje, em nosso país é, obviamente, muito adequado a uma leitura sociológica. Como também são inevitáveis as comparações com Machado de Assis: se Eulálio possui algo de Brás Cubas, também compartilha com Bentinho certa fraqueza de caráter (que o impede de reagir à vontade materna) e um ciúme doentio, e envergonhado pela origem da esposa. Mas outras leituras virão, beneficiando outros aspectos do romance, que parece resistir a uma interpretação unívoca (AS SOMBRAS..., 2009).

No antepenúltimo parágrafo o autor discorre mais sobre o romance e o discurso memorialístico, porém sem citar o termo romance histórico ou ficção histórica, como pode ser observado abaixo:

É importante dizer ainda que, embora o leitor possa reconhecer no romance ecos de leituras passadas (e as há), **Leite derramado** é sem dúvida um romance contemporâneo, o que se faz notar principalmente na desconfiança dos métodos historiográficos e biográficos convencionais. Se a história e o passado pessoal não são passíveis de serem reconstituídos com nitidez, o narrador se manterá fiel às imperfeições e ficções de sua memória (“um pandemônio”), ciente de que lembrar e inventar são atividades afins (AS SOMBRAS..., 2009).

Após este o autor volta ao enredo e à formação do personagem com uma citação propositalmente interessante para instigar a leitura:

E na sobreposição de tempos narrativos, nas repetições e contradições do discurso de Eulálio, surgem lacunas e ausências que compõem algumas passagens de singular beleza. Um bom exemplo é o capítulo 14. Eulálio comparece à casa de sua mãe para jantar. Matilde o acompanha, relutante. A mãe dedilha uma valsa ao piano sem, contudo, fazê-la soar; o vestido de Matilde lembra Eulálio de um outro vestido, com que o pai certa vez presenteara uma amante. O som evocado mas não ouvido da valsa e o vestido imaginado vazio, sem a presença voluptuosa de Matilde, são prenúncios do que se seguiria: a eletricidade falta e a casa mergulha na escuridão. Entre sussurros e vultos, Eulálio imagina cochichos da esposa e a encontra sentada no chão da cozinha, junto aos empregados. Pouco se vê dos gestos dos personagens ou do narrador, ocultos sob as sombras. Mas seus fantasmas estão todos presentes: a vergonha, o ciúme, o desejo, a herança paterna, sugeridos e pressentidos em um ambiente fantástico como um “sonho coletivo” (AS SOMBRAS..., 2009).

Finalizando o texto, o autor conclui de forma bastante tradicional em textos jornalísticos, dando um parecer positivo sobre a obra, demonstrando neste momento um hibridismo da crítica especializada com a resenha jornalística:

Episódios como esse nos convidam à releitura desse belo romance. Se, como quer Eulálio, “a memória é uma vasta ferida”, o discurso memorialista parece incapaz de cicatrizá-la. Antes, parece condenar seu protagonista às velhas “sombras da casa assombrada”. Até o fim (AS SOMBRAS..., 2009).

O texto enquanto análise literária se aprofunda mais no corpo a corpo com a obra resenhada, porém sem deixar de levar em conta os fatores externos que podem influenciar em sua leitura, quanto à característica de texto para a imprensa, por se tratar de um veículo especializado, está tanto em forma quanto em tamanho e linguagem de acordo.

#### 5.12 Sobre as críticas – 2001 a 2010 – *Mongólia* - Site da *Folha*

Duas críticas ao livro *Mongólia* de Bernardo Carvalho foram selecionadas para esta análise. A primeira é: “Bernardo Carvalho desmitifica a Mongólia”, de 11 de outubro de 2003, do à época jornalista da *Folha de S. Paulo* Rogério Eduardo

Alves, e a segunda crítica é intitulada “Não há mais para onde ir”, em 30 novembro de 2003, de Jorge Coli, historiador de arte, escritor e tradutor.

A crítica de Rogério Eduardo Alves apresenta um fato já no título “Bernardo Carvalho desmitifica a Mongólia”. Anunciar um texto a partir de um fato concreto dá a este o caráter de notícia, ou seja, está de acordo com um jornalismo voltado para o factual, como pudemos observar também no título de Sylvia Colombo. No primeiro parágrafo, o jornalista apresenta seu *lead* confirmando e explicando o título:

Na narrativa de "Mongólia", o escritor Bernardo Carvalho, 43, desestrutura os mitos de bondade e liberdade que normalmente acompanham as informações que chegam ao Ocidente sobre aquele país, construindo um espaço imaginário na melhor tradição da literatura ocidental. (BERNARDO CARVALHO..., 2003).

É interessante o detalhe da idade do escritor seguida imediatamente do nome. Este é um recurso muito utilizado pelo jornalismo de cotidiano, ou como no jargão, “geral”. Já que este tipo de jornalismo, o diário mesmo que cobre desde asfalto na rua até polêmicas no Planalto, costuma conter muitas fontes nas matérias, muitos entrevistados e, portanto muitas declarações, incluir a idade do entrevistado é uma necessidade de identificação, mas também permite um melhor retrato deste por parte do leitor, que permite, somado à outras informações, como local onde mora, o que está fazendo na matéria, profissão, etc., uma melhor compreensão da fonte. Porém, no caso desta resenha crítica fica evidente que a identificação da idade não é necessária, o que pode mostrar uma falta de autonomia do texto diante do manual de redação, ou mais ainda, um ranço didático da redação tradicional que procura dar o mesmo tratamento para todas as editorias, de metrópole a cultura, tudo tem que sair igualzinho.

O parágrafo seguinte exhibe uma construção não muito ortodoxa no jornalismo, mas ao mesmo tempo está dentro da estrutura de pirâmide invertida, onde o *sublead* tem que conter informações complementares à do *lead*:

"Quando fui para a Mongólia imaginava o país mais liberal e bondoso do mundo, a julgar por tudo que via nos guias. Me passaram que era um país clássico onde habitavam os mongóis, verdadeiros bons selvagens, que, como são budistas, não matam nada, possuem amor pela vida e pela natureza. Mas, quando se chega lá, se vê que não é nada disso", diz. (BERNARDO CARVALHO..., 2003).

O problema deste parágrafo é ter sido construído inteiramente com a declaração de Carvalho sobre o livro, e conseqüentemente sobre sua visão diferente da Mongólia idealizada pelo Ocidente. Uma única fonte é um problema sério no jornalismo, mas também em outras áreas, e deixar o autor tão livre para defender seu ponto de vista pode ser um caminho arriscado até mesmo para a literatura. Outro detalhe que vale a pena destacar é o verbo que se segue à declaração: “diz”. Todo estudante de jornalismo, ou “foca”, no jargão, começa escrevendo “diz” pra tudo, ou seja, isso mostra ou uma inexperiência do autor com o texto de jornal, ou ainda uma tendência a facilitar a produção do texto.

No parágrafo seguinte o autor inclui informações factuais, dados sobre a feitura do romance, dados estes que poderiam, ou deveriam, estar no *sublead* e não o contrário:

Carvalho foi para a Mongólia com uma bolsa criada em parceria pela editora portuguesa Livros Cotovia -que lança o romance simultaneamente com a Companhia das Letras no Brasil- e pela Fundação Oriente, de Lisboa. Chegou ao país em junho de 2002 para uma estada de dois meses e com o objetivo de escrever. (BERNARDO CARVALHO..., 2003).

Este parágrafo acima traz informações, entretanto aparentemente está incompleto e sua conclusão parece óbvia demais para um fechamento de frase. No parágrafo seguinte essa situação mal resolvida de texto se explica, já que novamente o autor dá voz ao escritor em um parágrafo inteiro, deixando para este a explicação sobre a bolsa:

"Poderia ser qualquer coisa, romance, ensaio, poema... Mas, ao mesmo tempo que eu não queria fazer um relato de viagem, pois já existem muitos, eu queria fazê-lo. Pensava que eu não podia desperdiçar isso porque nunca mais teria a chance." (BERNARDO CARVALHO..., 2003).

O mais problemático dessas declarações de parágrafos inteiros não é nem a questão da fonte, nem do autor somente falar de sua obra, ao invés do jornalista ou crítico, mas de que elas são completamente dispensáveis. Esse tipo de declaração que explica a bolsa poderia deveria ser transformada em texto jornalístico e somada

as informações do parágrafo anterior, pois dar tanta voz a um entrevistado, quando não se trata de uma pingue-pongue (entrevista no modelo pergunta e resposta, no jargão jornalístico) é lhe conferir domínio sobre o texto, o que não é bom para nenhum tipo de jornalismo, muito menos para qualquer tentativa de crítica.

No parágrafo seguinte o autor parece ter tomado as rédeas novamente do texto e faz um breve resumo da história do romance:

Optando por um caminho ficcional repleto das informações concretas colhidas durante os 5.000 quilômetros que percorreu, o autor e colunista da *Folha* criou a história de uma busca por um fotógrafo desaparecido na Mongólia. O romance inicia-se pela narração de um diplomata aposentado que, morando no Rio, começa a recompor os passos de um seu subordinado, recentemente assassinado, na busca pelo desaparecido, a partir de dois diários. (BERNARDO CARVALHO..., 2003).

Neste trecho é importante destacar uma informação que talvez ajude a explicar a intervenção constante do entrevistado: Bernardo Carvalho é colunista da *Folha*. A questão de um jornalista ou crítico ter que resenhar um livro de um colega de redação pode ser muito delicada. De acordo com Manuel da Costa Pinto, crítico e jornalista, em um debate sobre o crítico no jornalismo hoje, explica o incômodo que este tipo de situação pode gerar:

Tem uma questão delicada que acontece no jornalismo, (...) muitos jornalistas se tornaram escritores. (...) Quando o jornalista está em atividade e ele tem um romance publicado, cria sim um mal-estar na redação, porque você pode criar um atrito, uma situação constrangedora entre um veículo e outro. Se alguém fizer uma crítica exageradamente violenta contra um romance de um jornalista, certamente o editor do jornal vai falar: “pô aqui tem alguma rivalidade, algum ressentimento que tá vindo”, (...). Se alguém faz uma crítica (ninguém cerceia opinião, não tem nada disso, enfim, eu já resenhei livros de jornalistas, eu sei que era uma coisa delicada e tal), mas eu sei que se o texto for excessivamente violento, virulento vai causar um mal-estar e alguém vai ligar. Coisa que não vai acontecer com o resenhista. Se alguém passa um texto para o Alcir Pécora e ele desanca o Lourenço Mutarelli, autor da Companhia das Letras, como fez, ninguém na redação do jornal vai falar assim: “escuta Pécora, por que você tá fazendo isso?”. Se fosse um jornalista de um outro veículo, sobretudo, teria essa preocupação. (A CRÍTICA..., 2014).

Essa situação delicada a que se refere o crítico é muito preocupante se o jornalista é de outro veículo, o que não significa que seja menos delicada se o escritor for colega de redação.

No parágrafo seguinte, o autor continua seu resumo do enredo do livro:

Ao longo dessa narrativa, é sutil, mas direto, o diálogo com os viajantes responsáveis pela reprodução dos mitos orientais no Ocidente. "É impossível que a pessoa que veio aqui e que falou que isso era de tal jeito não tenha visto que não era. Isso é irritante. O sentimento é de que você está sendo enganado a distância", diz o autor de "Nove Noites". Nesse misto de desencantamento e choque cultural, a propagada idéia de placidez dos monges budistas é desmembrada ao longo da história. O silêncio transcendental dos mosteiros budistas pode esconder abusos sexuais e crimes os mais variados. (BERNARDO CARVALHO..., 2003).

Seguido do parágrafo tem-se mais uma declaração de Carvalho, explicando o que o parágrafo anterior já explicou. "A religião budista na teoria é ótima, mas, na prática, os monges são gente como em qualquer lugar do mundo. Tem luta de poder dentro da igreja e uma hipocrisia nesse negócio." (BERNARDO CARVALHO..., 2003).

Em seguida o autor utiliza novamente a declaração de Carvalho para explicar o motivo da hipocrisia na religião budista na Mongólia:

Para entender a prática da religião pelos mongóis, Carvalho recorre à realidade política do país. "A Mongólia passou 70 anos por um regime comunista dos mais sanguinários. Como a coisa proibida então era a religião, quando ela voltou, desembestou. Todo mundo na Mongólia tem coisa budista em casa, mas ninguém tem nada a ver com budismo. Ninguém sabe nada de nada. A religião virou sinônimo de liberdade", diz. (BERNARDO CARVALHO..., 2003).

Novamente o "diz" se faz presente, após uma declaração que poderia ser seguida de um questionamento do autor, ou pesquisa jornalística para ver se confere, mas é simplesmente aceita enquanto verdade absoluta. Na sequência o autor retorna ao romance:

Enraizada nas palavras de diários esquecidos e de personagens desaparecidos, ou mortos, a narrativa deste livro traduz a sensação de "terreno movediço" que o escritor teve no convívio com os

nômades mongóis, com os mistérios ou ignorâncias e com a língua desconhecida, que gira ao redor dos assuntos sem objetividade. (BERNARDO CARVALHO..., 2003).

A partir deste momento o jornalista parece retomar um pouco análise do romance em si, ainda focando no Bernardo Carvalho, autor e não no romance *Mongólia*, o que é um reflexo do jornalismo cultural e da crítica de seu tempo:

Enraizada nas palavras de diários esquecidos e de personagens desaparecidos, ou mortos, a narrativa deste livro traduz a sensação de "terreno movediço" que o escritor teve no convívio com os nômades mongóis, com os mistérios ou ignorâncias e com a língua desconhecida, que gira ao redor dos assuntos sem objetividade. (BERNARDO CARVALHO..., 2003).

Neste momento o autor do texto se fecha sob sua leitura do livro e oferece ao leitor afirmações isoladas que são herméticas e até mesmo confusas, talvez por questão de concordância, já que quando cita "dos assuntos sem objetividade", espera-se assuntos específicos, entretanto estes não são fornecidos pela crítica, o que não ajuda muito na compreensão da mesma. No parágrafo seguinte o autor relaciona o romance de Carvalho com Kafka, Borges e Beckett:

Nesse sentido, a "Mongólia" criada por Carvalho alinha-se mais ao imaginário particular do viajante que ao país real. "A geografia é mais imaginária que real. Criada pelo próprio desejo dos personagens de verem uma tal coisa." Escrito nesses moldes, o livro insere-se na tradição da literatura moderna ocidental, principalmente naquela cultivada por Franz Kafka, Jorge Luis Borges e Samuel Beckett. (BERNARDO CARVALHO..., 2003).

Espera-se, naturalmente que, depois de colocar Carvalho no mesmo páreo de três dos grandes cânones da literatura ocidental, o autor se preocupasse em fornecer mais informações além de uma geografia imaginária e subjetiva. Isto não ocorre, no parágrafo seguinte volta a voz de Carvalho:

"Queria que fosse um livro de literatura dentro de uma tradição ocidental moderna. E, por isso, a idéia de dar o título Mongólia referindo-se a um país que não existe. Vi uma coisa e posso usar isso dentro de uma tradição onde o imaginário cria a realidade", diz. (BERNARDO CARVALHO..., 2003).

É claro que declarações do autor sobre seu processo criativo são sim muito importantes, entretanto o que o autor “queria” fazer com o livro não significa que ele realmente o fez. Sabe-se que Bernardo Carvalho é um bom autor, mas quem deve dizer isso para o público leitor do jornal não é o escritor e sim o crítico. E sem maiores comentários sobre o repetitivo: “diz”.

Finalizando o texto, o autor conclui com mais uma declaração de Carvalho:

Com essa consciência, o autor afirma: "Por isso não posso dizer que o budismo seja isso que vi. Pode ser que não seja. Pode ser que eu tenha visto um budismo que faz parte de meu imaginário, de minhas impossibilidades e meus limites." E completa: "Se fosse outra pessoa, ela poderia dizer que não viu nada do que eu vi. Pode até falar que é delírio meu". (BERNARDO CARVALHO..., 2003).

A consciência que o ficcionista autor do texto aqui afirma, pode muito bem ser entendida, também, como uma forma de se defender de críticas de turistas indignados com sua versão nada idealizada de seu destino de férias.

O texto de Alves mostra-se portador de muitas falhas, seja de brevidade de análise literária, seja de domínio do texto jornalístico. Porém, uma hipótese para justificar tais falhas e, conseqüentemente para a inserção de tantas declarações do autor, é a de que o texto sobre o livro estava pronto antes da entrevista, o que parece evidente levando em consideração os parágrafos inteiros de declarações e ainda a descontinuidade do assunto quando Alves vai e volta para o romance em si.

Independente de qualquer conjectura este foi o texto publicado e ele mais do que reflete a atual situação da crítica jornalística, e do jornalista cultural, nos jornais de hoje.

### 5.13 Sobre as críticas – 2001 a 2010 – *Mongólia* - Site da *Folha*

A segunda crítica analisada sobre *Mongólia* é de Jorge Coli, intitulada de “Não há mais para onde ir”, do site da *Folha de S. Paulo*, datada de 30 de novembro de 2003. O título em si desta crítica nos fornece muito. Sem fatos, sem notícia,

apenas um título subjetivo que não indica nem sobre qual romance, ou se é o caso de um romance, o tema de seu texto.

O parágrafo de abertura não tem nada de *lead*, apenas uma reflexão aberta ao leitor:

Quem tinha 20 anos em 1970 sabe. O mundo era então variado, colorido, pitoresco, embebido de promessas e descobertas. Culturas distantes guardavam segredos que, uma vez encontrados, se transformavam em revelações, aludindo a sentidos profundos, perdidos ou esquecidos, pelos homens do Ocidente. Esperava-se que o outro, o estranho, o estrangeiro, fosse explorado, no sentido primeiro e positivo da palavra, com um fervor alegre e libertário. As longas viagens ficavam mais fáceis: eram fugas que embelezavam o presente. (NÃO HÁ MAIS..., 2003).

Essa digressão que Coli faz pode não ser vista com bons olhos pelo jornalismo diário, o jornalismo da pirâmide invertida, porém aparenta ser a maneira mais objetiva para alcançar a sensação do leitor diante de *Mongólia*, uma sensação de perda do ideal. E isso o autor conseguiu sem nem mencionar o nome do escritor ou do livro. É pessoal, mas universal, todo mundo entende, mesmo quem não tinha 20 anos em 70. Seguido da abertura, Coli fornece mais informações sobre o tema de seu texto:

As coisas mudaram, porém. Os exotismos estão cada vez menos intactos, e os olhares, cada vez mais gastos. Bernardo Carvalho tomou, várias vezes, o tema da viagem em seus livros. No penúltimo, "Nove Noites" [Cia. das Letras], introduziu, sublinhando, o confronto de culturas. Não promovia, ali, um processo à antropologia, mas duvidava das capacidades do olhar. Há um paradoxo nisso, porque o olhar do autor, sua percepção das coisas são agudos, invejáveis. (NÃO HÁ MAIS..., 2003).

Aqui Coli consegue de forma muito mais simples, precisa, e sem necessariamente relacionar Carvalho com Kafka ou Beckett, explicar a questão do olhar, fundamental nas escolhas de Carvalho em *Mongólia*:

Tão agudo, porém, esse olhar, que termina por desconfiar de si mesmo. O romance mais novo, "Mongólia", que vem agora publicado pela Companhia das Letras, é um diário de viagem transformado em ficção, um pouco à maneira de Hawthorne, no século 19, com seu "Fauno de Mármore". Hawthorne, que era um puritano da Nova

Inglaterra, se confrontava, em Roma, com a civilização mediterrânea, clássica e ensolarada, católica e voluptuosa. "Mongólia" se passa no lugar mais longínquo e bizarro possível, mas nele não existe mais confronto entre culturas nem busca do outro. Nem o outro é, de fato, outro. (NÃO HÁ MAIS..., 2003).

Neste trecho o autor relaciona o trabalho de Carvalho com de Hawthorne e explica, em poucas linhas, claras, qual a relação que ele, crítico, vê entre os dois, e mais ainda, afirma que esta relação não é o suficiente, pois no romance de Carvalho não há nada para confrontar. O parágrafo seguinte é precedido por um subtítulo, "Mochila", indicando uma mudança no foco do texto:

**Mochila** - Bernardo Carvalho deve ser o turista mais mal-humorado que existe. Não se entusiasma nem se deslumbra, desconfia. Sublinha os maus cheiros, a abominação das comidas locais, a decadência dos lugares. Talvez exista um prazer em não ter prazer, para não se deixar enganar. A Mongólia de Bernardo Carvalho é vista por filtros muito fortes: um narrador principal e dois diários que se superpõem. (NÃO HÁ MAIS..., 2003).

Aqui o autor menciona pela primeira vez o nome do livro ao qual sua crítica se debruça e em uma linha explica como é construído o romance. No parágrafo seguinte, Coli traz um novo elemento para a análise do romance, a imagética deste:

Há a busca primordial, concentrada numa imagem misteriosa. Dá a impressão de conservar motivos e impulsos essenciais. Se parece urgente e intensa, é também distante e inapreensível, como se vista por uma luneta ao contrário. Chega ao leitor por intermediários cansados, descorçoados: a narração não retraça a busca, mas a busca da busca. Como Houellebecq, que desloca seus personagens pelos lugares "turísticos" deste planeta, para melhor sublinhar o absurdo contemporâneo. (NÃO HÁ MAIS..., 2003).

As imagens projetadas pelo romance e o interesse do crítico por elas revela mais um aspecto da escolha da crítica, Coli é historiador de arte, portanto, apreciar o aspecto imagético da obra, é natural para ele, demonstrando uma escolha subjetiva, e, neste caso, bem realizada. No parágrafo seguinte o crítico continua a análise comparativa entre Carvalho e Houellebecq, trazendo pontos de desencontros entre os dois autores:

Bernardo Carvalho, porém, não projeta essa luz cínica e desabusada sobre as relações humanas, tão forte em Houellebecq, nem reduz seu mundo à frieza indiferente de "Plataforma" [ed. Record] ou de "Lanzarote". "Mongólia" guarda antes uma poesia dolorida, como se pode encontrar em Kafka ou Borges, autores a quem o livro se refere e se filia. O final tem um sabor borgiano; por mais determinados que sejam os desencontros, os seres acabam se unindo pelo destino que se cumpre. É um antigo sentimento romântico que pulsa lá no fundo. (NÃO HÁ MAIS..., 2003).

Neste trecho, Coli, fornece outras pistas sobre a relação do texto de Carvalho com o de Kafka ou Borges, do que o texto anterior, entretanto não se demora na questão, afirmando que a relação entre estes se fixa na emoção romântica e melancólica. O penúltimo parágrafo é precedido de um subtítulo: "Percursos":

**Percursos** - A narrativa de "Mongólia" toma aos poucos o leitor e o prende. O tom discreto tem a força de melhor revelar a inanidade das procuras obsessivas e de esmaecer contornos, confundindo rastros. "Nove Noites" é mais nítido que "Mongólia", nele a gênese da escrita não se delineava a partir de uma viagem, mas de uma pesquisa sólida. O novo romance sugere menos um labirinto que um areal movediço. (NÃO HÁ MAIS..., 2003).

Aqui Coli apresenta a percepção do percurso narrativo do romance do ponto de vista do leitor, mencionando a influência da viagem real no processo de escrita, diferentemente do processo apenas de pesquisa documental como ocorreu em *Nove noites*:

**Prendas** - "Mongólia" confirma Bernardo Carvalho como grande escritor. Renova, refinando, a textura poética de sua obra. O livro traz uma pista de que seu autor tenha um outro dom. Houellebecq editou, junto com "Lanzarote", um álbum de fotografias que ele mesmo tirou, duras, implacáveis, espantosas. A capa e a contracapa de "Mongólia" trazem três fotos feitas pelo autor, cujas belezas não parecem ser casuais. Têm uma respiração ampla, algo de cósmico, integrando o céu e as nuvens, exaltando o que é retratado sem recursos fáceis. Elas levam a desejar uma exposição, já que são poucas amostras e, por isso mesmo, dão vontade de ver mais. (NÃO HÁ MAIS..., 2003).

Finalizando o texto, Coli emite seu juízo de valor, afirmando que a obra é boa e, portanto recomenda-se a leitura. E ainda, dá voz novamente ao historiador de

arte, quando menciona que ficou intrigado pelas fotografias da capa do livro, desejando conhecer mais este talento do escritor.

A crítica de Coli é extremamente acessível, completa. Não repete lugares comuns, não tenta se intelectualizar para provar que é uma crítica. Seu texto é leve e muito mais subjetivo que a crítica anterior. Sem o compromisso de seguir um texto em pirâmide invertida, a criatividade falou mais alto, e mesmo assim, ao final do texto o autor emitiu a avaliação geral da obra, que é o formato que se espera no jornalismo cultural.

#### 5.14 Sobre as críticas – 2001 a 2010 – *O Sol se põe em São Paulo* – Revista *Sibila*

As duas últimas críticas a serem comentadas dizem respeito ao livro *O Sol se põe em São Paulo*, de Bernardo Carvalho. A primeira foi publicada na revista cultural *Sibila*, em 04 de abril de 2009, sob o título “Bernardo Carvalho fracassa em *O Sol se põe em São Paulo*”, de autoria de Luis Dolhnikoff.

A partir do título já se pode esperar uma crítica negativa, o primeiro parágrafo abre o texto da seguinte forma:

O que se espera de um romance? A questão assaltou-me ao me deparar com o título do último livro de Bernardo Carvalho (SP, Cia das Letras, 2007, 164 pp.): *O sol se põe em São Paulo*. Pois a frase, assim isolada, tem ao menos dois sentidos: um, circunstancial, o outro, digamos, existencial. Um sentido circunstancial, pois refere um instante qualquer, quando o sol ali se põe — o que pressupõe então um advérbio que fica, porém, implícito: agora o sol se põe em São Paulo, eis que o sol se põe em São Paulo, aqui o sol se põe em São Paulo, e tudo isso, agora, eis que, aqui, remete diretamente ao romance — que será, portanto, tão paulistano quanto sombrio, e tanto mais paulistano quanto mais sombrio. E um sentido existencial, pois é também, contraditoriamente (logo, complexamente) uma afirmação não-circunstanciada, logo, absoluta: “o sol se põe em São Paulo”, ou seja, em São Paulo o sol sempre se põe, ou põe-se necessariamente: São Paulo faz o sol se pôr, São Paulo é o anti-sol. Teria enfim São Paulo o romance contemporâneo que a transforma em seu personagem central? (BERNARDO CARVALHO..., 2009).

No trecho acima o crítico demora-se na tentativa de entendimento do texto utilizando recursos gráficos, como o itálico nas frases, que não necessariamente

facilitam a compreensão de algum ponto ou voz que está tentando destacar. Como um parágrafo inicial este deixa a desejar quanto à continuação da leitura do texto, pois se demora ao explicar dois sentidos que se tornaram claros para o leitor, a respeito do título do livro, assim que usou as palavras circunstancial e existencial.

O crítico continua no segundo trecho:

Bernardo Carvalho é o que eu chamo de um “complicador de enredos” (pois se um romance pode ser muitas coisas, estas podem, por sua vez, ser agrupadas e sintetizadas em umas tantas). Em *O sol se põe em São Paulo*, ele pratica sua arte através de um triângulo amoroso, da troca de identidade, do deslocamento cultural e do uso da metalinguagem. Nada disso, porém, é suficiente para ocultar a principal característica do livro, sua banalidade — que se manifesta, se desdobra e se espalha de várias maneiras, nos diversos aspectos que fazem um romance. Por exemplo, na linguagem em si mesma, carregada de frases-feitas e conceitos-clichês. Isto poderia ter um sentido e um propósito literários, se tivesse um propósito e um sentido literários. Mas, neste caso, não tem:

“Assim como as obras não podiam estar separadas dos contextos em que foram criadas, assim como não podiam escapar ao presente, nós também não” (p. 10); “minha pífia ambição de escritor” (p. 11); “uma noite saiu do seu canto debaixo da escada, como uma aparição” (p. 11); “Uma vez, lá pelas tantas” (p. 11); “ainda nutria aquela fantasia” (p. 12); “São Paulo não se enxerga” (p. 14); “uma cidade sitiada pela miséria e pelo crime, dos quais [o poder] se alimenta embora tente em vão excluí-los” (p. 14); “Tinha de ganhar coragem para fazer o que não era do meu feitio” (p. 15); “No dia seguinte, lá estava eu de novo” (p. 16); “ela guardava uma história” (p. 17); “Não tinha papas na língua” (p. 18); “O que eles chamam mercado de trabalho é só uma farsa que se auto-alimenta para que uns possam foder os outros” (p. 19); “no mundo da razão, um mundo esvaziado de mitos” (p. 23); “Só um louco, como o professor, podia me levar a sério” (p. 24); “Durante muito tempo eu tentei fugir como o diabo da cruz” (p. 28); “O inferno era aqui mesmo” (p. 29); “uma cidade sitiada pelo crime” (p. 30); “A velha entrou na sala como uma assombração” (p. 30); “Eu tinha firmado um pacto” (p. 30); “A sua história era um acerto de contas” (p. 32); “Ela estava imbuída de uma missão” (p. 32); “A doença daquela relação” (p. 35); “Era uma moça inteligente” (p. 36); “a outra era só ouvidos” (p. 39); “Estava cheia daquela farsa” (p. 41). (BERNARDO CARVALHO..., 2009).

Neste trecho o crítico começa a explicar o porquê de o romance ser um fracasso e abre com o termo “complicador”. Por estranho que pareça, o crítico até o momento também vem complicando sua crítica enquanto estrutura e fluidez, entretanto apresenta citação após citação as provas de que o romance de Carvalho, segundo ele, não foi bem realizado.

No parágrafo seguinte os apontamentos negativos continuam:

Outra coisa que o romance não tem é ironia, em qualquer grau. Um personagem pode se levar a sério, como o personagem central deste livro, e ainda assim o narrador, um observador, o próprio texto, não fazê-lo. Pode, igualmente, levar-se a sério e ser assim tomado pelo livro, logo, pelo leitor: tudo depende da adequação. Não se espera muita ironia num romance naturalista de Zola, por exemplo, porém não se espera outra coisa num romance contemporâneo de Philip Roth. No caso de *O sol se põe em São Paulo*, por outro lado, há uma seriedade século-dezenovista num personagem que, ao não ser irônico, torna-se patético, justamente por não poder ser levado a sério. (BERNARDO CARVALHO..., 2009).

Aqui o crítico aponta mais um defeito no livro de Carvalho que é realmente um ponto bem avaliado, entretanto o estilo do crítico ainda é um problema para a leitura.

Em seguida o crítico volta-se para o personagem principal:

O grande problema desse personagem é não conseguir ser escritor. Seu problema adicional, tornar-se redator publicitário por não conseguir ser escritor. Pode-se, por simples e sã empatia humana, respeitar a frustração existencial de alguém que deseja ser ou fazer alguma coisa que jamais consegue. Principalmente quando não há qualquer grande dor envolvida. Existisse uma grande dor, poderia ou deveria haver mais do que o mero respeito à frustração, alguma forma de comoção, cujo verbo, *comover*, significa ser movido junto, ser co-movido, por essa dor. Mas aqui não há dor, há apenas veledade vazia. O sujeito quer ou queria ser escritor, em sua adolescência e em seu tempo de estudante. Hoje, é um redator publicitário desempregado, que por dezenas de páginas lamenta não ter se tornado afinal um escritor, o que porém não o deixa profundamente irritado, furioso, angustiado pelo vislumbre de uma possível grandeza certo dia antevista e agora irremediavelmente perdida, ou coisa equivalente. Depreende-se então que seu motivo para querer ser escritor era a vaidade — daí, aliás, entender-se facilmente por que não se tornou escritor. Por tudo isso, o fato revela-se meramente desinteressante, a princípio, tão desinteressante quanto o próprio personagem, e logo francamente enfadonho, pois a questão se arrasta e se reitera e se repete por nada menos que 40 páginas, não sem antes se concentrar em uma velha dona de um restaurante medíocre que, para pasmo do narrador (“Devo ter arregalado os olhos de um jeito que costumava afligir minha mulher” — p. 11), de repente lhe pergunta: “O senhor é escritor?”, para em seguida acrescentar enigmaticamente: “O melhor escritor é o que nunca escreveu nada” (p. 12). (BERNARDO CARVALHO..., 2009).

No trecho acima o crítico enfatiza e demonstra tanto a falta de ironia de Carvalho ao trabalhar com um personagem contemporâneo, quanto o uso de lugares comuns na literatura, levando ao absurdo da citação de fechamento de parágrafo. Absurdo que também é um lugar comum. Deve-se observar, também, que a interrupção do crítico para definir “comover” se fez desnecessária. Como também é estranha a divisão de parágrafos, como o trecho seguinte que poderia muito bem fazer parte do anterior mas está separado, tal trecho se propõe a justificar através do texto de Carvalho os apontamentos do crítico:

O que então lhe provoca, agora sim, uma “espécie de paixão. Me levantei e fui ao banheiro com o mero pretexto de perguntar à dona do restaurante o que tinha afinal contra a literatura” (p. 15). Dando assim ensejo a páginas e mais páginas de indagações: “Não estava ali para julgá-la, e, se o fizesse, provavelmente nunca ouviria o que ela guardava sobre a literatura” (p. 16); “Alguma coisa na primeira vez em que me dirigiu a palavra, perguntando se eu era escritor, me dizia que ela guardava uma história e procurava alguém para escrevê-la” (p. 17); “Embora eu não fosse escritor, foi esse suspeita que me deu ânimo para insistir e voltar dois dias depois, como quem se ilude a ponto de crer que a vida é feita de sinais e que afinal está diante de sua grande chance” (p. 17); “[Um] hábito que vinha conservando sempre que ia ao restaurante, mesmo antes de querer descobrir o que a velha tinha contra a literatura” (p. 18); “Nunca pediu para ler meus livros, que não existiam, é claro” (p. 20); “A responsabilidade era minha. Eu tinha firmado um pacto com a velha japonesa. Eu era o escritor” (p. 30); “[Se] era melhor não escrever, por que tinha me chamado? Aonde é que ela queria me levar?” (p. 32). A verdadeira pergunta, porém, é aonde quer nos levar a “enorme” questão envolvendo a possível opinião de uma velha dona de um restaurante medíocre sobre a literatura. (BERNARDO CARVALHO..., 2009).

Na sequência há uma divisão “2” e um parágrafo curto:

O fato de o frustrado personagem realmente se interessar por tal “mistério”, ao lado da repetição da questão e da situação, somados ao motivo já depreendido pelo leitor para ele não se tornar escritor, torna tais páginas romanescamente ociosas: uma desculpa longa, complicada e pretensamente metalingüística (logo, “moderna”) para introduzir a história da velha japonesa — que não consegue, naturalmente, despertar o interesse do leitor, ainda que desperte a “paixão” do patético narrador. (BERNARDO CARVALHO..., 2009).

Aqui novamente o estilo do crítico de utilizar muitas vezes a ordem indireta e o excesso de vírgulas torna-se um problema para a leitura. O principal deles neste parágrafo é se tornar demasiado ofensivo para com o texto literário de forma que passa-se a questionar se a qualidade literária de Carvalho é tão ruim assim ou se esses ataques à obra são na realidade ataques ao autor.

Na sequência mais um parágrafo que poderia estar unido ao anterior e que novamente explora a questão central do personagem que, para o crítico, não é nem sequer uma questão a ser colocada:

Mesmo porque, ele próprio fornece afinal uma explicação alternativa para sua vontade de ser escritor. Ainda que tal explicação nada explique. De um lado, ele não a leva a sério, já que apesar dela não pára [sic] de questionar, ainda que sem real profundidade, a razão de ser ou não ser escritor. De outro, a explicação é apenas uma forma rebuscada de dizer que se tornar escritor é completar a transição cultural familiar — o que, naturalmente, nada explica: “Escrever em português era para mim uma forma de romper com a ilusão de imigrantes dos bisavós (que era possível escapar ou voltar atrás)” (p. 20). Romper com a ilusão dos bisavós? (BERNARDO CARVALHO..., 2009).

No trecho seguinte o crítico utiliza mais citações do romance para justificar suas considerações:

Junto a esse problema de estrutura, há ainda problemas que são de fatura. Por exemplo, o didatismo: seja quanto à situação narrativa (“Nunca pediu para ler meus livros, que não existiam, é claro” — p. 20), seja quanto à introdução de referências (“William Blake, autor do Casamento do Céu e do Inferno” — p. 10). Ou o uso facilitado de certos termos: “Era uma velha de cabelos grisalhos e escorridos, presos num rabo-de-cavalo que lhe dava uma aparência escolar, um vestígio anacrônico da juventude distante” (p. 11). Anacrônico, porém, ao contrário do uso comum, refere-se não ao que está fora do tempo, mas a um erro de cronologia; o mais pertinente, aqui, seria portanto extemporâneo. Ou então a utilização de expressões que traem certo desconhecimento do meio em questão: “[Estava] desempregado e separado da minha mulher, depois de me foder por nada, trabalhando como redator de comerciais de uma agência de publicidade” (p. 11). Fui redator publicitário durante anos em São Paulo, e jamais ouvi a expressão “redator de comerciais”. O que se diz é simplesmente “Sou redator publicitário”. Ou, mais comumente, “Sou publicitário”. Ninguém, portanto, diria “redator de comerciais” a não ser que fosse deliberadamente para se menosprezar. Mas não é o caso. Porque o tom do narrador é descritivo; porque não há qualquer indicação de intenção, por exemplo, o uso de aspas:

“trabalhando como ‘redator de comerciais’”; e porque, se o objetivo era ser irônico, a expressão “redator de comerciais” é tão fraca (pois afinal é disso que se trata) que se torna inútil. A única explicação é mesmo o desconhecimento do meio. O que se reforça pelo didatismo: “trabalhando como redator de comerciais de uma agência de publicidade” — e onde mais se poderia sê-lo? (BERNARDO CARVALHO..., 2009).

Aqui o tom agressivo do crítico se torna ainda mais evidente quando este aparenta ter perdido a paciência com o romance. Porém alguns erros apontados dizem respeito à falta de conhecimento do meio de comunicação tanto do autor quanto do crítico, pois é possível ser redator publicitário sem necessariamente trabalhar em uma agência de publicidade.

A seguir o trecho que finaliza a segunda divisão do texto:

Por fim, há as repetições. A literatura moderna, e mais particularmente modernista, fez largo uso da repetição como elemento de linguagem. Porém aqui não se trata de elemento de linguagem, mas apenas de vício narrativo, mera reprodução de informações já fornecidas:

Ao longo do processo, Jokichi terminou por localizá-los, em Ikuno, mas eles se recusaram a continuar a ouvi-lo quando tentou informá-los da morte do filho. Não queriam acreditar naquela farsa. O filho simplesmente desaparecera em 42. Nunca mais ouviram falar dele. Eram simples e desconfiados. (p. 47)

Com a rendição, Jokichi havia procurado os pais do morto para informá-los da morte do filho desaparecido. Os velhos ignoravam o que acontecera. Nada sabiam da impostura. Não ouviam falar do filho desde 42, quando ele sumira sem deixar traços. Inconformados e humilhados, eles se recusaram a acreditar no que Jokichi lhes contava. [...] Eram simples, mas orgulhosos. (p. 88)

As informações são exatamente as mesmas, e quase o mesmo é o texto. O leitor, portanto, já sabe das informações e do texto. E se já os sabe, para que lê-lo de novo poucas dezenas de páginas à frente? Ou na página seguinte: “[Havia um novo personagem.] Era a raposa, o único ator a usar máscara” (p. 124); “[Ele] interpretara a raposa, o único personagem caracterizado com máscara” (p. 125). Ou, enfim, na mesma página:

Os pais do soldado morto não podiam suspeitar que estivesse mentindo, e muito menos que fosse ligado a Jokichi e agisse em seu nome. [...] Não perguntavam de onde vinha o dinheiro. Não lhes passava pela cabeça que era de Jokichi e que o ator seguia as instruções dele. (p. 89) (BERNARDO CARVALHO..., 2009).

Aqui o crítico trata das repetições que postas desta forma realmente enfatizam um defeito narrativo e não escolha de estilo. Na sequência tem-se a

terceira parte da crítica, “3”, na qual o crítico se volta para o enredo. Citaremos aqui alguns trechos.

Resta o enredo. Num livro de cerca de 160 páginas, até a página 40 não há enredo. Há apenas o enfadonho ir e vir de um patético “redator de comerciais” desempregado a um medíocre restaurante japonês no bairro da Liberdade, onde não se decide a “enfrentar” a velha proprietária, pois esta certo dia lhe perguntara se ele era escritor. A partir daí, o enredo, enfim, começa. Não sem que antes uma grande dose de exotismo de ocasião se contrabandeie, preparando esse enredo: “Quando, um ano depois, num apartamento em Tóquio, o homem de lábio leporino terminou de ler a carta...” (p. 13). Um homem de lábio leporino num apartamento de Tóquio?

O enredo é, enfim, apresentado na quarta dezena de páginas, e se refere, em suma, a um triângulo amoroso envolvendo, nas palavras sérias do narrador, “uma moça inteligente”. Acontece de a tal “moça” ser uma antiga amiga da dona do restaurante, no Japão pós-Segunda Guerra. Estamos, assim, em um enredo étnico, histórico, multiculturalista, a lista toda (o que não é uma particularidade deste livro, mas sim uma característica do autor, cujos romances já se passaram na Floresta Amazônica, na Mongólia etc., mas não em São Paulo de modo a fazer da cidade mais importante do país o grande personagem). (BERNARDO CARVALHO..., 2009).

A partir deste trecho pode-se ter uma boa ideia do argumento desenvolvido pelo crítico nesta terceira parte do texto. Nos próximos parágrafos ele irá se demorar na descrição com farpas dos personagens e do enredo que, segundo ele, demoram a fazer sentido no romance. Logo abaixo citamos mais um trecho da crítica que aponta falhas na construção romanesca:

Mas o pior de tudo talvez sejam as inconsistências propriamente romanescas. Logo no começo da narrativa, isto é, a partir da página 40, apresenta-se a situação central da trama, uma troca de identidades. Ela é originada pela ida de seu personagem principal, “Jokichi, o marido de Michiyo”, para o interior, onde ficaria durante toda a guerra. Pois Jokichi, apesar de se alistar antes mesmo de ser convocado, não quer ir de fato para a batalha. Quer apenas escapar da “opressão familiar” (p. 44). O pai, que nutre por ele um “amor insano” (p. 44 — sabe-se lá o que há de insano num pai tentar proteger a vida de um filho), o convence portanto, sem dificuldade, a ir administrar a propriedade da família no interior, enquanto não chega sua convocação — e só por esse período. Jokichi no entanto fica placidamente administrando a propriedade até o fim da guerra, quando afinal se surpreende ao descobrir que o pai o enganara, jamais enviando a convocação, e ainda alistando em seu lugar um operário, que adota seu nome e morre em ação. Como, porém, se explica sua surpresa? Somente se fosse um perfeito idiota, que não

percebe, ao longo de quatro anos de guerra total, que talvez já devesse ter sido convocado — afinal, todos os homens de sua idade o foram... Mas ele não é absolutamente um idiota. Pois a narrativa explicita: “Jokichi era um homem inteligente. Nada daquilo teria acontecido sem sua cumplicidade, nem que fosse parcial” (p. 44). E ainda mais diretamente:

Setsuko [a velha do restaurante] não descartava a hipótese, de todas a mais verossímil, de que o próprio Jokichi tivesse se apresentado no interior não como filho de seu pai, mas como um simples administrador enviado por ele para substituir o anterior, convocado para a frente de batalha. Ou seja, deve ter participado da deserção de modo ativo e consciente, assumindo desde então outra identidade ou pelo menos escondendo a sua. (pp. 44-5) (BERNARDO CARVALHO..., 2009).

Na sequência do trecho acima o crítico passa a levantar os erros de enredo e caracterização dos personagens de Carvalho de forma não menos agressiva e recheada de farpas, o que é estranho hoje em dia, pois não se fazem críticas totalmente negativas como esta. Mesmo que o romance seja ruim, geralmente o crítico salva algo, mesmo que seja por ironia, como por exemplo, elogiando o trabalho editorial.

Em primeiro lugar, como se pode esconder a própria identidade sem adotar outra? Pois não é possível ser ninguém. Mas o mais importante: se ele participou da deserção e não era um idiota, como pode ficar surpreso? Pelo fato de seu pai ter enviado outro, um operário, em seu lugar? Ora, Jokichi era “um homem inteligente”, e o Japão era um Estado fascista. Não seria fácil escapar à convocação militar. Portanto, e considerando ainda as relações de classe tradicionais, nada haveria de surpreendente na ação do pai. Mas Jokichi se surpreende, apesar de sua cumplicidade e de sua inteligência. Além disso, apesar de sua cumplicidade e da inteligência do leitor, passa por um “processo absurdo de humilhação como desertor” (p. 46). Mas por que absurdo, se ele era de fato um desertor (“deve ter participado da deserção de modo ativo e consciente”)? E como pode ter se submetido a tal processo “para não sujar a memória do pai, que tudo havia arquitetado sem seu conhecimento” (p. 46)? Sem seu conhecimento? Ele não era inteligente? Não tinha “participado da deserção”? Tudo parece resultar da intenção deliberada de multiplicar o jogo de troca de identidades (não por acaso, a “questão da identidade” é comumente apontada pela crítica como algo central na obra de Carvalho). Assim, Jokichi “assume outra identidade ou pelo menos esconde a sua”, enquanto o pai faz outro homem assumir sua própria identidade. A troca de identidades é tão antiga quanto as comédias latinas de Plauto. Se isto não compromete a priori seu uso, tampouco pode, por si só, justificar qualquer coisa para ser construída, principalmente inconsistências flagrantes.

Seria inverossímil, no entanto, que um operário tivesse tomado o lugar de Jokichi e partido para o Sudeste Asiático só por dinheiro, para ajudar a família. Era preciso saber quem era esse rapaz. “Tudo nesta história se resume às razões que levaram o operário a aceitar o papel de protagonista dessa farsa”, me disse Setsuko. “É possível que nada tivesse acontecido se ele não fosse quem era”. (p. 45) (BERNARDO CARVALHO..., 2009).

No final do último parágrafo o crítico começa a tratar do inverossímil no romance de Carvalho, o que o leva a questionar até mesmo o uso do Japão na Segunda Guerra como um dos focos narrativos, como é possível observar em seguida:

Seguindo, enfim, com a leitura, deparo-me, perto do meio do livro, com esta passagem:

Foi nessa época que Setsuko e Michiyo se encontraram na oficina de bonecas. O pedido de casamento já havia sido formalizado, e os pais da noiva estavam absorvidos nos preparativos da cerimônia, que se pretendia a mais discreta. Michiyo não via Masukichi fazia meses. Tanto que Setsuko, apesar de saber da existência do rapaz, só veio a ouvir o nome dele bem mais tarde, quando foi morar com Jokichi e Michiyo. (p. 55)

E o que esta passagem me fez pensar foi: mas por que, afinal, todos esses nomes orientais? As mil e uma noites têm um núcleo original hindu — que foi, porém, inteiramente arabizado. A história deste livro, se precisa de uma guerra, não precisa da Segunda Guerra, e da Segunda Guerra do lado japonês. Infelizmente, houve guerras depois e há guerras agora. Como não há nada exclusivamente japonês na história — mulheres prometidas em casamento e honra familiar existiam no próprio Brasil há muito poucas gerações [sic] —, nada a priori a impediria de se passar em outro tempo ou lugar. Mesmo porque, a “questão de identidade”, na literatura moderna, inclui a migração do próprio texto. Mas já que foi feita a opção por um cenário nipônico para o romance, e já que ele se baseia no uso da metalinguagem, a velha conta ao narrador que, quando jovem, trabalhara para um velho escritor que não pode mais usar as mãos, e lhe dita então sua tradução para o japonês moderno do “Conto de Genji”, o mais antigo romance japonês, escrito há mais de mil anos por Murasaki Shikibu” (p. 77). O autor parece pretender criara [sic] assim um jogo de espelhos literário meio borgeano, num arco que se estende do “mais antigo romance japonês” ao seu próprio romance, o que é reforçado, entre coisas, por um comentário da mulher do velho escritor sobre... ser escritor. Mas, na verdade, não é borgeano, é apenas enfadonho. Para começar, há o fato de essa referência ser tão previsível quanto, ao se falar de poesia japonesa, evocar o haikai da rã de Bashô, o que seu igualmente previsível didatismo apenas piora: “o ‘Conto de Genji’, o mais antigo romance japonês, escrito há mais de mil anos por Murasaki Shikibu”. Para terminar, tal “conto” não é um romance. (BERNARDO CARVALHO..., 2009).

Nos próximos parágrafos o crítico irá se demorar ao explicar afinal o que é o Conto de Genji até voltar ao enredo do romance e a questão da verossimilhança que tem incomodado o crítico até o momento:

Voltando ao nosso enredo, falta dizer que o narrador fica surpresíssimo ao descobrir ser a velha que lhe conta a história do triângulo amoroso, não uma amiga da mulher envolvida, como dissera, mas a própria. Quem jamais imaginou uma coisa assim? Seu espanto, porém, é tamanho que, uma vez que ela desaparece, depois de percorrer o interior de São Paulo a sua procura, ele parte para o Japão. Para quê? Para entregar uma carta que a velha deixou para trás, destinada a um dos outros vértices do triângulo... O chavão narrativo não termina aí. Pois o tal vértice não será encontrado, mas a carta, afinal traduzida do japonês pelo sujeito de lábio leporino num apartamento de Tóquio, esclarecerá tudo. Por exemplo, porque o autor viu-se obrigado a dar tanta ênfase à inverossimilhança do gesto do operário de aceitar dinheiro para servir no exército sob nome falso. O motivo era apresentar uma história, esta sim inverossímil, que comprova a intenção deliberada de multiplicar o jogo de troca de identidades — e ainda serve para explicar a escolha pela ambientação nipônica do enredo. Essa história envolve, de um lado, uma espécie de casta de intocáveis japoneses (os burakimins), e de outro, um primo do Imperador. Em resumo: o operário aceitara a oferta, não pelo dinheiro, mas por ser um pária acostumado à submissão. Além disso, depois de assumir a identidade do filho do patrão e revelar a farsa a outro soldado, é morto e tem a própria identidade roubada pelo primo do Imperador, um criminoso de guerra que, com a identidade do pária, foge para o Brasil em 1945. Trata-se, naturalmente, da velha fábula do príncipe e do mendigo. As intenções do autor, em todo caso, são claríssimas, e para não deixar qualquer dúvida, estão explicitadas nos parágrafos finais: primeiro, trata-se de questionar como é “possível ser outra coisa além de si mesmo”; segundo, trata-se de, num hino-síntese do politicamente-correto, decretar que ocidentais e orientais “Temos mais em comum do que se pode imaginar. O oposto é o que mais se parece conosco” (p. 164). (BERNARDO CARVALHO..., 2009).

Tendo se dedicado a desmembrar o enredo do romance de forma a evidenciar as falhas que podem deixar o leitor da crítica espantado que tais apontamentos não foram feitos em uma redação do ensino fundamental, o crítico se volta para mais erros narrativos, neste caso as repetições:

Só o que não será jamais esclarecido é a necessidade de repetir as informações até o desespero do leitor. O pior momento, neste aspecto, encontra-se à página 125. Pois fora à página 107 que o narrador vendera o carro a fim de ir para o Japão com o propósito

específico de descobrir o paradeiro de um certo Masukichi, que fora a vida inteira um ator. Ele, portanto, não faz outra coisa nas 18 páginas seguintes. A busca frustrada de seu paradeiro, através de várias cidades do Japão e por milhares de páginas da internet, incluindo a repetição de seu nome nas várias entonações possíveis (“Máasukichi, Masúkichi, Masukíchi, Masukichí” — p. 121) para desconhecidos que talvez tivessem ouvido falar dele — afinal, fora a vida inteira um ator —, culmina numa ida a um teatro. O narrador, então, assiste a uma peça da qual não entende nada, pois não fala japonês, apenas para poder esperar a saída dos atores, depois de se informar na portaria qual deles falava inglês. E eis que, enquanto espera, aproveita para explicar ao leitor: “Buscava alguém que tivesse ouvido falar de Masukichi”.

Já o pior momento no aspecto propriamente romanesco encontra-se na penúltima página: “Entendi porque Michiyo precisava de alguém para escrevê-la [sua história] em português. Era a herança que deixaria aos filhos que não teve” (p. 163). Acontece que Michiyo viveu por 50 anos no Brasil. Falava muito bem o português, como fica demonstrado por várias citações diretas. E como era comerciante, o que implica em uma série constante de papéis a ler e a escrever, e como escrever em português é bem mais fácil do que em japonês, torna-se no mínimo duvidoso o fato de não poder redigir as próprias memórias, que aliás não incluíam nenhuma grande dificuldade vocabular ou sintática, pois não se trata das memórias de uma intelectual, mas apenas de um triângulo amoroso juvenil. (BERNARDO CARVALHO..., 2009).

Após apresentar essas falhas risíveis, para dizer o mínimo, o crítico finaliza o seu texto da seguinte forma:

Se sintetizar o que se espera de um romance não é impossível, resumir o que se espera da crítica é facilímo: que dê a conhecer a obra analisada, para além do vício hoje comum da paráfrase da história (no caso da prosa) ou do verso (no caso da poesia), e do ainda mais comum vício de querer integrar o velho mas sempre renovado “coro dos contentes”. Pois se integrá-lo não acarreta risco nenhum (sequer dá muito trabalho), por outro lado garante certos ganhos, resumíveis na palavra compadrio. A literatura brasileira contemporânea, incluindo a crítica, é hoje um piquenique auto-congratatório sobre a relva das circunstâncias. A história, porém, se acaso convidada, dificilmente marcará presença: ela é, até por consequência da idade, algo mais exigente. (BERNARDO CARVALHO..., 2009).

Ao finalizar o texto o crítico faz uma análise da própria crítica, tanto sua quanto de seus pares, ou seja, do estado atual da crítica contemporânea. O que não deixa de ser interessante, tanto como uma reflexão quanto como uma boa justificativa para seu extenso e agressivo texto.

O que pode ter faltado no texto é justamente a sutieza de perceber que nem só de falhas é feito um romance, apontando linha após linha os pontos negativos elevados à categoria de absurdos literários, o crítico, de certa forma, perde sua credibilidade, fazendo-nos questionar se tal empenho em criticar o romance é por conta da péssima qualidade do mesmo, ou por um problema pessoal com o autor.

#### 5.15 Sobre as críticas – 2001 a 2010 – *O Sol se põe em São Paulo* – *Revista Veja*

A próxima crítica é bem diferente da apresentada anteriormente. De autoria de Jerônimo Teixeira, foi publicada na *Veja* sob o título de “Baile de Máscaras”, infelizmente não há data para esta publicação, o que pode ter ocorrido por um erro de programação no site.

O primeiro parágrafo abre da seguinte forma:

Bernardo Carvalho é um escritor brasileiro de ambição argentina. Explica-se: a literatura argentina, de Macedonio Fernández e Jorge Luis Borges aos contemporâneos Ricardo Piglia e Alan Pauls, abandonou há muito a miragem da "identidade nacional". Em certa medida, Carvalho busca o mesmo caminho. O antropólogo americano que se suicida em uma aldeia indígena de Nove Noites, por exemplo, ou o diplomata brasileiro que busca um fotógrafo desaparecido no país que dá título ao romance *Mongólia* habitam uma espécie de não-país, uma zona de choque cultural e identidades equívocas. A mesma fórmula é reiterada em *O Sol Se Põe em São Paulo* (Companhia das Letras; 164 páginas; 34 reais), romance que chega às livrarias nesta semana. Carioca radicado em São Paulo, Carvalho, aos 47 anos, vem mostrando consistência na perseguição de suas obsessões literárias. Foi assim que conquistou seu lugar entre os melhores autores brasileiros em atividade – um dos poucos que contam com um público leitor efetivo. *Nove Noites*, talvez o melhor de seus nove livros, está longe de ser um best-seller, mas alcançou uma marca respeitável para um autor "sério": 28 000 exemplares vendidos. (BAILE DE...)

A partir do trecho acima pode-se perceber imediatamente a diferença de abordagem em relação ao romance e ao autor. O texto de Teixeira também tende para uma resenha jornalística na qual o autor do romance é o destaque, já que ele é mais notícia do que o próprio romance.

Na sequência um pouco do livro:

Em *O Sol Se Põe em São Paulo* um escritor – ou, pelo menos, um homem que se apresenta como tal, embora não tenha publicado livro algum – viaja ao Japão para esclarecer os detalhes obscuros da história que Setsuko, uma elusiva senhora japonesa, lhe contou. Essa história envolve um romance inacabado de Junichiro Tanizaki, um dos grandes nomes da literatura japonesa do século XX (pode-se argumentar que esse vezo de fazer literatura sobre literatura também é muito argentino, embora nessa vertente não exista brasileiro que consiga fazer frente a, por exemplo, *Respiração Artificial*, de Piglia). Apresenta-se ao leitor um triângulo amoroso no Japão do imediato pós-guerra, com toques de erotismo perverso típicos de Tanizaki. O drama sexual, como se saberá ao longo do livro, encobre tragédias maiores, em uma sucessão abissal de nomes falsos e identidades trocadas. (BAILE DE...)

Neste momento podemos perceber claramente o ângulo para o qual o crítico direciona seu texto. Ao mencionar a metalinguagem ele o faz evocando os escritores argentinos, ao mencionar o triângulo amoroso ele o faz focando na tensão sexual e em seus personagens históricos.

No próximo e último parágrafo desta minicrítica, a conclusão do texto de Teixeira:

É um enredo difícil, que Carvalho desenrola com relativa desenvoltura. Perde-se no final, quando o que se supõe ser a verdade dos fatos vem à tona através de um recurso artificioso – uma carta, na qual a remetente toma o cuidado excessivo de deixar tudo bem explicadinho. São esclarecimentos demais para um livro que cita com admiração as idéias de Tanizaki sobre a beleza dos jogos de sombra. Mais importante do que a história em si, porém, é o esforço do narrador para desenredá-la. Descendente de japoneses que perdeu o contato com a cultura de seus antepassados (nem mesmo sabe falar japonês), o narrador descobre um sentido vicário para sua vida besta de publicitário desempregado na história duvidosa que ouve de uma velha imigrante japonesa. O que talvez deva ser lido como uma profissão de fé do autor no poder salvador da arte narrativa – mesmo que essa seja uma arte feita de enganos. (BAILE DE...)

Essas duas críticas escolhidas sobre o romance de Carvalho são exemplos de opostos. Aqui o crítico elogia o romance com certo distanciamento, para ao final afirmar que não foi tão bem realizado, mas que valeu o esforço. Já a crítica anterior não foi distante em momento algum, pelo contrário entrou no ringue com o romance e tentou nocauteá-lo por 15 assaltos.

O que se pode talvez elucidar dessas duas críticas tão diferentes sejam algumas coisas: primeiro o espaço e meio onde foram publicadas, a crítica anterior teve muito mais espaço em uma revista cultural, a de Teixeira teve que se transformar em quase uma nota dentro de uma revista de variedades; uma tem um estilo mais voltado para o acadêmico enquanto a outra é jornalística, porém ambas, seja de forma explícita, seja de maneira mais sutil, apontam as falhas do romance de Carvalho, e portanto cumprem sua função de crítica tanto enquanto opinião quanto reflexão.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta todas as questões apresentadas, tanto em relação à ficção histórica quanto ao jornalismo cultural e à crítica, este trabalho, que envolveu tanto o levantamento de dados, quanto análise e resgate bibliográfico pode vir a fornecer um perfil da crítica em relação ao romance histórico e de como este é tratado pela imprensa brasileira.

Após observar a história do jornalismo e suas tendências contemporâneas, pudemos perceber que a crítica realizada em jornal ao longo de três décadas está diretamente envolvida com os processos que permeiam os meios de comunicação. Ou seja, a crítica está sujeita as mesmas pressões de tempo, espaço e tema que o jornal está.

Um exemplo disso é que os romances recebem espaço e destaque proporcional à visibilidade seus autores, como Chico Buarque que, independente de sua qualidade literária, é um autor que vende, pois é conhecido por seu trabalho como músico e por isso acaba em destaque nos meios de comunicação.

Outro ponto interessante de reforçar é que a falta de espaço não significa necessariamente críticas ruins, apenas um novo tipo de crítica, muito mais ligeira, com informações factuais (serviço e agenda em algumas situações), mas sem perder sua capacidade de refletir e fazer o leitor refletir sobre a obra de arte em questão.

O espaço para a crítica também merece uma última consideração. É sabido tanto pelo senso comum, quanto por esta pesquisa e revisão bibliográfica, que o espaço para a crítica na imprensa diminuiu. É também sabido que muitos críticos se rebelam contra isso afirmando que é impossível fazer crítica se não dispuserem de pelo menos duas páginas inteiras do jornal. Tudo isso é muito justificável e compreensível, é claro que uma tentativa de crítica de três parágrafos, como a de Jerônimo Teixeira para a *Veja* deixa muito a desejar, mas o que mais surpreendeu durante esta pesquisa foi que, por incrível que pareça, a maior parte das críticas extensas não realizaram bem sua função.

Além disso, a aparente negação do termo romance histórico também pode suscitar alguns questionamentos que talvez fossem indicados pelas leituras

daqueles que o consideram um gênero em vias de esquecimento. Quanto a essas, a resposta de Frederic Jameson parece fazer mais sentido:

Contudo, podemos estar certos de que, por mais longo que seja o curso percorrido, o nosso tempo não é nem o do fim da história, nem o do fim da política e nem mesmo o do fim da arte, e de que no que toca ao romance histórico a necessidade irá produzir mais invenção, de modo que insuspeitadas novas formas do gênero inevitavelmente irão abrir seus caminhos.(JAMESON,2007, p. 203)

De qualquer forma, tanto uma quanto outra afirmação não cabem neste momento, sendo mesmo desproporcionais, pois requerem uma análise mais profunda, já que são questões de amplo debate. É também importante lembrar que o romance histórico durante o período pesquisado não é um gênero considerado como menor ou em decadência. Durante a década de 90 pudemos observar diferentes reportagens que tinham como foco o “novo filão de mercado”, o romance histórico, porém, não se sabe se por coincidência, falta de conhecimento dos jornalistas ou preconceito dos próprios escritores, tanto em entrevistas, matérias, notícias ou críticas, foi raro o aparecimento do termo para qualificar, as obras abordadas.

É importante frisar que a importância principal deste trabalho é ter realizado uma varredura precisa de levantamento de dados quantitativos sobre críticas publicadas na imprensa e na *web* sobre romances históricos brasileiros. Com esses dados esperamos ter criado uma base para futuras pesquisas e, principalmente, ter cumprido a função catalogar e registrar essas críticas, reportagens, artigos acadêmicos, anúncios publicitários, textos em blogs, etc. que, se considerados com a devida atenção, nos trazem muito mais do que números e listas, são o registro da história recente desta nova forma de se fazer jornalismo e crítica e mais ainda, nos mostram como foi a recepção do romance histórico nessas últimas três décadas.

Este levantamento, que muitas vezes pode ser interpretado apenas como dados frios, pode aferir veracidade àquilo que até então pairava no senso comum, na opinião de meia dúzia de jornalistas e críticos, ou seja, de que a forma de se fazer jornalismo cultural mudou e a forma de se fazer crítica também. E com esses dados podemos perceber realmente o impacto dessa mudança na crítica literária e na recepção do romance histórico. Podemos através de uma breve leitura desses dados entender, por exemplo, o quão bem ou mal recebido pela crítica determinado livro foi e a partir daí surgir com novos estudos a respeito.

Para complementar nosso trabalho seguem os APÊNDICES 1 e 2 que contemplam um índice com todos os retornos encontrados, tanto em jornal impresso quanto na *web*, para as duas listagens de livros. Nos ANEXOS também se encontram as críticas comentadas durante o trabalho digitadas de forma integral.

## REFERÊNCIAS

A CRÍTICA LITERÁRIA E SUAS POLÊMICAS. **Revista Brasileiros**, 19 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.revistabrasileiros.com.br/2014/02/quem-tem-medo-da-critica-literaria-2/#.VBnWWfI3aaO>> . Último acesso em 17 set. 2014.

A MISÉRIA do ciúme. Folha de S. Paulo, p. 5, 20 jun. 1999.

A QUESTÃO do nacional e do popular. **O Estado de S. Paulo**, p.10, fev. 1985.

ANDERSON, Perry. Trajetos de uma Forma Literária. **Novos Estudos**, São Paulo, n.2, março de 2007.

AS INVASÕES Bárbaras. Direção de Denys Arcand. Canadá: Produção: Daniel Louis e Denise Robert, 2003. 1 DVD (94 minutos), sonoro, legenda, color.

AS REDUZIDAS situações romanescas. **O Globo**, p. 4, 24 jan. 1998.

AS SOMBRAS da memória. **Rascunho**, Curitiba, jul 2009. Disponível em: <<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/as-sombras-da-memoria/>> . Último acesso em 10 set. 2014.

BAILE DE máscaras. **Revista Veja**. Disponível em:<[http://veja.abril.com.br/070307/p\\_111.shtml](http://veja.abril.com.br/070307/p_111.shtml)>.

BERNARDO CARVALHO desmitifica a Mongólia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 out. 2003. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1110200309.htm>>. Último acesso em 14 set. 2014.

BERNARDO CARVALHO fracassa em O sol se põe em São Paulo. **Revista Sibila**, 04 abr. 2009. Disponível em:<<http://sibila.com.br/critica/o-sol-se-poe/2097>>.

BUITONI, Dulcília Helena Schoroeder. Entre o consumo rápido e a permanência: jornalismo de arte e cultura. In: MARTINS, Helena Maria (Org.). **Outras Leituras**. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Itaú Cultural, 2000.

CHEGA ÀS livrarias “Leite Derramado”, novo livro de Chico Buarque. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 28 mar 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2009/03/541905-chega-as-livrarias-leite-derramado-novo-livro-de-chico-buarque.shtml>>. Último acesso em 10 set. 2014.

COELHO, Marcelo. Jornalismo e crítica. In: MARTINS, Helena Maria (Org.). **Rumos da Crítica**. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Itaú Cultural, 2000.

COELHO, Teixeira. Outros olhares. In: LINDOSO, Felipe (Org.). **Rumos do Jornalismo Cultural**. São Paulo: Summus: Itaú Cultural, 2007.

CRÍTICA JORNALÍSTICA deve ser estridente e opinativa. **Folha de S. Paulo**, *Almanaque*, 30 nov. 1991. Disponível em: <[http://almanaque.folha.uol.com.br/leituras\\_27jan03.shtml](http://almanaque.folha.uol.com.br/leituras_27jan03.shtml)>.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. Dicionário de Comunicação. Rio de Janeiro, Editora Codecri, 1978.

ESTEVES, R. Antônio. **O Romance Histórico Brasileiro Contemporâneo (1975 – 2000)**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

HABERMAS, J. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. Rio de Janeiro. Ed. Tempo Universitário, 1984.

HIRSZMAN, Maria. O aprendizado da crítica. In: LINDOSO, Felipe (Org.). **Rumos do Jornalismo Cultural**. São Paulo: Summus: Itaú Cultural, 2007.

HISTÓRIA DE alienados e oprimidos. **O Globo**, Rio de Janeiro, p.7, 16 dez. 1984.

JAMESON, Frederic. O Romance Histórico Ainda é Possível?. **Novos Estudos**, São Paulo, n.2, março de 2007.

KUCINSKI, B. **Jornalismo na era virtual**: ensaios sobre o colapso da razão ética. São Paulo. Ed Fundação Perseu Abramo, Ed. UNESP, 2005.

LINDOSO, Felipe (Org.). **Rumos do Jornalismo Cultural**. São Paulo: Summus: Itaú Cultural, 2007.

MARTINS, Helena Maria (Org.). **Rumos da Crítica**. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Itaú Cultural, 2000.

MEDINA, Cremilda. Leitura crítica. In: LINDOSO, Felipe (Org.). **Rumos do Jornalismo Cultural**. São Paulo: Summus: Itaú Cultural, 2007.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

NÃO HÁ MAIS para onde ir. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 nov. 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3011200314.htm>>. . Último acesso em 12 set 2014.

O SELVAGEM da ópera. **O Estado de S. Paulo**, p. D12, 28 ago. 1994.

O TEMPO da delicadeza de Carlos Heitor Cony. **O Globo**, p. 3, Prosa e verso, 10 abr. 1999.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2002.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Crítica literária: em busca do tempo perdido?**. Santa Catarina: Argos, 2011.

RODAS, Janina. **Paulo Leminski: 50 anos de crítica**. Curitiba, 2013; digitado. Monografia elaborada para a disciplina de Teoria da Poesia.

STYCER, Maurício. Seis problemas. In: LINDOSO, Felipe (Org.). **Rumos do Jornalismo Cultural**. São Paulo: Summus: Itaú Cultural, 2007.

SUA VIDA foi uma ópera. **O Globo**, p. 1, Segundo Caderno, 15 ago. 1994.

SZANTÓ, András. Um quadro ambíguo. In LINDOSO, Felipe (Org.). **Rumos do Jornalismo Cultural**. São Paulo: Summus: Itaú Cultural, 2007.

TERMÔMETROS DE uma era veloz. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 25 jul. 2009. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,termometros-de-uma-era-veloz,408355>>. . Último acesso em: 16 set. 2014.

UMA VIDA trepidante. **Folha de S. Paulo**, p. 13, 26 out 1997.

WEINHARDT, Marilene. A Biblioteca Ilimitada ou uma Babel Ordenada: Ficção-crítica Contemporânea. **Caderno de Estudos Culturais**, Campo Grande, v. 1, n. 3, 2010.

WEINHARDT, Marilene. Ficção histórica contemporânea no Brasil: uma proposta de sistematização. **Anais do VI Seminário Internacional de História da Literatura**. Porto Alegre: PUCRS, 2006. v. 1, p. 1-6 (CD-ROM)

WEINHARDT, Marilene. Outros palimpsestos: ficção e história - 2001-2010. In: OURIQUE, João Luís Pereira e outros (org.). **Literatura: crítica comparada**. Pelotas: Editora Universitária PREC/UFPEL, 2011. p. 31-55

WERNECK, Humberto. A ditadura do best-seller. In: LINDOSO, Felipe (Org.). **Rumos do Jornalismo Cultural**. São Paulo: Summus: Itaú Cultural, 2007.

**ANEXOS**

## **ANEXO A – Críticas que foram comentadas reproduzidas integralmente**

O *Globo*, 16 dez. 1984. Crítica de Luiz Garcia sobre *Viva o Povo Brasileiro* de João Ubaldo Ribeiro.

### **História de alienados e oprimidos**

Imagine-se um rio no mato, beleza de cartão postal, a água correndo alegre igual a criança, sensual nas curvas como mulher feita. Pode-se beber sem susto, é cristalina. Mas cuidado com o mergulho de corpo inteiro: logo abaixo da superfície corre forte uma correnteza implacável, feroz como ira santa, que pega e não larga mais.

“Viva o povo brasileiro” é mais ou menos isso. Visto de um jeito, grande painel alegórico de histórias dentro da História do Brasil. No centro a ilha baiana de Itaparica, pela qual, nota o leitor ladino, o autor tem certo apego; ou seja, morre de paixões.

Lá desfilam os heróis, muitos sem caráter algum. Desde o prematuro fim do Alferes Brandão Galvão na Guerra da Independência (que só o resto do Brasil não sabe que houve), mas logo voltando atrás para lembrar o refinado apetite do lendário caboclo Capiroba, comedor de gente – primeiro gourmet nacional a preferir o produto importado. Depois, saltando anos, vadeia-se o século XIX e atingi-se o XX, anos 70.

Assim, temos o infame Barão das Baleias, com seu pérfido secretário e sucessor, Amleto Ferreira, cuja descendência formará, digamos, o establishment da grande saga. E temos o povo, monte de caboclos e cafusos, negros e mulatos, escravos antes e depois da Abolição, aviltada gentinha de pouca serventia – como se pensava, como talvez se pense ainda, só que hoje em dia com verniz.

Com a canalhice de uns e o sofrer de outro vá o leitor se distraindo. Tanta graça, safadeza e mágica tem esse Ubaldo... Vá se divertindo, leitor. Desavisado.

Aos poucos, porém, e querendo, irá notando que o agudo humor do autor não está apenas a serviço da demolição de hipocrisias individuais. Que a fantasia

não é folclore, o folclore não é regionalismo, o regionalismo não é mais que pano de fundo.

Acontece que João Ubaldo de Oliveira não é apenas um baiano, dizem que de Sergipe como a maioria, que escreve bem e engraçado; não se trata de um sub-Jorge Amado (Jorge Amado, como se sabe, é um super-Jorge Amado, ou seja, melhor e mais relevante, pelo conjunto da obra, do que possa dar impressão qualquer tentativa apressada de rotulá-lo).

Pois Ubaldo – ele que perdoe, verdades precisam ser ditas – é um erudito, de profunda e sólida formação. De pronto não há quem o diga, escreve como as pessoas falam. Alitera, hiperboliza, metaforiza – mas, caridoso com o leitor, não merquioriza, embora possa, como o mais douto dos merquiroses.

Sendo portanto um escritor que além de sentir o seu país, pensa sobre ele, buscou, via romance, investigar a origem e formação do que seria a alma brasileira. Ou seja, traços comuns traços comuns que por razões históricas e outras foram com o tempo se assentando na gente. Naão [sic.] as generalizações tolas do ufanismo e do não-ufanismo. Não os mitos do povo cordial, musical, genial e outras rimas. Apenas, ou muito mais que apenas, a revelação de uma sofrida busca de identidade.

O recurso ao fantástico disfarça mas não engana: “Viva o povo brasileiro” é história de opressores e oprimidos, de alienados e daqueles que, por natureza ou deliberação, foram procurando construir o verdadeiro orgulho nacional. O qual, evidentemente, só viceja à custa de porretadas na cabeça da opressão. Iguais, é bom lembrar, às porretadas desfiradas pelo Caboclo Capiroba na cabeça dos holandeses, antes de moqueá-los com perícia.

Os oprimidos de João Ubaldo vêm do mato e têm a pele escura; os opressores também, mas vão branqueando na medida do possível. São todos, mesmo os que não querem, brasileiros.

Na fusão e na confusão, no choque e na paixão, a alma desse povo vai surgindo. Do negro Leléu, humano e malandro, passa-se o bastão uma Dafé, impossivelmente heróica e lendária, capaz de incríveis proezas; ambos têm seu lugar, entendidos como devem ser.

E tudo se entende. Quando a vitória em Tuiuti só se torna possível com a ajuda de Oxóssi e Xangô, vê-se que é assim mesmo que a História tinha a obrigação de acontecer. E, ao fim, quando o General Patrício Macário, de excelente

família, encontra paz na sabedoria e no tempero de uma mãe-de-santo, fecha-se o ciclo. E o que vem depois do fecho é o desfecho, rescaldo.

O que faço, pergunta o General à cabocla. Ela diz, segue. Não importa como nem para onde, segue. E é o que faz o povo brasileiro, humilhado e sofrido, rebelde e orgulhoso, patriota da melhor maneira, neste romance emocionado. Emocionante será, para quem nele se engajar.

*O Estado de S. Paulo*, 17 fev. 1985. Crítica de Lúcia Helena sobre *Viva o Povo Brasileiro* de João Ubaldo Ribeiro.

*“Viva o Povo Brasileiro”*

### **A questão do nacional e do popular**

Foram muitos os percalços do processo civilizatório aqui implantado. Desde o silêncio a que se reduziram legítimas raízes de nossa cultura até a manipulação, por vezes populista, conservadora e autoritária, com que se buscou resgatá-las, sob a égide de um pernicioso álibi a que normalmente se denominou de “nacionalismo”, ou em nome de uma abstrata noção de “identidade” do nacional e da missão do escritor.

Na rota desses desvios, o intelectual deparou-se quase sempre com a árdua obrigação de ser o **double** de “outra coisa”. Um diletante, não por opção, mas por falta de oportunidades sociais de extrair de seu trabalho crítico e criado o necessário à sobrevivência. A mazela ainda se alastra e raríssimos são os que podem viver do ofício de escritor.

Muitos mitos foram socialmente engendrados como sustentáculo dessa ambigüidade e como forma de se obscurecer uma contingência cultural hostil: o escritor sempre visto como um missionário, o brasileiro como modelo do homem cordial, o Brasil como o país do Carnaval, a América do Sul como o paraíso do sol/sul/sal, a formação social híbrida apresentada como um todo coeso e harmônico. A enumeração iria ao infinito.

Esse feixe de temas e problemas foi magnificamente abordado, na década de 20, por Mário de Andrade, em **Macunaíma**. Obra atualíssima que em tudo expressa a perplexidade e matização dos níveis formadores de uma sociedade nada uma e não tão cordial como à primeira vista poderia parecer.

Na “paulicéia desvairada” a que Mário fez-se unir o tempo mítico e imemorial do Uraricoera surge o herói sem nenhum caráter; tão híbrido, tão múltiplo, tão fragmentado, esse novo perfil da brasilidade veio a contrapor-se aos símbolos até então imaginados. Sua genealogia é a própria recusa do que o símbolo pretende figurar – considerando-se que este significa, normalmente, a representação da totalidade no particular. Uma lei válida e geral, exemplar. Em **Macunaíma**, não. O que nele se enfatiza é a fragmentação, a ruptura com a representação da totalidade, a unidade dispersa jamais totalizante, na qual a caoticidade é um valor positivo, indicador e estruturador de um sentido plural, e sempre mais rico, da nacionalidade não mais captada de modo estático e pretensamente coeso.

O próprio Mário, no prefácio ao livro (que afinal acabou não sendo acoplado a seu texto), afirma não querer que tomem seus personagens como símbolos. Eles são, na verdade, alegorias de uma pergunta incômoda e delicada: o que caracteriza nossa cultura e nosso povo? Somos uma “identidade cultural”? E, se somos, o que significa isto; uniformidade?

O romance **Viva o Povo Brasileiro** (Ed. Nova Fronteira), obra recente do baiano João Ubaldo Ribeiro, vai trilhar, corajosa e largamente os descaminhos desse “ninho de cobra”: a questão do nacional e do popular.

Quem o quê é o povo brasileiro? A resposta (existe uma?) não é simples e João Ubaldo sabe disso. Tanto que, nesta obra riquíssima, ele - felizmente - mais pergunta do que responde, mais duvida do que afirma, mais dialoga do que tenta impor uma pretensa e única (e ideológica) “verdade”.

Se – ao ler o título do romance – o leitor imagina que vai encontrar diante de si uma obra em que se louva algo que, simbolicamente, o escritor estaria apresentando como “nosso povo”, do qual se traça um perfil de glórias patrióticas, cairá num ledo e grosseiro engano.

Esse “povo personagem” tão genérico, tão embaçado, tão oprimido integra uma narrativa em que não só nos é revelado com dignidade e alta taxa de criação o quanto de ideológico se oculta nas visões oficiais e escolares, quanto se procura questionar tudo isso.

A questão do poder, da opressão, de suas modulações – o fato de ser o poder uma rede complexa de relações que não podem ser explicadas nem entendidas a partir da visão maniqueísta que oponha romanticamente os “bons” e os “maus” – é tema que perpassa todo o longo e belo texto de João Ubaldo. Senhores e escravos, colonos, colonizados, colonizadores não são pólos intocáveis de antíteses a serem conciliadas, mas contrapontos de uma incrível polifonia de configurações sócio-culturais.

Nesta obra, que abrange três séculos brasileiros – e procura pensar a especificidade de seu intercâmbio tanto com a problemática nacional quanto internacional -, formula-se de múltiplas maneira uma indagação crucial: como tratar o tema do nacional fora de uma perspectiva conservadora, autoritária ou “pseudo-liberal”? Como enfrentar esse difícil problema sem revelar nas interpretações apaziguadoras e sem perder de vista o que há de inquietante tanto em nosso mosaico cultural quanto no mundo específico da linguagem literária? Ou seja, como procurar também escapar da fórmula – já tão desgastada e em muitos níveis, também [sic.] conivente – do depoimento fidedigno e da denúncia social transparente que se nutre de um máximo de verdade (?) e de um mínimo de literatura?

A opção de João Ubaldo é um achado pessoal, mas é também a retomada – a meu ver – de um veio marioandradiano (e observe-se que não falo de influência): aquele veio que permite a ambos apresentar a divisão entre a colônia e o não colonial, entre o mítico e o real, entre o literário e o social, entre o “meu” discurso e o do outro, entre a história “oficial” e suas contraversões como algo que necessita ser focalizado a partir de uma perspectiva de desmascaramento paródico e do resgate alegórico de vozes culturais silenciadas. E isto feito com a argúcia necessária para não se deixar seduzir pela denúncia – que é sempre mais fácil, mais comunicativa, e para os espíritos simples, sempre mais aliciadora – nem pelos preconceitos que confundem literatura com depoimento.

**Viva o Povo Brasileiro** não é um “retrato” ou uma radiografia do Brasil e de seu povo. É, antes de tudo, ficção e como tal se comporta, metamorfoseando nosso absurdo colossal sem dele extrair lições exemplares para transmiti-las, como receitas, ao leitor. Ao contrário, o texto de João Ubaldo apreende e interpreta rica e obliquamente a realidade sócio-cultural brasileira, transgredindo-a na realidade ficcional, urdida pelo imaginário. Uma manifestação disso é dada pela maneira

através da qual o autor maneja o traçado épico de sua obra – composta de várias histórias distintas, que se interpenetram, articulam e também mantém relativa independência -, sem ceder à grandiloquência e à louvação histórica que têm caracterizado o gênero no Brasil. Ao contrário, o **heroísmo**, valor tão caro ao gênero épico e à “mitologia” deste país que se tem contentado em recitar nas salas escolares o verde de suas matas e o amarelo de seu ouro, é frequentemente ironizado na obra de João Ubaldo, pelo fino humor que dele faz um parodista de primeiro time.

Outra característica importante de **Viva o Povo Brasileiro** é que, na construção de sua história, o narrador evita o tom de messias incumbido de salvar, numa espécie de “má consciência” culpada, os oprimidos. O livro abre, para a safra literária de 1985, uma trilha instigante na qual se ergue uma coorte de personagens que se estruturam para além do bem x mal e que – como o negro Leléu – são portadores de uma **sabedoria** macunaímica toda sua: a de serem capazes que ver que os dois lados da medalha são vários e que, na matemática mágica da ficção, dois e dois podem ser cinco.

O *Globo*, 24 jan. 1988. Crítica de Wilson Martins sobre o livro *A majestade do Xingu*, de Moacyr Scliar.

### **As reduzidas situações romanescas**

*Carlos Heitor Cony, Juremir Machado da Silva e Moacyr Scliar refletem a situação do romance brasileiro*

Há algo novo no romance brasileiro: tem-se tornado, nesses últimos tempos, uma “obra de arte literária”, sem qualquer outro compromisso a não ser consigo mesmo enquanto literatura. Não se trata de “contar uma história”, processo que automaticamente rejeita o leitor para fora, como “estranho” e exterior ao tecido da narrativa: trata-se de incluí-lo na trama como personagem globalizante que se confunde com todos os outros e que, em certo sentido, os resume. As congeminções teóricas que se distinguem “o autor”, “o narrador”, “o protagonista” e

assim por diante (sempre por meio de um vocabulário absconso), ignoram desde logo, no ponto de partida, o que é o romance – terceira entidade de todos eles, sem realmente identificar-se com qualquer um.

Em outras palavras, o “narrador” é o “autor” e vice-versa, sendo ambos, ao mesmo tempo, os protagonistas da narrativa, que tampouco neles se assimila, mas que “assimilam” o leitor. A prova está em que as “situações romancescas” são tão reduzidas em número e variedade quanto às 36 situações dramáticas outrora esquematizadas por G. Polti num livro de 1895 que teve seu momento de celebridade. Os leitores de Proust certamente reconhecerão no romance de Carlos Heitor Cony (“A casa do poeta trágico”. São Paulo: Companhia das Letras, 1997) e em boa parte no de Juremir Machado da Silva (“Viagem ao extremo sul da solidão”. Porto Alegre: Sulina, 1997) a situação romanesca de “Um amour de Swann”, ou seja, o romance como obra de arte literária, tão “gratuito” quanto uma escultura abstrata ou um quadro de gênero, sem nada perder de seu valor como testemunho da condição humana.

No romance de Cony, as afinidades com as artes plásticas são sugeridas desde o título e pelo tema, ao mesmo tempo central e puramente episódico, proposto pela visita às ruínas de Pompéia, para nada dizer da atmosfera levemente artificial em que toda a intriga se desenvolve, muitas vezes confinando com a inverossimilhança e no tratamento “prototípico” das situações e figurantes, com sacrifício do realismo, ou se quisermos, da realidade por assim dizer imperativa de cada momento.

Em “Viagem ao extremo sul da solidão” (título constrangedoramente melodramático, capaz de afastar os leitores sérios), ocorrem as mesmas características, com os ecos proustianos da cidade de Paris e o tom cosmopolita que também distingue o Carlos Heitor Cony. Cosmopolita até demais, porque nem um, nem outro soube resistir ao impulso turístico de autenticar a narrativa pelos pormenores da topografia citadina (nomes de ruas, monumentos, edifícios públicos, referências específicas aos transportes urbanos, etc etc [sic]). Juremir Machado da Silva poderia ter evitado a grosseria dos palavrões, que não “combinam” com a qualidade literária do texto, nem com a figura de tenebroso herói romântico e maldito que é seu personagem.

Igualmente românticos e tenebrosos (à sua maneira...) são os personagens de Carlos Heitor Cony, nomeadamente Mona, cujo “mistério” o protagonista não chega

a decifrar, e o leitor menos ainda (pode-se pensar que não havia “mistério” nenhum). O de Juremir Machado da Silva é, afinal de contas, o falso herói maldito, porque, diante do planejado suicídio, que seria o desenlace natural do seu destino, prefere a solução, mais uma vez, turística da evasão: “Carrego o revólver. Deposito-o sobre a mesa de trabalho. (...) Saio para espairer. Apalpo-me para ter certeza de que carrego os documentos no bolso de dentro do casaco. (...) Entro na Gare Montparnasse (...). Parto, definitivamente, em viagem ao extremo sul da indiferença, ao país da solidão”.

Respondendo às tragédias da vida contemporânea e à obscura memória ancestral do povo bíblico, Moacyr Scliar criou, com o narrador de seu romance (“A majestade do Xingu”. São Paulo: Companhia das Letras, 1997), protótipo do herói maldito e sem grandeza, o elo tão insignificante quanto indispensável para que a história (e a História) se realize. É também uma obra de arte literária, escrita com sabedoria e perfeito domínio da matéria, no tom de nobre gravidade e realismo que o tema exigia: “Esta noite, doutor, pensei muito em Noel Nutels”, diz o narrador ao médico que o assiste durante a hospitalização.

No tratamento da temática judaica, Moacyr Scliar passou da visão irônica e distanciada dos contos (no que se pode considerar como a primeira fase de sua carreira) para a visão compensatória e ortodoxa dos romances. “A estranha nação de Rafael Mendes” (1983) marca o ponto de ruptura, completando a passagem para o romance de alta qualidade que é “A majestade do Xingu”, capítulo pungente e vitorioso da diáspora, contrastando as vidas paralelas de dois judeus, aliás assimilados: de um lado, o narrador, “judeu sem dinheiro”, e, de outro, o amigo de infância (separados para sempre com a chegada ao Brasil), o sanitarista Noel Nutels, ícone sentimental da esquerda brasileira, figura igualmente mitológica na imaginação do narrador: “O senhor nem sabe de quem estou falando”, diz ele ao interlocutor silencioso.

Essa é a situação romanesca, semelhante, diga-se de passagem, à de “Grande sertão: veredas”, e até à do romance proustiano que, tudo bem considerado, é também um imenso monólogo. A obsessão do narrador, no contraste entre as suas frustrações e carreira vitoriosa do amigo, encontra “tradução” nos diversos sonhos metafóricos, entre outros o que, por assim dizer, contrapõe a fantasia onírica à realidade cruel: “Sonhei com o Xingu, que nunca tinha visto, um lugar de uma beleza arrebatadora. Ali estava eu, à porta da grande loja recém-

inaugurada. Multidões de índios, massas bronzeadas, aguardavam a cerimônia de inauguração, brincando e dançando sob o alegre sol dos trópicos(...)."

*O Estado de S. Paulo*, 27 set. 1997. Crítica de José Castello sobre o livro *A majestade do Xingu*, de Moacyr Scliar.

### **Moacyr Scliar retoma o lirismo em novo livro**

O escritor gaúcho está em São Paulo, onde lança, hoje, sua novela 'A Majestade do Xingu', uma ficção que tem como um dos personagens o médico e sanitarista russo Noel Nutels, que emigrou para o Brasil em 1921.

Não é do estilo do escritor gaúcho Moacyr Scliar sonhar em escrever algo se assemelhe [sic.] a um "romance total", uma ficção que tenha a presunção de esgotar, em uma só penada, os impasses postos na mesa literária de seu tempo. Cada vez me interessa menos, da minha parte, pelas afirmações imperativas, que tanto parecem confortar os leitores mais ligeiros, mas se tornam sempre imprudentes e, em se tratando de arte, se transformam freqüentemente em falsificações.

Ainda assim. *A Majestade do Xingu*, o mais novo romance de Moacyr Scliar (Companhia das Letras), que é lançado hoje, a partir das 11 horas na Livraria Cultura em São Paulo, traz em suas breves 210 páginas, não posso deixar de pensar, a síntese de alguns dos impasses que mortificam a produção literária brasileira de hoje.

Depois de uma longa noite vazia, caracterizada pela produção em geral afônica dos anos 80, no veio dos romances históricos (pode-se pensar na primeira Ana Miranda, em alguém como o gaúcho Luiz Antônio de Assis Brasil e todos aqueles que se deixaram estremecer pela sombra do português José Saramago), da narrativa policial sofisticada forjada na escola de José Rubens Fonseca e os discípulos jamais ombreiam com o mestre das grandes biografias como as assinadas por Fernando Morais e Ruy Castro, e mesmo das experiências ditas em

batismo preguiçoso “pós-modernas”. E, assim ela se sintonizou novamente com o relógio da história.

Os anos 90 trouxeram consigo algumas velhas questões batidas e até entediantes, mas sempre embaraçosas. Colocadas de outra forma e com outros argumentos elas se tornaram contemporâneas, embora respondam às mesmas dúvidas vitais que afligem os escritores desde sempre. (Grifo nosso, parte de difícil leitura por má digitalização). Perguntas, afinal, que vão além do domínio literário e chegam, tímidas, aos subúrbios da filosofia. Qual é o limite entre a realidade e a ficção? Quanto um autor, ainda que à sua revelia transporta de sua vida pessoal para as páginas de um livro? Pode uma ficção desejar a autonomia absoluta, como se as circunstâncias históricas pudessem ser desprezadas e o tempo fosse apenas um mal-passageiro? Em que medida um escritor, mesmo o mais prudente e cerebral, pode escapar de si?

Todas essas perguntas, agora, são respondidas por Moacyr Scliar, de 60 anos, em sua emocionante novela *A Majestade do Xingu*. A ideia de um rol de respostas talvez não seja correta, já que Scliar não realizou uma ficção didática, não optou pela linguagem mais emaranhada do ensaísmo (que poderia facilitar as coisas, talvez, mas onde ele poderia também se perder) nem cedeu um só milímetro na decisão, fundamental, de se limitar a contar uma história.

Foi essa determinação em narrar, em colocar a fantasia acima do método – curiosamente: em sonhar - , que lhe faltou em *Sonhos Tropicais*, romance inspirado na vida do sanitarista Oswaldo Cruz que a mesma Companhia das Letras lançou em junho de 1992. Naquele livro, Scliar, talvez contaminado pela moda nascente das grandes biografias, viu-se tentado em deixar a imaginação em segundo plano e, agindo como o historiador que não é, quis colocar a história à frente da invenção. Fez um livro competente, mas frio, um livro que não era seu, pois o verdadeiro Scliar aparece, só agora, de corpo inteiro.

**Ficção envergonhada** – Dessa vez, ele repara esse desvio intelectualista com o magnífico *A Majestade do Xingu*, que é o mais lírico e provavelmente o mais bem-sucedido livro que já escreveu. Mas não permitiu que nada, nenhuma inquietação, nem mesmo a vocação vacilante de biógrafo, ficasse para trás. Só que mudou tudo de lugar – e, sobretudo, mudou a si mesmo de lugar, alterando assim a perspectiva da narração.

O romance é, numa certa perspectiva, uma biografia do médico e também sanitaria Noel Nutels, que emigrou para o Brasil vindo da Rússia em 1921, ainda menino, e se tornou uma das mais importantes figuras da resistência moral durante os anos negros do regime militar. É uma biografia, mas não é uma biografia.

O livro é narrado por um comerciante judeu do Bom Retiro, dono de uma loja chamada A Majestade, que emigrou para o Brasil, vindo da Bessarábia, região originalmente romena, viajando no mesmo cargueiro Madeira que trouxe Nutels e sua mãe D. Berta para o Recife. Esse deslocamento do foco narrativo em que a história real é ditada por um personagem fictício, subverte o gênero biográfico e o transforma, de modo patente naquilo que sempre é ficção envergonhada, que tenta tomar o lugar da história, substituí-la, mas sempre ficção.

Nutels era de Anantes, uma pequena vila russa. Seu pai, Salomão, emigrara anos antes para Buenos Aires, onde fracassou. Na viagem de volta à Alemanha, em 1917, o navio que o transportava fez uma escala de rotina no Recife. Salomão desceu para conhecer a cidade, onde o clima era de revolta generalizada contra os alemães já que o Brasil acabara de declarar guerra à Alemanha do kaiser. A sorte mexeu suas peças, o pai de Nutels é confundido nas ruas com um alemão perseguido, espancado, acaba perdendo o navio, resta-lhe ficar no Brasil. [a partir deste ponto a digitalização está pior do que antes, portanto impossível de transcrever].

Em 1921, Berta, a mãe de Nutels, temerosa da violência gerada pela revolução bolchevique, decide fugir da Rússia com o filho Noel, então com 9 anos e se juntar ao marido. É curiosa a maneira como toma a decisão de partir. (...) [período ilegível]. A família Nutels termina intimada a hospedar um deles um rapaz falante que vem a ser o escritor Isaak Babel, o futuro autor de *A Cavalaria Vermelha*, livro que será publicado em 1926. Um entusiasmado Babel relata para Berta seus sonhos a respeito do futuro revolucionário do país. O raciocínio de Babel, cheio de heroísmo e purgação, se torna um tiro pela culatra e a leva a decidir pela fuga. [período mal digitalizado].

As famílias de Nutels e do narrador, confirmando a amizade profunda que os uniu durante a travessia do Atlântico, também se aproximam e chegam a cogitar de viverem juntas, mas a idéia não vinga. O próprio Nutels, depois que desembarca, parece agora desinteressado pelo amigo anônimo. Na maior parte do romance, a

relação do narrador com Noel Nutels é imaginária – calçada apenas nas notícias de jornais que lê a seu respeito e nas fantasias com que as reveste.

Nutels vai para o Rio em 1937, para estudar medicina. Integra-se ao grupo de *Diretrizes*, de Samuel Wainer, e se torna comunista. Torna-se sanitaria e aí trabalhar com os índios. Transforma-se em uma personalidade. Os dois só se reencontram quando ele decide visitar Nutels em seu leito de morte. O sanitaria não pode reconhecê-lo. Scliar narra: “E então vi, sobre a cama, o Noel Nutels. Estava morrendo. Morrendo, o Noel. Deitado, imóvel, os olhos fechados, a respiração estertorosa, Noel morria”. Ele chega tarde demais.

**Inexorabilidade** – O narrador de *A Majestade do Xingu*, está, ele agora, internado em uma UTI e, para se consolar das dores atrozes, dita a seu médico a história de seu encontro acidental com o pequeno Nutels à bordo do Madeira. Vê que o médico toma notas sobre sua prancheta de prontuários, mas não tem nem mesmo certeza se o que ele anota é a história que dita. O livro é, portanto, a confissão de um moribundo a respeito de um morto – com todo aquele tom de inexorabilidade, e de ausência de travas, mas também de insegurança gerados pela presença do fim.

*A Majestade do Xingu* é um ditado, mas o narrador nem mesmo pode ter certeza se o que diz é de fato anotado. Viveu uma vida pequena, desproporcional à grandeza do amigo. Durante os anos em que se perdeu de Nutels, o narrador sobreviveu com um pequeno armarinho no bairro do Bom Retiro, em São Paulo. Passou seus dias atrás do balcão, esperando a magra freguesia e lendo Lobato, Proust e Ovídio. “Até que ponto ele quer, mesmo, reencontrar o Nutels?”, o próprio Scliar se pergunta. “Sinceramente não sei. Talvez ele prefira esse amor platônico, talvez prefira permanecer na fantasia”. A grande História, na verdade, não o interessa.

O anonimato do narrador, é importante dizer, não é um dado supérfluo. A identidade oculta, na verdade, não oculta coisa alguma. “Esse personagem que não tem rosto é uma opção deliberada”, Scliar diz. “Ele pode ter pedaços de mim, mas é um resultado ates de tudo de minhas fantasias.” É o sinal de que, para Scliar, a história – com seu imenso H – é o que menos importa.

**“Geração de perplexos”** – O personagem histórico Noel Nutels, também ele, é apenas uma provocação para que a fantasia se desencadeie e torne a frente da

cena. É, também ele, um alter ego que Scliar usa para, sem nenhuma veleidade de realizar uma autobiografia, falar um pouco também de si. “Exponho nesse livro meus dilemas pessoais e também os dilemas de minha geração, pois não posso estar fora dela”, Scliar diz. “Essa geração que fez muitas coisas extraordinárias, outras não tão boas, mas cuja experiência jamais se descolou da história.”

Mas como definir tal geração? “Minha geração é uma geração de perplexos”, diz. “A ficção é, pelo menos, consoladora, pois ela nos permite fantasiar.” Essa função paliativa da atividade literária está bem expressa na figura do narrador, que, depois de perder Nutels de vista, passa a inventar histórias, que conta a si mesmo em silêncio, sobre o destino do amigo.

O papel positivo da mentira aparece em pelo menos dois episódios importantes do romance. Primeiro na história de Sarita e seus falsos índios militantes, depois no relato das cartas apócrifas que o narrador escreve para o filho, Zequi, um jovem militante de certa célula esquerdista Zumbi dos Palmares, em nome de seu ídolo Noel Nutels.

As cartas falsas de Nutels, lidas nas reuniões secretas da organização, adquirem uma função revitalizadora, estimulando aqueles jovens, perdidos em meio a uma ditadura cruel, a seguir com sua luta. Também no caso de Sarita, a mentira – isto é, a ficção – tem um papel positivo.

Sua história é trágica. Depois de militar no meio da rua em defesa da causa indígena, a esquerdista Sarita cai doente, deprimida. Nas ruas de São Paulo, ninguém dava importância a seus apelos em favor dos índios. “As poucas pessoas que paravam para ouvi-la espantavam-se, índios? Onde estavam os índios? É louca, diziam, e iam embora.”

Até que seu pai, Moisés, tem uma idéia para salvar a filha do desespero, contrata um pequeno grupo de índios decadentes que vive na periferia e lhes paga para que comecem a frequentar os comícios relâmpagos da filha. Passam a ser índios fazendo o papel de índios. É a fábula que se impõe à realidade, para curar a pobre Sarita – que é curada por uma mentira, mas a saúde não se deixa impressionar por essas questões filosóficas.

**Acerto de contas** – Esses dois episódios nada mais são que a encenação literária do procedimento escolhido por Scliar para escrever *A Majestade do Xingu*. Ao deslocar o foco de atenção, deixando o “biografado” Nutels em segundo plano e o

narrador anônimo em primeiro, ele relativiza a importância da história e sobrepõe a ela, bem mais brilhante e eficaz, a imaginação.

Scliar admite: “Estou com 60 anos e não se chega aos 60 anos impunemente, há no livro uma espécie de balanço, de acerto de contas comigo mesmo.” O novo romance passa a limpo não só sua experiência pessoal de judeu, de médico sanitário e de escritor, mas também a literatura em que se consagrou.

As classificações sempre se mostram insuficientes quando se deseja classificar a literatura de Moacyr Scliar. Escritor “judeu”? – diz o lugar comum. Mas a linguagem, inscrita no sangue e também na letra, mostra-se vacilante, contraditória, insuficiente. Escritor “médico”? – tentam seus colegas de profissão sem sucesso, pois a literatura jamais foi para Moacyr Scliar um hobby de fim de noite ou um vício de plantonista. Escritor “gaúcho”, tentariam seus pares mais ortodoxos de Porto Alegre?

Mas os livros de Scliar não se enquadram em nenhum tipo de regionalismo, nem oferecem aquela visão terminal do pampa e da fronteira que permeia a obra de muitos dos seus pares (e aqui é preciso excluir João Alberto Noll, Lygia Luft, Caio Fernando Abreu, Luis Fernando Veríssimo, e mesmo Sérgio Faraco, e a partir de agora, com o novo romance que tem no prelo até Luiz Antônio de Assis Brasil, excluir tantos autores que muito pouco resta...)

(...) [período ilegível]. O romance de Scliar – que tira seu nome da maneira como o narrador imaginou batizar uma loja que abriria em plena reserva indígena só para homenagear o amigo morto – é um falso livro de memórias, em que se relata uma falsa biografia, que se cruza, em falso, com a vida de de um homem verdadeiro. Penso – com prazer, não posso negar – nas dificuldades que encontrarão os vigilantes do estilo para enquadrar o livro, e como se desnortearão, como se sentirão perdidos, e será enfim a literatura a trabalhar sobre eles, a iluminá-los em sua cegueira.

Também aqueles que forem ler *A Majestade do Xingu* como se tomassem uma biografia assinada por Castro, ou Moraes, se deixarão iludir, Noel Nutels é apenas o núcleo exposto, o osso fraturado, peça em torno da qual se enrolam os condutores narrativos e em torno tudo o mais é fantasia brilhante.

Moacyr Scliar viaja em outubro para Providence, nas cercanias de Boston, onde passará quatro semanas dando palestras na Universidade de Brown. Em fevereiro, viajará novamente para os Estados Unidos, dessa vez para São

Francisco, como convidado de um Encontro Mundial de Escritores de Temática Judaica.

“Esse é um território que talvez se esteja esgotando”, diz. “As mudanças no mundo são tão aceleradas que, daqui a pouco, a experiência do judaísmo poderá restringir-se a experiência religiosa, que não compartilho, ou à vida em Israel, o que também não é o meu caso.” Ainda que essa previsão pessimista se realize, restarão os livros – e *A Majestade do Xingu* será peça importante desse acervo de resistência. Em que, por fim, não é só a cultura judaica que resiste, mas toda a literatura.

*Folha de S. Paulo*, 26 out. 1997. Crítica de Cristovão Tezza sobre o livro *A majestade do Xingu*, de Moacyr Scliar.

### **Uma vida trepidante**

Um homem na UTI conta ao médico a história de sua vida: este é o eixo narrativo de “*A Majestade do Xingu*”, o novo livro do escritor gaúcho Moacyr Scliar. Parece simples e banal – e, de fato, é uma história simples e banal, mas daquela forma especialíssima de simplicidade e banalidade que com frequência faz a grandeza da literatura. Para começar, o homem é um judeu russo sem nome cujo único feito notável, pelo que ele nos diz com patética insistência, ressaltando a cada linha sua completa nulidade, foi ter vindo da Europa ao Brasil, em 1921, no cargueiro “*Madeira*”, ainda criança, junto com Noel Nutels, o mesmo Noel que se tornará, anos depois, o célebre sanitarista dedicado às populações indígenas.

No Brasil, as famílias se separam para sempre. Mas o nosso personagem jamais esquecerá Noel Nutels, de quem ficamos sabendo alguns momentos biográficos. Na verdade, o famoso sanitarista em si não tem importância no livro; ele é uma referência metafísica, a realização de uma idéia – altruísta, talentoso, importante, admirado, corajoso, um homem superior, e, além de tudo, um judeu; enfim, um homem que, sendo o que é, esmaga o narrador, desenhando-lhe a insignificância, demonstra-lhe a nulidade, o vazio, a covardia, o medo (“Noel era

bom, era um santo de tão bom, um santo judeu, um Jeová misericordioso. Ruim era eu. Ruim e invejoso. Poço de maldade, poço de inveja.”). O narrador não é nada, jamais pode querer ser nada, repetindo o clássico verso de Fernando Pessoa; mas é como se ele se refugiasse nessa “contra-identidade”; é como se ele só pudesse ser alguma coisa, não sendo o que o outro é. Há uma perturbadora afirmação do “não-ser” – e talvez aí esteja o seu segredo maior.

Essa tensa e louca relação que vai definindo a alma do personagem ao longo de uma narrativa vertiginosa, realiza-se com uma linguagem de uma simplicidade irresistível. A partir da situação inicial, o homem falando a um médico que não interfere, mas cuja presença é outra tensão que pontua o livro. Moacyr Scliar simula tecnicamente uma perfeita oralidade, o único registro da linguagem que seria capaz de despojar ainda mais o personagem, tirando-lhe qualquer ranço retórico, qualquer projeto de pose literária, qualquer sombra de “estilo”. O que também será outra revelação: neste livro de Moacyr Scliar, a simplicidade é menos um estilo e muito mais a realização de uma ética, uma ética possível, aliás a grande sombra que parece atormentar o narrador ao longo de sua vida. Uma vida que corre, pela oralidade, como a paisagem vista pela janela de um trem veloz – princípio e fim que se completam numa estrutura narrativa de rara unidade.

Uma vida insignificante – a chegada ao Brasil, a morte do pai que vendia gravatas com o toco do braço que perdeu, um pai saudoso do conde Alexei, cujas botas ele consertava, em seguida o trabalho numa loja, da qual se torna proprietário, depois um casamento insosso, um filho, dois ou três conhecidos, afinal a solidão de sempre a UTI –e, no entanto, para o leitor, que vida trepidante!

Atrás do balcão de sua nulidade, nosso herói imagina desvarios de alegria que se desdobram em castelos delirantes de uma outra vida, pontilhada tanto de aeromoças que o amam em bolhas plásticas em pleno céu quanto de um encontro caloroso com um Noel Nutels que, nos sonhos, o reconheceria imediatamente mesmo anos depois. E o homem que conta vai promovendo também o sonho da comunhão universal, mental e geográfica, o sublime com o torpe, a confluência do índio com a civilização, o Xingu entendido como o umbigo do mundo, onde ele colocaria sua loja “A Majestade”, realizando a seu modo o ideário do ídolo Noel.

Uma trajetória puramente mental de picos hilariantes, como o major Azevedo, militar da repressão, silenciado por uma inscrição de banheiro sobre sua mulher, ou a militante Sarita, na cidade, conclamando os índios contra o

imperialismo do homem branco, de acordo com a orientação ideológica da célula stalinista.

Se, de um lado, o livro é brasileiríssimo pelas suas referências imediatas, de outro ele se inscreve, nas próprias palavras do narrador, no “ininterrupto fluxo da torrente espiritual que arrasta, como troncos ou como gravetos, todos os escritores, que se atiram de ponta-cabeça no caudaloso rio do texto”. Num afluente importante desse grande rio encontraremos a família literária de Scliar, agora num de seus mais inspirados momentos: “A imemorial culpa judaica, a culpa que nos acompanhava de país a país, de região em região, em nossa peregrinação milenar”. Em seu romance, Scliar realiza com sutileza tanto o tema do “duplo” (que o escritor americano levou ao extremo em “Operação Shylock”) quanto o da “culpa imemorial”; nesse território, o torturado personagem de Scliar fará, com os heróis de outro romancista americano, Bernard Malamud (“O Assistente”), uma companhia à altura.

Numa palavra: “A Majestade do Xingu” é um belo romance.

*Folha de S. Paulo*, 28 mar. 2009. Crítica de Sylvia Colombo sobre o livro *Leite Derramado*, de Chico Buarque.

### **Chega às livrarias "Leite Derramado", novo livro de Chico Buarque**

Um idoso centenário agoniza no leito de um hospital. Às enfermeiras que dele tratam, conta, de modo confuso e algo delirante, a história de sua vida.

A saga de uma família que tem início na corte portuguesa, atravessa os períodos do Império e da República Velha e desemboca nos dias de hoje é o centro do enredo de "Leite Derramado", quarto romance do cantor, compositor e escritor carioca Chico Buarque, 64, que chega hoje às livrarias.

A trama percorre o mapa de um Rio tradicional, revisitado pela reportagem da **Folha**.

Do ponto de vista estilístico, a prosa de Chico evoca características da narrativa machadiana. O diálogo com o "bruxo do Cosme Velho" foi observado pelo crítico Roberto Schwarz e pelo economista Eduardo Giannetti, que resenharam a obra a convite da **Ilustrada**.

A inspiração inicial para o livro veio da canção "O Velho Francisco", de 1987. O autor a tinha como esquecida até ouvir uma regravação feita pela cantora Monica Salmaso.

Em 2008, quando o produtor Rodrigo Teixeira o procurou para falar de um projeto em que escritores fariam textos baseados em músicas do cantor, Chico deu o seu aval, mas pediu que "O Velho Francisco" não fosse utilizada, pois com essa ele mesmo já estava fazendo algo. A letra fala das agruras de um ex-escravo, alforriado "pela mão do imperador".

Ao reescutá-la, Chico pensou em escrever a história de um velho. Só que, quando foi pôr mãos à obra, mudou o enfoque. Trocou o ex-escravo por um homem de nobre estirpe. E é por meio dele, Eulálio Montenegro d'Assumpção, o tal moribundo citado acima, nascido em 16 de junho de 1907, que o escritor narra a decadência de determinada elite brasileira.

A questão racial, porém, continuou sendo central na obra. O protagonista casa-se com uma mulata --ainda que finja não percebê-la como tal-- e tem comportamento racista em diversas ocasiões. Aos poucos, porém, os Assumpção vão misturando seu sangue nobre cada vez mais, até que o bisneto de Eulálio nasça negro, algo em que tampouco quer acreditar.

"Leite Derramado" sugere um duplo sentido. O primeiro, mais pontual, refere-se ao abandono de Eulálio pela mulher, Matilde, quando esta ainda amamentava a filha do casal. O segundo indica o significado mais geral da obra --a derrocada fatal de uma casta, tragédia que se mostra irreversível.

Um dos primeiros leitores do texto foi o romancista Rubem Fonseca, que não gostou do título e recomendou que fosse trocado. Chico pensou um pouco, mas não mudou de ideia.

O romance começou a ser escrito em agosto de 2007 e dá vida a objetos e lugares que habitam as lembranças do autor, como aparelhos de vitrola, refrigeradores Frigidaire, colégios para moças, ritmos de época. Sua paixão pelo Fluminense se materializa na figura de Xerxes, um fictício jogador indisciplinado dos anos 50.

### **História**

A reportagem visitou locais nos quais o romance se desenvolve. Vistos hoje, os casarões de Botafogo abandonados, a ocupação desordenada da Tijuca e a explosão imobiliária de Copacabana parecem corresponder à degradação proposta pelo enredo.

Por ser filho do mais importante historiador brasileiro, Sergio Buarque de Holanda (1902-1982), e por ter optado por um enredo sobre o passado do país, alguns acreditaram que "Leite Derramado" fosse fazer aproximações entre literatura e história.

A obra, porém, diz respeito mais à primeira do que à segunda. O próprio Chico deixou claro que partiu da ficção para a pesquisa de fatos, datas e acontecimentos, e não o contrário.

### **Timidez**

Celebrizado por sua discrição e timidez como músico, Chico se mostra ainda mais contido como escritor. Recusa-se a conceder entrevistas, alegando dificuldades em explicar o livro além do que está dito em seu conteúdo. Quando está metido na literatura, trabalha em silêncio e praticamente isola-se para se manter totalmente concentrado, em seu apartamento, no Leblon.

"Leite Derramado" contribuiu para consolidar o Chico escritor. Sucede livros cuja vendagem vem crescendo. O primeiro, "Estorvo" (1991), vendeu 180 mil cópias; o segundo, "Benjamim" (1995), 85 mil; e o mais recente, "Budapeste" (2003), chegou a 275 mil.

**LEITE DERRAMADO** Autor: Chico Buarque Editora: Companhia das Letras  
Preço: R\$ 36 (200 págs.)

*Jornal Rascunho*, jul. 2009. Crítica de Gregório Dantas sobre o livro *Leite Derramado*, de Chico Buarque.

### **As sombras da memória**

O lançamento do último romance de Chico Buarque, **Leite derramado**, foi sem dúvida um dos eventos literários do ano. O livro está em todo lugar — nas grandes livrarias, nos supermercados, nas lojas de conveniência — e em todas as bocas: trata-se de um daqueles eventos culturais que, a exemplo de certos filmes ditos “imperdíveis”, quase todo mundo está comentando, do leitor eventual de best-sellers ao acadêmico desconfiado dos grandes sucessos comerciais. Além disso, **Leite derramado** foi tema de capa dos suplementos culturais mais importantes do país, e tem merecido resenhas positivas de intelectuais importantes, como Roberto Schwarz, Augusto Massi, Samuel Titan Jr. e Leyla Perrone-Moisés (também responsável pela orelha do livro), o que indica uma aceitação crítica bastante singular.

Tamanha atenção de críticos, leitores e livreiros é compreensível, considerando a popularidade e a importância de seu autor para a cultura brasileira. Mas pode gerar armadilhas à leitura e apreciação do texto literário. A primeira delas é o já referido ressentimento contra o sucesso comercial, por parte de certa classe de jornalistas, intelectuais e formadores de opinião em geral. A armadilha oposta é o elogio irrestrito da obra de Chico Buarque, há muito transformado em um semideus pela parcela mais entusiasmada de seus fãs. São posturas pueris, é verdade, mas bastante reais.

Aos comentadores do livro — que, como eu, se aventuram a emitir publicamente uma opinião, inevitavelmente fadada a réplicas e contestações — resta uma outra armadilha, bastante traiçoeira: a de se deixar tomar pelos debates em torno do livro sem comentá-lo propriamente, reduzindo-o a um pretexto para se

discutir questões mais amplas, como o mercado editorial ou os rumos da crítica literária contemporânea. Não que haja algo de errado nesses temas, e o fato de o romance de Chico Buarque promover discussões dessa ordem já é um indício de sua relevância. Mas é importante não perder o texto de vista; porque é ele, afinal, o motivo de tudo isso.

E a ficção de Chico Buarque tem se destacado no recente panorama do romance brasileiro. Já em seu primeiro romance, **Estorvo**, de 1991, o escritor se mostrava seguro de suas escolhas estilísticas, e determinado a procurar uma nova voz, que não fosse mera extensão daquela conquistada em uma longa e bem-sucedida carreira musical. Depois de **Benjamim e Budapeste**, **Leite derramado** vem demonstrar que Chico Buarque tem alcançado esse intento com rara competência.

**Ritmo fragmentado Leite derramado** é narrado por Eulálio d'Assumpção, um senhor à beira da morte que, preso a um leito de hospital, conta a história de sua vida. Seu relato, bem como o contexto de sua enunciação, não possui contornos claros. A começar por sua interlocutora — por vezes uma enfermeira, por outras sua filha — e pelas limitações de sua memória, que impõem um ritmo fragmentado e repetitivo ao discurso memorialista.

Eulálio não é muito merecedor da estima do leitor: sua arrogância fica evidente logo nas primeiras linhas, em que convida a enfermeira para compartilharem uma nova vida, “na fazenda feliz” de sua infância. Sempre associando seus afetos às posses da família, o narrador exibe um indisfarçado orgulho da longa “tradição senhorial” de que faz parte. E a partir da caracterização de Eulálio, de sua ascendência e descendência familiar, Chico Buarque termina por compor um irônico (e triste) painel dos valores de gerações da elite brasileira.

Não é simples criar uma representação literária dessa elite, sem sucumbir ao tom sociológico mais óbvio ou ao moralismo da pior literatura. Mas Chico Buarque alcança o feito com desenvoltura, a começar pela arriscada escolha do foco narrativo, de um membro decadente dessa elite. Nas entrelinhas (nem sempre discretas) da narrativa de Eulálio, desenham-se os preconceitos e a desfaçatez de sua classe. A respeito, por exemplo, dos demais doentes do hospital, Eulálio deduz que “são pessoas do povo, sem grandes luzes, mas minha linhagem não me faz melhor que ninguém. (...) Seria até cômico, eu aqui, todo cagado nas fraldas, dizer a

vocês que tive berço”. Mas termina por dizer: sua suposta humildade não impede que ele relate a história e seu avô, “grande benfeitor da raça negra”, e freqüentador do antigo palácio Imperial, na época de dom Pedro II.

Bastante representativo dessa desfaçatez é o episódio do desejo sexual mal disfarçado que Eulálio, quando jovem, nutria pelo negro Balbino, um amigo de infância (neto de escravos e de “índole prestativa”), sentimento logo transferido para sua futura esposa, Matilde: em comum, a baixa casta sugerida pelo tom da pele da esposa e o sentido de propriedade conferido ao casamento.

*No entanto garanto que a convivência com Balbino fez de mim um adulto sem preconceitos de cor. Nisso não puxei ao meu pai, que só apreciava as louras e as ruivas, de preferência sardentas. Nem à minha mãe, que ao me ver arrastando a asa para Matilde, de saída me perguntou se por acaso a menina não tinha cheiro de corpo. Só porque Matilde era de pele quase castanha, era a mais moreninha das congregadas marianas que cantaram na missa do meu pai.*

Filha bastarda de um influente deputado, Matilde era “a mais moreninha da classe”, e jamais seria aceita pela sogra, uma mulher ressentida pela iminente decadência familiar, mas que ainda falava francês perto dos empregados, pouco merecedores de confiança. Mas essa defesa da “pureza” familiar é vã: já o avô escravo de Balbino adotara um sobrenome quase homônimo ao do patrão, Assunção (ao invés do Assumpção), “como a pedir licença para entrar na família sem sapatos”. A mesma sem-cerimônia demonstraria Matilde, ao dedilhar no piano da família não uma adequada peça de Mozart, mas um batuque chamado Macumba Gegê: “E mamãe se despencou pela escada, para ver que diabo se passava”, conta Eulálio.

Pequenos mas significativos episódios como esse também revelam um oportuno senso de humor por parte do autor (e obviamente involuntário, por parte do narrador), de que são exemplares a decepção de Eulálio ao ouvir a amante do bisneto chamando-o, na cama, de “negão”, ou sua insistência em dizer que Matilde não é mulata, mas “teria quando muito uma ascendência mourisca, por via de seus ancestrais ibéricos”. Não à toa, é com certo prazer perverso que assistimos a um policial brutamontes esbofetear Eulálio e praguejar contra seus ancestrais. Ainda assim, o percurso de sua decadência é longo; e, eventualmente, o leitor concederá

alguma compaixão para com o impotente moribundo que, resignado, resmunga: “tudo é mesmo uma merda, mas depois melhora um pouco, quando de noite a namorada vem”. A decadência física e o patético de sua exposição são comuns a todos, afinal.

**Outras leituras** Um personagem caracterizado ostensivamente com as marcas de uma história cultural e social tão presentes, ainda hoje, em nosso país é, obviamente, muito adequado a uma leitura sociológica. Como também são inevitáveis as comparações com Machado de Assis: se Eulálio possui algo de Brás Cubas, também compartilha com Bentinho certa fraqueza de caráter (que o impede de reagir à vontade materna) e um ciúme doentio, e envergonhado pela origem da esposa. Mas outras leituras virão, beneficiando outros aspectos do romance, que parece resistir a uma interpretação unívoca.

Nas palavras de Eulálio, “com a idade a gente dá para repetir velhas lembranças, e as que menos gostamos de revolver são as que persistem na mente com maior nitidez”. Persistem, mas são negadas ao leitor: Chico Buarque faz dos interditos os pontos-chave na caracterização de Eulálio. A começar por dois personagens essenciais, mas dos quais saberemos, por fim, muito pouco: o pai, cuja herança (das posses, da lascívia, do prestígio, da amoralidade) assombrará Eulálio por toda a vida; e a sensual e misteriosa Matilde, cuja caracterização completa nos escapa, mas que talvez seja a personagem mais marcante do romance.

É importante dizer ainda que, embora o leitor possa reconhecer no romance ecos de leituras passadas (e as há), **Leite derramado** é sem dúvida um romance contemporâneo, o que se faz notar principalmente na desconfiança dos métodos historiográficos e biográficos convencionais. Se a história e o passado pessoal não são passíveis de serem reconstituídos com nitidez, o narrador se manterá fiel às imperfeições e ficções de sua memória (“um pandemônio”), ciente de que lembrar e inventar são atividades afins.

E na sobreposição de tempos narrativos, nas repetições e contradições do discurso de Eulálio, surgem lacunas e ausências que compõem algumas passagens de singular beleza. Um bom exemplo é o capítulo 14. Eulálio comparece à casa de sua mãe para jantar. Matilde o acompanha, relutante. A mãe dedilha uma valsa ao

piano sem, contudo, fazê-la soar; o vestido de Matilde lembra Eulálio de um outro vestido, com que o pai certa vez presenteara uma amante. O som evocado mas não ouvido da valsa e o vestido imaginado vazio, sem a presença voluptuosa de Matilde, são prenúncios do que se seguiria: a eletricidade falta e a casa mergulha na escuridão. Entre sussurros e vultos, Eulálio imagina cochichos da esposa e a encontra sentada no chão da cozinha, junto aos empregados. Pouco se vê dos gestos dos personagens ou do narrador, ocultos sob as sombras. Mas seus fantasmas estão todos presentes: a vergonha, o ciúme, o desejo, a herança paterna, sugeridos e pressentidos em um ambiente fantástico como um “sonho coletivo”.

Episódios como esse nos convidam à releitura desse belo romance. Se, como quer Eulálio, “a memória é uma vasta ferida”, o discurso memorialista parece incapaz de cicatrizá-la. Antes, parece condenar seu protagonista às velhas “sombras da casa assombrada”. Até o fim.

*Folha de S. Paulo*, 11 out. 2003. Crítica de Rogério Eduardo Alves sobre o livro *Mongólia*, de Bernardo Carvalho.

## LIVRO/LANÇAMENTO

### LITERATURA

**História do novo romance foi criada ao longo dos 5.000 km percorridos pelo autor durante dois meses no país**

**Bernardo Carvalho desmitifica a Mongólia**

Na narrativa de "Mongólia", o escritor Bernardo Carvalho, 43, desestrutura os mitos de bondade e liberdade que normalmente acompanham as informações que chegam ao Ocidente sobre aquele país, construindo um espaço imaginário na melhor tradição da literatura ocidental. "Quando fui para a Mongólia imaginava o país mais

liberal e bondoso do mundo, a julgar por tudo que via nos guias. Me passaram que era um país clássico onde habitavam os mongóis, verdadeiros bons selvagens, que, como são budistas, não matam nada, possuem amor pela vida e pela natureza. Mas, quando se chega lá, se vê que não é nada disso", diz Carvalho foi para a Mongólia com uma bolsa criada em parceria pela editora portuguesa Livros Cotovia -que lança o romance simultaneamente com a Companhia das Letras no Brasil- e pela Fundação Oriente, de Lisboa. Chegou ao país em junho de 2002 para uma estada de dois meses e com o objetivo de escrever "Poderia ser qualquer coisa, romance, ensaio, poema... Mas, ao mesmo tempo que eu não queria fazer um relato de viagem, pois já existem muitos, eu queria fazê-lo. Pensava que eu não podia desperdiçar isso porque nunca mais teria a chance." Optando por um caminho ficcional repleto das informações concretas colhidas durante os 5.000 quilômetros que percorreu, o autor e colunista da Folha criou a história de uma busca por um fotógrafo desaparecido na Mongólia. O romance inicia-se pela narração de um diplomata aposentado que, morando no Rio, começa a recompor os passos de um seu subordinado, recentemente assassinado, na busca pelo desaparecido, a partir de dois diários. Ao longo dessa narrativa, é sutil, mas direto, o diálogo com os viajantes responsáveis pela reprodução dos mitos orientais no Ocidente. "É impossível que a pessoa que veio aqui e que falou que isso era de tal jeito não tenha visto que não era. Isso é irritante. O sentimento é de que você está sendo enganado a distância", diz o autor de "Nove Noites". Nesse misto de desencantamento e choque cultural, a propagada idéia de placidez dos monges budistas é desmembrada ao longo da história. O silêncio transcendental dos mosteiros budistas pode esconder abusos sexuais e crimes os mais variados. "A religião budista na teoria é ótima, mas, na prática, os monges são gente como em qualquer lugar do mundo. Tem luta de poder dentro da igreja e uma hipocrisia nesse negócio." Para entender a prática da religião pelos mongóis, Carvalho recorre à realidade política do país. "A Mongólia passou 70 anos por um regime comunista dos mais sanguinários. Como a coisa proibida então era a religião, quando ela voltou, desembestou. Todo mundo na Mongólia tem coisa budista em casa, mas ninguém tem nada a ver com budismo. Ninguém sabe nada de nada. A religião virou sinônimo de liberdade", diz. Enraizada nas palavras de diários esquecidos e de personagens desaparecidos, ou mortos, a narrativa deste livro traduz a sensação de "terreno movediço" que o escritor teve no convívio com os nômades mongóis, com os mistérios ou ignorâncias

e com a língua desconhecida, que gira ao redor dos assuntos sem objetividade. Nesse sentido, a "Mongólia" criada por Carvalho alinha-se mais ao imaginário particular do viajante que ao país real. "A geografia é mais imaginária que real. Criada pelo próprio desejo dos personagens de verem uma tal coisa." Escrito nesses moldes, o livro insere-se na tradição da literatura moderna ocidental, principalmente naquela cultivada por Franz Kafka, Jorge Luis Borges e Samuel Beckett. "Queria que fosse um livro de literatura dentro de uma tradição ocidental moderna. E, por isso, a idéia de dar o título Mongólia referindo-se a um país que não existe. Vi uma coisa e posso usar isso dentro de uma tradição onde o imaginário cria a realidade", diz. Com essa consciência, o autor afirma: "Por isso não posso dizer que o budismo seja isso que vi. Pode ser que não seja. Pode ser que eu tenha visto um budismo que faz parte de meu imaginário, de minhas impossibilidades e meus limites." E completa: "Se fosse outra pessoa, ela poderia dizer que não viu nada do que eu vi. Pode até falar que é delírio meu". **(ROGÉRIO EDUARDO ALVES)**

---

**MONGÓLIA.** De: Bernardo Carvalho. Editora: Companhia das Letras. Quanto: R\$ 29,50 (188 págs.).

*Folha de S. Paulo*, 30 nov. 2003. Crítica de Jorge Coli sobre o livro *Mongólia*, de Bernardo Carvalho.

### **Ponto de fuga**

#### **Não há mais para onde ir**

Quem tinha 20 anos em 1970 sabe. O mundo era então variado, colorido, pitoresco, embebido de promessas e descobertas. Culturas distantes guardavam segredos que, uma vez encontrados, se transformavam em revelações, aludindo a sentidos profundos, perdidos ou esquecidos, pelos homens do Ocidente. Esperava-se que o outro, o estranho, o estrangeiro, fosse explorado, no sentido primeiro e positivo da palavra, com um fervor alegre e libertário. As longas viagens ficavam mais fáceis: eram fugas que embelezavam o presente.

As coisas mudaram, porém. Os exotismos estão cada vez menos intactos, e os olhares, cada vez mais gastos. Bernardo Carvalho tomou, várias vezes, o tema da viagem em seus livros. No penúltimo, "Nove Noites" [Cia. das Letras], introduziu, sublinhando, o confronto de culturas. Não promovia, ali, um processo à antropologia, mas duvidava das capacidades do olhar. Há um paradoxo nisso, porque o olhar do autor, sua percepção das coisas são agudos, invejáveis. Tão agudo, porém, esse olhar, que termina por desconfiar de si mesmo. O romance mais novo, "Mongólia", que vem agora publicado pela Companhia das Letras, é um diário de viagem transformado em ficção, um pouco à maneira de Hawthorne, no século 19, com seu "Fauno de Mármore". Hawthorne, que era um puritano da Nova Inglaterra, se confrontava, em Roma, com a civilização mediterrânea, clássica e ensolarada, católica e voluptuosa. "Mongólia" se passa no lugar mais longínquo e bizarro possível, mas nele não existe mais confronto entre culturas nem busca do outro. Nem o outro é, de fato, outro.

**Mochila** - Bernardo Carvalho deve ser o turista mais mal-humorado que existe. Não se entusiasma nem se deslumbra, desconfia. Sublinha os maus cheiros, a abominação das comidas locais, a decadência dos lugares. Talvez exista um prazer em não ter prazer, para não se deixar enganar. A Mongólia de Bernardo Carvalho é vista por filtros muito fortes: um narrador principal e dois diários que se superpõem.

Há a busca primordial, concentrada numa imagem misteriosa. Dá a impressão de conservar motivos e impulsos essenciais. Se parece urgente e intensa, é também distante e inapreensível, como se vista por uma luneta ao contrário. Chega ao leitor por intermediários cansados, descorçoados: a narração não retraça a busca, mas a busca da busca. Como Houellebecq, que desloca seus personagens pelos lugares "turísticos" deste planeta, para melhor sublinhar o absurdo contemporâneo.

Bernardo Carvalho, porém, não projeta essa luz cínica e desabusada sobre as relações humanas, tão forte em Houellebecq, nem reduz seu mundo à frieza indiferente de "Plataforma" [ed. Record] ou de "Lanzarote". "Mongólia" guarda antes uma poesia dolorida, como se pode encontrar em Kafka ou Borges, autores a quem o livro se refere e se filia. O final tem um sabor borgiano; por mais determinados que sejam os desencontros, os seres acabam se unindo pelo destino que se cumpre. É um antigo sentimento romântico que pulsa lá no fundo.

**Percursos** - A narrativa de "Mongólia" toma aos poucos o leitor e o prende. O tom discreto tem a força de melhor revelar a inaniidade das procuras obsessivas e de esmaecer contornos, confundindo rastros. "Nove Noites" é mais nítido que "Mongólia", nele a gênese da escrita não se delineava a partir de uma viagem, mas de uma pesquisa sólida. O novo romance sugere menos um labirinto que um areal movediço.

**Prendas** - "Mongólia" confirma Bernardo Carvalho como grande escritor. Renova, refinando, a textura poética de sua obra. O livro traz uma pista de que seu autor tenha um outro dom. Houellebecq editou, junto com "Lanzarote", um álbum de fotografias que ele mesmo tirou, duras, implacáveis, espantosas. A capa e a contracapa de "Mongólia" trazem três fotos feitas pelo autor, cujas belezas não parecem ser casuais. Têm uma respiração ampla, algo de cósmico, integrando o céu e as nuvens, exaltando o que é retratado sem recursos fáceis. Elas levam a desejar uma exposição, já que são poucas amostras e, por isso mesmo, dão vontade de ver mais.

O *Globo*, 10 abr. 1999. Crítica de Paulo Roberto Pires sobre o livro *Romance sem Palavras*, de Carlos Heitor Cony.

### **O tempo da delicadeza de Carlos Heitor Cony**

Em 'Romance sem palavras', o escritor retoma os temas de sua obra num triângulo amoroso de tintas crepusculares

Entre "O ventre", estreia de Carlos Heitor Cony na literatura, e este "Romance sem palavras", estão 41 anos de uma relação interrompida e retomada com a literatura e, como produto dela, 13 livros de ficção. O primeiro romance, violento e radical em sua experiência existencialista, tinha como pano de fundo o triângulo amoroso entre dois irmãos e uma mulher. Na novela que chega às livrarias esta semana, o trio de amantes é o centro da trama e mostra, mais uma vez, como essas relações triangulares em particular e os amores difíceis tem sido um *leitmotiv* na obra de um

autor que não gratuitamente já usou como epígrafe (em “Matéria de memória”) a seca constatação de Ingmar Bergman: “O amor é horrível ocupação”.

“Não tínhamos nada a conversar em especial, bastava que ficássemos juntos e o diálogo interior se formava, sem necessidade de palavras, como as peças musicais que levam o título de ‘canção sem palavras””, afirma Beto, o narrador, dando assim a chave tanto da novela quanto de seu relacionamento com Jorge Marcos e Iracema. Professor de História, ele havia sido preso sob vagas acusações de subversão no início dos anos 70, uma das fazes mais violentas da ditadura.

### **Livro autobiográfico abala relação dos personagens**

Na cela de onde ouvia, sozinho, os gritos de bárbaras torturas, foi jogado o corpo, desfigurado, de Jorge Marcos. A ele Beto dedicou cuidados e amizade e, ao deixar a prisão, uniu-se a um grupo organizado para tentar libertar o ex-compaheiro da cadeia que, ele agora o sabia, era um padre completamente mobilizado pela luta política. Engajado pelo afeto, Beto acaba se apaixonando por Iracema, num romance proibido, pelo menos aparentemente, pela rígida hierarquia das organizações clandestinas.

São os três que aparecem, no início da novela, conversando na varanda de uma confortável casa em Angra dos Reis. O ano, 1995, quando Iracema e Jorge Marcos comemoram “o sétimo ou oitavo ano em que viviam juntos”. O país mudou, o agora ex-padre ensina literatura e joga na bolsa, a destemida guerrilheira é uma bem-sucedida advogada. Na futilidade de um almoço comemorativo, subsiste, entre os três, uma relação sem palavras que, afinal, é também uma sucessão de não-ditos, de cumplicidade e de temores velados.

Este delicado equilíbrio ameaça romper-se quando Jorge Marcos, intrigado com as constantes “ameaças” de Iracema em transformar suas memórias num romance, vai bisbilhotar o *notebook* da mulher. Entre os personagens de uma narrativa claramente autobiográfica, ele acredita descobrir uma das palavras não ditas nessa relação: Iracema só ama verdadeiramente Beto, o homem a quem ele, Jorge Marcos, é eternamente grato por ter salvo sua vida. É esta revelação que vai desencadear uma penosa revisão na relação dos três.

### **Rio de Janeiro é descrito com olhos apaixonados**

“Romance sem palavras” espelha fielmente o universo ficcional de Cony, estabelecendo uma continuidade com elementos dispersos por sua obra. Como o narrador de “Informação ao crucificado” (1961) e as lembranças do próprio autor em “Quase memória” (1995), Jorge Marcos luta todo o tempo com sua vocação religiosa. Como o protagonista de “Pessach, a travessia” (1967), Beto é engajado na luta política mais pela força das circunstâncias do que pela ideologia e, sempre que pode, sublinha o absurdo do engajamento.

E, assim como em toda sua obra, o cenário é um Rio de Janeiro descrito com detalhes de morador da Zona Sul e, sobretudo, olhos apaixonados. “Cheguei a pensar que se dirigia à Igreja de São José, um negócio abominável e redondo, todo de vidro, que entre outras coisas prova que não se fazem mais igrejas como antigamente”, comenta Beto, num carioquismo militante, em defesa da Lagoa.

Mas, diferentemente dos arroubos apaixonados da grande maioria dos personagens de Cony, sempre arrastados pelo desejo para mulheres que são céu e inferno e despertam o sublime e o horror, os protagonistas de “Romance sem palavras” ama “devagar e urgentemente”, na imagem da canção de Chico Buarque que parece perfeita para traduzir a atmosfera um tanto crepuscular e um pouco melancólica do livro. Se, em todos os amores complicados de Cony, os interditos impostos pela moral da típica classe média carioca – e pela sociedade como um todo – detonaram tanto a tempestade existencial dos personagens quanto suas frustrações, aqui Beto, Jorge Marcos e Iracema não estão tão sujeitos às coerções externas e cada um tem que enfrentar a verdade de seu desejo.

Um exemplo é o papel secundário que aqui assume a traição da mulher, sempre retratada como preza e algoz do homem. A infidelidade das mulheres (des) orienta a personalidade de José de “O ventre” e faz o inferno de Luís em “Antes, o verão” (1964). É, na obra de Cony, a repetição como farsa da expulsão do Paraíso. Um peso do pecado original que começou a se dissipar na beleza do recente “A casa do poeta trágico” (1997) e ganha leveza nesta novela que, às vezes, dá a impressão de pouco precisar de palavras mesmo em suas enxutas 132 páginas.

### **Autor é totalmente fiel ao seu projeto literário**

Este é um Cony fidelíssimo ao seu projeto literário e, ou por isso mesmo, diferente do Cony que se conhece. Não que o livro traduza um mundo róseo e sem conflitos: há, como em todo lugar e todo mundo, rancores, mágoas, desentendimentos, desilusões, carinho e nostalgia que corre sob a banalidade das relações massacradas pelo cotidiano. Só que os personagens de “Romance sem palavras” encontram a medida da delicadeza para lidar com esse “lixo” da existência. Beto, por exemplo, jamais pensava em Iracema com rancor, mas “como se ela fosse um daqueles marcos antigos, cobertos de limo, que a gente encontra quando passeia pelas Paineiras, nos caminhos abandonados e cobertos por árvores daquela que é considerada a maior floresta urbana do mundo”.

### **Didatismo é incômodo para a narrativa**

Nesta última frase, aliás, um resumo dos méritos e do senão que perpassa esta novela que, como o autor mesmo revelou em entrevista ao GLOBO, foi escrita em 11 dias. À bela poesia de algumas descrições, Cony insiste em contrapor, quase didaticamente referências do cotidiano, que variam desde a explicação do que é a Floresta da Tijuca até insistentes referências a uma marca de uísque e considerações diversas sobre a realidade política brasileira.

“Romance sem palavras” é, sobretudo, um escritor no auge de seu domínio técnico, com uma notável capacidade de condensar emoções e, ainda, surpreender o leitor com um final de mestre. Carlos Heitor Cony mostra com esta novela como um autor pode se manter fiel a si mesmo sem, de forma alguma, se tornar uma cópia do que já foi.

*Folha de S. Paulo*, 20 jun. 1999. Crítica de Arthur Nestrovski sobre o livro *Romance sem Palavras*, de Carlos Heitor Cony.

### **A miséria do ciúme**

Quem não quer uma vida sem palavras? Ou sem a necessidade delas? Quem não quer o entendimento direto das coisas? Quem não quer um diálogo seja de amizade ou de amor conduzido nos tons imediatos do silêncio? E quem não está preso seja na amizade ou no amor às obliquidades e opacidades da fala? “Palavras, palavras, palavras: quem não quer um romance sem palavras? [sic.] A interpretação dos livros, como a dos sonhos, é uma das tantas maneiras de multiplicar o que foi cifrado; e isso ainda é pouco, comparado à decifração do passado, ou pior, à decifração do passado num livro. Ou, pior ainda, à decifração de um amor do passado num livro. Amor, passado e livro se confundem no novo trabalho de Carlos Heitor Cony, “Romance sem Palavras”. Descrito pelo autor como uma novela, seu tema é um romance, nos dois sentidos: romance de amor e romance literário, o romance que conta a história de um romance. Conta um romance de história, também, episódios da vida brasileira sob a ditadura militar.

Os dois “tempos” em que o livro se divide (...) [trecho incompreensível pela má digitalização] em dois tempos deixam-se recortar e invadir por outros, os se pequenos capítulos se sucedendo em decupagem rápida, saltando entre os anos como saltam de cena. Do presente em 1993, ponto de partida para as excursões pela memória do narrador Beto e o ponto de chegada surpreendente no final do romance, a narrativa nos transporta, desde logo, para uma cela de prisioneiros políticos 20 anos antes. Foi lá que se deu o primeiro encontro entre Beto e “um troço de carne fétida” jogado aos seus pés, o “enigma” Jorge Marcos, que se tornará seu melhor amigo.

Que esse enigma faça parte de um triângulo amoroso e que o triângulo vá sendo enquadrado em novas geometrias afetivas ao longo do tempo e, acima de tudo, o que oferece ao autor a possibilidade de fiar sua narrativa. Visto de outra perspectiva, mais ambiciosa, o enredo das paixões é também, de modo indireto, uma forma de acompanhar a realidade inacessível daquele passado, um momento do passado do

Brasil que parece tão distante. O caráter artificial dos nomes, desde a musa “Iracema”, nome de guerrilheira, anagrama romântico de “América”, até o igualmente romântico e anagramático “Raul”, uma das “tantas reencarnações de Che” daquela época, e até mesmo “Beto”, que pode ser hamletianamente invertido em “to be”, num livro que cita Shakespeare mais de uma vez, reforça a condição de virtualidade desse livro tão voltado para o entendimento humano do que foi vivido.

O risco maior de Cony, aqui como em seus outros romances recentes, na sequência aplaudida de “Quase Memória” (1995), “O Piano e a Orquestra” (1996) e “A Casa do Poeta Trágico” (1997), é cortejar a sentimentalidade. Cada um desses livros resiste a ela como pode. As quebras e saltos da narrativa no “Romance sem Palavras” são uma forma de contrabalancear essas comoções, que não deveriam ser lidas como centro do livro, nem muito menos da experiência. Certa ênfase no coloquialismo tem o mesmo propósito de criar um contrapeso para as afetações do sentimento. Nesses momentos, a sabedoria literária de Cony fraqueja pela própria coragem: o naturalismo assumido de palavras como “cara” ou “sacanear” soa artificial. Cony é um encantador, não desencantador, de palavras; é tão mais simples e convincente quando faz de lugares como “Fonte da Saudade” e “um dos prédios mais antigos até de Higienópolis” nomes de sítios mitológicos, locais fantásticos onde se passa uma vida mais alta, mais intensa – uma vida, precisamente, da literatura.

Que o livro seja de natureza mais modesta que os anteriores não diminui seu grau de comprometimento. A busca de um sentido retrospectivo é uma paixão de toda essa “geração desperdiçada”, observando agora, com desprezo, resignação ou contentamento, o país que poderia ter sido e o que se tem. Esses ex-guerrilheiros, hoje professores, advogados, investidores da bolsa, representam, uns para os outros, as imagens do que de mais forte se quis e se fez e do quanto sobrou – tão pouco – de tanta paixão e tanto sacrifício.

A retrospectiva é também um exercício espiritual dos amorosos, confrontados aqui e ali com os signos do passado, semelhantes aqueles “marcos antigos, cobertos de limo, que a gente encontra quando passeia... nos caminhos abandonados”. A “perda da mulher que durante um verão e que, no clima exaltado que alimentava, esperava reencontrar para ser e para sempre” é o que move o narrador a recriar o acontecido. Isso para, quem sabe, chegar, afinal, ao que se passou. História e amor, no caso, têm um movimento análogo: ninguém, no livro, está inteiramente no presente. O presente só se revela depois – e pode trazer surpresas.

As pressões da narrativa constituem assim um modo de entrar na opacidade do mundo. Mas Cony é controlado e, no fundo, bem-humorado o suficiente para não acreditar de todo nessas iluminações. É Iracema, não Beto, quem anuncia que está escrevendo um “Romance sem Palavras”; e nada nos impede de ler o livro como obra dela, o que levaria a uma interpretação muito diferente de seu desenlace. São pelo menos dois romances, então, o que se vai ler. E há um terceiro, ainda: o romance verdadeiramente sem palavras, a história de um amor escondido atrás dos outros, aquilo que é “talvez, o maior sentido da vida”, mas que, no caso, revela só a falta de sentido de tantas outras vidas vividas na ilusão e no erro.

Mais um romance sem palavras se adivinha, também, fora do livro, na sequência da história, que cada leitor há de imaginar como puder. O fingimento revela-se, no fim, como uma lei não só da ficção, mas da compreensão, e da compreensão de si em particular. A miséria do ciúme, epigrafada com frases de “Othello” e do “Inferno” de Dante, chegará então à apoteose ou ao zero, segundo o caráter ou a sorte de cada um.

Todos nós, portanto, assim como o narrador e seus colegas de trama, temos bom motivo para desejar o silêncio e a intuição completa. Ou então a música – a música sem palavras, um dos nossos mitos da vida interior. Mas a última palavra fica, naturalmente, por conta do autor. Nem Beto, nem Iracema, nem Raul, nem Jorge Marcos, mas ao mesmo todos e nenhum, é ele quem vem mais uma vez exercer seu papel sagrado e humano de compor histórias e nos ensinar a ler romances, de palavras ou sem.

*O Estado de S. Paulo*, 28 ago. 1994. Crítica de Paulo Francis sobre o livro *O selvagem da ópera*, de Rubem Fonseca.

## **O Selvagem da Ópera**

Rubem Fonseca descreve como falsificaram as receitas dadas a Carlos Gomes, nosso melhor músico, quando morreu, para parecer que ele tinha sido bem cuidado medicamente. A fotografia, Carlos Gomes em seu leito de morte foi encenada, ele já morto há algum tempo, mas criando a impressão de que era um instantâneo da morte. Está tudo em *O Selvagem da Ópera*, 246 págs, R\$ 13, Companhia das Letras. Carlos Gomes morreu abandonado pela República. No longo parágrafo da página 242 até a 243, descrevendo as lembranças de Carlos Gomes, antes de sua morte violenta (parecida com a de Oscar Wilde, que também explodiu, por assim dizer), Rubem mostra que só literatura pode dimensionar o humano sem simplificações.

O livro é cheio de revelações. Vamos ao Rio imperial, em que o palácio de D. Pedro fede porque ali perto os escravos despejam nas águas o excremento da cidade. Conhecemos esse negro de alma de branca, André Rebouças, engenheiro, que se exilou na República na Ilha da Madeira e teve um fim trágico. A roda do Visconde de Taunay, e até o Barão de Mauá, que sonhou com o Brasil industrializado, estão entre os extras. Em Milão, encontramos boêmios boas-vidas, os *scapigliati*, da *scagliatura*, literalmente descabelamento, com pretensões estéticas de abolir barreiras entre as artes, iconoclasmo, badernas, contestação do convencional, waal, vocês sabem como é. Continua...

O mais interessante do grupo é Arrigo Boito, libretista de Verdi no apogeu de seu gênio (Simon Bocanera, Otello e Falstaff). As mulheres de Carlos Gomes, desde a costureirinha que papa, virgem (os dois), no Rio, a Adelina, com que se casa e procria à beça, Hariclée Darclée, a quem menos maltratou, são críveis. Os pais de Adelina se opõe por racismo ao casamento. Carlos consegue uma carta de recomendação de D. Pedro. Casaram. Morrem os filhos varões do casal. Adelina acusa-o de sangue ruim. Ele bate nela.

## **Zona do agrião**

Rubem nota que pouca gente conhece Carlos Gomes, mas alguns conhecem *O Guarani*. O tenor que estreou Peri em Milão, Villani, recusou-se a tirar o bigode, logo tivemos um índio meridional italiano. José de Alencar ficou tiririca em face da adaptação de sua obra (chata). Verdi disse que gostou, mas a frase que todos nós, digo, da geração de Rubem e minha, conhecemos, “Esse rapaz por onde terminei”, é falsa. Rubem atribui a Rossini sobre Bellini, que morreu com 34 anos. Wagner, sim senhor, adorava Bellini. Mas quem esquece *Casta Diva*? Callas nos fez ver o gênio quando ressuscitou *Norma* e *I Puritani*. Até Boito, mau músico, escreveu *L'altra notte...* em *Mefistofele*, que soprano nenhuma de voz grande resiste. O problema de Carlos Gomes é que não é memorável. É formalmente pobre e de inspiração derivativa. Talvez devesse ter feito uma obra sobre os Palmares. Soltaria a espontaneidade que represou a vida inteira. Talvez por isso explodisse ao morrer.

### **Presença de Osíris**

Rubem cria um Carlos Gomes sensual, priápico, que, depois que goza a mulher, sofre em excesso do *post-coitum triste*, dessa melancolia tão masculina depois do ato, ao contrário da mulher que quer, em geral, carinho, intimidade e afeição. Carlos não conhece a satisfação, a serenidade, o assentamento emocional, que seja; mesmo no sucesso, há uma sobrecarga irremovível de tormento. Se o pai de Carlos Gomes matou ou não a mãe dele me parece um dado fascinante das descobertas do livro, mas não vejo em que explique a incapacidade de ser original de Carlos Gomes, ou sua personalidade narcisista: “Carlos sofre quando percebe que nem todos o amam – nos momentos de depressão *ninguém o ama* – mas ele não ama ninguém, nem a si mesmo”, escreve Rubem. Está falando conosco, 1994.

O maior sucesso do livro é demonstrar que a síndrome de Osíris está entranhada em nossa alma. O Brasil odiava o sucesso de Carlos no Exterior. Rebouças diz a ele: “Deves mesmo sair do Brasil, não és, como nós, condenado a esta terra de botocudos e de aimorés, cheia de vilania e inveja”.

Pequenos tecos. Por que não dizer ao leitor que o crítico Corno di Basseto é Bernard Shaw, o maior crítico musical do século 19? Wagner não me parece

influenciado por Beethoven e, sim, por Liszt, de quem copiou trechos inteiros (Liszt teria dito: “Assim ficarei imortal”). É o Wagner do *Anel e Tristão e Isolda*, que deixou os sucessores num beco sem saída, Carlos Gomes parece não ter conhecido esse Wagner. Na página 236, Puccini diz a Carlos: “Há poucas coisas melhor (sic) no mundo do que um bom charuto”. Rubem no momento que escreveu isso, , deve ter olhado para a propaganda eleitoral de Lula... Acontece, como dizia Gal Costa. É também *connoisseur* e não “...*naisseur*”. Tudo facilmente corrigível em outras edições.

A imersão de Rubem no período me parece um bálsamo contra o minimalismo telegráfico e populacheiro de tantos modernos, mas acho excessivo quando Carlos vai comprar láudano (ópio), que tenhamos de ler um histórico sobre a droga, sem ao menos menção de contemporâneos como Cocteu, Graham Greene, que fumavam. O livro se sustenta como literatura, sem que Rubem também precise nos distanciar emocionalmente do drama, escrevendo que vemos um filme, dando ângulos, nuances de montagem, etc., que esfriam a narrativa. Empaquei algumas vezes. Mas a meio caminho *O Selvagem da Ópera* se torna leitura irresistível e tem um final que é como um mergulho no abismo.

*O Globo*, 15 ago. 1994. Crítica de Luciano Trigo sobre o livro *O selvagem da ópera*, de Rubem Fonseca.

### **Sua vida foi uma ópera**

“Isto é um filme, ou melhor, o texto de um filme que tem como pano de fundo a ópera, como principal personagem um músico que depois de amado e glorificado foi esquecido e abandonado, um filme que pergunta se uma pessoa pode ser aquilo que ela não é, um filme que fala da coragem de fazer e do medo de errar”.

Essa declaração de intenções presente nas primeiras páginas de “O selvagem da ópera” – o novo romance de Rubem Fonseca, que a Companhia das Letras lança esta semana – deixa claro que o escritor permanece fiel a pelo menos duas de suas obsessões, o cinema e a música. Mas também serve como um alerta

irônico para o leitor: o que ele tem nas mãos não é exatamente uma biografia romanceada, mas um texto preparatório para um filme imaginário sobre a vida de Carlos Gomes, autor de “O Guarani” e “Fosca”.

“O selvagem da ópera” é portanto um romance que nega a sua condição, paradoxo reafirmado diversas vezes durante o texto (nesse sentido o escritor lembra Magritte, que desenhou um cachimbo acompanhado pela frase: “Isto não é um cachimbo”. “Se eu fosse um romancista...”, Rubem chega a escrever.). Corre por conta disso a primeira surpresa do livro: a quantidade incomum de digressões sobre a natureza do cinema e da literatura, a chamada metalinguagem. Virão outras.

Machadianamente estruturado em capítulos curtos, o livro recria a atribulada trajetória de Carlos Gomes a partir de seus 23 anos, pouco antes de trocar Campinas pelo Rio de Janeiro, em busca do patrocínio do imperador Pedro II. Prossegue com sua partida para a Itália, onde conhece o prazer efêmero da glória e a amargura duradoura das críticas: “(Carlos) sofre com o mais leve repúdio, não tem forças para suportar rejeições, ele precisa – precisa! – ser festejado e amado por todos”. Mostra, por fim, a penúria material e existencial de seus últimos anos, marcados por tragédias familiares e pelo fim do impulso criativo.

Depois de um breve retorno ao gênero conto, em “Romance negro e outras histórias”, Rubem Fonseca volta ao romance com a elegância de estilo habitual. Seu trabalho de reconstituição histórica, baseada na leitura de mais de cem livros e da vasta correspondência do compositor – ainda que o autor não abra mão de brincar com a tênue fronteira entre verdade e imaginação: “Todo fato é uma interpretação subjetiva (mentirosa) daquilo que observamos”. E, além da riqueza do mundo operístico da segunda metade do século passado – em que circulavam Verdi, Wagner e Puccini, entre outros - seu personagem é fascinante: artista incompreendido, de temperamento conflituoso, dado a aventuras amorosas (há um momento em que o artista é descrito como “um daqueles personagens ambiciosos de Balzac que vêm da província e procuram subir na vida frequentando a alcova das grandes senhoras da nobreza”). Essa matéria-prima, nas mãos de Rubem Fonseca, já é garantia de uma grande arte.

Ainda assim, “O selvagem da ópera” é o romance menos brilhante de Rubem Fonseca. Duas opções até certo ponto surpreendentes impuseram à narrativa uma camisa-de-força formal, em alguns momentos: primeiro, a opção pela estrutura de mosaico, em que o retrato do protagonista surge da soma de **flashes** curtos de sua

vida (um empreendimento semelhante ao de Márcio Souza em “O brasileiro voador”, sobre outro mito brasileiro, Santos Dummont).

Segundo, ao assumir a forma de um projeto cinematográfico, o romance conta os episódios, ao invés de mostrá-los: há sempre intermediação do narrador, o que dilui o impacto da ação. E, como se quisesse lembrar a todo momento o leitor de que se trata de um filme, e não de um livro, Rubem inclui no texto um excesso de interferências do tipo: “A câmera mostra-o...” ou “Logo veremos no nosso filme...” ou ainda “numa dessas coincidências felizes que ocorrem muito no cinema” (pelo mesmo motivo, o narrador inicia diversas sentenças com a palavra “Hoje”, ainda que se refira a períodos diversos da vida do compositor).

É claro que nada disso compromete a qualidade do livro. “O selvagem da ópera” acerta ao humanizar a figura de Carlos Gomes – atormentado, na Europa, pelo complexo de rejeição, pela impressão de ser visto como um selvagem que o faz compor óperas cada vez mais bem comportadas; capaz de derrubar com um golpe sua mulher Adelina quando ela atribui ao seu “sangue negro” a causa da morte dos filhos. Acerta ao retificar certas incorreções históricas (por exemplo, lembrando que a frase “Esse rapaz começa onde eu termino” não foi dita por Verdi, mas por Rossini, nem se referia a Carlos Gomes, mas a Bellini). Acerta nos vários trechos em que o autor é fiel ao seu agudo senso de humor, sobretudo nos diálogos (“O senhor é um marquês verdadeiro?” “Nossa família é uma das mais antigas da Perugia. Dante fala de nós na ‘Divina Comédia’”. “Fala bem ou mal?”) e em **boutades** como “Um poeta gordo e feliz será sempre um patife”. E, principalmente, ao sublinhar a relação simbiótica de Carlos Gomes com a ópera, mostrando que sua vida inteira foi uma sucessão infindável de episódios bufos e trágicos.

### **Box 1: trecho do livro**

“O otimismo de Carlos dura pouco tempo. Novamente a pateada, as vaias, os assobios tumultuam a representação, iniciando-se outra vez na quinta fila, que parece ter sido reservada para os baderneiros subvencionados. Carlos, atônito, verifica que as vaias são acompanhadas com ardor por muitos expectadores. Sai do teatro revoltado com o espetáculo de xenofobia a que assistiu. Não tem dúvidas de

que aquele rancor contra Wagner nada tem a ver com a música, e sim com o fato dele ser alemão. Sente-se mais do que nunca um estrangeiro, pior do que isto, um bugre, um selvagem no meio dos civilizados, um autor de óperas chamado Gomes, um nome que não é italiano, nem alemão, o que pelo menos lhe propiciaria ser vaiado por motivos políticos estúpidos, mas de maneira, épica, horóica, como Wagner. Ele, Gomes, é aturado com condescendência, por ser um animal exótico.”  
Trecho do romance “O selvagem da ópera”.

## Box 2

### Uma obra marcada pela ironia

“O selvagem da ópera” é o décimo-segundo livro de Rubem Fonseca. Ele estreou na literatura aos 38 anos, em 1963, com o volume de contos “Os prisioneiros”. Os livros seguintes, também de contos, o consagraram como um dos mais importantes autores brasileiros: “A coleira do cão” (65), “Lucia McCartney” (67), “Feliz ano novo” (75) e “O cobrador” (79) são marcados pela ironia e crueza com que descrevem situações de extrema violência. O conto “Passeio noturno”, por exemplo, narra em poucas páginas algumas horas da vida de um chefe de família cujo **hobby** é atropelar pessoas.

Com “A grande arte” (83), Rubem renovou o romance brasileiro, utilizando recursos do gênero policial aliados a uma grande erudição, fórmula reedita em “Buffo e Spallanzani” (86). Com “Agosto” (90), novo impacto: o autor mergulhou na História para recriar as circunstâncias que cercaram o suicídio de Vargas, em 1954. Rubem voltou ao conto em “Romance negro” (92), mas hoje ele parece se sentir mais à vontade em textos de maior fôlego.

Revista Sibila, 04 abr. 2009. Crítica de Luis Dolhnikoff sobre o livro “O sol se põe em São Paulo” de Bernardo Carvalho.

## **BERNARDO CARVALHO FRACASSA EM O SOL SE PÕE EM SÃO PAULO**

**Luis Dolhnikoff** 04 abr 2009 **Crítica**

1

O que se espera de um romance? A questão assaltou-me ao me deparar com o título do último livro de Bernardo Carvalho (SP, Cia das Letras, 2007, 164 pp.): *O sol se põe em São Paulo*. Pois a frase, assim isolada, tem ao menos dois sentidos: um, circunstancial, o outro, digamos, existencial. Um sentido circunstancial, pois refere um instante qualquer, quando o sol ali se põe — o que pressupõe então um advérbio que fica, porém, implícito: *agora o sol se põe em São Paulo*, eis que o sol se põe em São Paulo, *aqui o sol se põe em São Paulo*, e tudo isso, *agora*, eis que, *aqui*, remete diretamente ao romance — que será, portanto, tão paulistano quanto sombrio, e tanto mais paulistano quanto mais sombrio. E um sentido existencial, pois é também, contraditoriamente (logo, complexamente) uma afirmação não-circunstanciada, logo, absoluta: “o sol se põe em São Paulo”, ou seja, em São Paulo o sol sempre se põe, ou põe-se necessariamente: São Paulo faz o sol se pôr, São Paulo é o anti-sol. Teria enfim São Paulo o romance contemporâneo que a transforma em seu personagem central?

Bernardo Carvalho é o que eu chamo de um “complicador de enredos” (pois se um romance pode ser muitas coisas, estas podem, por sua vez, ser agrupadas e sintetizadas em umas tantas). Em *O sol se põe em São Paulo*, ele pratica sua arte através de um triângulo amoroso, da troca de identidade, do deslocamento cultural e do uso da metalinguagem. Nada disso, porém, é suficiente para ocultar a principal característica do livro, sua banalidade — que se manifesta, se desdobra e se espalha de várias maneiras, nos diversos aspectos que fazem um romance. Por exemplo, na linguagem em si mesma, carregada de frases-feitas e conceitos-clichês. Isto poderia ter um sentido e um propósito literários, se tivesse um propósito e um sentido literários. Mas, neste caso, não tem:

“Assim como as obras não podiam estar separadas dos contextos em que foram criadas, assim como não podiam escapar ao presente, nós também não” (p. 10); “minha pífia ambição de escritor” (p. 11); “uma noite saiu do seu canto debaixo da escada, como uma aparição” (p. 11); “Uma vez, lá pelas tantas” (p. 11); “ainda nutria aquela fantasia” (p. 12); “São Paulo não se enxerga” (p. 14); “uma cidade sitiada pela miséria e pelo crime, dos quais [o poder] se alimenta embora tente em vão excluí-los” (p. 14); “Tinha de ganhar coragem para fazer o que não era do meu feitio” (p. 15); “No dia seguinte, lá estava eu de novo” (p. 16); “ela guardava uma história” (p. 17); “Não tinha papas na língua” (p. 18); “O que eles chamam mercado de trabalho é só uma farsa que se auto-alimenta para que uns possam foder os outros” (p. 19); “no mundo da razão, um mundo esvaziado de mitos” (p. 23); “Só um louco, como o professor, podia me levar a sério” (p. 24); “Durante muito tempo eu tentei fugir como o diabo da cruz” (p. 28); “O inferno era aqui mesmo” (p. 29); “uma cidade sitiada pelo crime” (p. 30); “A velha entrou na sala como uma assombração” (p. 30); “Eu tinha firmado um pacto” (p. 30); “A sua história era um acerto de contas” (p. 32); “Ela estava imbuída de uma missão” (p. 32); “A doença daquela relação” (p. 35); “Era uma moça inteligente” (p. 36); “a outra era só ouvidos” (p. 39); “Estava cheia daquela farsa” (p. 41).

Outra coisa que o romance não tem é ironia, em qualquer grau. Um personagem pode se levar a sério, como o personagem central deste livro, e ainda assim o narrador, um observador, o próprio texto, não fazê-lo. Pode, igualmente, levar-se a sério e ser assim tomado pelo livro, logo, pelo leitor: tudo depende da adequação. Não se espera muita ironia num romance naturalista de Zola, por exemplo, porém não se espera outra coisa num romance contemporâneo de Philip Roth. No caso de *O sol se põe em São Paulo*, por outro lado, há uma seriedade século-dezenovista num personagem que, ao não ser irônico, torna-se patético, justamente por não poder ser levado a sério.

O grande problema desse personagem é não conseguir ser escritor. Seu problema adicional, tornar-se redator publicitário por não conseguir ser escritor. Pode-se, por simples e sã empatia humana, respeitar a frustração existencial de alguém que deseja ser ou fazer alguma coisa que jamais consegue. Principalmente quando não há qualquer grande dor envolvida. Existisse uma grande dor, poderia ou deveria haver mais do que o mero respeito à frustração, alguma forma de comoção,

cujo verbo, *comover*, significa ser movido junto, ser co-movido, por essa dor. Mas aqui não há dor, há apenas veleidade vazia. O sujeito quer ou queria ser escritor, em sua adolescência e em seu tempo de estudante. Hoje, é um redator publicitário desempregado, que por dezenas de páginas lamenta não ter se tornado afinal um escritor, o que porém não o deixa profundamente irritado, furioso, angustiado pelo vislumbre de uma possível grandeza certo dia antevista e agora irremediavelmente perdida, ou coisa equivalente. Depreende-se então que seu motivo para querer ser escritor era a vaidade — daí, aliás, entender-se facilmente por que não se tornou escritor. Por tudo isso, o fato revela-se meramente desinteressante, a princípio, tão desinteressante quanto o próprio personagem, e logo francamente enfadonho, pois a questão se arrasta e se reitera e se repete por nada menos que 40 páginas, não sem antes se concentrar em uma velha dona de um restaurante medíocre que, para pasmo do narrador (“Devo ter arregalado os olhos de um jeito que costumava afligir minha mulher” — p. 11), de repente lhe pergunta: “O senhor é escritor?”, para em seguida acrescentar enigmaticamente: “O melhor escritor é o que nunca escreveu nada” (p. 12).

O que então lhe provoca, agora sim, uma “espécie de paixão. Me levantei e fui ao banheiro com o mero pretexto de perguntar à dona do restaurante o que tinha afinal contra a literatura” (p. 15). Dando assim ensejo a páginas e mais páginas de indagações: “Não estava ali para julgá-la, e, se o fizesse, provavelmente nunca ouviria o que ela guardava sobre a literatura” (p. 16); “Alguma coisa na primeira vez em que me dirigiu a palavra, perguntando se eu era escritor, me dizia que ela guardava uma história e procurava alguém para escrevê-la” (p. 17); “Embora eu não fosse escritor, foi esse suspeita que me deu ânimo para insistir e voltar dois dias depois, como quem se ilude a ponto de crer que a vida é feita de sinais e que afinal está diante de sua grande chance” (p. 17); “[Um] hábito que vinha conservando sempre que ia ao restaurante, mesmo antes de querer descobrir o que a velha tinha contra a literatura” (p. 18); “Nunca pediu para ler meus livros, que não existiam, é claro” (p. 20); “A responsabilidade era minha. Eu tinha firmado um pacto com a velha japonesa. Eu era o escritor” (p. 30); “[Se] era melhor não escrever, por que tinha me chamado? Aonde é que ela queria me levar?” (p. 32). A verdadeira pergunta, porém, é aonde quer nos levar a “enorme” questão envolvendo a possível opinião de uma velha dona de um restaurante medíocre sobre a literatura.

2

O fato de o frustrado personagem realmente se interessar por tal “mistério”, ao lado da repetição da questão e da situação, somados ao motivo já apreendido pelo leitor para ele não se tornar escritor, torna tais páginas romanescamente ociosas: uma desculpa longa, complicada e pretensamente metalingüística (logo, “moderna”) para introduzir a história da velha japonesa — que não consegue, naturalmente, despertar o interesse do leitor, ainda que desperte a “paixão” do patético narrador.

Mesmo porque, ele próprio fornece afinal uma explicação alternativa para sua vontade de ser escritor. Ainda que tal explicação nada explique. De um lado, ele não a leva a sério, já que apesar dela não pára de questionar, ainda que sem real profundidade, a razão de ser ou não ser escritor. De outro, a explicação é apenas uma forma rebuscada de dizer que se tornar escritor é completar a transição cultural familiar — o que, naturalmente, nada explica: “Escrever em português era para mim uma forma de romper com a ilusão de imigrantes dos bisavós (que era possível escapar ou voltar atrás)” (p. 20). Romper com a ilusão dos bisavós?

Junto a esse problema de estrutura, há ainda problemas que são de fatura. Por exemplo, o didatismo: seja quanto à situação narrativa (“Nunca pediu para ler meus livros, *que não existiam, é claro*” — p. 20), seja quanto à introdução de referências: (“William Blake, autor do *Casamento do Céu e do Inferno*” — p. 10). Ou o uso facilitado de certos termos: “Era uma velha de cabelos grisalhos e escorridos, presos num rabo-de-cavalo que lhe dava uma aparência escolar, um vestígio anacrônico da juventude distante” (p. 11). *Anacrônico*, porém, ao contrário do uso comum, refere-se não ao que está fora do tempo, mas a um erro de cronologia; o mais pertinente, aqui, seria portanto *extemporâneo*. Ou então a utilização de expressões que traem certo desconhecimento do meio em questão: “[Estava] desempregado e separado da minha mulher, depois de me foder por nada, trabalhando como redator de comerciais de uma agência de publicidade” (p. 11). Fui redator publicitário durante anos em São Paulo, e jamais ouvi a expressão “redator de comerciais”. O que se diz é simplesmente “Sou redator publicitário”. Ou, mais comumente, “Sou publicitário”. Ninguém, portanto, diria “redator de comerciais” a não ser que fosse deliberadamente para se menosprezar. Mas não é o caso. Porque o tom do narrador é descritivo; porque não há qualquer indicação de intenção, por

exemplo, o uso de aspas: “trabalhando como ‘redator de comerciais’”; e porque, se o objetivo era ser irônico, a expressão “redator de comerciais” é tão fraca (pois afinal é disso que se trata) que se torna inútil. A única explicação é mesmo o desconhecimento do meio. O que se reforça pelo didatismo: “trabalhando como redator de comerciais de uma agência de publicidade” — e onde mais se poderia sê-lo?

Por fim, há as repetições. A literatura moderna, e mais particularmente modernista, fez largo uso da repetição como elemento de linguagem. Porém aqui não se trata de elemento de linguagem, mas apenas de vício narrativo, mera reprodução de informações já fornecidas:

Ao longo do processo, Jokichi terminou por localizá-los, em Ikuno, mas eles se recusaram a continuar a ouvi-lo quando tentou informá-los da morte do filho. Não queriam acreditar naquela farsa. O filho simplesmente desaparecera em 42. Nunca mais ouviram falar dele. Eram simples e desconfiados. (p. 47)

Com a rendição, Jokichi havia procurado os pais do morto para informá-los da morte do filho desaparecido. Os velhos ignoravam o que acontecera. Nada sabiam da impostura. Não ouviam falar do filho desde 42, quando ele sumira sem deixar traços. Inconformados e humilhados, eles se recusaram a acreditar no que Jokichi lhes contava. [...] Eram simples, mas orgulhosos. (p. 88)

As informações são exatamente as mesmas, e quase o mesmo é o texto. O leitor, portanto, já sabe das informações e do texto. E se já os sabe, para que lê-lo de novo poucas dezenas de páginas à frente? Ou na página seguinte: “[Havia um novo personagem.] Era a raposa, o único ator a usar máscara” (p. 124); “[Ele] interpretara a raposa, o único personagem caracterizado com máscara” (p. 125). Ou, enfim, na mesma página:

Os pais do soldado morto não podiam suspeitar que estivesse mentindo, e muito menos que fosse ligado a Jokichi e agisse em seu nome. [...] Não perguntavam de onde vinha o dinheiro. Não lhes passava pela cabeça que era de Jokichi e que o ator seguia as instruções dele. (p. 89)

## 3

Resta o enredo. Num livro de cerca de 160 páginas, até a página 40 não há enredo. Há apenas o enfadonho ir e vir de um patético “redator de comerciais” desempregado a um medíocre restaurante japonês no bairro da Liberdade, onde não se decide a “enfrentar” a velha proprietária, pois esta certo dia lhe perguntara se ele era escritor. A partir daí, o enredo, enfim, começa. Não sem que antes uma grande dose de exotismo de ocasião se contrabandeie, preparando esse enredo: “Quando, um ano depois, num apartamento em Tóquio, o homem de lábio leporino terminou de ler a carta...” (p. 13). Um homem de lábio leporino num apartamento de Tóquio?

O enredo é, enfim, apresentado na quarta dezena de páginas, e se refere, em suma, a um triângulo amoroso envolvendo, nas palavras sérias do narrador, “uma moça inteligente”. Acontece de a tal “moça” ser uma antiga amiga da dona do restaurante, no Japão pós-Segunda Guerra. Estamos, assim, em um enredo étnico, histórico, multiculturalista, a lista toda (o que não é uma particularidade deste livro, mas sim uma característica do autor, cujos romances já se passaram na Floresta Amazônica, na Mongólia etc., mas não em São Paulo de modo a fazer da cidade mais importante do país o grande personagem).

Quando a história afinal começa, à página 42, ainda é, no entanto, difícil avançar sem ser perturbado pelos vícios do texto. Pois o narrador-escritor-frustrado, ao contar o que a velha lhe contara, assume a condição de comentarista. Assim, enquanto nos deparamos, de início, com quatro páginas de história genealógica do vértice masculino do triângulo, que não se decidem entre a narrativa ficcional e o texto de história, e que afinal não servirão, em sua pletora de detalhes e circunstâncias, ao enredo, por outro lemos de contrabando as opiniões do narrador, sempre ao mesmo tempo “politicamente corretas” e essencialmente equivocadas.

Jokichi, o marido de Michiyo, descendia por parte da mãe de uma família de antigos proprietários da região de Nagano. Mesmo depois da reforma da época Meiji, tinham conseguido manter boa porção das terras, graças à influência e às manobras políticas do avô, que pagou uma quantia simbólica pela propriedade

que já estava sob o controle da família havia séculos, assegurando assim a passagem para a modernidade, ao mesmo tempo em que perpetuava as relações paradoxais de senhorio com os agricultores locais. [...] O pai seguiu o caminho do avô e multiplicou a fortuna da família. Era um homem culto, politicamente moderado, ocidentalizado e avesso ao nacionalismo militarista, embora em contradição com os lucros que esse mesmo militarismo lhe proporcionava. (pp. 42-3)

Relações paradoxais de senhorio com os agricultores locais? E onde está o paradoxo? Pois o próprio texto acabara de descrever uma “modernização” oportunista e de fachada. Em contradição com os lucros que esse mesmo militarismo lhe proporcionava? Mas o texto fala de um homem de negócios que multiplicou a fortuna da família e é apenas “avesso” ao militarismo, não estando, portanto, em franca oposição ou recusa radical a ele. E um homem de negócios é um homem de negócios.

Pior, porém, são as inadequações do tipo “redator de comerciais”: “Quando o Japão entrou na guerra, em 41” (p. 43). Só havia então uma guerra: a guerra européia, confrontando Alemanha e Itália a Inglaterra e URSS. Motivo, aliás, de os EUA não lutarem nela — pois uma grande oposição interna sustentava que o país já fizera o bastante ao intervir para acabar com a interminável Primeira Guerra, em 1917. EUA que, portanto, só estarão em guerra a partir de dezembro de 1941, dois anos depois do início do conflito europeu, e por terem sido atacados unilateralmente pelo Japão — que aproveita o enfraquecimento dos impérios europeus no sudeste asiático para tentar erguer ali seu próprio império. O único obstáculo restante era o poderio naval norte-americano no Pacífico — razão do ataque à Pearl Harbor. Logo, o Japão não entrou em guerra alguma, já que não atacou a Europa, mas sim começou uma outra guerra, a do Pacífico — que, somada à guerra européia, resultaria afinal na Segunda Guerra Mundial. Claro que é nesta guerra que o narrador pretende ter o Japão “entrado”. Mas como não havia guerra mundial nenhuma até o próprio Japão atacar os EUA, a afirmação é historicamente equivocada. O que se torna aqui relevante por fazer parte de uma minuciosa contextualização histórica (ainda que sua minuciosidade seja ociosa para a narrativa).

Mas o pior de tudo talvez sejam as inconsistências propriamente romanescas. Logo no começo da narrativa, isto é, a partir da página 40, apresenta-se a situação central da trama, uma troca de identidades. Ela é originada pela ida de seu personagem principal, “Jokichi, o marido de Michiyo”, para o interior, onde ficaria durante toda a guerra. Pois Jokichi, apesar de se alistar antes mesmo de ser convocado, não quer ir de fato para a batalha. Quer apenas escapar da “opressão familiar” (p. 44). O pai, que nutre por ele um “amor insano” (p. 44 — sabe-se lá o que há de insano num pai tentar proteger a vida de um filho), o convence portanto, sem dificuldade, a ir administrar a propriedade da família no interior, enquanto não chega sua convocação — e só por esse período. Jokichi no entanto fica placidamente administrando a propriedade até o fim da guerra, quando afinal se surpreende ao descobrir que o pai o enganara, jamais enviando a convocação, e ainda alistando em seu lugar um operário, que adota seu nome e morre em ação. Como, porém, se explica sua surpresa? Somente se fosse um perfeito idiota, que não percebe, ao longo de quatro anos de guerra total, que talvez já devesse ter sido convocado — afinal, todos os homens de sua idade o foram... Mas ele não é absolutamente um idiota. Pois a narrativa explicita: “Jokichi era um homem inteligente. Nada daquilo teria acontecido sem sua cumplicidade, nem que fosse parcial” (p. 44). E ainda mais diretamente:

Setsuko [a velha do restaurante] não descartava a hipótese, de todas a mais verossímil, de que o próprio Jokichi tivesse se apresentado no interior não como filho de seu pai, mas como um simples administrador enviado por ele para substituir o anterior, convocado para a frente de batalha. Ou seja, deve ter participado da deserção de modo ativo e consciente, assumindo desde então outra identidade ou pelo menos escondendo a sua. (pp. 44-5)

Em primeiro lugar, como se pode esconder a própria identidade sem adotar outra? Pois não é possível ser ninguém. Mas o mais importante: se ele participou da deserção e não era um idiota, como pode ficar surpreso? Pelo fato de seu pai ter enviado outro, um operário, em seu lugar? Ora, Jokichi era “um homem inteligente”, e o Japão era um Estado fascista. Não seria fácil escapar à convocação militar. Portanto, e considerando ainda as relações de classe tradicionais, nada haveria de surpreendente na ação do pai. Mas Jokichi se surpreende, apesar de sua

cumplicidade e de sua inteligência. Além disso, apesar de sua cumplicidade e da inteligência do leitor, passa por um “processo absurdo de humilhação como desertor” (p. 46). Mas por que absurdo, se ele era de fato um desertor (“deve ter participado da deserção de modo ativo e consciente”)? E como pode ter se submetido a tal processo “para não sujar a memória do pai, que tudo havia arquitetado sem seu conhecimento” (p. 46)? Sem seu conhecimento? Ele não era inteligente? Não tinha “participado da deserção”? Tudo parece resultar da intenção deliberada de multiplicar o jogo de troca de identidades (não por acaso, a “questão da identidade” é comumente apontada pela crítica como algo central na obra de Carvalho). Assim, Jokichi “assume outra identidade ou pelo menos esconde a sua”, enquanto o pai faz outro homem assumir sua própria identidade. A troca de identidades é tão antiga quanto as comédias latinas de Plauto. Se isto não compromete *a priori* seu uso, tampouco pode, por si só, justificar qualquer coisa para ser construída, principalmente inconsistências flagrantes.

Seria inverossímil, no entanto, que um operário tivesse tomado o lugar de Jokichi e partido para o Sudeste Asiático só por dinheiro, para ajudar a família. Era preciso saber quem era esse rapaz. “Tudo nesta história se resume às razões que levaram o operário a aceitar o papel de protagonista dessa farsa”, me disse Setsuko. “É possível que nada tivesse acontecido se ele não fosse quem era”. (p. 45)

Se tais afirmações carecem de sutileza, também dela carece o enredo: pois tal revelação é guardada para as páginas finais. A falta de sutileza só não é maior que a de consistência. Pois não há nada mais *verossímil* do que um operário, em tal circunstância, agir por dinheiro, ou seja, “para ajudar a família”. Primeiro, porque se está em guerra, e a própria sobrevivência ameaçada de várias maneiras, a começar pela escassez de alimentos — dinheiro é, portanto, igual a chance de sobreviver; segundo, porque se trata de um operário, logo, de alguém cuja família é pobre, e ficará para trás com sua pobreza em meio à guerra; terceiro, porque ele seria convocado de qualquer maneira, ou seja, de graça. Logo, inverossímil mesmo é que alguém possa achar inverossímil a explicação provável e suficiente da ação do personagem. E se ela carece então de qualquer outra explicação, o romance, ou “essa farsa”, nas palavras da narradora, carece de qualquer base, pois “tudo nesta história se resume às razões que levaram o operário a aceitar o papel”. Que tal uma razão chamada chance-de-minha-família-pobre-sobreviver-à-Segunda-Guerra-

Mundial-enquanto-eu-seria-convocado-de-qualquer-maneira? A página *History of Population Structure of Japan* ([www.wwq.jp/indexfr.html](http://www.wwq.jp/indexfr.html)), com gráficos anuais da população japonesa e sua composição etária ao longo do século XX, mostra que, em 1945, o Japão tinha em torno de 5,5 milhões de homens entre 19 e 34 anos. E 5,5 milhões era o número de integrantes das forças armadas japonesas em 1945. Portanto, virtualmente todo homem adulto foi de fato convocado. Mesmo nessas circunstâncias, porém, talvez nem todos os japoneses pobres tomassem tal decisão. Talvez sequer a maioria, em função da explicação dada 40 páginas adiante, relativa à honra familiar e às honras fúnebres. Mas isto jamais tornaria inverossímil um ato individual, tanto por ser verossímil quanto por ser individual.

4

Seguindo, enfim, com a leitura, deparo-me, perto do meio do livro, com esta passagem:

Foi nessa época que Setsuko e Michiyo se encontraram na oficina de bonecas. O pedido de casamento já havia sido formalizado, e os pais da noiva estavam absorvidos nos preparativos da cerimônia, que se pretendia a mais discreta. Michiyo não via Masukichi fazia meses. Tanto que Setsuko, apesar de saber da existência do rapaz, só veio a ouvir o nome dele bem mais tarde, quando foi morar com Jokichi e Michiyo. (p. 55)

E o que esta passagem me fez pensar foi: mas por que, afinal, todos esses nomes orientais? *As mil e uma noites* têm um núcleo original hindu — que foi, porém, inteiramente arabizado. A história deste livro, se precisa de uma guerra, não precisa da Segunda Guerra, e da Segunda Guerra do lado japonês. Infelizmente, houve guerras depois e há guerras agora. Como não há nada exclusivamente japonês na história — mulheres prometidas em casamento e honra familiar existiam no próprio Brasil há muito poucas gerações —, nada *a priori* a impediria de se passar em outro tempo ou lugar. Mesmo porque, a “questão de identidade”, na literatura moderna, inclui a migração do próprio texto. Mas já que foi feita a opção por um cenário nipônico para o romance, e já que ele se baseia no uso da metalinguagem, a velha conta ao narrador que, quando jovem, trabalhara para um velho escritor que não pode mais usar as mãos, e lhe dita então sua tradução para o

japonês moderno do “Conto de Genji”, o mais antigo romance japonês, escrito há mais de mil anos por Murasaki Shikibu” (p. 77). O autor parece pretender criara assim um jogo de espelhos literário meio borgeano, num arco que se estende do “mais antigo romance japonês” ao seu próprio romance, o que é reforçado, entre coisas, por um comentário da mulher do velho escritor sobre... ser escritor. Mas, na verdade, não é borgeano, é apenas enfadonho. Para começar, há o fato de essa referência ser tão previsível quanto, ao se falar de poesia japonesa, evocar o haikai da rã de Bashô, o que seu igualmente previsível didatismo apenas piora: “o ‘Conto de Genji’, o mais antigo romance japonês, escrito há mais de mil anos por Murasaki Shikibu”. Para terminar, tal “conto” não é um romance.

De fato, em torno do ano 1000 foi escrito no Japão o que se convencionou chamar de “o primeiro romance da história”, *Genji monogatari*, ou *Narrativa de Genji*. Há nesta consideração muito de multiculturalismo e outro tanto de feminismo, já que o autor é uma mulher, que assim, por se alfabetizar e produzir uma obra de arte respeitável na patriarcal sociedade nipônica, teria sido também uma espécie de primeira feminista da história. O problema de tais considerações é que linguagens artísticas não são constituídas de casos isolados, mas sim de tradições. E a narrativa cortesã em questão é um caso isolado, antecedido por obras como *Taketori monogatari* (*Narrativa do cortador de bambus*), um conjunto de lendas, e sucedido por outras como *Heike monogatari* (*Narrativas de Heike*) e *Tsurezure-gusa* (*Relvas do ócio*), a primeira com histórias bélicas, a segunda com ensinamentos budistas. Portanto, se o *Genji monogatari* foi um caso único, não pode ser o primeiro ou mais antigo, o que pressupõe uma série. E se não houve tal série, não se pode falar no gênero romance na literatura japonesa até a chegada da literatura ocidental. Tudo isso pode parecer acadêmico, mas acontece que, se o *Genji monogatari* não foi, como de fato não foi, “o mais antigo romance japonês”, sua (enfadonha) referência como tal no centro deste romance metalingüístico perde boa parte de sua razão de ser.

Outra previsível e enfadonha referência à literatura japonesa é Yukio Mishima — que se torna aqui uma espécie de Ezra Pound nipônico. Pound, como se sabe, colaborou com o governo de Mussolini, e depois da guerra foi convenientemente considerado louco, não sendo assim julgado por traição (pois era norte-americano). Já Mishima foi um militante de extrema-direita, o que não impede que seja incensado pela *intelligentzia* multiculturalista: “Da parte de Mishima, só a

loucura podia explicar a convivência pacífica de um escritor homossexual de talento extraordinário com um grupo de fascistas iletrados” (p. 157). Carvalho talvez não ignore que boa parte da liderança da SA, organização nazista rival da SS, era homossexual, enquanto a própria SS contava com intelectuais de talento. Logo, não eram nazistas nem criminosos, mas loucos. Pena não terem pensado nisso a tempo de se livrar dos tribunais de guerra.

Voltando ao nosso enredo, falta dizer que o narrador fica surpresíssimo ao descobrir ser a velha que lhe conta a história do triângulo amoroso, não uma amiga da mulher envolvida, como dissera, mas a própria. Quem jamais imaginou uma coisa assim? Seu espanto, porém, é tamanho que, uma vez que ela desaparece, depois de percorrer o interior de São Paulo a sua procura, ele parte para o Japão. Para quê? Para entregar uma carta que a velha deixou para trás, destinada a um dos outros vértices do triângulo... O chavão narrativo não termina aí. Pois o tal vértice não será encontrado, mas a carta, afinal traduzida do japonês pelo sujeito de lábio leporino num apartamento de Tóquio, esclarecerá tudo.

Por exemplo, porque o autor viu-se obrigado a dar tanta ênfase à inverossimilhança do gesto do operário de aceitar dinheiro para servir no exército sob nome falso. O motivo era apresentar uma história, esta sim inverossímil, que comprova a intenção deliberada de multiplicar o jogo de troca de identidades — e ainda serve para explicar a escolha pela ambientação nipônica do enredo. Essa história envolve, de um lado, uma espécie de casta de intocáveis japoneses (os *burakimins*), e de outro, um primo do Imperador. Em resumo: o operário aceitara a oferta, não pelo dinheiro, mas por ser um pária acostumado à submissão. Além disso, depois de assumir a identidade do filho do patrão e revelar a farsa a outro soldado, é morto e tem a própria identidade roubada pelo primo do Imperador, um criminoso de guerra que, com a identidade do pária, foge para o Brasil em 1945. Trata-se, naturalmente, da velha fábula do príncipe e do mendigo. As intenções do autor, em todo caso, são claríssimas, e para não deixar qualquer dúvida, estão explicitadas nos parágrafos finais: primeiro, trata-se de questionar como é “possível ser outra coisa além de si mesmo”; segundo, trata-se de, num hino-síntese do politicamente-correto, decretar que ocidentais e orientais “Temos mais em comum do que se pode imaginar. O oposto é o que mais se parece conosco” (p. 164).

Só o que não será jamais esclarecido é a necessidade de repetir as informações até o desespero do leitor. O pior momento, neste aspecto, encontra-se à página 125. Pois fora à página 107 que o narrador vendera o carro a fim de ir para o Japão com o propósito específico de descobrir o paradeiro de um certo Masukichi, que fora a vida inteira um ator. Ele, portanto, não faz outra coisa nas 18 páginas seguintes. A busca frustrada de seu paradeiro, através de várias cidades do Japão e por milhares de páginas da internet, incluindo a repetição de seu nome nas várias entonações possíveis (“Másukichi, Masúkichi, Masukíchi, Masukichí” — p. 121) para desconhecidos que talvez tivessem ouvido falar dele — afinal, fora a vida inteira um ator —, culmina numa ida a um teatro. O narrador, então, assiste a uma peça da qual não entende nada, pois não fala japonês, apenas para poder esperar a saída dos atores, depois de se informar na portaria qual deles falava inglês. E eis que, enquanto espera, aproveita para explicar ao leitor: “Buscava alguém que tivesse ouvido falar de Masukichi”.

Já o pior momento no aspecto propriamente romanesco encontra-se na penúltima página: “Entendi porque Michiyo precisava de alguém para escrevê-la [sua história] em português. Era a herança que deixaria aos filhos que não teve” (p. 163). Acontece que Michiyo viveu por 50 anos no Brasil. Falava muito bem o português, como fica demonstrado por várias citações diretas. E como era comerciante, o que implica em uma série constante de papéis a ler e a escrever, e como escrever em português é bem mais fácil do que em japonês, torna-se no mínimo duvidoso o fato de não poder redigir as próprias memórias, que aliás não incluíam nenhuma grande dificuldade vocabular ou sintática, pois não se trata das memórias de uma intelectual, mas apenas de um triângulo amoroso juvenil.

Se sintetizar o que se espera de um romance não é impossível, resumir o que se espera da crítica é fácil: que dê a conhecer a obra analisada, para além do vício hoje comum da paráfrase da história (no caso da prosa) ou do verso (no caso da poesia), e do ainda mais comum vício de querer integrar o velho mas sempre renovado “coro dos contentes”. Pois se integrá-lo não acarreta risco nenhum (sequer dá muito trabalho), por outro lado garante certos ganhos, resumíveis na palavra compadrio. A literatura brasileira contemporânea, incluindo a crítica, é hoje um piquenique auto-congratatório sobre a relva das circunstâncias. A história,

porém, se acaso convidada, dificilmente marcará presença: ela é, até por consequência da idade, algo mais exigente.

*Revista Veja*. Crítica de Jerônimo Teixeira sobre o livro *O sol se põe em São Paulo* de Bernardo Carvalho.

## **Baile de máscaras**

### **Identities trocadas e narrativas enganosas são a marca literária de Bernardo Carvalho**

Bernardo Carvalho é um escritor brasileiro de ambição argentina. Explica-se: a literatura argentina, de Macedonio Fernández e Jorge Luis Borges aos contemporâneos Ricardo Piglia e Alan Pauls, abandonou há muito a miragem da "identidade nacional". Em certa medida, Carvalho busca o mesmo caminho. O antropólogo americano que se suicida em uma aldeia indígena de *Nove Noites*, por exemplo, ou o diplomata brasileiro que busca um fotógrafo desaparecido no país que dá título ao romance *Mongólia* habitam uma espécie de não-país, uma zona de choque cultural e identidades equívocas. A mesma fórmula é reiterada em ***O Sol Se Põe em São Paulo*** (Companhia das Letras; 164 páginas; 34 reais), romance que chega às livrarias nesta semana. Carioca radicado em São Paulo, Carvalho, aos 47 anos, vem mostrando consistência na perseguição de suas obsessões literárias. Foi assim que conquistou seu lugar entre os melhores autores brasileiros em atividade – um dos poucos que contam com um público leitor efetivo. *Nove Noites*, talvez o melhor de seus nove livros, está longe de ser um best-seller, mas alcançou uma marca respeitável para um autor "sério": 28 000 exemplares vendidos.

Em *O Sol Se Põe em São Paulo* um escritor – ou, pelo menos, um homem que se apresenta como tal, embora não tenha publicado livro algum – viaja ao Japão para esclarecer os detalhes obscuros da história que Setsuko, uma elusiva senhora japonesa, lhe contou. Essa história envolve um romance inacabado de Junichiro

Tanizaki, um dos grandes nomes da literatura japonesa do século XX (pode-se argumentar que esse vezo de fazer literatura sobre literatura também é muito argentino, embora nessa vertente não exista brasileiro que consiga fazer frente a, por exemplo, *Respiração Artificial*, de Piglia). Apresenta-se ao leitor um triângulo amoroso no Japão do imediato pós-guerra, com toques de erotismo perverso típicos de Tanizaki. O drama sexual, como se saberá ao longo do livro, encobre tragédias maiores, em uma sucessão abissal de nomes falsos e identidades trocadas.

É um enredo difícil, que Carvalho desenrola com relativa desenvoltura. Perde-se no final, quando o que se supõe ser a verdade dos fatos vem à tona através de um recurso artificioso – uma carta, na qual a remetente toma o cuidado excessivo de deixar tudo bem explicadinho. São esclarecimentos demais para um livro que cita com admiração as idéias de Tanizaki sobre a beleza dos jogos de sombra. Mais importante do que a história em si, porém, é o esforço do narrador para desenredá-la. Descendente de japoneses que perdeu o contato com a cultura de seus antepassados (nem mesmo sabe falar japonês), o narrador descobre um sentido vicário para sua vida besta de publicitário desempregado na história duvidosa que ouve de uma velha imigrante japonesa. O que talvez deva ser lido como uma profissão de fé do autor no poder salvador da arte narrativa – mesmo que essa seja uma arte feita de enganos.

### **A cidade falsa**

"A Liberdade é um desses bairros de São Paulo que ressaltam no mau gosto de sua rala fantasia arquitetônica o que a cidade tem de mais pobre e de paradoxalmente mais autêntico: a vontade de passar pelo que não é. O pôr-do-sol em São Paulo é reputado como um dos mais espetaculares, por causa da poluição. (...) São Paulo não se enxerga. Não é à toa que é uma cidade de publicitários. Em São Paulo, publicidade é literatura, expliquei ao homem de lábio leporino, em inglês, sem deixar claro se fazia uma crítica ou me justificava."

*Trecho de O Sol Se Põe em São Paulo*

## APÉNDICES

## APÊNDICE 1

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

<b>O Globo</b>	
<b>Titulo do livro</b>	<b>Retornos</b>
<i>Viva o povo brasileiro</i> (1984) – de João Ubaldo Ribeiro	Rápidas e valiosas. <b>O Globo</b> , Cultura, 03 fev. 1984, p. 26. Nota.
	Ubaldo e o povo do Recôncavo. <b>O Globo</b> , Primeira Página, 03 nov. 1984, p. 1. Chamada.
	Zona Franca. <b>O Globo</b> , Rio, 13 dez. 1984, p. 10. Nota em coluna de Carlos Swann.
	Nove livros lançados em duas noites de autógrafos. <b>O Globo</b> , Rio, 21 dez. 1984, p. 15. Notícia.
	Cinco livros ocupam uma nova fronteira. <b>O Globo</b> , Jornais de Bairro, 24 dez. 1984, p. 12. Matéria de Ana Maria Rodrigues.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 29 dez. 1984, p. 3. Agenda.
	Por João Ubaldo, uma história com agá minúsculo do povo do Recôncavo. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 03 nov. 1984, p. 1. Artigo de Maria José Quadros.
	História de alienados e oprimidos. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 16 dez. 1984, p.7. Crítica de Luiz Garcia.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 02 fev, p. 3. 1985. Agenda.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 02 mar. 1985, p. 3. Agenda.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 04 maio 1985, p.3. Agenda.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 05 jan. 1985, p. 3. Agenda.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 06 jul. 1985, p. 6. Agenda.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 06 set. 1985, p. 2. Agenda.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 09 fev. 1985, p. 3. Agenda.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 09 mar. 1985, p. 3. Agenda.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno 09 fev. 1985, p. 3. Agenda.
	Feira Internacional do Livro. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 11 set. 1985, p. 6. Nota.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 12 jan. 1985, p. 5. Agenda.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 13 abr. 1985, p. 3. Agenda.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 13 jul. 1985, p. 3. Agenda.

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

	Ubaldo no PPB. <b>O Globo</b> , Rio, 13 maio 1985, p. 6. Nota em coluna de Carlos Swann.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 13 set. 1985, p. 8. Agenda.
	O mal sorri. <b>O Globo</b> , Rio, 14 maio. 1985, p. 10. Nota em coluna de Carlos Swann.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 16 fev. 1985, p. 3. Agenda.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 16 mar. 1985, p. 3. Agenda.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 18 maio 1985, p. 3. Agenda.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 19 jan. 1985, p. 5. Agenda.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 20 abr. 1985, p. 3. Agenda.
	Não à pesca da baleia. Bola branca. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 20 dez. 1985, p.2. Nota em coluna de Ibrahim Sued.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 20 jul. 1985, p. 2. Agenda.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 22 jun. 1985, p.3. Agenda.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 23 fev. 1985, p.2. Agenda.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 26 jan. 1985, p. 3. Agenda.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 27 abr. 1985, p. 3. Agenda.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 29 jun. 1985, p. 7. Agenda.
	Ficção na Xanan: 'Farddos de azul'. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 30 jan. 1985, p. 6. Nota
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 30 mar. 1985, p.3. Agenda.
	O Globo e João Ubaldo no Jabuti. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 23 out. 2985, p. 1. Notícia.
	Vida e paixão de Pandonar, o Cruel. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 09 out. 1986, p. 4. Agenda.
	Neo-sambista. <b>O Globo</b> , Rio, 18 jul. 1986, p. 10. Nota em coluna de Carlos Swann.
	Política prática, para leigos. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 19 out. 1986, p. 9. Resenha de Leandro Konder.
	Vida e paixão de Pandonar, o Cruel. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 22 set. 1986, p. 4. Agenda.
	Vida e paixão de Pandonar, o Cruel. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 23 set. 1986, p. 4. Agenda.
	João Ubaldo e o morcegão tipo Chester. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 26 jan. 1986, p. 1. Chamada.
	Os brasileiros em alta na Feira do Livro, Frankfurt. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 31 mar. 1986, p. 2. Notícia.

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

	Temos de meter em cana essa estrutura. <b>O globo</b> , Segundo Caderno, 13 jul. 1986, p. 10. Artigo de João Ubaldo Ribeiro.
	Cantam as escolas. Literatura, circo, sonho. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 14 out. 1986, p. 3. Artigo de José Carlos Rego.
	Viva o povo brasileiro' é vencedor na Império. <b>O Globo</b> , Jornais de Bairro, 18 nov. 1986, p. 37. Notícia.
	Na dificuldade, todas as escolas se unem querendo ação do Prefeito. <b>O Globo</b> , Jornais de Bairro, 24 jun. 1986, p.19. Notícia.
<i>Sonata da última cidade</i> (1988) – de Renato Modernell	As páginas do mundo. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 25 ago. 1988, p. 1. Notícia de Denise Lima.
	A construção de São Paulo. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 09 out. 1988, p. 11. Resenha de Cláudia Miranda.
<i>A ilha dos trópicos</i> (1990) – de Marcos Santarrita	Romance histórico sobre dois Brasis. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 17 dez. 1990, p. 5. Nota de Carlos Menezes.
	Viagem a quatro séculos de história. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 25 dez. 1990, p.2. Crítica de Isabel Cristina Mauad.
	Os livros da minha vida. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 22 ago, p.7. 1993. Nota.
	No azul dos trópicos. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 27 fev. 1999, p.1. Reportagem Cecília Costa.
	A desilusão com a literatura moderna. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 27 fev. 1999, p. 2. Entrevista Marcos Santarrita.
<i>Mil anos menos cinqüenta</i> (1995) – de Ângela Abreu	nada
<i>A mão esquerda</i> (1996) – de Fausto Wolff	nada
<i>A República dos bugres</i> (1999) – de Ruy Tapioca	Rodapé. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 02 out. 1999, p. 3. Nota de lançamento.
	O Brasil de Quincas, filho bastardo de d. João. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 23 out. 1999, p. 3. Crítica de Nelson Vasconcelos.
	Os melhores do ano. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 01 jan. 2000, p. 2. Box de notas.
<i>A Guerra dos Farrapos</i> (1985) – de Alcy Cheuiche	Os Farrapos: seus heróis e caudilhos. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 23 dez. 1985, p. 2. Nota.
	Poesia, o sucesso de venda na banca. <b>O Globo</b> , 28 nov. 1985, Segundo Caderno, p. 6. Nota correlata.

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

<i>Os varões assinalados</i> (1985) – de Tabajara Ruas	Saga dos Farrapos é tema de romance. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 07 nov. 1985, p. 6. Nota lançamento.
<i>Avante, soldados: para trás</i> (1992) – de Deonísio da Silva	Nada de novo no front. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 09 ago. 1992, p. 6. Crítica de Betty Mekler.
<i>Lealdade</i> (1997) – Márcio Souza	A guardiã da cultura. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 30 ago. 1997, p. 6. Reportagem de Elisabeth Orsini. O escritor na repartição. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 08 mar. 1997, p. 1. Entrevista de Elisabeth Orsini.
<i>Questão de honra</i> (1999) – de Domingos Pellegrini	nada
<i>Xadrez, truco e outras guerras</i> (1999) – de José Roberto Torero	Os mais vendidos. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 06 fev. 1999, p. 5. Agenda. Os mais vendidos. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 06 mar. 1999, p. 5. Agenda.
<i>Os senhores da guerra</i> (2000) – de José Antonio Severo	Lançamentos. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 09 dez. 2000, p. 5. Nota de lançamento.
<i>Caldeirão</i> (1982) – de Cláudio Aguiar	Caldeirão' recria episódio histórico no Ceará. <b>O Globo</b> , Cultura, 03 mar. 1982, p. 32. Resenha de Carlos Menezes. Um documento pungente e um romance bem realizado. <b>O Globo</b> , Domingo, 07 mar. 1982, p. 5. Crítica de Edilberto Coutinho.
<i>A casca da serpente</i> (1989) – de José J. Veiga	Gatas para covas. <b>O Globo</b> , Ela, 10 junh. 1989, p. 2. Nota de lançamento. Nana quer segurança e limpeza e J. J. Veiga, mais luz na Glória. <b>O Globo</b> , Jornais de Bairro, 19 dez. 1989, p. 23. Nota. José J. Veiga lança dúvidas com 'A casca da serpente'. <b>O Globo</b> , Jornais de Bairro, 23 maio 1989, p. 23. Matéria. Canudos reinventada. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 04 jun. 1989, p. 11. Crítica de Myrian Campello.
<i>Sete léguas de paraíso</i> (1989) – de Antônio José de Moura	Santa Dica e a república dos anjos. <b>O Globo</b> , Segundo caderno, 18 dez. 1989, p. 2. Resenha de lançamento de Carlos Menezes.
<i>Videiras de Cristal</i> (1991) – de Luiz Antonio de Assis Brasil	nada

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

<i>Império Caboclo</i> (1994) – de Donaldo Schüler	nada
<i>Os rebeldes brotam da terra</i> (1995) – de Alcides Ribeiro J. da Silva.	nada
<i>O Mez da Grippe</i> (1981) – de Valêncio Xavier	nada
<i>Rios da liberdade</i> (1982) – de Renato Castelo Branco	Nossos autores em ação. <b>O Globo</b> , Cultura, 17 nov. 1983, p. 32. Nota. Sem título. <b>O Globo</b> , Cultura, 29 out. 1982, p. 32. Nota.
<i>A conquista dos sertões de dentro</i> (1983) – de Renato Castelo Branco	nada
<i>Senhores e escravos</i> (1983) – de Renato Castelo Branco	nada
<i>Gaúchos no Obelisco</i> (1984) – de Cyro Martins	nada
<i>O Planalto</i> (1985) – de Renato Castelo Branco	Primeiros tempos de um Brasil fantástico. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 07 jul. 1985, p. 7. Nota de lançamento.
<i>A cidade dos padres</i> (1986) – de Deonísio da Silva	Ficção brasileira, boa colheita em 86. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 23 dez. 1986, p. 1. Reportagem. Livros. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 26 set. 1986, p. 3. Nota de Carlos Menezes. Uma história de Pombal, do além. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 17 dez. 1986, p. 2. Resenha de Carlos Menezes. O poder é personagem, entre ficção e história. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 28 set. 1986, p. 9. Crítica de Lucia Helena.
<i>Agosto</i> (1990) – de Rubem Fonseca	Os mais vendidos. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 02 dez. 1990, p. 5. Agenda. Mercado editorial mantém qualidade. <b>O Globo</b> , Segundo caderno 31 dez. 1990, p. 1. Notícia de Luciano Trigo.
<i>Boca de chafariz</i> (1991) – de Rui Mourão	nada

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

<i>O retrato do rei</i> (1991) – de Ana Miranda	Emoções. <b>O Globo</b> , Ela, 12 jan. 1991, p. 7. Nota. Os mais vendidos. <b>O Globo</b> , Rio Show, 13 dez. 1991, p. 26. Agenda.
<i>O Exílio na terra dos muitos</i> (1992) – de Antonio Hohlfeldt	nada
<i>Perversas famílias</i> (1992) – de Luiz Antônio de Assis Brasil	nada
<i>Pedra da memória</i> (1993) – de Luiz Antônio Assis Brasil	nada
<i>Os desvalidos</i> (1993) – de Francisco J. C. Dantas	nada
<i>Noturno, 1894</i> (1993) – de Francisco Caruso	nada
<i>Os senhores do século</i> (1994) – de Luiz Antônio Assis Brasil	nada
<i>Paraguaçu e Caramuru</i> (1995) – de Assis Brasil	nada
<i>O equilibrista do arame farpado</i> (1996) – de Flávio Moreira da Costa	Um Macunaíma pós-moderno. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 13 abr. 1996, p.2. Nota. A paródia cria uma biblioteca de paraliteratura. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 12 out. 1996, p. 4. Crítica de Wilson Martins.
<i>O Bruxo do Contestado</i> (1996) – de Godofredo Oliveira Neto	Ver o Flamengo com os olhos de Machado de Assis. <b>O Globo</b> , Jornais de Bairro, 19 set. 1996, p.42. Perfil. Romance sobre o silêncio da história. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 19 out. 1996, p. 4. Crítica de Daniela Name.
<i>Descobertos e extravios</i> (1997) – de Vera de Vives	nada
<i>A guerra das imaginações</i> (1997) – de Doc Comparato	Primeiro romance de Doc Comparato mistura papas e descoberta do Brasil. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 15 dez. 1997, p. 3. Resenha de Daniela Name. Doc Comparato em guerra com as imaginações. <b>O Globo</b> , Jornais de Bairro, 24 jul. 1997 p. 20 e 21. Reportagem de José Figueiredo.

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

	Invadindo a Península Ibérica. <b>O Globo</b> , Rio, 21 mar. 1998, p. 20. Nota.
	Romance histórico sobre o coração dos homens. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 10 jan. 1998, p. 3. Crítica de Leonor Basséres.
<i>Terra Papagalli</i> (1997) – de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta	Invenção de um mundo novo. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 08 maio 1997, p. 1. Reportagem de Paulo Roberto Pires.
<i>Bandeirantes, os comandos da morte</i> (1999) – de Assis Brasil	Lançamentos. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 15 maio 1999, p. 5. Nota lançamento.
	Lançamentos. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 24 jul. 1999, p. 5. Nota lançamento.
<i>Mares do Sul</i> (1999) – de Marcos Santarrita	nada
<i>Memorial do paraíso</i> (1999) – de Sílvio Castro	O Fascínio pelo mar e pelo paraíso. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 14 ago. 1999, p. 4. Crítica de Márcia Lisboa.
<i>A Quarta parte do mundo</i> (1999) – de Clóvis Bulcão	nada
<i>Romance sem palavras</i> (1999) – de Carlos Heitor Cony	Novo livro promete suspense e final surpreendente. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 11 jan. 1999, p. 3. Notícia em coluna.
	Sem título. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 17 abr. 1999, p. 6. Nota.
	O tempo da delicadeza de Carlos Heitor Cony. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 10 abr. 1999, p. 3. Crítica de Paulo Roberto Pires.
	Dr. Fausto às avessas. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 11 jan. 1999, p. 1. Crítica de Arnaldo Bloch.
<i>O trono da rainha Jinga</i> (1999) – de Alberto Mussa	Lançamentos. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 10 abr. 1999, p. 3. Nota.
	Lançamentos. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 17 abr. 1999, p. 6. Nota.
	Sem título. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 28 ago. 1999, p. 3. Anúncio.
	Literatura nas horas vagas. <b>O Globo</b> , Jornais de Bairro, 30 set. 1999, p. 36. Matéria.
<i>1549 – Romance nas terras de Santa Cruz</i> (1999) – de Aydano Roriz	nada
<i>Meu querido canibal</i> (2000) – de Antonio Torres	nada

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

<i>Marcelino Nanmbrá, o manumisso</i> (2000) – de Godofredo Rangel de Oliveira.	nada
<i>O brasileiro voador</i> (1986) – de Márcio Souza	Rico, bonito, culto e muito angustiado. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 12 abr. 1986, p. 1. Nota de Sônia Apollinário.
	Santos Dummont voa em livro e filme. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 23 out. 1986, p. 8. Resenha e reportagem de Paulo França.
<i>Amor que faz o mundo girar</i> (1990) – de Ary Quintella	Os negros em Minas. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 11 jul. 1991. Resenha de Carlos Menezes.
<i>Eu, Tiradentes</i> (1990) – de Pascoal Motta	nada
<i>Fogo verde</i> (1990) – de Duílio Gomes	nada
<i>Nassau: sangue e amor nos trópicos</i> (1990) – de Assis Brasil	Os mais vendidos. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 28 out. 1990, p. 5. Agenda.
	Versão apaixonada da colonização holandesa. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 15 jul. 1990, p.11. Crítica de Lionel Fischer.
<i>Rei Branco, Rainha Negra</i> (1990) – de Paulo Amador	nada
<i>Villegagnon: paixão e morte na Guanabara</i> (1991) – de Assis Brasil	A sair. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 22 jul. 1991, p. 6. Nota de Carloz Menezes.
	Assis Brasil une ficção e história. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 18 ago. 1991, p. 6. Crítica de Esdras Nascimento.
<i>Sonhos Tropicais</i> (1992) – de Moacyr Scliar	Moacyr Scliar 'sem choradeira'. <b>O Globo</b> , Rio, 19 nov. 1992, p. 12. Nota.
	Um diálogo com Oswaldo Cruz. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 12 jul. 1992, p.6. Crítica de Moisés Liporage.
<i>Piguara, o senhor dos caminhos</i> (1993) – de Edilberto Coutinho	Histórias do 'Senhor do Caminho'. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 30 jun. 1994, p. 4. Notícia de Eduardo Souza Lima.
	Romances, livros infantis, tarô: um guia para as tardes de autógrafos. <b>O Globo</b> , Cultura, 20 ago. 1993, p. 6. Agenda.

**Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000**

<i>Tiradentes, poder oculto o livrou da força</i> (1993) – de Assis Brasil	O herói além do cadafalso. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno 25 abr. 1996, p. 4. Resenha de Moisés Liporage.
<i>Galantes memórias e admiráveis aventuras do virtuoso Conselheiro Gomes, o Chalaça</i> (1994) – de José Roberto Torero	Sucesso de 'Selvagem da Ópera' e 'Chalaça' revelam potencial do filão. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 02 set. 1994, p. 6. Reportagem de Elisabeth Orsini.
<i>O Selvagem da ópera</i> (1994) – de Rubem Fonseca	Fonseca se compromete com selvagerias. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 21 ago. 1994, p. 1. Comentário de Antonio Hernandez.
	Os mais vendidos. <b>O globo</b> , Segundo Caderno, 16 out. 1994, p. 7. Agenda.
	O Selvagem da Ópera. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 28 ago. 1994, p. 11. Crítica de paulo Francis.
	Sua vida foi uma ópera. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 15 ago. 1994, p. 1. Resenha de Luciano Trigo.
	Sucesso de 'Selvagem da Ópera' e 'Chalaça' revelam potencial do filão. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 02 set. 1994, p. 6. Reportagem de Elisabeth Orsini.
<i>Ana em Veneza</i> (1994) – de João Silvério Trevisan	Neto preferido de Mann encontrará parente no Brasil. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 23 fev. 1994, p. 2. Notícia de Bruno Casotti.
	Um grande livro: 'Ana em Veneza'. <b>O Globo</b> , Rio, 25 dez. 1994, p. 10. Resenha em coluna de Elio Gaspari.
<i>Anna e outros amores de Tiradentes</i> (1995), de Joaquim Borges	nada
<i>Netto perde sua alma</i> (1995) – de Tabajara Ruas	nada
<i>Imperatriz no fim do mundo</i> (1997) – de Ivanir Calado	nada
<i>Nos céus de Paris</i> (1998) – de Alcy Cheuiche	nada
<i>Anita</i> (1999) – de Flávio Águiar.	nada
<i>Manhã transfigurada</i> (1982) – de Luiz Antonio de Assis Brasil	nada

**Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000**

<i>As virtudes da casa</i> (1985) – de Luiz Antonio de Assis Brasil	nada
<i>Coivara da memória</i> (1991) – de Francisco J. C. Dantas	nada
<i>A casa da palma</i> (1995) – de Carlos Nascimento Silva	Leituras. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 14 fev. 1995, p. 2. Coluna de Affonso Romano de Sant'anna. Saga familiar temperada com sexo e violência. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 26 dez. 1995, p. 7. Resenha de Carlos Menezes.
<i>Café Pequeno</i> (1995) – de Zulmira Ribeiro Tavares	Os livros que eu recomendo. <b>O globo</b> , Segundo Caderno, 27 ago. 1995, p. 6. Nota de Carlos Sussekind. Crônica da sociedade paulistana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 09 jul. 1995, p.6. Resenha de João Wady Cury.
<i>Cartilha do silêncio</i> (1997) – de Francisco J. C. Dantas	Um aprendiz desencantado do silêncio infinito. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 29 mar. 1997, p. 5. Resenha de Elisabeth Orsini.
<i>Concerto Campestre</i> (1997) – de Luiz Antonio de Assis Brasil	A música sem esperança que vem das palavras. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 04 out. 1997, p. 3. Resenha de Elisabeth Orsini.
<i>Resumo de Ana</i> (1998) – de Modesto Carone	Saga familiar inspira livro de Carone. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 11 fev. 1997, p. 1. Nota de Cristina Ramalho.
<i>O avesso do retrato</i> (1999) – de Ângela Dutra de Menezes	nada
<i>O tetraneto del rei</i> (1982) – de Haroldo Maranhão	Uma ficção, poesia e ensaios criativos. <b>O Globo</b> , Cultura, 28 dez. 1982, p. 26. Notícia. Em 'As peles frias', a raiva e a doçura do premiado Haroldo Maranhão. <b>O Globo</b> , Cultura, 04 jan. 1982, p. 24. Resenha de outro livro. A colonização do Brasil em deliciosa paródia. <b>O Globo</b> , Domingo, 26 set. 1982, p. 5. Crítica de Virgílio Moretzsohn Moreira.
<i>Memorial de Santa Cruz</i> (1983) – de Sinval Medina	Sem título. <b>O Globo</b> , Cultura, 28 dez. 1983, p. 28. Nota.
<i>Joaquina, filha de Tirandentes</i> (1987) – de Maria José Pereira de Queiroz	nada

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

<i>Jovita, missão trágica no Paraguai</i> (1994) – de Assis Brasil	nada
<i>Desmundo</i> (1996) – de Ana Miranda	Livros com 20% de desconto para os assinantes do Globo. Isso sim é que é cultura popular. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 27 jul. 1996, p. 4. Anúncio.
	A palavra como protagonista. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 22 jun. 1996, p. 6. Entrevista de Daniela Name.
	Autor é lembrado por fãs famosos. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 13 dez. 1996, p. 4. Matéria.
	Livros com 20% de desconto para os assinantes do Globo. Isso sim é que é cultura popular. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 01 ago. 1996, p. 12. Anúncio.
<i>Jan e Nassau</i> (1996) – de Esther Largmann	nada
<i>Capitão Mouro</i> (1997) – de George Bourdoukan	nada
<i>A majestade do Xingu</i> (1997) – de Moacyr Scliar	Zona Franca. <b>O Globo</b> , Rio, 22 ago 1997, p. 14. Nota lançamento.
	Um retrato de Noel Nutels no espelho da ficção. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 20 set. 1997, p. 3. Resenha de Elisabeth Orsini.
	Zona Franca. <b>O Globo</b> , Rio, 23 abr 1998, p. 14. Nota prêmio
	A política surge transfigurada na ficção. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 02 jun. 1998, p. 3. Reportagem sobre outro escritor.
	As reduzidas situações romanescas. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 24 jan. 1998. Crítica de Wilson Martins.
	Soluções imaginárias para enigmas ficcionais. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 26 set. 1999, p. 2. Reportagem.
<i>Um largo, sete memórias</i> (1997) – de Adolfo Boos Júnior	nada
<i>Breviário das terras do Brasil</i> (1997) – de Luiz Antonio de Assis Brasil	nada
<i>O Memorial da Bruxa</i> (1997) – de Alda Andréia Therkovsky	nada
<i>O ouro da liberdade</i> (1997) – de Helena Moura	nada

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

<i>Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz</i> (1997) – de Heloísa Maranhão	Lembrança de Akan e outros reinos. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 04 out. 1997, p. 3. Matéria.
<i>O homem que matou Getúlio Vargas</i> (1998) – de Jô Soares.	Os mais vendidos. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 28 nov. 1998, p. 5. Agenda.
	Os mais vendidos. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 26 dez. 1998, p. 5. Agenda.
	Os mais vendidos. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 19 dez. 1998, p. 5. Agenda.
	Os mais vendidos. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 12 dez. 1998, p. 5. Agenda.
	Os mais vendidos. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 5 dez. 1998, p. 5. Agenda.
	A vida acidental de um anarquista. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 07 nov. 1998, p. 1. Reportagem Paulo Roberto Pires.
	A vida acidental de um anarquista. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 07 nov. 1998, p. 2. Crítica de Arthur Dapieve.
<i>A estranha nação de Rafael Mendes</i> (1983) – de Moacyr Scliar	Novo romance de Scliar historia a perplexidade dos brasileiros. <b>O Globo</b> , Cultura, 04 nov. 1983, p. 28. Resenha.
	A história fascinante da luta pela liberdade. <b>O Globo</b> , Domingo, 11 dez. 1983, p. 5. Crítica de Bella Josef.
<i>A descoberta da América pelos turcos</i> (1994) – de Jorge Amado	nada
<i>A república dos sonhos</i> (1984) – de Nélide Piñon	Rápidas e valiosas. <b>O Globo</b> , Cultura, 25 jun. 1984, p. 20. Nota.
	Os mais vendidos da semana. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 22 set. 1984, p. 3. Agenda.
	As autoras retornam com nova coleção de histórias eróticas. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 15 out. 1984, p. 6. Nota sobre outro livro.
	Zona Franca. <b>O Globo</b> , Rio, 06 jun. 1984, p. 10. Nota.
	Nélide Piñón - o compromisso com a consciência. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 19 ago. 1984, p. 8. Crítica de Maria Julieta Drummond de Andrade.
	Técnica revolucionária em romance total e complexo. <b>O Globo</b> , 26 ago. 1984, p. 5. Crítica de Bella Josef.
	No novo romance de Nélide, os sonhos dos nossos imigrantes. <b>O Globo</b> , Jornais de Bairro, 30 ago. 1984, p. 8. Reportagem de Kit Freitas.
	A silenciosa aventura da criação literária. <b>O Globo</b> , Cultura, 12 mar. 1984, p. 19. Reportagem de Heloisa Daddario.

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

Os dias do demônio (1995) – de Roberto Gomes	nada
O Quatrilho (1985) – de José Clemente Pozenato	nada
Jovens polacas (1993) – de Ester Largmann	nada
Amrik (1997) – de Ana Miranda	Romantismo e sensualidade debaixo dos hábitos. <b>O Globo</b> , Ela, 30 maio 1998, p.2. Reportagem de Angela Regina Cunha.
	Memória de um oriente sensual. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 20 set. 1997, p. 6. Reportagem de José Figueiredo.
	Um imenso Portugal nas estantes. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 11 out. 1997, p. 6. Reportagem de Paulo Roberto Pires.
A terra e a dor (1998) – de Ruy Nedel	nada
Tio Kuba nos trópicos (1999) – de Ester Largmann	nada
A cocanha (2000) – de José Clemente Pozenato	Passo Fundo divulga os 11 finalistas do prêmio literário. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 08 ago. 2001. p. 3. Notícia.
Memorial de um herege (2000) – de Samuel Reibscheid	nada
Aqueles malditos cães de Arquelau (1993) – de Isaías Pessoti	A literatura como um desafio. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 10 jul. 1994, p. 5. Entrevista de Daniel Hessel teich.
Dona Leonor Teles (1995) – de Heloísa Maranhão	nada
O mistério do leão rampante (1995) – de Rodrigo Lacerda	Shakespeare nas entrelinhas da ficção. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 11 jun. 1995, p. 6. Matéria de Paulo Roberto Pires.
O Santo (1996) – de Décio Orlandi	Lançamentos. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, p3 ago. 1996, p. 2. Nota.
Teresa (1997) – de Deonísio da Silva	Um romance além das muralhas. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 6 dez. 1997, p. 6. Matéria de Manyá Millen.
O doente Molière (2000) – de Rubem Fonseca	nada

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

<i>Os leopardos de Kafka</i> (2000) – de Moacyr Scliar	A nova 'Cult'. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 22 jul. 2000, p. 5. Nota em coluna.
	Trama feita de memórias e paixões. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 24 jun. 2000. Entrevista de Rachel Bertol.
	Romances policiais. <b>O Globo</b> , Opinião, 27 nov. 2000, p. 7. Artigo de Leandro Konder.
<i>Medo de Sade</i> (2000) – de Bernardo Carvalho	Sade inspira policial cujo mistério é tentar provar a inexistência de Deus. <b>O Globo</b> , 20 maio 2000, Prosa e Verso, p.4.
	Sede por Sade. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 11 nov. 2000, p. 1. Reportagem de João Ximenes Braga.
<i>Em liberdade</i> (1981) – de Silviano Santiago	As flores e dores de um exemplar Brasileiro: os ramos de Graciliano. <b>O Globo</b> , Cultura, 15 out. 1981, p. 32. Artigo de Nelson Motta.
	O diário íntimo que Graciliano (não) escreveu. <b>O Globo</b> , Cultura, 14 out. 1981, p. 28. artigo de Sônia coutinho.
	Sem título. <b>O Globo</b> , Cultura, 04 set. 1981, p. 25. Nota.
	Os escritores e seus projetos. <b>O Globo</b> , Cultura, 21 set. 1983, p. 31. Reportagem de Carlos Menezes.
<i>Cães da província</i> (1987) – de Luiz Antonio de Assis Brasil	A saga do Rio Grande através de um herói. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 21 dez. 1987, p. 2. Nota.
<i>Boca do Inferno</i> (1989) – de Ana Miranda	Livros os mais vendidos. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 15 out. 1989, p. 11. Agenda.
	Livros os mais vendidos. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 12 nov.. 1989, p. 11. Agenda.
	Livros os mais vendidos. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 08 out. 1989, p. 11. Agenda.
	Livros os mais vendidos. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 05 nov. 1989, p. 11. Agenda.
	Livros os mais vendidos. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 01 out. 1989, p. 11. Agenda.
	Sangue e intriga na colônia portuguesa. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 20 ago. 1989, p. 11. Crítica de Myrian Campello.
<i>A barca dos amantes</i> (1990) – de Antonio Barreto	Biografias em destaque. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 27 dez. 1990, p. 6. Nota Carlos menezes.
<i>A dança da serpente</i> (1990) – de Sebastião Martins	nada
<i>Memorial do fim</i> (1991) – de Haroldo Maranhão	Elucubrações tardias do Bruxo do Cosme Velho. <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 10 set. 1991, p. 5. Nota de Carlos menezes.

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

	Machado em quebra-cabeças narrativo. <b>O Globo</b> , segundo Caderno, 08 set. 1991, p. 7. Crítica de Rosane Preciosa.
<i>Os rios turvos</i> (1993) – de Luzilá Gonçalves Ferreira	Poeta nas malhas da Inquisição. <b>O Globo</b> , segundo Caderno, 28 nov. 1993, p. 6. Crítica de Clara Goês.
<i>O primeiro brasileiro</i> (1995) – de Gilberto Villar	nada
<i>A última quimera</i> (1995) – Ana Miranda	Um mergulho na boca que escarra. <b>O Globo</b> , segundo Caderno, 02 abr. 1995, p. 5. Entrevista de Daniela Name.
<i>Clarice</i> (1996) – de Ana Miranda	nada
<i>Masmorras da Inquisição</i> (1997) – de Isolina Bresolin Viana	nada
<i>Bilac vê estrelas</i> (2000) – de Ruy Castro.	Ora (direis), ler ficção escrita por um biógrafo! <b>O Globo</b> , Segundo Caderno, 28 nov. 2000, p. 10. Notícia de João Ximenez Braga.
	Zona Franca. <b>O Globo</b> , Rio, 06 out. 2000, p.20. Nota.
<i>Enquanto isso em Dom Casmurro</i> (1993) – de José Endoenças Martins	nada
<i>Os rios inumeráveis</i> (1997) – de Álvaro Cardoso Gomes	nada
<i>Capitu: memórias póstumas</i> (1998) – de Domício Proença Filho	Um século de uma muler voraz como a ressaca. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 13 fev. 1999, p. 3. Reportagem de Dylza Freitas.
	Rodapé: Machado e pscicanálise. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 03 abr. 1999, p. 4. Nota.
<i>Amor de Capitu</i> (1999) – de Fernando Sabino	Contra Machado. <b>O Globo</b> , Prosa e Verso, 09 jan. 1999, p. 4. Crítica de Wilson Martins.
<i>Lúcia</i> (1999) – de Gustavo Bernardo	nada

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

<b>Estadão</b>	
<i>Viva o povo brasileiro</i> (1984) – de João Ubaldo Ribeiro	A questão do nacional e do popular. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 17 fe. 1985, p. 86. Crítica de Lúcia Helena.
	Uma tradução de fôlego. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 17 jul. 1986, p. 80. Nota.
	Papo e repapo. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 02 nov. 1986, Caderno 2, p. 291. Nota.
<i>Sonata da última cidade</i> (1988) – de Renato Modernell	A capital paulista segundo seus artistas. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 11 dez. 1988, p.3. Notícia.
	O que há. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 22 out. 1989, p. 3. Nota.
<i>A ilha dos trópicos</i> (1990) – de Marcos Santarrita	Romance político/policial. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 04 maio 1991, p. 11. Artigo de Angelita Gontijo.
	Ficção de Santarrita supera realismo ideológico. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 07 fev. 1991, p. 5. Crítica de Hamilton dos Santos.
<i>Mil anos menos cinqüenta</i> (1995) – de Ângela Abreu	nada
<i>A mão esquerda</i> (1996) – de Fausto Wolff	nada
<i>A República dos bugres</i> (1999) – de Ruy Tapioca	nada
<i>A Guerra dos Farrapos</i> (1985) – de Alcy Cheuiche	nada
<i>Os varões assinalados</i> (1985) – de Tabajara Ruas	nada
<i>Avante, soldados: para trás</i> (1992) – de Deonísio da Silva	Amor na Retirada ganha em Cuba. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 10 fev. 1992, p. 45. Notícia.
<i>Lealdade</i> (1997) – Márcio Souza	Escritores revisitam passado recente. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Especial Domingo, 27 jul. 1997, p. D3. Ensaio de Moacyr Scliar.
<i>Questão de honra</i> (1999) – de Domingos Pellegrini	nada
<i>Xadrez, truco e outras guerras</i> (1999) – de José Roberto Torero	Torero usa a Guerra do Paraguai para falar da ira. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 21 out. 1998, p. D5. Matéria de Antonio Gonçalves Filho.

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

	Livros mais vendidos. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Especial Domingo, 15 nov. 1998, p. D4. Agenda.
<i>Os senhores da guerra</i> (2000) – de José Antonio Severo	nada
<i>Caldeirão</i> (1982) – de Cláudio Aguiar	Livros. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 26 fev. 1982, p. 16. Nota.
<i>A casca da serpente</i> (1989) – de José J. Veiga	José J. Veiga retifica drama de Canudos. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 06 maio 1989, p. 2. Nota.
<i>Sete léguas de paraíso</i> (1989) – de Antônio José de Moura	nada
<i>Videiras de Cristal</i> (1991) – de Luiz Antonio de Assis Brasil	nada
<i>Império Caboclo</i> (1994) – de Donaldo Schüller	nada
<i>Os rebeldes brotam da terra</i> (1995) – de Alcides Ribeiro J. da Silva.	nada
<i>O Mez da Gripe</i> (1981) – de Valêncio Xavier	Livros. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 21 ago. 1981, p. 17. Nota.
<i>Rios da liberdade</i> (1982) – de Renato Castelo Branco	nada
<i>A conquista dos sertões de dentro</i> (1983) – de Renato Castelo Branco	História vista pelos oprimidos. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 24 maio 1983, p. 18. Resenha lançamento. A conquista dos sertões de dentro. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Nas livrarias, 18 set. 1983, p. 15. Resenha de Maria de Lourdes Teixeira.
<i>Senhores e escravos</i> (1983) – de Renato Castelo Branco	nada
<i>Gaúchos no Obelisco</i> (1984) – de Cyro Martins	nada
<i>O Planalto</i> (1985) – de Renato Castelo Branco	nada
<i>A cidade dos padres</i> (1986) – de Deonísio da Silva	Novo romance de Deonísio. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 14 ago. 1986 p. 295. Nota.

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

	Padres doidos, marquês falastrão. <b>O Estado de S. Paulo</b> , p. 301. Crítica de Luiz Fernando Emediato.
<i>Agosto</i> (1990) – de Rubem Fonseca	Livros vencem crise com saldos e Bienal. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 29 dez. 1990, p. 49. Reportagem de Hamilton dos Santos.
	Rubem Fonseca, agosto de 1954. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 25 out. 1990, p.3. Nota.
	Autópsia do país de Getúlio. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 14 nov. 1990, p. 47. Reportagem e crítica de Boris Schinaiderman.
<i>Boca de chafariz</i> (1991) – de Rui Mourão	Ouro preto sob o peso do passado. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Cultura, 07 mar. 1992, p. 2. Crítica de José Paulo Paes.
<i>O retrato do rei</i> (1991) – de Ana Miranda	Ana Miranda lança segundo romance. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 25 ago. 1991, p. 2. Notícia de Hamilton dos Santos.
	Ana Miranda revê Brasil colônia em novo livro. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 13 ago. 1991, p. 69. Notícia de Hamilton dos Santos.
<i>O Exílio na terra dos muitos</i> (1992) – de Antonio Hohlfeldt	nada
<i>Perversas famílias</i> (1992) – de Luiz Antônio de Assis Brasil	nada
<i>Pedra da memória</i> (1993) – de Luiz Antônio Assis Brasil	nada
<i>Os desvalidos</i> (1993) – de Francisco J. C. Dantas	Francisco Dantas faz alta literatura com miséria e fome de 'Os Desvalidos'. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 26 set. 1993, p. D3. Entrevista de Hamilton dos Santos.
	Dantas renova registro regionalista. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Cultura, 30 out. 1993, p. Q2. Resenha de Antonio Medina Rodrigues.
<i>Noturno, 1894</i> (1993) – de Francisco Caruso	nada
<i>Os senhores do século</i> (1994) – de Luiz Antônio Assis Brasil	nada
<i>Paraguaçu e Caramuru</i> (1995) – de Assis Brasil	nada

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

<i>O equilibrista do arame farpado</i> (1996) – de Flávio Moreira da Costa	Sem título. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Cultura, 11 jan. 1997, p. D2. Anúncio publicitário.
<i>O Bruxo do Contestado</i> (1996) – de Godofredo Oliveira Neto	nada
<i>Descobertos e extravios</i> (1997) – de Vera de Vives	nada
<i>A guerra das imaginações</i> (1997) – de Doc Comparato	Doc Comparato lança o primeiro romance. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 29 jan. 1998, p. D2. Entrevista de Norma Couri.
<i>Terra Papagalli</i> (1997) – de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta	nada
<i>Bandeirantes, os comandos da morte</i> (1999) – de Assis Brasil	nada
<i>Mares do Sul</i> (1999) – de Marcos Santarrita	nada
<i>Memorial do paraíso</i> (1999) – de Sílvio Castro	nada
<i>A Quarta parte do mundo</i> (1999) – de Clóvis Bulcão	nada
<i>Romance sem palavras</i> (1999) – de Carlos Heitor Cony	nada
<i>O trono da rainha Jinga</i> (1999) – de Alberto Mussa	nada
<i>1549 – Romance nas terras de Santa Cruz</i> (1999) – de Aydano Roriz	nada
<i>Meu querido canibal</i> (2000) – de Antonio Torres	nada
<i>Marcelino Nanmbrá, o manumisso</i> (2000) – de Godofredo Rangel de Oliveira.	nada
<i>O brasileiro voador</i> (1986) – de Márcio Souza	Novo romance de Márcio Souza. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 12 out. 1986, p. 301. Nota.

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

	É mais leve do que o ar, mas não levanta vôo. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 07 dez. 1986, p. 5. Crítica de Ivan Teixeira.
<i>Amor que faz o mundo girar</i> (1990) – de Ary Quintella	nada
<i>Eu, Tiradentes</i> (1990) – de Pascoal Motta	nada
<i>Fogo verde</i> (1990) – de Duílio Gomes	nada
<i>Nassau: sangue e amor nos trópicos</i> (1990) – de Assis Brasil	nada
<i>Rei Branco, Rainha Negra</i> (1990) – de Paulo Amador	nada
<i>Villegagnon: paixão e morte na Guanabara</i> (1991) – de Assis Brasil	nada
<i>Sonhos Tropicais</i> (1992) – de Moacyr Scliar	nada
<i>Piguara, o senhor dos caminhos</i> (1993) – de Edilberto Coutinho	nada
<i>Tiradentes, poder oculto o livrou da força</i> (1993) – de Assis Brasil	nada
<i>Galantes memórias e admiráveis aventuras do virtuoso Conselheiro Gomes, o Chalaça</i> (1994) – de José Roberto Torero	Anote na agenda. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 30 maio 1994, p. D6. Nota em coluna social de Cesar Giobbi.
<i>O Selvagem da ópera</i> (1994) – de Rubem Fonseca	Carlos Gomes por Rubem Fonseca. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 15 ago. 1994, p. D2. Notícia de Carlos Graieb.
	Os mais vendidos. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Especial Domingo, 11 nov. 1994, p. D6. . Agenda.
	O selvagem da ópera. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Especial Domingo, 28 ago. 1994, p. D12. Crítica de Paulo Francis.
<i>Ana em Veneza</i> (1994) – de João Silvério Trevisan	Mãe de Thomas Mann vira livro. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 13 jan. 1994, p. 1. Chamada.
	Trevisan tira identidade brasileira do exílio. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 25 jul. 1995. Entrevista de José Castello.

**Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000**

<i>Anna e outros amores de Tiradentes</i> (1995), de Joaquim Borges	nada
<i>Netto perde sua alma</i> (1995) – de Tabajara Ruas	nada
<i>Imperatriz no fim do mundo</i> (1997) – de Ivanir Calado	nada
<i>Nos céus de Paris</i> (1998) – de Alcy Cheuiche	nada
<i>Anita</i> (1999) – de Flávio Águilar.	Anita. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 26 set. 1999, p. D3. Nota lançamento.
<i>Manhã transfigurada</i> (1982) – de Luiz Antonio de Assis Brasil	nada
<i>As virtudes da casa</i> (1985) – de Luiz Antonio de Assis Brasil	A complexidade psicológica dos seres. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 30 jun. 1985, p. 183. Artigo de Zélia de Almeida Cardoso.
<i>Coivara da memória</i> (1991) – de Francisco J. C. Dantas	Destaques do ano. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Cultura, 28 dez. 1991, p. 51. Nota. No rescaldo do fogo morto. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Cultura, 07 dez. 1991, p. 2. Crítica de José Paulo Paes.
<i>A casa da palma</i> (1995) – de Carlos Nascimento Silva	Brasil colonial. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Especial Domingo, 30 jun. 1996, p. D6. Nota em coluna social de Cesar Giobbi.
<i>Café Pequeno</i> (1995) – de Zulmira Ribeiro Tavares	Café pequeno' denuncia o ridículo com ironia. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Especial Domingo, 30 jul. 1995, p. D12. Crítica de Carlos Graieb. Zulmira Ribeiro solta bois sobre São Paulo. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 05 maio 1995, p. D4. Perfil e entrevista de Carlos Graieb.
<i>Cartilha do silêncio</i> (1997) – de Francisco J. C. Dantas	nada
<i>Concerto Campestre</i> (1997) – de Luiz Antonio de Assis Brasil	nada
<i>Resumo de Ana</i> (1998) – de Modesto Carone	Miúdas. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 24 ago. 1998, p. D5. Nota.

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

	Resumo de Ana. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Especial domingo, 02 ago. 1998. Nota.
	Modesto Carone camufla o poder corrosivo de seu livro. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 21 nov. 1998, p. D6. Crítica de José Castello.
<i>O avesso do retrato</i> (1999) – de Ângela Dutra de Menezes	nada
<i>O tetraneto del rei</i> (1982) – de Haroldo Maranhão	Livros. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 01 out. 1982, p. 16. Nota.
	Memorial do "Torto". <b>O Estado de S. Paulo</b> , Nas Livrarias, 05 jun. 1983, p. 13. Crítica de Alberto Buttenmüller.
<i>Memorial de Santa Cruz</i> (1983) – de Sinval Medina	Língua portuguesa, o rio da travessagem. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 30 dez. 1994, p. 27. Crítica e perfil não assinados.
<i>Joaquina, filha de Tirandentes</i> (1987) – de Maria José Pereira de Queiroz	nada
<i>Jovita, missão trágica no Paraguai</i> (1994) – de Assis Brasil	nada
<i>Desmundo</i> (1996) – de Ana Miranda	nada
<i>Jan e Nassau</i> (1996) – de Esther Largmann	nada
<i>Capitão Mouro</i> (1997) – de George Bourdoukan	nada
<i>A majestade do Xingu</i> (1997) – de Moacyr Scliar	Literatura. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 29 dez. 1997, p. D7. Nota de José Castello.
	Moacyr Scliar retoma o lirismo em novo livro. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 27 set. 1997, p. D2. Resenha de José Castello.
	Scliar faz comovente encontro com o passado. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 27 set. 1997, p. D3. Crítica de Ana Miranda.
<i>Um largo, sete memórias</i> (1997) – de Adolfo Boos Júnior	nada
<i>Breviário das terras do Brasil</i> (1997) – de Luiz Antonio de Assis Brasil	nada

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

<i>O Memorial da Bruxa</i> (1997) – de Alda Andréia Therkovsky	nada
<i>O ouro da liberdade</i> (1997) – de Helena Moura	nada
<i>Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz</i> (1997) – de Heloísa Maranhão	nada
<i>O homem que matou Getúlio Vargas</i> (1998) – de Jô Soares.	Livros mais vendidos. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Especial Domingo, 22 nov. 1998, D4. Agenda.
	Livros mais vendidos. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Especial Domingo, 13 dez. 1998, D9. Agenda.
	Jô Soares apresenta sua segunda aventura literária. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno2, 07 nov. 1998, p. D6. Reportagem Carlos Haag.
<i>A estranha nação de Rafael Mendes</i> (1983) – de Moacyr Scliar	nada
<i>A descoberta da América pelos turcos</i> (1994) – de Jorge Amado	Gastronomia é sucesso garantido na Bienal. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 19 ago 1994, p. D4. Notícia de Dib Carneiro Neto.
	Nova feira em Fortaleza agita mercado editorial. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno2, 12 mar. 1994, p. D2. Notícia.
	Amado lança um 'romancinho'. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Especial Domingo, 20 mar. 1994, p. D7. Crítica de Caros Graieb.
<i>A república dos sonhos</i> (1984) – de Nélide Piñón	Embarque no sonho da República em mutação. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 28 out. 1984, p. 39. Perfil.
	Nélide Piñón. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 28 out. 1984, p. 38. Chamada.
	Nélide Piñón, autobiografia brasileira. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 18 ago. 1984, p. 15. Resenha.
<i>Os dias do demônio</i> (1995) – de Roberto Gomes	nada
<i>O Quatrilho</i> (1985) – de José Clemente Pozenato	O quatrilho. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Nas Livrarias, 06 abr. 1986, p. 11. Resenha de Dinorath do Valle.
<i>Jovens polacas</i> (1993) – de Ester Largmann	nada
<i>Amrik</i> (1997) – de Ana Miranda	Literatura. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 29 dez. 1997, p. D7. Nota de José Castello.

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

	Seca no mundo das águas. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 21 nov. 1997, p. A18. Reportagem de Pablo Ferreira.
	Ana Miranda lê trechos do novo romance. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 15 set. 1997, p. D3. Entrevista de José Castello.
	Ana Miranda refaz a saga dos árabes em 'Amrik'. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno2, 27 set. 1997, p. D3. Crítica de Moacyr Scliar.
<i>A terra e a dor</i> (1998) – de Ruy Nedel	nada
<i>Tio Kuba nos trópicos</i> (1999) – de Ester Largmann	nada
<i>A cocanha</i> (2000) – de José Clemente Pozenato	nada
<i>Memorial de um herege</i> (2000) – de Samuel Reibscheid	Samuel Reibscheid. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Seu Bairro, 18 out. 2000, p. Z12. Agenda.
<i>Aqueles malditos cães de Arquelaú</i> (1993) – de Isaías Pessoti	nada
<i>Dona Leonor Teles</i> (1995) – de Heloísa Maranhão	nada
<i>O mistério do leão rampante</i> (1995) – de Rodrigo Lacerda	nada
<i>O Santo</i> (1996) – de Décio Orlandi	nada
<i>Teresa</i> (1997) – de Deonísio da Silva	nada
<i>O doente Molière</i> (2000) – de Rubem Fonseca	O estado das letras. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno 2, 26 nov. 2000, p. D3. Artigo de Daniel Piza.
	Rubem Fonseca reiventa Moliere em trama policial. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 17 abr. 2000, p. D5. Resenha de Luiz Zanin Oricchio.
	Molière é o herói e a vítima da ficção de José Rubem Fonseca. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno2, 16 set. 2000, p. D6. resenha de José Catello.
	O doente Molière. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno2, 14 maio 2000, p. D3. Nota.
<i>Os leopardos de Kafka</i> (2000) – de Moacyr Scliar	nada

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

<i>Medo de Sade</i> (2000) – de Bernardo Carvalho	nada
<i>Em liberdade</i> (1981) – de Silviano Santiago	Em liberdade. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 11 abr. 1982, p. 120. Crítica de Sônia Régis.
<i>Cães da província</i> (1987) – de Luiz Antonio de Assis Brasil	nada
<i>Boca do Inferno</i> (1989) – de Ana Miranda	Brasil não será tema de Frankfurt em 90. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno2, 17 out. 1989, p. 12. Notícia. Boca do Inferno sem emoções. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno2, 17 ago, 1989, p. 4. Resenha.
<i>A barca dos amantes</i> (1990) – de Antonio Barreto	Vida de peões brasileiros será contada em livro. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Internacional, 07 out. 1990, p. 23. Notícia de Lina de Albuquerque.
<i>A dança da serpente</i> (1990) – de Sebastião Martins	nada
<i>Memorial do fim</i> (1991) – de Haroldo Maranhão	Ficção reinventa Machado de Assis. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Cultura, 19 out. 1991, p. 3. Crítica de Ivan teixeira.
<i>Os rios turvos</i> (1993) – de Luzilá Gonçalves Ferreira	nada
<i>O primeiro brasileiro</i> (1995) – de Gilberto Villar	nada
<i>A última quimera</i> (1995) – Ana Miranda	nada
<i>Clarice</i> (1996) – de Ana Miranda	nada
<i>Masmorras da Inquisição</i> (1997) – de Isolina Bresolin Viana	nada
<i>Bilac vê estrelas</i> (2000) – de Ruy Castro.	Estação leitura. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno2, 22 abr. 2001. p. D4. Nota. Globo produz Banco de Idéias. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 21 out. 2001, p. T3. Notícia.
<i>Enquanto isso em Dom Casmurro</i> (1993) – de José Endoenças Martins	nada

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

Os rios inumeráveis (1997) – de Álvaro Cardoso Gomes	nada
Capitu: memórias póstumas (1998) – de Domicio Proença Filho	Mistério machadiano é revisto pelos olhos de ressaca. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno2, 23 jan. 1999, p. D3. Reportagem de Carlos Haag.
Amor de Capitu (1999) – de Fernando Sabino	Mistério machadiano é revisto pelos olhos de ressaca. <b>O Estado de S. Paulo</b> , Caderno2, 23 jan. 1999, p. D3. Reportagem de Carlos Haag.
Lúcia (1999) – de Gustavo Bernardo	nada
<b>Folha</b>	
Viva o povo brasileiro (1984) – de João Ubaldo Ribeiro	À procura do povo brasileiro. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 16 dez. 1984, p. 81. Resenha de Paulo Sérgio Pinheiro.
	O perigo de desilusão com a Nova República. <b>Folha de S. Paulo</b> , Economia, 29 jan. 1985, p. 68. Artigo de Eduardo M. Suplicy.
	Orelhão. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 27 out. 1985, p. 105. Nota.
	Os mais vendidos. <b>Folha de S. Paulo</b> , 24 mar. 1985, p. 63. Guia.
	Carlos Drummond e João Ubaldo recebem Jaboti. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 23 out. 1985, p. 43. Nota.
	Aos 20 anos, Nova Fronteira deixa best-sellers. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 23 dez. 1985, p. 24. Notícia.
	De Mariazinha a Maria. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 21 fev. 1985, p. 27. Artigo de Marta Suplicy.
	O povo e o supermercado da cultura. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 21 ago. 1985, p. 8. Artigo de Paulo Sérgio Pinheiro.
	Os mais vendidos. <b>Folha de S. Paulo</b> , 20 jan. 1985, p. 62. Guia.
	Os mais vendidos. <b>Folha de S. Paulo</b> , 19 maio 1985, p. 77. Guia.
	Feira do livro supera expectativas. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 18 set. 1985, p. 48. Notícia.
	A psicanálise do Brasil. <b>Folha de S. Paulo</b> , Opinião, 09 dez. 1985, p. 3. Artigo de Betty Milan.
	Viva o povo brasileiro. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 08 fev. 1985, p. 40. Nota.
	Dito e feito. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 07 abr. 1985, p. 12. Artigo de Fernando Sabino.

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

	Os valores absolutos dos donos do poder. <b>Folha de S. Paulo</b> , Economia, 06 jan. 1985, p. 34. Artigo de Eduardo M. Suplicy.
	Os mais vendidos. <b>Folha de S. Paulo</b> , 03 fev. 1985, p. 55. Guia.
<i>Sonata da última cidade</i> (1988) – de Renato Modernell	Câmara do livro premia Tatiana Belinky como personalidade literária. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 26 out. 1989, p. 2. Notícia.
	Prêmio 1. <b>Folha de S. Paulo</b> , Letras, 28 out. 1989, p. G2. Nota.
<i>A ilha dos trópicos</i> (1990) – de Marcos Santarrita	nada
<i>Mil anos menos cinqüenta</i> (1995) – de Ângela Abreu	nada
<i>A mão esquerda</i> (1996) – de Fausto Wolff	À mão esquerda. <b>Folha de S. Paulo</b> , opinião, 08 jun. 1996, p. 2. Comentário de Carlos Heitor Cony.
	Uma farsa de excessos. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 29 set. 1996, p. 5. Crítica de Bernardo Ajzenberg.
<i>A República dos bugres</i> (1999) – de Ruy Tapioca	Jabuti inclui prêmio para religião. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 02 mar. 2000, p.4. Nota.
<i>A Guerra dos Farrapos</i> (1985) – de Alcy Cheuiche	nada
<i>Os varões assinalados</i> (1985) – de Tabajara Ruas	De volta à Guerra dos Farrapos. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 2 mar. 1986, p. 69. Crítica de outro livro.
<i>Avante, soldados: para trás</i> (1992) – de Deonísio da Silva	nada
<i>Lealdade</i> (1997) – Márcio Souza	Mais vendidos. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 27 jul. 1997, p. 13. Guia.
	Márcio Souza remexe história esquecida. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 12 jul. 1997, p. 6. Entrevista de Cassiano Elek Machado.
	Entrelinhas. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 07 jul. 1997, p. 2. Nota.
<i>Questão de honra</i> (1999) – de Domingos Pellegrini	nada
<i>Xadrez, truco e outras guerras</i> (1999) – de José Roberto Torero	Torero usa guerra para falar da ira em seu livro. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 21 out. 1998, p. 5. Entrevista e resenha de Marcelo Rubens Paiva.

**Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000**

<i>Os senhores da guerra</i> (2000) – de José Antonio Severo	
<i>Caldeirão</i> (1982) – de Cláudio Aguiar	O romance político, à maneira nordestina. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 04 jul. 1982, p. 47. Crítica de Franklin de Oliveira.
<i>A casca da serpente</i> (1989) – de José J. Veiga	nada
<i>Sete léguas de paraíso</i> (1989) – de Antônio José de Moura	nada
<i>Videiras de Cristal</i> (1991) – de Luiz Antonio de Assis Brasil	nada
<i>Império Caboclo</i> (1994) – de Donaldo Schüller	nada
<i>Os rebeldes brotam da terra</i> (1995) – de Alcides Ribeiro J. da Silva.	nada
<i>O Mez da Gripe</i> (1981) – de Valêncio Xavier	nada
<i>Rios da liberdade</i> (1982) – de Renato Castelo Branco	nada
<i>A conquista dos sertões de dentro</i> (1983) – de Renato Castelo Branco	Literatura ocupa o sertão da história. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 01 maio 1983, p. 49. Crítica de Ronaldo Antonelli.
<i>Senhores e escravos</i> (1983) – de Renato Castelo Branco	nada
<i>Gaúchos no Obelisco</i> (1984) – de Cyro Martins	nada
<i>O Planalto</i> (1985) – de Renato Castelo Branco	nada
<i>A cidade dos padres</i> (1986) – de Deonísio da Silva	nada
<i>Agosto</i> (1990) – de Rubem Fonseca	Personalidades escolhem os melhores do ano. <b>Folha de S. Paulo</b> , Letras, 29 dez. 1990, p. F7. Reportagem de Sylvia Carone.

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

	Rubem Fonseca põe o suicídio de Getúlio Vargas em seu novo livro. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 25 out. 1990, p. E1. Reportagem de Mario Cesar Carvalho.
	Nossa história. <b>Folha de S. paulo</b> , Ilustrada, 22 nov. 1990, p. F16. Artigo de Paulo Francis.
	A morte de Getúlio Vargas. <b>Folha de S. Paulo</b> , Revista d', 18 nov. 1990, p. 16. Artigo de paulo Francis.
	Escolha o seu presente de natal entre os melhores livros. <b>Folha de S. Paulo</b> , Letras, 15 dez. 1990, p. F4. Nota.
	sem título. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 15 dez. 1990, p. F12. Comentário de Milton Hatoum.
	Rubem Fonseca joga morte de Vargas em pesadelo histórico. <b>Folha de S. Paulo</b> , Letras, 10 nov. 1990, p.F1. Crítica de Mario Cesar Carvalho.
<i>Boca de chafariz</i> (1991) – de Rui Mourão	nada
<i>O retrato do rei</i> (1991) – de Ana Miranda	Novo livro de Ana Miranda fala de ouro e cobiça. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 14 ago. 1991, p. 12. Notícia de José Geraldo Couto.
	Feira de Frankfurt espera 250 mil visitantes. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 07 out. 1991, p. 5. Notícia de Teresa Ribeiro.
<i>O Exílio na terra dos muitos</i> (1992) – de Antonio Hohlfeldt	nad
<i>Perversas famílias</i> (1992) – de Luiz Antônio de Assis Brasil	nada
<i>Pedra da memória</i> (1993) – de Luiz Antônio Assis Brasil	nada
<i>Os desvalidos</i> (1993) – de Francisco J. C. Dantas	Indicações. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 24 out. 1993, p. 10. Guia.
	Indicações. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 17out. 1993, p. 7. Guia.
	Indicações. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 3 out. 1993, p. 8. Guia.
<i>Noturno, 1894</i> (1993) – de Francisco Caruso	nada

**Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000**

<i>Os senhores do século</i> (1994) – de Luiz Antônio Assis Brasil	nada
<i>Paraguaçu e Caramuru</i> (1995) – de Assis Brasil	nada
<i>O equilibrista do arame farpado</i> (1996) – de Flávio Moreira da Costa	nada
<i>O Bruxo do Contestado</i> (1996) – de Godofredo Oliveira Neto	
	Os principais lançamentos da 14ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo. <b>Folha de S. paulo</b> , Revista Folha, 28 jul. 1996. Guia.
	Principais lançamentos da 14ª Bienal do Livro, <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 08 jul. 1996, p. 1. Guia.
<i>Descobertos e extravios</i> (1997) – de Vera de Vives	nada
<i>A guerra das imaginações</i> (1997) – de Doc Comparato	nada
<i>Terra Papagalli</i> (1997) – de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta	nada
<i>Bandeirantes, os comandos da morte</i> (1999) – de Assis Brasil	nada
<i>Mares do Sul</i> (1999) – de Marcos Santarrita	"Mares do Sul", de Santarrita, é Brasil "for export". <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 06 mar. 1999, p. 6. Crítica de Marcelo Pen.
<i>Memorial do paraíso</i> (1999) – de Sílvio Castro	nada
<i>A Quarta parte do mundo</i> (1999) – de Clóvis Bulcão	nada
<i>Romance sem palavras</i> (1999) – de Carlos Heitor Cony	Cony faz caso de amor sem palavras. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 24 abr. 1999, p. 6. Entrevista de Marcelo Rubens Paiva.
	São Paulo e Rio organizam feiras quase simultâneas. <b>Folha de S. Paulo</b> . Ilustrada, 16 abr. 1999, p. 6. Notícia de Cristina Grillo.

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

	Os dez mais. <b>Folha de S. paulo</b> , Mais! 03 jan 1999, p. 5. Nota.
	a miséria do ciúme. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 20 jun. 1999, p. 10. Crítica de Arthur Nestrovski.
<i>O trono da rainha Jinga</i> (1999) – de Alberto Mussa	nada
<i>1549 – Romance nas terras de Santa Cruz</i> (1999) – de Aydano Roriz	Obra narra o início da colonização. <b>Folha de S. Paulo</b> , Acontece, 06 dez. 1999, p. 1. Nota.
<i>Meu querido canibal</i> (2000) – de Antonio Torres	Cunhambebe e o frade. <b>Folha de S. Paulo</b> , Jornal de Resenhas, 11 nov. 2000, p. 9. artigo de Milton Meira.
	ABL premia escritor baiano Antonio Torres. <b>Folha de S. Paulo</b> , Cotidiano, 11 jul. 2000, p. 6. Nota.
<i>Marcelino Nanmbrá, o manumisso</i> (2000) – de Godofredo Rangel de Oliveira.	nada
<i>O brasileiro voador</i> (1986) – de Márcio Souza	Nas boas livrarias da cidade. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 14 dez. 1986, p. 49. Anúncio.
	Santos Dumont vira livro e filme. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 08 nov. 1986. Reportagem de Rinaldo Gama.
<i>Amor que faz o mundo girar</i> (1990) – de Ary Quintella	nada
<i>Eu, Tiradentes</i> (1990) – de Pascoal Motta	nada
<i>Fogo verde</i> (1990) – de Duílio Gomes	nada
<i>Nassau: sangue e amor nos trópicos</i> (1990) – de Assis Brasil	Lançamentos. <b>Folha de S. Paulo</b> , Letras, 24 ago. 1990, p. F4. Nota.
<i>Rei Branco, Rainha Negra</i> (1990) – de Paulo Amador	nada
<i>Villegagnon: paixão e morte na Guanabara</i> (1991) – de Assis Brasil	Lançamentos julho/agosto. <b>Folha de S. Paulo</b> , Letras, 21 set. 1991, p. 6. Nota.
<i>Sonhos Tropicais</i> (1992) – de Moacyr Scliar	nada

**Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000**

<i>Piguara, o senhor dos caminhos</i> (1993) – de Edilberto Coutinho	nada
<i>Tiradentes, poder oculto o livrou da força</i> (1993) – de Assis Brasil	nada
<i>Galantes memórias e admiráveis aventuras do virtuoso Conselheiro Gomes, o Chalaça</i> (1994) – de José Roberto Torero	Mais vendidos. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 24 jul. 1994, p. 8. Guia.
	Livro satiriza bastidores do Império. <b>Folha de S. paulo</b> , Ilustrada, 14 maio 1994, p. 1. Resenha de José geraldo Couto.
	Cínico, cômico, o Chalaça. <b>Folha de S. Paulo</b> , Revista da Folha, 10 jul. 1994. Entrevista de Sérgio Dávilla.
<i>O Selvagem da ópera</i> (1994) – de Rubem Fonseca	Feira do livro tem 89% de aprovação. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 31 ago. 1994, p. 1. Reportagem.
	Sugestão para presentes atrasados, adiantados e em dia. <b>Folha de S. Paulo</b> , acontece, 26 ago. 1994, p. A9. Anúncio.
	Sugestão para presentes atrasados, adiantados e em dia. <b>Folha de S. Paulo</b> , acontece, 22 ago. 1994. Anúncio.
	Fonseca lança livro sobre Carlos Gomes. <b>Folha de S. Paulo</b> , Brasil, 14 ago. 1994, p. 7. Notícia de alcino Leite Neto.
<i>Ana em Veneza</i> (1994) – de João Silvério Trevisan	Mãe brasileira de Thomas vira personagem. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 20 fec. 1994, p. 4. Reportagem de Bernardo Carvalho.
	Frido Mann participa de debate na Folha. <b>Folha de S. paulo</b> , ilustrada, 14 maio 1994, p. 5. Nota.
<i>Anna e outros amores de Tiradentes</i> (1995), de Joaquim Borges	nada
<i>Netto perde sua alma</i> (1995) – de Tabajara Ruas	nad
<i>Imperatriz no fim do mundo</i> (1997) – de Ivanir Calado	nada
<i>Nos céus de Paris</i> (1998) – de Alcy Cheuiche	nad

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

<i>Anita</i> (1999) – de Flávio Águilar.	nada
<i>Manhã transfigurada</i> (1982) – de Luiz Antonio de Assis Brasil	Livros novos. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 19 nov. 1982, p. 40. Nota. Livros novos. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 06 ago. 1982, p.39. Nota.
<i>As virtudes da casa</i> (1985) – de Luiz Antonio de Assis Brasil	nada
<i>Coivara da memória</i> (1991) – de Francisco J. C. Dantas	"Coivara da Memória" reinventa regionalismo. <b>Folha de S. Paulo</b> , Letras, 21 dez. 1991, p. 6. Crítica de João Luiz Lafeta.
<i>A casa da palma</i> (1995) – de Carlos Nascimento Silva	Romance de estreante entusiasma críticos. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 30 out. 1995, p. 5. Reportagem de Luiz Antonio Ryff.
<i>Café Pequeno</i> (1995) – de Zulmira Ribeiro Tavares	nada
<i>Cartilha do silêncio</i> (1997) – de Francisco J. C. Dantas	Painel do leitor. <b>Folha de S. Paulo</b> , Opinião 23 abr. 1997, p. 3. Carta de Lucília Helena do Carmo Garcez. Pastiches parnasianos. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 06 abr. 1997, p. 7. Crítica de Marcelo Coelho.
<i>Concerto Campestre</i> (1997) – de Luiz Antonio de Assis Brasil	nada
<i>Resumo de Ana</i> (1998) – de Modesto Carone	Prosa nasce da memória paulistana. <b>Folha de S. Paulo</b> , Folha teen, 28 set. 1998, p. 3. Resenha de Augusto Massi. Romance de Modesto Carone atinge o osso da história. <b>Folha de S. Paulo</b> , ilustrada, 25 jul. 1998. Reportagem de Cassiano Elek Machado. Resíduos do tempo. <b>Folha de S. Paulo</b> , Jornal de Resenhas, 10 out. 1998, p. 13. artigo de Cilaine Alves. Diretor celebra pessoa comum. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 03 ago. 1998, p. 3. artigo. Retratos do anonimato. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 02 ago. 1998, p. 3. Artigo de José Paulo Paes. autor relata pobreza e alcoolismo da avó e do tio. <b>Folha de S. paulo</b> , Ilustrada, 19 ago. 1998, p. 7. Crítica de Marcelo Coelho. A superfície limpa da forma. <b>Folha de S. Paulo</b> , Jornal de Resenhas, 10 out. 1998, p. 3. Crítica de Berta Waldman.

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

<i>O avesso do retrato</i> (1999) – de Ângela Dutra de Menezes	nada
<i>O tetraneto del rei</i> (1982) – de Haroldo Maranhão	nada
<i>Memorial de Santa Cruz</i> (1983) – de Sinval Medina	Livros novos. <b>Folha de S. Paulo</b> , Acontece, 13 dez. 1983 p. 19. Agenda.
<i>Joaquina, filha de Tirandentes</i> (1987) – de Maria José Pereira de Queiroz	nada
<i>Jovita, missão trágica no Paraguai</i> (1994) – de Assis Brasil	nada
<i>Desmundo</i> (1996) – de Ana Miranda	Fernando Bonassi leva crack e subúrbio para a Alemanha. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 26 maio 1997, p. 10. Notícia de Denise Motta. Fresnot já tem novo projeto. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 06 jun. 1997. Notícia.
<i>Jan e Nassau</i> (1996) – de Esther Largmann	nada
<i>Capitão Mouro</i> (1997) – de George Bourdoukan	naad
<i>A majestade do Xingu</i> (1997) – de Moacyr Scliar	Xingu, Scliar, Nutels e o fim da diáspora. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 27 set. 1997, p. 11. Artigo de Alberto Dines. Scliar recria história de judeu que se embrenhou no Xingu. <b>Folha de S. paulo</b> , Ilustrada, 16 set. 1997. p. 1. Crítica de Bernardo Ajzenberg e reportagem de O távio Dias. Uma vida trepidante. <b>Folha de S. paulo</b> , Mais!, 26 out 1997, p. 13. Crítica de Cristóvão Tezza.
<i>Um largo, sete memórias</i> (1997) – de Adolfo Boos Júnior	nada
<i>Breviário das terras do Brasil</i> (1997) – de Luiz Antonio de Assis Brasil	nada
<i>O Memorial da Bruxa</i> (1997) – de Alda Andréia Therkovsky	nada
<i>O ouro da liberdade</i> (1997) – de Helena Moura	nada

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

<i>Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz</i> (1997) – de Heloísa Maranhão	nada
<i>O homem que matou Getúlio Vargas</i> (1998) – de Jô Soares.	Livro brasileiro. <b>Folha de S. Paulo</b> , Folha teen, 28 dez. 1994, p. 4. Nota.
	Veja oferta de livros. <b>Folha de S. Paulo</b> , Revista da Folha, 19 dez. 1998. Guia.
	Jô Soares, a ficção e o real. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 07 nov. 1998. Reportagem de Marcelo Rubens Paiva.
	Mundo não é feito para pessoas de excessão'. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 07 nov. 1998. Entrevista.
<i>A estranha nação de Rafael Mendes</i> (1983) – de Moacyr Scliar	Os livros mais cotados. <b>Folha de S. paulo</b> , Ilustrada, 30 dez. 1986, p. 34. Nota.
	Scliar lança novo livro. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 23 nov. 1983, p. 27. Nota.
	Cristãos-novos, uma crônica de perplexidade. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 04 dez. 1983, p. 67. Resenha de Ronaldo Antonelli.
<i>A descoberta da América pelos turcos</i> (1994) – de Jorge Amado	Mais vendidos. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 29 maio 1994, p. 6. Guia.
	Mais vendidos. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 26 jun. 1994, p. 6. Guia.
	Fim do jeitinho. <b>Folha de S. Paulo</b> , Revista da Folha, 24 abr. 1994. Entrevista.
	Mais vendidos. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 24 abr. 1994, p. 6. Guia.
	Começa hoje Feira do Livro em Fortaleza. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 17 mar. 1994, p. 5. Nota.
	Mais vendidos. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 15 maio 1994, p. 6. Guia.
	Amado conta história "sem compromisso". <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 12 mar. 1994. Entrevista de Marco Chiaretti.
	Mais vendidos. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 12 jun. 1994, p. 6. Guia.
	Mais vendidos. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 10 jul. 1994, p. 6. Guia.
	Mais vendidos. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 10 abr 1994, p. 6. Guia.
	Mais vendidos. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 8 maio 1994, p. 6. Guia.
	Mais vendidos. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 5 jun. 1994, p. 6. Guia.
	Mais vendidos. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 3 jul. 1994, p. 6. Guia.

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

	Mais vendidos. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 01 maio 1994, p. 6. Guia.
<i>A república dos sonhos</i> (1984) – de Nélida Piñon	nada
<i>Os dias do demônio</i> (1995) – de Roberto Gomes	nada
<i>O Quatrilho</i> (1985) – de José Clemente Pozenato	Lançamentos. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 01 dez. 1985, p. 89. Nota.
<i>Jovens polacas</i> (1993) – de Ester Largmann	nada
<i>Amrik</i> (1997) – de Ana Miranda	Ana Miranda lê trechos de "Amrik", seu novo romance. <b>Folha de S. Paulo</b> , Acontece, 16 set. 1997. Reportagem de Marcelo Rubens Paiva.
<i>A terra e a dor</i> (1998) – de Ruy Nedel	nada
<i>Tio Kuba nos trópicos</i> (1999) – de Ester Largmann	nada
<i>A cocanha</i> (2000) – de José Clemente Pozenato	nada
<i>Memorial de um herege</i> (2000) – de Samuel Reibscheid	Curto-circuito. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 19 out. 2000, p. E2. Agenda.
<i>Aqueles malditos cães de Arquelaú</i> (1993) – de Isaías Pessoti	Indicações. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 21 nov. 1993, p. 6. Nota.
	Indicações. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 14 nov. 1993, p. 6. Nota.
	Cientista investiga século 15 com olhos de detetive. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 07 nov. 1993, p. 6. Reportagem de Bernardo Carvalho.
<i>Dona Leonor Teles</i> (1995) – de Heloísa Maranhão	nada
<i>O mistério do leão rampante</i> (1995) – de Rodrigo Lacerda	Os "thirty something" da literatura nacional. <b>Folha de S. Paulo</b> , Revista da Folha, 28 julho 1996. Box.
	Anunciados vencedores do Jabuti. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 20 jul. 1996, p. 8. Nota.
	Mix de ficção e história é sucesso de vendas. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 01 jan. 1996, p. 5. Matéria.

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

<i>O Santo</i> (1996) – de Décio Orlandi	nada
<i>Teresa</i> (1997) – de Deonísio da Silva	nada
<i>O doente Molière</i> (2000) – de Rubem Fonseca	Sade e Molière 'morrem' aqui. <b>Folha de S. Paulo</b> , Bienal do Livro, 20 abr. 2000. p. 6. Nota. A encomenda do crime. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 18 jun. 2000. Resenha de Abel Barros Baptista. Fonseca investiga o 'assassinato' de Molière. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 17 abr. 2000, p. 3. Crítica de Nelson de Sá.
<i>Os leopardos de Kafka</i> (2000) – de Moacyr Scliar	Scliar solta leopardos de Kafka entre a Bessarábia e Porto Alegre. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 17 jun. 2000, p. E3. Crítica de José Geraldo Couto.
<i>Medo de Sade</i> (2000) – de Bernardo Carvalho	Sade e Molière 'morrem' aqui. <b>Folha de S. Paulo</b> , Bienal do Livro, 20 abr. 2000. p. 6. Nota. O que ler. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 23 jul. 2000. guia. A encomenda do crime. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais!, 18 jun. 2000. Resenha de Abel Barros Baptista.
<i>Em liberdade</i> (1981) – de Silviano Santiago	Olha a indiferença, meu. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 29 out. 1981, p. 32. Comentário de Miguel de Almeida. Silviano Santiago vê abismo entre o poder e a cultura. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 17 out. 1981. Entrevista de Oswaldo Mendes. A exposição Charters. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 10 out. 1981, p. 26. Menção na coluna de Tavares de Miranda. Graciliano livre na ficção de Santiago. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 06 out. 1981, p. 27. Resenha de Antônio Gonçalves Filho. Silviano Santiago com a verdade da ficção. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 04 out. 1981, p. 55. Crítica de Jorge de Sá.
<i>Cães da província</i> (1987) – de Luiz Antonio de Assis Brasil	nada
<i>Boca do Inferno</i> (1989) – de Ana Miranda	Até Gregório de Mattos falaria bem desse livro. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 26 ago. 1989, p. G3. Anúncio. Ana Miranda. <b>Folha de S. Paulo</b> , Letras, 25 nov. 1989, p. G2. Nota. Indicações. <b>Folha de S. Paulo</b> , Letras, 14 out. 1989, p. G2. Nota.

Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000

	Brasil deve ser tema da próxima Feira de Frankfurt. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 14 out. 1989, p. 3. Notícia.
	Bienal abre com troca de acusações entre seus curadores e o presidente. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 14 out. 1989, p. 1. Notícia de Ricardo anderáos.
	Editores voam em direção à Alemanha. <b>Folha de S. paulo</b> , Letras, 07 out. 1989, p. G1. Notícia.
	56 editoras disputam o livro 'Boca do Inferno'. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 01 nov. 1989, p. 1. notícia Ana Carmen Foschini.
<i>A barca dos amantes</i> (1990) – de Antonio Barreto	nada
<i>A dança da serpente</i> (1990) – de Sebastião Martins	nada
<i>Memorial do fim</i> (1991) – de Haroldo Maranhão	nada
<i>Os rios turvos</i> (1993) – de Luzilá Gonçalves Ferreira	nada
<i>O primeiro brasileiro</i> (1995) – de Gilberto Villar	nada
<i>A última quimera</i> (1995) – Ana Miranda	Ana Miranda dá vida ao 'poeta da morte'. <b>Folha de S. paulo</b> , Ilustrada, 9 maio 1995. Entrevista de José Geraldo Couto.
<i>Clarice</i> (1996) – de Ana Miranda	Cartografia de uma sensibilidade. <b>Folha de S. Paulo</b> , Mais! 16 jun1996, p. 9. Crítica de arnaldo Franco Júnior.
<i>Masmorras da Inquisição</i> (1997) – de Isolina Bresolin Viana	nada
<i>Bilac vê estrelas</i> (2000) – de Ruy Castro.	Destaques da TV paga. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 12 mar. 2001, p. E6. Agenda.
	Ruy Castro traz Bilac para o seu mural carioca. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 15 dez. 2000, p. E22. Crítica de Carlos Heitor Cony.
<i>Enquanto isso em Dom Casmurro</i> (1993) – de José Endoenças Martins	nada

**Tabela 7: Índice catalográfico 1981 a 2000**

<i>Os rios inumeráveis</i> (1997) – de Álvaro Cardoso Gomes	nada
<i>Capitu: memórias póstumas</i> (1998) – de Domicio Proença Filho	Dom Casmurro', 100, chega à Internet e enfrenta' recriação'. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 04 mar. 1999. Reportagem de Fernanda da Escóssia.
<i>Amor de Capitu</i> (1999) – de Fernando Sabino	Dom Casmurro', 100, chega à Internet e enfrenta' recriação'. <b>Folha de S. Paulo</b> , Ilustrada, 04 mar. 1999. Reportagem de Fernanda da Escóssia.
	Hoje isso tem o nome de "crítica-ficção". <b>Folha de S. Paulo</b> , Folha de S. Paulo, Ilustrada, 04 mar. 1999, p. 3. Crítica de Marilene Felinto.
<i>Lúcia</i> (1999) – de Gustavo Bernardo	nada

**Fonte:** a autora

## Apêndice 2:

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

Livro	Retornos
ALBUQUERQUE, Maria Cristina Cavalcanti de. <i>Príncipe e corsário</i> . São Paulo: A Girafa, 2004.	NASSAU o Brasileiro. <b>O Globo</b> , Rio de Janeiro, 16 de out. 2004. Crítica de Wilson Martins. Disponível em:< <a href="http://www.jornaldepoesia.jor.br/wilsonmartins121.html">http://www.jornaldepoesia.jor.br/wilsonmartins121.html</a> >.
	MAURÍCIO de Nassau e o seu duplo em metaficção. <b>O diário de Pernambuco</b> , Pernambuco, 05 jun. 2008. Crítica de Augusto Pinheiro. Disponível em:< <a href="http://www.nordesteweb.com/not07_0904/ne_not_20040722a.htm">http://www.nordesteweb.com/not07_0904/ne_not_20040722a.htm</a> >.
	HOLANDES e brasileiro. <b>Correio das Artes</b> , 20 de fev. 2005. Crítica de Deonísio da Silva. Disponível em:< <a href="http://cd-artes.blog.uol.com.br/arch2005-02-01_2005-02-28.html">http://cd-artes.blog.uol.com.br/arch2005-02-01_2005-02-28.html</a> >.
ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. <i>A margem imóvel do rio</i> . Porto Alegre: L&PM, 2003.	A INTERSECÇÃO entre literatura e história em A Margem Imóvel do Rio. Artigo acadêmico de Daniela Silva da Silva. Disponível em:< <a href="http://www.laab.com.br/pdf/res-margem-m.pdf">http://www.laab.com.br/pdf/res-margem-m.pdf</a> >.
	A MARGEM imóvel do rio. Artigo acadêmico de Attico Chassot. Disponível em:< <a href="http://www.laab.com.br/pdf/res-margem-n.pdf">http://www.laab.com.br/pdf/res-margem-n.pdf</a> >.
	O SIÊNCIO e o murmúrio dos fatos em "A margem imóvel do rio". Artigo acadêmico de Débora Mutter. Disponível em:< <a href="http://www.laab.com.br/pdf/res-margem-l.pdf">http://www.laab.com.br/pdf/res-margem-l.pdf</a> >
	A MARGEM imóvel do rio. <b>O Bestiário, revista de contos</b> . Resenha crítica de Paulo Scott. Disponível em:< <a href="http://www.bestiario.com.br/4_arquivos/resenha%20assis.html">http://www.bestiario.com.br/4_arquivos/resenha%20assis.html</a> >.
	SUBVERSÃO E entendimento na obra de arte literária: a escritura de Luiz Antonio de Assis Brasil. Artigo acadêmico de Maria Helena de Moura Arias. Disponível em:< <a href="http://www.laab.com.br/pdf/res-margem-r.pdf">http://www.laab.com.br/pdf/res-margem-r.pdf</a> >.
	TRAMAS, conflitos, escolhas e bifurcações. <b>Observatório da Imprensa</b> , São Paulo, 07 set. 2004. Entrevista de Deonísio da Silva. Disponível em:< <a href="http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/tramas_conflitos_escolhas_e_bifurcacoes">http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/tramas_conflitos_escolhas_e_bifurcacoes</a> >.
ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. <i>Música perdida</i> . Porto Alegre: L&PM, 2006.	MÚSICA PERDIDA, de Luiz Antonio de Assis Brasil. <b>Recanto das letras</b> , 20 dez. 2007. Resenha impressionista de JLM, alocada em blog especializado. Disponível em:< <a href="http://www.recantodasletras.com.br/resenhasdelivros/785392">http://www.recantodasletras.com.br/resenhasdelivros/785392</a> >.
	Música perdida, de Luiz Antonio de Assis Brasil. <b>Milton Ribeiro</b> , 13 maio 2008. Comentário de Milton Ribeiro alocado em site pessoal. Disponível em:< <a href="http://miltonribeiro.sul21.com.br/2008/05/13/musica-perdida-de-luiz-antonio-de-assis-brasil/">http://miltonribeiro.sul21.com.br/2008/05/13/musica-perdida-de-luiz-antonio-de-assis-brasil/</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	Música Perdida, de Luiz Antonio de Assis Brasil: <b>Um Segundo Olhar</b> Vamberto Freitas. RTP Antena Açores, 29 jun 2006. Comentário de Vamberto Freitas. Disponível em:< <a href="http://www.rtp.pt/icmblogs/rtp/comunidades/?k=Musica-Perdidade-Luiz-Antonio-de-Assis-BrasilUm-Segundo-OlharVamberto-Freitas.rtp&amp;post=25127">http://www.rtp.pt/icmblogs/rtp/comunidades/?k=Musica-Perdidade-Luiz-Antonio-de-Assis-BrasilUm-Segundo-OlharVamberto-Freitas.rtp&amp;post=25127</a> >.
	Jogo 11 - Música perdida x Bóris e Dóris. <b>Copa de literatura</b> , 05 nov. 2007. Comentário de Rafael Rodrigues envolvendo os livros e a Copa de Literatura. Disponível em:< <a href="http://copadeliteratura.com.br/index.php/clb2007/jogo-11-musica-perdida-x-boris-e-doris">http://copadeliteratura.com.br/index.php/clb2007/jogo-11-musica-perdida-x-boris-e-doris</a> >.
	Os melhores escritores brasileiros com mais de 40 anos. <b>Bravo!</b> , São Paulo, 10 set 2012. Guia sobre o autor de Rafael Rodrigues. Disponível em:< <a href="http://bravonline.abril.com.br/blogs/entretantos/2012/09/10/os-melhores-escritores-brasileiros-com-mais-de-40-anos/">http://bravonline.abril.com.br/blogs/entretantos/2012/09/10/os-melhores-escritores-brasileiros-com-mais-de-40-anos/</a>
	Em nome da harmonia. <b>Diplomatic</b> , 15 dez 2007. Crítica de Renata Miloni. Disponível em:< <a href="http://diploma.org.br/2007-12,a2096">http://diploma.org.br/2007-12,a2096</a> >.
	Em nome da harmonia. <b>Controvérsia</b> , 09 jan 2008. Crítica de Renata Miloni realocada em blog. Disponível em:< <a href="http://www.controversia.com.br/blog/em-nome-da-harmonia/">http://www.controversia.com.br/blog/em-nome-da-harmonia/</a> >.
	Escrever não é trabalho, é ofício. <b>Digestivo Cultural</b> , 09 jan 2007. Crítica de Marcelo Spalding. Disponível em:< <a href="http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2143&amp;titulo=Escrever_ao_e_oficio">http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2143&amp;titulo=Escrever_ao_e_oficio</a> >.
ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. <i>O pintor de retratos</i> . Porto Alegre: L&PM, 2001.	O medo do novo e o conhecimento: "O pintor de retratos" de Luiz Antonio de Assis Brasil. <b>Peregrina cultural</b> , 28 abr 2012. Resenha em blog sem autoria. Disponível em:< <a href="http://peregrinacultural.wordpress.com/2012/04/28/o-medo-do-novo-e-o-conhecimento-o-pintor-de-retratos-de-luis-antonio-de-assis-brasil/">http://peregrinacultural.wordpress.com/2012/04/28/o-medo-do-novo-e-o-conhecimento-o-pintor-de-retratos-de-luis-antonio-de-assis-brasil/</a> >.
	Romance "O Pintor de Retratos", de Assis Brasil, pode virar filme. <b>Olhar Direto</b> , 28 dez 2009. Notícia em site sem autoria. Disponível em:< <a href="http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?id=72914">http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?id=72914</a> >.
	Resenha de "O Pintor de Retratos" de Luiz Antonio de Assis Brasil, A vida como ela é. <b>GB</b> , 22 jun 2011. Resenha impressionista sem autoria em blog. Disponível em:< <a href="http://bloggb2.blogspot.com.br/2011/06/resenha-de-o-pintor-de-retratos-de-luiz.html">http://bloggb2.blogspot.com.br/2011/06/resenha-de-o-pintor-de-retratos-de-luiz.html</a> >.
	A foto do destino. Bestiário: <b>Observatório Literário</b> . Resenha impressionista sem autor alocada em site. Disponível em: <a href="http://www.bestiario.com.br/observatorio/foto_destino.html">http://www.bestiario.com.br/observatorio/foto_destino.html</a> .
ÁVILA, Luís Felipe d'. <i>Cosimo de Medici</i> . Memórias de um líder renascentista. São Paulo: Ediouro, 2008.	Cosimo de Medici, memórias de um líder renascentista, onde o passado e presente se falam. <b>Peregrina cultural</b> , 25 nov 2012. Resenha em blog sem autoria. Disponível em:< <a href="http://peregrinacultural.wordpress.com/2012/11/25/cosimo-de-medici-memorias-de-um-lider-renascentista-onde-o-passado-e-presente-se-falam/">http://peregrinacultural.wordpress.com/2012/11/25/cosimo-de-medici-memorias-de-um-lider-renascentista-onde-o-passado-e-presente-se-falam/</a> >.

	LIVROS / VITRINE, <b>Folha de S. Paulo</b> , 17 jan 2009. Agenda de livros. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1701200915.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1701200915.htm</a> >.
	História romanceada. <b>Publishnews</b> , 09 dez 2008. Release. Disponível em:< <a href="http://www.publishnews.com.br/telas/noticias/detalhes.aspx?id=26263">http://www.publishnews.com.br/telas/noticias/detalhes.aspx?id=26263</a> >.
BRACHER, Beatriz. <i>Antonio</i> . São Paulo: Editora 34, 2007.	Leia trecho de "Antonio", romance de Beatriz Bracher. <b>Folha de S. Paulo</b> , 26 mai 2007. Trecho do livro. Disponível em: < <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u71399.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u71399.shtml</a> >.
	Antonio. <b>Espanadores</b> , 30 ago. 2010. Resenha em blog. Disponível em:< <a href="http://espanadores.blogspot.com.br/2010/08/antonio.html">http://espanadores.blogspot.com.br/2010/08/antonio.html</a> >.
	A escritora partida ao meio. <b>Cult</b> . Crítica de Julián Fuks. Disponível em:< <a href="http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/a-escritora-partida-ao-meio/">http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/a-escritora-partida-ao-meio/</a> >.
	Os livros mais bacanas de 2008 - Parte I. <b>Cronópios</b> , 18 dez. 2008. Guia de leitura variado. Disponível em:< <a href="http://www.cronopios.com.br/site/lancamentos.asp?id=3728">http://www.cronopios.com.br/site/lancamentos.asp?id=3728</a> >.
	'Antonio', de Beatriz Bracher. <b>Letras e livros</b> . Resenha de Vinicius Jatobá. Disponível em:< <a href="http://www.letraselivros.com.br/index.php?option=com_content&amp;task=view&amp;id=1428&amp;Itemid=53">http://www.letraselivros.com.br/index.php?option=com_content&amp;task=view&amp;id=1428&amp;Itemid=53</a> >.
	Leia o primeiro capítulo de "Antonio", romance de Beatriz Bracher. <b>Folha de S. Paulo</b> , 14 mar. 2009. Trecho do livro. Disponível em: < <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u534503.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u534503.shtml</a> >.
	Em narrativa familiar, Beatriz Bracher contrasta apatia e culpa de gerações. <b>Folha de S. Paulo</b> , 26 maio 2007. Crítica de Noemi Jaffe. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2605200717.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2605200717.htm</a> >.
	Viagem na família. <b>Folha de S. Paulo</b> , 23 jun. 2007. Crítica de Fábio de Souza Andrade. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2306200712.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2306200712.htm</a> >.
_____. <i>Não falei</i> . São Paulo: Editora 34, 2004.	Memórias da barbárie brasileira. <b>Folha de S. Paulo</b> , 04 set. 2004. Crítica de Manuel da Costa Pinto. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0409200410.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0409200410.htm</a> >.
	NÃO FALEI, Beatriz Bracher, Editora 34 . <b>Revista Época</b> . Guia de compras. Disponível em:< <a href="http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR66213-6029,00.html">http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR66213-6029,00.html</a> >.
BRAFF, Menalton. <i>Na teia do sol</i> . São Paulo: Planeta, 2004	Nenhum.
BERNARDO, Gustavo. <i>A filha do escritor</i> . Rio de Janeiro: Agir, 2008.	O pai efêmero. <b>Rascunho</b> , abr. 2009. Crítica de Lúcia Bettencourt. Disponível em:< <a href="http://rascunho.gazetadopovo.com.br/o-pai-efemero/">http://rascunho.gazetadopovo.com.br/o-pai-efemero/</a> >.
	doc recomenda! <b>Revista ponto doc</b> , 2006. Guia de compras. Disponível em:< <a href="http://www.revistapontodoc.com/recomendaPC2.htm">http://www.revistapontodoc.com/recomendaPC2.htm</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	Gustavo Bernardo usa boato sobre filho de Machado para criar livro. <b>Jornal do Brasil</b> , 17 out. 2008. Entrevista de Juliana Krapp. Disponível em: < <a href="http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2008/10/17/gustavo-bernardo-usa-boato-sobre-filho-de-machado-para-criar-livro/">http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2008/10/17/gustavo-bernardo-usa-boato-sobre-filho-de-machado-para-criar-livro/</a> >.
	A filha do escritor. <b>Passagem Cultural</b> , 01 nov. 2008. Resenha em blog sem autoria. Disponível em:< <a href="http://passagemcultural.blogspot.com.br/2008_11_01_archive.html">http://passagemcultural.blogspot.com.br/2008_11_01_archive.html</a> >.
	Acredita-se demais em Machado. <b>Verdes Trigos</b> , 20 nov. 2008. Resenha impressionista em blog de Guilherme Gonçalves. Disponível em:< <a href="http://www.verdestrigos.org/agora/labels/ABL.asp">http://www.verdestrigos.org/agora/labels/ABL.asp</a> >.
BORGES, Antonio Fernando. <i>Braz, Quincas &amp; Cia</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 2002.	Trechos do livro "Braz, Quincas & Cia.", de Antonio Fernando Borges. <b>Revista Época</b> . Trecho do livro. Disponível em:< <a href="http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR51411-5856,00.html">http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR51411-5856,00.html</a> >.
BUARQUE, Chico. <i>Leite derramado</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 2009.	Livro de Chico Buarque vira tema de estudo acadêmico; leia artigo de professor. <b>Folha de S. Paulo</b> ., 08 jan. 2010. Artigo acadêmico. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u676597.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u676597.shtml</a> >.
	[Resenha] Leite Derramado – Chico Buarque. <b>Vortex cultural</b> , 07, jan. 2011. Resenha não assinada em site cultural. Disponível em:< <a href="http://www.vortexcultural.com.br/literatura/leite-derramado-chico-buarque/">http://www.vortexcultural.com.br/literatura/leite-derramado-chico-buarque/</a> >.
	Como romancista, Chico Buarque é mestre em gerar desconforto, diz "The New York Times". <b>Literatortura</b> , 27 dez. 2012. Notícia de Gustavo Magnani. Disponível em:< <a href="http://literatortura.com/2012/12/27/como-romancista-chico-buarque-e-mestre-em-gerar-desconforto-diz-the-new-york-times/">http://literatortura.com/2012/12/27/como-romancista-chico-buarque-e-mestre-em-gerar-desconforto-diz-the-new-york-times/</a> >.
	Chico Buarque ganha novo prêmio por 'Leite Derramado'. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 10 nov. 2010. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,chico-buarque-ganha-novo-premio-por-leite-derramado,637781,0.htm">http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,chico-buarque-ganha-novo-premio-por-leite-derramado,637781,0.htm</a> >.
	Chico Buarque ganha prêmio literário 'Casa de las Américas' em Cuba. <b>G1</b> , 01 fev. 2013. Notícia. Disponível em:< <a href="http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2013/02/chico-buarque-e-luiz-ruffato-ganham-premio-literario-em-cuba.html">http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2013/02/chico-buarque-e-luiz-ruffato-ganham-premio-literario-em-cuba.html</a> >.
	O 'Leite Derramado' de Chico Buarque. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 07 abr. 2009. Crítica de Felipe Machado. Disponível em:< <a href="http://blogs.estadao.com.br/felipe-machado/o-leite-derramado-de-chico-buarque/">http://blogs.estadao.com.br/felipe-machado/o-leite-derramado-de-chico-buarque/</a> >.
	NY Times exalta 'Leite Derramado', livro de Chico Buarque de Hollanda. <b>Correio Mariliense</b> , 28 dez. 2012. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www.correiomariliense.com.br/materia.php?materia=32271">http://www.correiomariliense.com.br/materia.php?materia=32271</a> >.

	Crítica do Livro Leite Derramado, de Chico Buarque. <b>Grupo prazer da leitura</b> , 03 jun. 2011. Crítica de Júlia Rónai alocada em blog. Disponível em:< <a href="http://grupoprazerdaleitura.blogspot.com.br/2011/07/critica-do-livro-leite-derramado-de.html">http://grupoprazerdaleitura.blogspot.com.br/2011/07/critica-do-livro-leite-derramado-de.html</a> >.
	Como romancista, Chico Buarque é mestre em gerar desconforto, diz "The New York Times". <b>Folha de S. Paulo</b> , 24 dez. 2012. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1206175-como-romancista-chico-buarque-e-mestre-em-gerar-desconforto-diz-the-new-york-times.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1206175-como-romancista-chico-buarque-e-mestre-em-gerar-desconforto-diz-the-new-york-times.shtml</a> >.
	LEITE DERRAMADO - CHICO BUARQUE. <b>Café com letras</b> . Resenha impressionista alocada em blog, de Camila Magalhães. Disponível em:< <a href="http://cafecomletras.com.br/Chico-Buarque-Leite-Derramado">http://cafecomletras.com.br/Chico-Buarque-Leite-Derramado</a> >.
	Trecho de <i>Leite Derramado</i> , de Chico Buarque. <b>Revista Veja</b> . Trecho de divulgação. Disponível em:< <a href="http://veja.abril.com.br/livros_mais_vendidos/trechos/leite-derramado.html">http://veja.abril.com.br/livros_mais_vendidos/trechos/leite-derramado.html</a> >.
	Leite derramado', de Chico Buarque, vai ganhar adaptação para o teatro estrelada por Marília Pêra. <b>O Globo</b> , 28 jan. 2011. Notícia de Luiz Felipe Reis. Disponível em:< <a href="http://oglobo.globo.com/cultura/leite-derramado-de-chico-buarque-vai-ganhar-adaptacao-para-teatro-estrelada-por-marilia-pera-2832007">http://oglobo.globo.com/cultura/leite-derramado-de-chico-buarque-vai-ganhar-adaptacao-para-teatro-estrelada-por-marilia-pera-2832007</a> >.
	"Leite Derramado", de Chico Buarque, vence o prêmio Jabuti. Último segundo - <b>IG</b> , 05 nov. 2010. Notícia. Disponível em:< <a href="http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/livros/leite+derramado+de+chico+buarque+vence+o+premio+jabuti/n1237820121084.html">http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/livros/leite+derramado+de+chico+buarque+vence+o+premio+jabuti/n1237820121084.html</a> >.
	Chega às livrarias "Leite Derramado", novo livro de Chico Buarque. <b>Folha de S. Paulo</b> , 28 mar. 2009. Crítica de Sylvia Colombo. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u541905.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u541905.shtml</a> >.
	Leite Derramado' é o título do novo livro de Chico Buarque. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 02 mar. 2009. Matéria de Tereza ribeiro. Disponível em:< <a href="http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,leite-derramado-e-o-titulo-do-novo-livro-de-chico-buarque,332201,0.htm">http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,leite-derramado-e-o-titulo-do-novo-livro-de-chico-buarque,332201,0.htm</a> >.
	MinC seleciona 'Leite Derramado' para bolsa e põe fogo nas críticas à ministra. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 17 nov. 2011. Matéria de Jotabê Medeiros. Disponível em:< <a href="http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,minc-seleciona-leite-derramado-para-bolsa-e-poe-fogo-nas-criticas-a-ministra,799707,0.htm">http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,minc-seleciona-leite-derramado-para-bolsa-e-poe-fogo-nas-criticas-a-ministra,799707,0.htm</a> >.
	Crítica do Livro Leite Derramado, de Chico Buarque. <b>Fórum Virtual</b> , 27 mai 2009. Crítica de Júlia Rónai alocada em blog. Disponível em:< <a href="http://www.pacc.ufrj.br/literatura/livros/leite_derramado.php">http://www.pacc.ufrj.br/literatura/livros/leite_derramado.php</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	As sombras da memória. <b>Jornal Rascunho</b> , jul. 2009. Crítica de Gregório Dantas. Disponível em:< <a href="http://rascunho.gazetadopovo.com.br/as-sombras-da-memoria/">http://rascunho.gazetadopovo.com.br/as-sombras-da-memoria/</a> >.
	O Leite Derramado de Chico Buarque. <b>Revista Veja</b> , 28 mar. 2009. Trecho de análise de Jerônimo Teixeira, disponível apenas para assinantes. Disponível em:< <a href="http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/veja-5-leite-derramado-chico-buarque/">http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/veja-5-leite-derramado-chico-buarque/</a> >..
	Chico Buarque vence o Portugal Telecom com 'Leite derramado'. <b>O Globo</b> , 09 nov. 2010. Notícia de Márcia abos. Disponível em:< <a href="http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2010/11/09/chico-buarque-vence-portugal-telecom-com-leite-derramado-339247.asp">http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2010/11/09/chico-buarque-vence-portugal-telecom-com-leite-derramado-339247.asp</a> >.
	"Leite Derramado", de Chico Buarque, será adaptado ao palco por cineasta. <b>Folha de S. Paulo</b> , 02 fe. 2011. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0202201121.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0202201121.htm</a> >.
	Memórias quase póstumas. <b>Revista Veja</b> . Crítica de Carlos Graieb. Disponível em:< <a href="http://veja.abril.com.br/010409/p_117.shtml">http://veja.abril.com.br/010409/p_117.shtml</a> >.
	Os prêmios de Leite derramado. <b>Revista Bravo!</b> , 16 nov. 2010. Matéria de Rafael Rodrigues. Disponível em:< <a href="http://bravonline.abril.com.br/blogs/entretantos/2010/11/16/os-premios-de-leite-derramado/">http://bravonline.abril.com.br/blogs/entretantos/2010/11/16/os-premios-de-leite-derramado/</a> >.
	Record deixa Jabuti alegando escolha política na premiação. <b>Revista Veja</b> , 12 nov. 2010. Notícia de Maria Carolina Maia. Disponível em:< <a href="http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/record-deixa-jabuti-alegando-escolha-politica-na-premiacao">http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/record-deixa-jabuti-alegando-escolha-politica-na-premiacao</a> >.
	Chico Buarque revisita Machado de Assis. <b>Gazeta do Povo</b> , 01 abr. 2009. Resenha não assinada. Disponível em:< <a href="http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=873040&amp;tit=Chico-Buarque-revisita-Machado-de-Assis..">http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=873040&amp;tit=Chico-Buarque-revisita-Machado-de-Assis..</a> >
	Prêmio Jabuti não mudou por conta de polêmica de Chico Buarque, diz curador. <b>UOL</b> , 01 dez. 2011. Notícia de Ana Okada. Disponível em:< <a href="http://entretenimento.uol.com.br/ultnot/2011/12/01/premio-jabuti-nao-mudou-por-conta-de-polemica-de-chico-buarque-diz-curador.jhtm..">http://entretenimento.uol.com.br/ultnot/2011/12/01/premio-jabuti-nao-mudou-por-conta-de-polemica-de-chico-buarque-diz-curador.jhtm..</a> >
	"Leite Derramado" é o título do novo livro de Chico Buarque. <b>Folha de S. Paulo</b> , 02 mar. 2009. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u512134.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u512134.shtml</a> >.
	Chico Buarque conta a história do Rio de Janeiro a partir de memórias de um homem centenário. <b>Revista Istoé Gente</b> . Texto de Aina Pinto. Disponível em:< <a href="http://www.terra.com.br/istoegente/edicoes/499/artigo130197-1.htm">http://www.terra.com.br/istoegente/edicoes/499/artigo130197-1.htm</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	Chico Buarque não rejeita adaptação de <i>Leite Derramado</i> para o cinema. <b>Revista Contigo</b> . Notícia de Elisa Duarte. Disponível em:< <a href="http://contigo.abril.com.br/blog/premio-bravo/cobertura/chico-buarque-nao-rejeita-adaptacao-de-leite-derramado-para-o-cinema-2/">http://contigo.abril.com.br/blog/premio-bravo/cobertura/chico-buarque-nao-rejeita-adaptacao-de-leite-derramado-para-o-cinema-2/</a> >.
	Chico Buarque e Luiz Ruffato ganham prêmios literários Casa de las Américas. <b>Uai</b> , 01 fev. 2013. Notícia. Disponível em:< <a href="http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/arte-e-livros/2013/02/01/noticia_arte_e_livros,140056/chico-buarque-e-luiz-ruffato-ganham-premios-literarios-casa-de-las-americas.shtml">http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/arte-e-livros/2013/02/01/noticia_arte_e_livros,140056/chico-buarque-e-luiz-ruffato-ganham-premios-literarios-casa-de-las-americas.shtml</a> >.
	Chico Buarque ganha mais um prêmio com 'Leite Derramado'. <b>Terra</b> , 09 nov. 2010. Notícia. Disponível em:< <a href="http://diversao.terra.com.br/gente/chico-buarque-ganha-mais-um-premio-com-39leite-derramado39,8eba078553a7a310VgnCLD200000bbcceb0aRCD.html">http://diversao.terra.com.br/gente/chico-buarque-ganha-mais-um-premio-com-39leite-derramado39,8eba078553a7a310VgnCLD200000bbcceb0aRCD.html</a> >.
	Livro premiado de Chico Buarque será publicado na Alemanha. <b>Folha de S. Paulo</b> , 15 dez. 2009. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u667111.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u667111.shtml</a> >.
	Prêmio Jabuti cria polêmica no meio literário. <b>IG</b> , 18 nov. 2010. Notícia de Marco Tomazzoni. Disponível em:< <a href="http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/livros/premio+jabuti+cria+polemica+no+meio+literario/n1237829957945.html">http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/livros/premio+jabuti+cria+polemica+no+meio+literario/n1237829957945.html</a> >.
	Chico Buarque vence Prêmio Jabuti. <b>Revista Veja</b> , 05 nov. 2010. Notícia. Disponível em:< <a href="http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/chico-buarque-vence-premio-jabuti">http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/chico-buarque-vence-premio-jabuti</a> >.
	Chorando sobre o leite derramado. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 23 nov. 2010. Comentário de A.P. Quartim de Moraes. Disponível em:< <a href="http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,chorando-sobre-o-leite-derramado,643942,0.htm">http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,chorando-sobre-o-leite-derramado,643942,0.htm</a> >.
	Não vale é chorar o leite derramado. <b>A Gazeta</b> , 12 mai 2012. Notícia. Disponível em:< <a href="http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2012/05/noticias/a_gazeta/opiniaio/1232017----nao-vale-e-chorar-o-leite-derramado.html">http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2012/05/noticias/a_gazeta/opiniaio/1232017----nao-vale-e-chorar-o-leite-derramado.html</a> >.
	'Leite derramado', de Chico Buarque, é o melhor livro de 2009 para leitores do site. <b>O Globo</b> , 28 dez. 2009. Disponível em:< <a href="http://oglobo.globo.com/cultura/leite-derramado-de-chico-buarque-o-melhor-livro-de-2009-para-leitores-do-site-3126113">http://oglobo.globo.com/cultura/leite-derramado-de-chico-buarque-o-melhor-livro-de-2009-para-leitores-do-site-3126113</a> >.
	Leite derramado. <b>Cronópios</b> , 04 mai 2009. Crítica de Fernando Marques. Disponível em:< <a href="http://www.cronopios.com.br/site/resenhas.asp?id=3969">http://www.cronopios.com.br/site/resenhas.asp?id=3969</a> >.
	Chico Buarque lança o romance "Leite Derramado". <b>Zero Hora</b> , 31 mar. 2009. Notícia de Carlos André Moreira. Disponível em:< <a href="http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/noticia/2009/03/chico-buarque-lanca-o-romance-leite-derramado-2459592.html">http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/noticia/2009/03/chico-buarque-lanca-o-romance-leite-derramado-2459592.html</a> >.
	Conheça o livro de Chico Buarque, eleito o melhor do ano pela "Bravo!". <b>Folha de S. Paulo</b> , 26 out. 2009. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u643647.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u643647.shtml</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	Um pouco de humor? Agora darão a Chico um “Jabuti” do futebol. <b>Revista Veja</b> , 20 jun. 2011. Comentário de Reinaldo Azevedo. Disponível em:< <a href="http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/tag/premio-jabuti/">http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/tag/premio-jabuti/</a> >.
	Chico lança romance em que faz um retrato do Brasil. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 28 mar. 2009. Matéria de Ubiratan Brasil. Disponível em:< <a href="http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,chico-lanca-romance-em-que-faz-um-retrato-do-brasil,346076,0.htm">http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,chico-lanca-romance-em-que-faz-um-retrato-do-brasil,346076,0.htm</a> >.
	José Castello analisa novo romance de Chico Buarque. <b>O Globo</b> , 28 mar. 2009. Crítica de José Castello. Disponível em:< <a href="http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2009/03/28/jose-castello-analisa-novo-romance-de-chico-buarque-172588.asp">http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2009/03/28/jose-castello-analisa-novo-romance-de-chico-buarque-172588.asp</a> >.
	Chico Buarque leva Prêmio Jabuti 2010 por melhor ficção do ano. <b>G1</b> , 05 nov. 2010. Notícia. Disponível em:< <a href="http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/11/chico-buarque-leva-premio-jabuti-2010-por-melhor-ficcao-do-ano.html">http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/11/chico-buarque-leva-premio-jabuti-2010-por-melhor-ficcao-do-ano.html</a> >.
	Internautas pedem que Chico Buarque devolva Prêmio Jabuti. <b>Folha de S. Paulo</b> , 24 nov. 2010. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/835166-internautas-pedem-que-chico-buarque-devolva-premio-jabuti.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/835166-internautas-pedem-que-chico-buarque-devolva-premio-jabuti.shtml</a> >.
	Os encantos de Chico Buarque. <b>Gazeta do Povo</b> , 10 nov. 2010. Matéria de Irineo Batista Netto. Disponível em:< <a href="http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=1066236&amp;tit=Os-encantos-de-Chico-Buarque">http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=1066236&amp;tit=Os-encantos-de-Chico-Buarque</a> >.
	VIDRAÇA. <b>Jornal Rascunho</b> , dez 2010. Comentário de Luis Henrique Pellanda. Disponível em:< <a href="http://rascunho.gazetadopovo.com.br/vidraca_dezembro_2010/">http://rascunho.gazetadopovo.com.br/vidraca_dezembro_2010/</a> >.
	Leite derramado' ou Festa na Senzala. <b>O Globo</b> , 29 jun. 2009. Crítica de Mirisola. Disponível em:< <a href="http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2009/06/29/leite-derramado-ou-festa-na-senzala-199409.asp">http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2009/06/29/leite-derramado-ou-festa-na-senzala-199409.asp</a> >.
BUENO, Wilson. <i>Amar-te a ti nem sei se com carícias</i> . São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.	DEZ DICAS DE LUÍS ANTÔNIO GIRON. <b>Revista Quem</b> , jan. 2005. Nota de Luís Antônio Giron. Disponível em:< <a href="http://revistaquem.globo.com/EditoraGlobo/componentes/article/edg_article_print/1,3916,886260-2157-1,00.html">http://revistaquem.globo.com/EditoraGlobo/componentes/article/edg_article_print/1,3916,886260-2157-1,00.html</a> >.
	AMAR-TE A TI NEM SEI SE COM CARÍCIAS DE WILSON BUENO: DA MARGEM AO CENTRO. <b>Abralic</b> , 13 a 17 jul. de 2008. Artigo acadêmico de Eliza da Silva Martins Peron. Disponível em:< <a href="http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simp osios/pdf/007/ELIZA_PERON.pdf">http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simp osios/pdf/007/ELIZA_PERON.pdf</a> >.
CÂMARA, Ruy. <i>Cantos de outono</i> . Rio de Janeiro: Record, 2003.	Lautrèamont, biografia romanceada. <b>O Estado do Paraná</b> , 22 abr. 2003. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www.parana-online.com.br/editoria/almanaque/news/45589/?noticia=LAUTREAMONT+BIOGRAFIA+ROMANCEADA">http://www.parana-online.com.br/editoria/almanaque/news/45589/?noticia=LAUTREAMONT+BIOGRAFIA+ROMANCEADA</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

CAMPANA, Fábio. <i>O último dia de Cabeza de Vaca</i> . Curitiba: Travessa dos Editores, 2005.	Ficção nos mínimos detalhes - Fábio Campana. MS Mídia. Texto retirado do <b>Jornal Rascunho</b> , porém impossível de rastrear. Disponível em:< <a href="http://www.msmedia.com/lp/naoficcao.asp?id=4">http://www.msmedia.com/lp/naoficcao.asp?id=4</a> >.
	A utopia americana. <b>O Globo</b> , 03 abr. 2005. Crítica de Wilson Martins. Disponível em:< <a href="http://www.jornaldepoesia.jor.br/wilsonmartins095.html">http://www.jornaldepoesia.jor.br/wilsonmartins095.html</a> >.
	VITRINE BRASILEIRA. <b>Folha de S. Paulo</b> . Nota divulgação. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0904200516.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0904200516.htm</a> >.
CARVALHO, Bernardo. <i>O filho da mãe</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 2009.	RESENHA. <b>UNIG</b> . Artigo acadêmico de Larissa Moreira Fidalgo. Disponível em:< <a href="http://www.unig.br/cadernosdafaef/Resenha%20Bernardo%20Carvalho,%20O%20filho%20da%20mae,%20por%20%20Larissa%20Moreira%20Fidalgox.pdf">http://www.unig.br/cadernosdafaef/Resenha%20Bernardo%20Carvalho,%20O%20filho%20da%20mae,%20por%20%20Larissa%20Moreira%20Fidalgox.pdf</a> >.
	Bernardo Carvalho recorre a trama "operística" para abordar amor. <b>Folha de S. Paulo</b> , 07 mar. 2009. Matéria de Eduardo Simões. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u530828.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u530828.shtml</a> >.
	O filho da mãe, de Bernardo Carvalho. <b>Paisagens da Crítica</b> , 16 mar. 2009. Resenha alocada em blog de Júlio Pimentel Pinto. Disponível em:< <a href="http://paisagensdacritica.wordpress.com/2009/03/16/o-filho-da-mae-de-bernardo-carvalho/">http://paisagensdacritica.wordpress.com/2009/03/16/o-filho-da-mae-de-bernardo-carvalho/</a> >.
	O Filho da Mãe – Bernardo Carvalho. <b>Canto dos livros</b> , 20 nov. 2011. Resenha alocada em blog de Rodrigo Casarin. Disponível em:< <a href="http://cantodoslivros.wordpress.com/2011/11/28/o-filho-da-mae-bernardo-carvalho/">http://cantodoslivros.wordpress.com/2011/11/28/o-filho-da-mae-bernardo-carvalho/</a> >.
	O filho da mãe de Bernardo Carvalho. <b>Nenhum Lugar</b> , 27 jan. 2011. Resenha alocada em blog de Milena Magalhães. Disponível em:< <a href="http://nenhum-lugar.blogspot.com.br/2011/01/o-filho-da-mae-de-bernardo-carvalho.html">http://nenhum-lugar.blogspot.com.br/2011/01/o-filho-da-mae-de-bernardo-carvalho.html</a> >.
	O outsider no romance O filho da mãe de Bernardo Carvalho. <b>Ao pé da letra</b> . Artigo acadêmico de Carlos Augusto Vieira. Disponível em:< <a href="http://www.revistaaopeda letra.net/volumes/Volume%2013.2/Volume-13-2-Carlos-Henrique-Vieira.pdf">http://www.revistaaopeda letra.net/volumes/Volume%2013.2/Volume-13-2-Carlos-Henrique-Vieira.pdf</a> >.
	O Filho da Mãe. <b>Revista Istoé Gente</b> . Matéria de Marcelo Lyra. Disponível em:< <a href="http://www.terra.com.br/istoegente/edicoes/500/artigo130912-1.htm">http://www.terra.com.br/istoegente/edicoes/500/artigo130912-1.htm</a> >.
	'O filho da mãe', de Bernardo Carvalho. <b>Michel Laub</b> , 13 abr.. Crítica de Michel Laub publicada em site pessoal. Disponível em:< <a href="http://michellaub.wordpress.com/2009/04/13/o-filho-da-mae-de-bernardo-carvalho/">http://michellaub.wordpress.com/2009/04/13/o-filho-da-mae-de-bernardo-carvalho/</a> >.
	As representações do espaço em O Filho da Mãe, de Bernardo Carvalho. <b>Cielli</b> , 13, 14 e 15 de jun. 2012. Artigo acadêmico de Clóvis Meireles Nóbrega Júnior. Disponível em:< <a href="http://anais2012.cielli.com.br/pdf_trabalhos/992_arq_1.pdf">http://anais2012.cielli.com.br/pdf_trabalhos/992_arq_1.pdf</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	O Filho da Mãe (Bernardo Carvalho). <b>Posfácio</b> , 06 jun. 2011. Texto de Felipe Cordeiro. Disponível em:< <a href="http://www.posfacio.com.br/2011/07/06/o-filho-da-mae-bernardo-carvalho/">http://www.posfacio.com.br/2011/07/06/o-filho-da-mae-bernardo-carvalho/</a> >.
	O Filho da Mãe - Bernardo Carvalho - O uso da língua e a sua relação aos leitores 10. <b>Alberto Velho Nogueira</b> , 22 nov. 2011. Disponível em:< <a href="http://albertovelhonogueira.blogspot.com.br/2011/09/o-filho-da-mae-bernardo-carvalho-o-uso.html">http://albertovelhonogueira.blogspot.com.br/2011/09/o-filho-da-mae-bernardo-carvalho-o-uso.html</a> >.
	A arte de criar sentidos. <b>Jornal rascunho</b> . Crítica de Vilma Costa. Disponível em:< <a href="http://rascunho.gazetadopovo.com.br/arte-de-criar-sentidos/">http://rascunho.gazetadopovo.com.br/arte-de-criar-sentidos/</a> >.
	O filho da mãe!, novo livro de Bernardo Carvalho. <b>O Globo</b> , 04 mar. 2009. Entrevista de Miguel Conde. Disponível em:< <a href="http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2009/03/04/filho-da-mae-novo-livro-de-bernardo-carvalho-165505.asp">http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2009/03/04/filho-da-mae-novo-livro-de-bernardo-carvalho-165505.asp</a> >.
	Bernardo Carvalho   O Filho da Mãe. <b>Novos Livros</b> . Entrevista. Disponível em:< <a href="http://novoslivros.blogspot.com.br/2009/05/bernardo-carvalho-o-filho-da-mae.html">http://novoslivros.blogspot.com.br/2009/05/bernardo-carvalho-o-filho-da-mae.html</a> >.
	LITERATURA: O FILHO DA MÃE, Bernardo Carvalho. <b>Mentempscicose</b> , 09 mai 2009. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://metempscicose.blogspot.com.br/2009/05/literatura-o-filho-da-mae-bernardo.html">http://metempscicose.blogspot.com.br/2009/05/literatura-o-filho-da-mae-bernardo.html</a> >.
	O AMOR COMO DESCULPA. <b>UFRJ</b> , 03 abr. 2009. Artigo acadêmico de Catharina Epprecht. Disponível em< <a href="http://www.omarrare.uerj.br/numero14/pdf/CATHARINA.pdf">http://www.omarrare.uerj.br/numero14/pdf/CATHARINA.pdf</a> >.
	Mais nada a perder. <b>Ipsilon</b> . Texto de Alexandra Lucas Coelho. Disponível em:< <a href="http://ipsilon.publico.pt/livros/critica.aspx?id=231421">http://ipsilon.publico.pt/livros/critica.aspx?id=231421</a> >.
	Jogo 2 – O filho da mãe x Se eu fechar os olhos agora. <b>Copa de Literatura</b> , 07 mar. 2011. Matéria. Disponível em:< <a href="http://copadeliteratura.com.br/index.php/clb2010/jogo-2-o-filho-da-mae-x-se-eu-fechar-os-olhos-agora">http://copadeliteratura.com.br/index.php/clb2010/jogo-2-o-filho-da-mae-x-se-eu-fechar-os-olhos-agora</a> >.
	Entrevista com André Sant'Anna. <b>Blog da Companhia</b> , 20 fev. 2013. Entrevista. Disponível em:< <a href="http://www.blogdacompanhia.com.br/2013/02/entrevista-com-andre-santanna/">http://www.blogdacompanhia.com.br/2013/02/entrevista-com-andre-santanna/</a> >.
	A maternidade pelo avesso no novo romance de Bernardo Carvalho. <b>Uol entretenimento</b> , 12 abr. 2009. Crítica de Marta Barbosa. Disponível em:< <a href="http://entretenimento.uol.com.br/ultnot/livros/resenhas/2009/04/12/ult5668u89.jhtm">http://entretenimento.uol.com.br/ultnot/livros/resenhas/2009/04/12/ult5668u89.jhtm</a> >.
	O filho da mãe. <b>Revista Piauí</b> , 01 fev. Trecho do livro. Disponível em:< <a href="http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-29/ficcao/o-filho-da-mae">http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-29/ficcao/o-filho-da-mae</a> >.
	O romance brasileiro na era do marketing. <b>Folha de S. Paulo</b> , 23 out. 2011. Reportagem de Raquel Cozer. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/994149-o-romance-brasileiro-na-era-do-marketing.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/994149-o-romance-brasileiro-na-era-do-marketing.shtml</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	Bernardo Carvalho fala sobre maternidade, homofobia e militarismo em romance; leia trecho. <b>Folha de S. Paulo</b> , 03 jul. 2009. Trecho do livro. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u589426.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u589426.shtml</a> >.
	Dinâmica do amor maternal conduz narrativa vertiginosa. <b>Folha de S. Paulo</b> . Crítica de Manuel da Costa Pinto. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0703200908.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0703200908.htm</a> >.
	Ódio étnico e homofobia em livro de Bernardo Carvalho. <b>Revista Época</b> , 06 mar. 2009. Matéria de Rodrigo Turrer. Disponível em:< <a href="http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI63142-15220,00.html">http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI63142-15220,00.html</a> >.
	Bernardo Carvalho e a literatura como antídoto da banalidade. <b>Deutsche welle</b> . Entrevista de Marcos Sanchez. Disponível em:< <a href="http://www.dw.de/bernardo-carvalho-e-a-literatura-como-ant%C3%ADdoto-da-banalidade/a-15352025">http://www.dw.de/bernardo-carvalho-e-a-literatura-como-ant%C3%ADdoto-da-banalidade/a-15352025</a> >.
	O FILHO DA MÃE: degradação, amor e guerra. <b>Narrativas latino-americanas</b> , 04 jun 2010. Texto em grupo de pesquisa de Carlos Henrique Vieira. Disponível em:< <a href="http://narrativaslatinoamericanasdeviagem.blogspot.com.br/2010/06/o-filho-da-mae-degradacao-amor-e-guerra.html">http://narrativaslatinoamericanasdeviagem.blogspot.com.br/2010/06/o-filho-da-mae-degradacao-amor-e-guerra.html</a> >.
	Bernardo Carvalho conta amor entre dois soldados. <b>IG</b> , 05 jul. 2010. Entrevista de Mona Dorf. Disponível em:< <a href="http://colunistas.ig.com.br/monadorf/tag/o-filho-da-mae/">http://colunistas.ig.com.br/monadorf/tag/o-filho-da-mae/</a> >.
	Mães, filhos e guerras: São Petersburgo é em qualquer lugar. <b>IG</b> , 26 mar. 2009. Matéria de Maurício Stycer. Disponível em:< <a href="http://colunistas.ig.com.br/mauriciostycer/tag/o-filho-da-mae/?doing_wp_cron">http://colunistas.ig.com.br/mauriciostycer/tag/o-filho-da-mae/?doing_wp_cron</a> >.
	Companhia das Letras domina final no Portugal Telecom. <b>Revista Veja</b> , 31 ago. 2010. Notícia. Disponível em:< <a href="http://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/eventos/companhia-das-letras-domina-a-final-do-portugal-telecom/">http://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/eventos/companhia-das-letras-domina-a-final-do-portugal-telecom/</a> >.
	O romance contemporâneo de língua portuguesa em Bernardo Carvalho e Francisco José Viegas. <b>ABRALIC/UFPR</b> , 18 a 22 jul. 2011. Artigo acadêmico de Adenize Francoi. Disponível em:< <a href="http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0318-1.pdf">http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0318-1.pdf</a> >.
	A Rússia por trás de suas fachadas. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 06 mar. 2009. Entrevista de Antonio Gonçalves Filho. Disponível em:< <a href="http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,a-russia-por-tras-de-suas-fachadas,334828,0.htm">http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,a-russia-por-tras-de-suas-fachadas,334828,0.htm</a> >.
	Estilo de Bernardo Carvalho passeia entre cinismo e coragem. <b>Folha de S. Paulo</b> , 29 jun. 2009. Matéria de Tereza Chaves. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u587494.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u587494.shtml</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	Saem os finalistas de dois prêmios literários. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 01 dez. 2010. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,saem-os-finalistas-de-dois-premios-literarios,603679,0.htm">http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,saem-os-finalistas-de-dois-premios-literarios,603679,0.htm</a> >.
	Livros. <b>Folha de S. Paulo</b> . Nota de divulgação. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/93984-livros.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/93984-livros.shtml</a> >.
	Leia trechos de livros de Bernardo Carvalho. <b>Folha de S. Paulo</b> , 27 fev. 2011. Trecho do livro. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/881272-leia-trechos-de-livros-de-bernardo-carvalho.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/881272-leia-trechos-de-livros-de-bernardo-carvalho.shtml</a> >.
	Nove Noites. <b>Folha de S. Paulo</b> . Trecho do Livro. Disponível em:< <a href="http://media.folha.uol.com.br/ilustrissima/2011/02/24/nove_noites.pdf">http://media.folha.uol.com.br/ilustrissima/2011/02/24/nove_noites.pdf</a> >.
	O Filho da Mãe. <b>Folha de S. Paulo</b> . Trecho do livro. Disponível em:< <a href="http://media.folha.uol.com.br/ilustrissima/2011/02/24/o_filho_da_mae.pdf">http://media.folha.uol.com.br/ilustrissima/2011/02/24/o_filho_da_mae.pdf</a> >.
____. <i>Mongólia</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 2003.	Bernardo Carvalho desmitifica a Mongólia. <b>Folha de S. Paulo</b> , 11 out. 2003. Crítica de Rogério Eduardo Alves. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1110200309.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1110200309.htm</a> >.
	Labirinto sem paredes. <b>Revista Época</b> . Crítica de Luis Antonio Giron. Disponível em:< <a href="http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,,EPT615495-1661,00.html">http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,,EPT615495-1661,00.html</a> >.
	Livro: <i>Mongolia</i> , de Bernardo Carvalho. <b>Recanto das Letras</b> . Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://www.recantodasletras.com.br/ensaios/713749..">http://www.recantodasletras.com.br/ensaios/713749..</a> >
	Leia um trecho de "Mongólia" de Bernardo Carvalho. <b>Terra</b> . Trecho do livro. Disponível em:< <a href="http://diversao.terra.com.br/artecultura/noticias/0,,OI347828-EI3615,00-Leia+um+trecho+de+Mongolia+de+Bernardo+Carvalho.html">http://diversao.terra.com.br/artecultura/noticias/0,,OI347828-EI3615,00-Leia+um+trecho+de+Mongolia+de+Bernardo+Carvalho.html</a> >.
	<i>Mongólia</i> , de Bernardo Carvalho, é o grande premiado no Jabuti. <b>Revista Época</b> . Notícia. Disponível em:< <a href="http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR65505-6011,00.html">http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR65505-6011,00.html</a> >.
	Trecho do livro <i>Mongólia</i> , romance de Bernardo Carvalho. <b>Revista Época</b> . Trecho do livro. Disponível em:< <a href="http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT615266-1655,00.html">http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT615266-1655,00.html</a> >.
	<i>Mongólia</i> Bernardo Carvalho mistura suspense e a descrição das narrativas de viagem para cativar o leitor. <b>Revista Istoé Gente</b> . Crítica de Adriana Morelli. Disponível em:< <a href="http://www.terra.com.br/istoegente/223/diversao_arte/livros_mongolia.htm">http://www.terra.com.br/istoegente/223/diversao_arte/livros_mongolia.htm</a> >.
	Não há mais para onde ir. <b>Folha de S. Paulo</b> , 30 nov. 2003. Crítica de Jorge Coli. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3011200314.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3011200314.htm</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	Mongólia: terra estrangeira. <b>Digestivo Cultural</b> , 23 dez. 2003. Crítica de Fábio Silvestre Cardoso. Disponível em:< <a href="http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=1249&amp;titulo=Mongolia:_terra_estrangeira">http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=1249&amp;titulo=Mongolia:_terra_estrangeira</a> >.
	Mongólia. <b>Café das 5</b> , 15 fev. 2009. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://cafedas5.blogspot.com.br/2009/02/mongolia.html">http://cafedas5.blogspot.com.br/2009/02/mongolia.html</a> >.
	<i>Mongólia</i> recebe prêmio Jabuti de melhor romance. <b>Correio do Brasil</b> , 21 jul. 2004. Notícia. Disponível em:< <a href="http://correiodobrasil.com.br/mulher/mongolia-recebe-premio-jabuti-de-melhor-romance/60967/">http://correiodobrasil.com.br/mulher/mongolia-recebe-premio-jabuti-de-melhor-romance/60967/</a> >.
____. <i>Nove noites</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 2002.	Nove Noites: o labirinto de vozes. <b>Revista Contemporâneos</b> . Artigo acadêmico de Rodrigo Corrêa Martins Machado; Rosana Aparecida de Paula e Simone Cristina Mendonça de Souza. Disponível em:< <a href="http://www.revistacontemporaneos.com.br/n6/dossie1_9noites.pdf">http://www.revistacontemporaneos.com.br/n6/dossie1_9noites.pdf</a> >.
	Trecho do livro "Nove noites" de Bernardo Carvalho. <b>Revista Época</b> . Trecho do livro. Disponível em:< <a href="http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR51654-5856,00.html">http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR51654-5856,00.html</a> >.
	Ao lado da barbárie. <b>Revista Época</b> . Crítica de Antonio Gonçalves Filho. Disponível em:< <a href="http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT396226-1661,00.html">http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT396226-1661,00.html</a> >.
	Segredos e distorções. <b>Folha de S. Paulo</b> , 08 mar. 2003. Crítica de Alcir Pécora. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs0803200312.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs0803200312.htm</a> >.
	Romance modernista, romance pós-moderno: uma análise de casos. <b>Abralic-USP</b> , 13 a 17 jul. 2008. Artigo acadêmico de Raquel Illescas Bueno. Disponível em:< <a href="http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simp osios/pdf/021/RAQUEL_BUENO.pdf">http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simp osios/pdf/021/RAQUEL_BUENO.pdf</a> >.
	A língua dos mortos. <b>Folha de S. Paulo</b> , 03 nov. 2002. Crítica de Jorge Coli. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mas/fs0311200219.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mas/fs0311200219.htm</a> >.
	Carvalho vai e vem entre realidade e ficção. <b>Folha de S. Paulo</b> , 12 out. 2002. Crítica de Marcelo Coelho. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1210200212.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1210200212.htm</a> >.
	Entre a ficção e a realidade. Seu super ego. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://seusuperego.wordpress.com/tag/nove-noites/">http://seusuperego.wordpress.com/tag/nove-noites/</a> >.
	Escritor Bernardo Carvalho participa de festival literário em Berlim. <b>Folha de S. Paulo</b> , 02 set. 2011. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/968897-escriptor-bernardo-carvalho-participa-de-festival-literario-em-berlim.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/968897-escriptor-bernardo-carvalho-participa-de-festival-literario-em-berlim.shtml</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

____. <i>O sol se põe em São Paulo</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 2007.	BERNARDO CARVALHO FRACASSA EM O SOL SE PÕE EM SÃO PAULO. <b>Sibila</b> , 04 abr. 2009. Crítica em site cultural de Luis Dolhnikoff. Disponível em:< <a href="http://sibila.com.br/critica/o-sol-se-poe/2097">http://sibila.com.br/critica/o-sol-se-poe/2097</a> >.
	Bernardo Carvalho: O sol se põe em São Paulo. <b>Revista Veja</b> , 12 mar. 2007. Crítica de Sérgio Rodrigues. Disponível em:< <a href="http://veja.abril.com.br/blog/todoprosa/primeira-mao/bernardo-carvalho-o-sol-se-pe-em-so-paulo/">http://veja.abril.com.br/blog/todoprosa/primeira-mao/bernardo-carvalho-o-sol-se-pe-em-so-paulo/</a> >.
	Baile de máscaras. <b>Revista Veja</b> . Crítica de Jerônimo Teixeira. Disponível em:< <a href="http://veja.abril.com.br/070307/p_111.shtml">http://veja.abril.com.br/070307/p_111.shtml</a> >.
	O Sol se Põe em São Paulo. <b>Revista Istoé Gente</b> , 19 mar. 2007. Crítica de Dirceu Alves Jr.. Disponível em:< <a href="http://www.terra.com.br/istoegente/394/diversao_arte/livros_sol_poe_sp.htm">http://www.terra.com.br/istoegente/394/diversao_arte/livros_sol_poe_sp.htm</a> >.
	São Paulo, Japão. <b>Folha de S. Paulo</b> , 03 mar. 2007. Crítica de Eduardo Simões. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0303200707.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0303200707.htm</a> >.
	O texto é o corpo. <b>Folha de S. Paulo</b> , 01 abr. 2007. Crítica de Jorge Coli. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0104200702.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0104200702.htm</a> >.
	Trecho de <i>O Sol Se Põe em São Paulo</i> , de Bernardo Carvalho. <b>Revista Veja</b> , 07 mar. 2007. Disponível em:< <a href="http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/070307/trecho_sol.html">http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/070307/trecho_sol.html</a> >.
	Os vencedores do Jabuti. <b>G1</b> , 23 set. 2008. Notícia de Luciano Trigo. Disponível em:< <a href="http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2008/09/23/os-vencedores-do-jabuti/">http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2008/09/23/os-vencedores-do-jabuti/</a> >.
	Escritor Cristovão Tezza vence Prêmio Portugal Telecom. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 29 out. 2008. Notícia de Teresa Ribeiro. Disponível em:< <a href="http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,escritor-cristovao-tezza-vence-premio-portugal-telecom,269157,0.htm">http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,escritor-cristovao-tezza-vence-premio-portugal-telecom,269157,0.htm</a> >.
	Cristovão Tezza e Tatiana Levy levam Prêmio São Paulo de Literatura. <b>Folha de S. Paulo</b> , 01 dez. 2008. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u473943.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u473943.shtml</a> >.
	Reflexões sobre o nazismo ocupam os melhores títulos. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 29 dez. 2007. Notícia de Antonio Gonçalves Filho. Disponível em:< <a href="http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,reflexoes-sobre-o-nazismo-ocupam-os-melhores-titulos,102209,0.htm">http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,reflexoes-sobre-o-nazismo-ocupam-os-melhores-titulos,102209,0.htm</a> >.
	Melhores do ano. <b>Blog Estadão</b> , 23 dez. 2007. Notícia de Daniel Piza. Disponível em:< <a href="http://blogs.estadao.com.br/daniel-piza/title-244/">http://blogs.estadao.com.br/daniel-piza/title-244/</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

CARVALHO, Murilo. <i>O rastro do jaguar</i> . São Paulo: Leya, 2009.	A narrativa híbrida de <i>O rastro do jaguar</i> : a representação dos índios da América do Sul revisitada no romance histórico contemporâneo. <b>ABRALIC- UFPR</b> , 18 a 22 ju. 2011. Artigo acadêmico de Cíntia Paula Andrade de Carvalho. Disponível em:< <a href="http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0946-1.pdf">http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0946-1.pdf</a> >.
	Maior prêmio de literatura em português vai para repórter de programa do SBT. <b>Entretenimento UOL</b> , 15 out. 2008. Notícia de Gustavo Martins. Disponível em:< <a href="http://entretenimento.uol.com.br/ultnot/2008/10/15/ult4326u1142.jhtm">http://entretenimento.uol.com.br/ultnot/2008/10/15/ult4326u1142.jhtm</a> >.
	Outro índio de casaca. <b>Jornal Rascunho</b> , dez. 2009. Crítica de Luiz Horácio. Disponível em:< <a href="http://rascunho.gazetadopovo.com.br/wp-content/uploads/2012/01/Book_Rascunho_116.pdf">http://rascunho.gazetadopovo.com.br/wp-content/uploads/2012/01/Book_Rascunho_116.pdf</a> >.
	Potente mas em marcha lenta. <b>Observatório da Imprensa</b> , 08 set. 2009. Matéria de Jerônimo Teixeira. Disponível em:< <a href="http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/veja--38450">http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/veja--38450</a> >.
CASTRO, Ruy. <i>Era no tempo do rei</i> . Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.	Em 'Era no tempo do rei', Ruy Castro imagina as peripécias de Dom Pedro I adolescente. <b>O Globo</b> , 18 nov. 2007. Crítica de Suzana Velasco. Disponível em:< <a href="http://oglobo.globo.com/cultura/em-era-no-tempo-do-rei-ruy-castro-imagina-as-peripecias-de-dom-pedro-adolescente-4140425">http://oglobo.globo.com/cultura/em-era-no-tempo-do-rei-ruy-castro-imagina-as-peripecias-de-dom-pedro-adolescente-4140425</a> >.
	Ruy Castro une real ao fictício em novo livro. <b>Folha de S. Paulo</b> , 17 nov. 2007. Crítica de Eduardo Simões. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u346319.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u346319.shtml</a> >.
	TRAVESSURAS SOB AS VESTES DA REALEZA. <b>O Grito</b> . Artigo de Rafael Dias. Disponível em:< <a href="http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/blog/2008/02/22/era-no-tempo-do-rei/">http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/blog/2008/02/22/era-no-tempo-do-rei/</a> >.
	Era no tempo do Rei', de Ruy Castro, é eleito o melhor livro do ano por internautas. <b>O Globo</b> , 01 jan. 2008. Notícia. Disponível em:< <a href="http://oglobo.globo.com/cultura/era-no-tempo-do-rei-de-ruy-castro-eleito-melhor-livro-do-ano-por-internautas-4130670">http://oglobo.globo.com/cultura/era-no-tempo-do-rei-de-ruy-castro-eleito-melhor-livro-do-ano-por-internautas-4130670</a> >.
	Livro de Ruy Castro vira musical com Aldir Blanc e Carlos Lyra. <b>Folha de S. Paulo</b> , 12 mar. 2010. Notícia de Audrey Furlaneto. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1203201020.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1203201020.htm</a> >.
	O Biógrafo das personalidades mais amadas. <b>IG</b> , 02 set. Entrevista de Priscilla Ralston. Disponível em:< <a href="http://estilo.ig.com.br/noticia/2008/09/02/o_biografo_das_personalidades_mais_amadas_1607912.html">http://estilo.ig.com.br/noticia/2008/09/02/o_biografo_das_personalidades_mais_amadas_1607912.html</a> >.
	Musical 'Era no tempo do rei' gera parceria inédita de Carlos Lyra e Aldir Blanc. <b>O Globo</b> , 07 mar. 2010. Notícia de João Pimentel. Disponível em:< <a href="http://oglobo.globo.com/cultura/musical-era-no-tempo-do-rei-gera-parceria-inedita-de-carlos-lyra-aldir-blanc-3043535">http://oglobo.globo.com/cultura/musical-era-no-tempo-do-rei-gera-parceria-inedita-de-carlos-lyra-aldir-blanc-3043535</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	Leo Jaime vive Dom João em 'Era no tempo do Rei'. <b>Extra Globo</b> , 10 mar. 2010. Notícia de Rodrigo Gomes. Disponível em:< <a href="http://extra.globo.com/tv-e-lazer/leo-jaime-vive-dom-joao-em-era-no-tempo-do-rei-377862.html">http://extra.globo.com/tv-e-lazer/leo-jaime-vive-dom-joao-em-era-no-tempo-do-rei-377862.html</a> >.
CASTELLO, José. <i>Fantasma</i> . Rio de Janeiro: Record, 2001	José Castello parte para a ficção. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 19 mar. 2001. Resenha. Disponível em:< <a href="http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2001/not20010319p3364.htm">http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2001/not20010319p3364.htm</a> >.
	Um escritor na cidade Fantasma. <b>Digestivo Cultural</b> , 23 abr. 2001. Crítica de Paulo Polzonoff Jr.. Disponível em:< <a href="http://www.digestivocultural.com/colunistas/imprimir.asp?codigo=58">http://www.digestivocultural.com/colunistas/imprimir.asp?codigo=58</a> >.
CAVALCANTI, Pihba. <i>A cidadela inventada</i> . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.	nada
CHAMIE, Mario. <i>Pauliceia dilacerada</i> : (monólogo póstumo dialogado de Mario de Andrade). Ribeirão Preto, SP: FUNPEC Editora, 2009.	Mario de Andrade no espelho da ficção. <b>G1</b> , 29 abr. 2010. Entrevista de Luciano Trigo. Disponível em:< <a href="http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2010/04/">http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2010/04/</a> >.
	O poeta Mário Chamie recria o estilo de Mário de Andrade. <b>Jornal do Brasil</b> , 23 nov. 2009. Entrevista de Alvaro Costa e Silva. Disponível em:< <a href="http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2009/10/23/o-poeta-mario-chamie-recria-o-estilo-de-mario-de-andrade/">http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2009/10/23/o-poeta-mario-chamie-recria-o-estilo-de-mario-de-andrade/</a> >.
	O poeta que virou voz na televisão. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 29 ago. 2010. Matéria de Edison Veiga. Disponível em:< <a href="http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,o-poeta-que-virou-voz-na-televisao,601933,0.htm">http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,o-poeta-que-virou-voz-na-televisao,601933,0.htm</a> >.
	Ilusões soterradas sob cal e aço. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 29 set. 2009. Crítica de José Nêumanne. Disponível em:< <a href="http://m.estadao.com.br/noticias/impresso,mobile,437903.htm">http://m.estadao.com.br/noticias/impresso,mobile,437903.htm</a> >.
	Inquieto, Chamie explorou os limites da linguagem poética. <b>Folha de S. Paulo</b> , 06 jul. 2011. Reportagem de Reynaldo Damazio. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0607201113.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0607201113.htm</a> >.
	Fazendo música na corte de D. João. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 13 mar. 2010. Artigo de Julio Medaglia. Disponível em:< <a href="http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,fazendo-musica-na-corte-de-d-joao,523630,0.htm">http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,fazendo-musica-na-corte-de-d-joao,523630,0.htm</a> >.
	Morre Mário Chamie, autor da autobiografia póstuma do modernista. <b>Extra Globo</b> , 03 jul. 2011. Notícia. Disponível em:< <a href="http://extra.globo.com/tv-e-lazer/morre-mario-chamie-autor-da-autobiografia-postuma-do-modernista-2156801.html">http://extra.globo.com/tv-e-lazer/morre-mario-chamie-autor-da-autobiografia-postuma-do-modernista-2156801.html</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	Morre o poeta Mário Chamie. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 04 jul. 2011. Notícia de Ubiratan Brasil. Disponível em:< <a href="http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,morre-o-poeta-mario-chamie,740265,0.htm">http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,morre-o-poeta-mario-chamie,740265,0.htm</a> >.
COIMBRA, David. <i>Canibais</i> . Porto Alegre: L&PM, 2004.	David Coimbra. <b>Desciclopédia</b> . Artigo de curiosidades. Disponível em:< <a href="http://desciclopedia.org.pesquisa.la/wiki/David_Coimbra">http://desciclopedia.org.pesquisa.la/wiki/David_Coimbra</a> >.
	Canibais - David Coimbra. <b>A última canafístula</b> , 18 nov. 2012. Disponível em:< <a href="http://aultimacanafistula.blogspot.com/2012/11/normal-0-21-false-false-false-pt-br-x.html">http://aultimacanafistula.blogspot.com/2012/11/normal-0-21-false-false-false-pt-br-x.html</a> >.
CREMASCO, Marco Aurélio. <i>Santo Reis da Luz Divina</i> . Rio de Janeiro: Record, 2004.	nada
DANTAS, Francisco. <i>Sob o peso das sombras</i> . São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.	A raiz memorialística de Francisco Dantas. <b>Nordeste Web</b> , 05 jun. 2008. Crítica de Maria Hirszman. Disponível em:< <a href="http://www.nordesteweb.com/not10_1203/ne_not_20031204d.htm">http://www.nordesteweb.com/not10_1203/ne_not_20031204d.htm</a> >.
	Sob o peso das sombras – Francisco J. C. Dantas. <b>Catálise Crítica</b> . Resenha em blog de José Leonardo Ribeiro Nascimento. Disponível em:< <a href="http://catalisecritica.wordpress.com/2012/08/04/sob-o-peso-das-sombras-francisco-j-c-dantas/">http://catalisecritica.wordpress.com/2012/08/04/sob-o-peso-das-sombras-francisco-j-c-dantas/</a> >.
	"SOB O PESO DAS SOMBRAS": UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO NO ENSINO MÉDIO. <b>Seminário Sergipano de Estudos Linguísticos e Literários</b> . Artigo acadêmico de Gleide dos Santos Menezes. Disponível em:< <a href="http://anais-sell.blogspot.com.br/2012/11/sob-o-peso-das-sombras_2.html">http://anais-sell.blogspot.com.br/2012/11/sob-o-peso-das-sombras_2.html</a> >.
	OS NOVOS LIVROS DE FRANCISCO J.C. DANTAS. <b>Infonet</b> , 17 mai 2007. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=35331&amp;titulo=Luis_Antonio_Barreto">http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=35331&amp;titulo=Luis_Antonio_Barreto</a> >.
	A FORÇA DA IRONIA NO MEMORIALISMO DE SOB O PESO DAS SOMBRAS. <b>III Fórum de identidades e alteridades</b> , 11 a 13 nov. 2009. Artigo acadêmico de Maria Luzia Oliveira Andrade. Disponível em:< <a href="http://200.17.141.110/forumidentidades/IIIforum/textos/Maria_Luzia_Oliveira_Andrade.pdf">http://200.17.141.110/forumidentidades/IIIforum/textos/Maria_Luzia_Oliveira_Andrade.pdf</a> >.
	A MEMÓRIA COMO UM PONTO CONVERGENTE EM SOB O PESO DAS SOMBRAS. <b>Anais Eletrônicos do IV Seminário Nacional Literatura e Cultura</b> , 03 a 04 mai 2012. Artigo acadêmico de Fábio Júnior Lima Aragão. Disponível em:< <a href="http://200.17.141.110/senalic/IV_senalic/textos_completos_IVSENALIC/TEXTO_IV_SENALIC_9.pdf">http://200.17.141.110/senalic/IV_senalic/textos_completos_IVSENALIC/TEXTO_IV_SENALIC_9.pdf</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	A OPRESSÃO EM SOB O PESO DAS SOMBRAS. <b>Anais do II Seminário Nacional Literatura e Cultura</b> . Artigo acadêmico de Deidiane de Jesus. Disponível em:< <a href="http://200.17.141.110/senalic/II_senalic/textos_completos/Deidiane_de_Jesus.pdf">http://200.17.141.110/senalic/II_senalic/textos_completos/Deidiane_de_Jesus.pdf</a> >.
	A MEMÓRIA NA FICÇÃO DE FRANCISCO DANTAS: cenas da narrativa e do narrador pós-moderno. <b>Academicoo</b> . Artigo acadêmico de Maria Luzia Oliveira Andrade. Disponível em:< <a href="http://www.academicoo.com/artigo/a-memoria-na-ficcao-de-francisco-dantas-cenas-da-narrativa-e-do-narrador-pos-moderno">http://www.academicoo.com/artigo/a-memoria-na-ficcao-de-francisco-dantas-cenas-da-narrativa-e-do-narrador-pos-moderno</a> >.
	À sombra dos pobres diabos. <b>Folha de S. Paulo</b> , 29 jan. 2005. Crítica de Fábio de Souza Andrade. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2901200510.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2901200510.htm</a> >.
	Dantas. O olhar preciso. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 27 mai 2012. Notícia de Ubiratan Brasil. Disponível em:< <a href="http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,dantas-o-olhar-preciso,878578,0.htm">http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,dantas-o-olhar-preciso,878578,0.htm</a> >.
	A FRAGMENTAÇÃO DO ENREDO NA OBRA SOB O PESO DAS SOMBRAS. <b>Anais do II Seminário Nacional Literatura e Cultura</b> . Artigo acadêmico de Adriana Araújo de Souza. Disponível em:< <a href="http://200.17.141.110/senalic/II_senalic/textos_completos/Adriana_Araujo_de_Souza.pdf">http://200.17.141.110/senalic/II_senalic/textos_completos/Adriana_Araujo_de_Souza.pdf</a> >.
	Sergipano J. C. Dantas une crueldade e humilhação em seu sexto romance, <b>Folha de S. Paulo</b> , 19 mai 2012. Artigo de Nelson de Oliveira. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/43649-sergipano-j-c-dantas-une-crueldade-e-humilhacao-em-seu-sexto-romance.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/43649-sergipano-j-c-dantas-une-crueldade-e-humilhacao-em-seu-sexto-romance.shtml</a> >.
	A IDENTIDADE DO NARRADOR EM FRANCISCO DANTAS. ITABAIANA: <b>GEPIADDE</b> , Ano 5, Volume 9, jan. a jun. 2011. Artigo acadêmico de Joseana Souza da Fonsêca. Disponível em:< <a href="http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_9/FORUM_V9_14.pdf">http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_9/FORUM_V9_14.pdf</a> >.
FALCÃO, Adriana. <i>Sonho de uma noite de verão</i> . Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.	Adriana falcão. <b>Sempre um papo</b> . Entrevista. Disponível em:< <a href="http://www.sempreumpapo.com.br/mondolivro/?page_id=691">http://www.sempreumpapo.com.br/mondolivro/?page_id=691</a> >.
	DICA DE LEITURA. <b>Prefeitura Municipal de Passo Fundo - RS</b> . Nota divulgação de Ivânia Campigotto Aquino. Disponível em:< <a href="http://www.pmpf.rs.gov.br/files/leitura_sonho_noite_verao.pdf">http://www.pmpf.rs.gov.br/files/leitura_sonho_noite_verao.pdf</a> >.
	Entrevista com Adriana Falcão. <b>Overmundo</b> , 25 jul. 2007. Entrevista de Gabi Cuzzuol. Disponível em:< <a href="http://www.overmundo.com.br/overblog/entrevista-com-adriana-falcao">http://www.overmundo.com.br/overblog/entrevista-com-adriana-falcao</a> >.
	Jogo 6 – Maisquememória x Sonho de uma noite de verão. <b>Copa de literatura</b> , 06 out. 2008. Matéria. Disponível em:< <a href="http://copadeliteratura.com.br/index.php/clb2008/jogo-6-maisquememoria-x-sonho-de-uma-noite-de-verao">http://copadeliteratura.com.br/index.php/clb2008/jogo-6-maisquememoria-x-sonho-de-uma-noite-de-verao</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	CARNAVAL BAIANO: QUATRO DIAS DE VALE-TUDO NO SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO. <b>ABRALIC</b> . Artigo acadêmico de Concísia Lopes dos Santos. Disponível em:< <a href="http://anais.abralic.org.br/trabalhos/599684ad9b5d8fa5802278e893e21628_261_70_.pdf">http://anais.abralic.org.br/trabalhos/599684ad9b5d8fa5802278e893e21628_261_70_.pdf</a> >.
	Vitrine. <b>Folha de S. Paulo</b> , 07 abr. 2007. Nota. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0704200717.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0704200717.htm</a> >.
	Walcyr Carrasco e Adriana Falcão participam de evento literário. <b>Futrico</b> , 15 maio 2008. Notícia de Rogério Mendes. Disponível em:< <a href="http://www.futrico.com.br/ler.php?id=9643">http://www.futrico.com.br/ler.php?id=9643</a> >.
FERREIRA, Luzilá Ferreira. <i>No tempo frágil das horas</i> . Rio de Janeiro: Rocco, 2003.	No Tempo Frágil das Horas. <b>Interpoética</b> , início de 2004. Crítica de Lourival Holanda. Disponível em:< <a href="http://interpoetica.com/site/index.php?option=com_content&amp;view=article&amp;id=710&amp;catid=0">http://interpoetica.com/site/index.php?option=com_content&amp;view=article&amp;id=710&amp;catid=0</a> >.
	Luzilá Gonçalves. <b>O Nordeste</b> . Entrevista. Disponível em:< <a href="http://onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Luzil%C3%A1+Gon%C3%A7alves&amp;ltr=L&amp;id_perso=601">http://onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Luzil%C3%A1+Gon%C3%A7alves&amp;ltr=L&amp;id_perso=601</a> >.
	Um dedo de prosa com Luzilá Gonçalves Ferreira. <b>Estudos lusófanos</b> , 15 set. 2012. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://etudeslusophonesparis4.blogspot.com.br/2012/09/um-dedo-de-prosa-com-luzila-golcalves.html">http://etudeslusophonesparis4.blogspot.com.br/2012/09/um-dedo-de-prosa-com-luzila-golcalves.html</a> >.
	Livro resgata vocação trágica feminina. <b>Diário de Pernambuco</b> . Crítica. Disponível em:< <a href="http://www.old.pernambuco.com/diario/2003/09/25/viver15_0.html">http://www.old.pernambuco.com/diario/2003/09/25/viver15_0.html</a> >.
FERRONI, Marcelo. <i>Método prático da guerrilha</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 2010.	Festival da Mantiqueira reúne na Serra escritores e vencedores do Prêmio São Paulo de Literatura 2011. <b>IG</b> , 24 maio 2012. Notícia de Mona Dorf. Disponível em:< <a href="http://colunistas.ig.com.br/monadorf/tag/metodo-pratico-da-guerrilha/?doing_wp_cron">http://colunistas.ig.com.br/monadorf/tag/metodo-pratico-da-guerrilha/?doing_wp_cron</a> >.
	Método Prático da Guerrilha - Marcelo Ferroni. <b>Espanadores</b> , 27 jun. 2011. texto em blog. Disponível em:< <a href="http://espanadores.blogspot.com.br/2011/06/metodo-pratico-da-guerrilha-marcelo.html">http://espanadores.blogspot.com.br/2011/06/metodo-pratico-da-guerrilha-marcelo.html</a> >.
	Trailer: Método prático da guerrilha, de Marcelo Ferroni. <b>YouTube</b> , abr. 2010. Vídeo de divulgação. Disponível em:< <a href="http://www.youtube.com/watch?v=5FLnkYR9Pg8">http://www.youtube.com/watch?v=5FLnkYR9Pg8</a> >.
	Rubens Figueiredo e Marcelo Ferroni vencem Prêmio São paulo de Literatura. <b>Revista Veja</b> , 02 ago. 2011. Notícia. Disponível em:< <a href="http://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/veja-meus-livros/rubens-figueiredo-e-marcelo-ferroni-vencem-premio-sao-paulo-de-literatura/">http://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/veja-meus-livros/rubens-figueiredo-e-marcelo-ferroni-vencem-premio-sao-paulo-de-literatura/</a> >.
	Rubens Figueiredo e Marcelo Ferroni vencem Prêmio SP de Literatura. <b>O Globo</b> , 01 ago. 2011. Notícia de Marcia Abos. Disponível em:< <a href="http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2011/08/01/rubens-figueiredo-marcelo-ferroni-vencem-premio-sp-de-literatura-395856.asp">http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2011/08/01/rubens-figueiredo-marcelo-ferroni-vencem-premio-sp-de-literatura-395856.asp</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	<p>“Método Prático da Guerrilha”. <b>Mundo fantasma</b>, 09 fev 2011. Resenha em blog de Bráulio Tavares. Disponível em:&lt;<a href="http://mundofantasma.blogspot.com.br/2011/02/2475-metodo-pratico-da-guerrilha-922011.html">http://mundofantasma.blogspot.com.br/2011/02/2475-metodo-pratico-da-guerrilha-922011.html</a>&gt;.</p>
	<p>Vencedor do prêmio São Paulo de Literatura, Marcelo Ferroni fala sobre seu livro. <b>Jornal do Brasil</b>, 16 ago. 2011. Entrevista de Luisa Bustamante. Disponível em:&lt;<a href="http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2011/08/16/vencedor-do-premio-sao-paulo-de-literatura-marcelo-ferroni-fala-sobre-seu-livro/">http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2011/08/16/vencedor-do-premio-sao-paulo-de-literatura-marcelo-ferroni-fala-sobre-seu-livro/</a>&gt;.</p>
	<p>Rubens Figueiredo e Marcelo Ferroni: conheça os vencedores do Prêmio São Paulo de Literatura. <b>Colherada cultural</b>, 06 ago 2011. Notícia de Martha Lopes. Disponível em:&lt;<a href="http://www.colheradacultural.com.br/content/2011080601112.000.4-N-rubens-figueiredo-e-marcelo-ferroni-conheca-os-vencedores-do-premio-sao-paulo-de-literatura.php">http://www.colheradacultural.com.br/content/2011080601112.000.4-N-rubens-figueiredo-e-marcelo-ferroni-conheca-os-vencedores-do-premio-sao-paulo-de-literatura.php</a>&gt;.</p>
	<p>RUBENS FIGUEIREDO E MARCELO FERRONI VENCEM PRÊMIO SÃO PAULO. <b>Jornal Rascunho</b>. Notícia. Disponível em:&lt;<a href="http://rascunho.gazetadopovo.com.br/noticia/rubens-figueiredo-e-marcelo-ferroni-vencem-premio-sao-paulo/">http://rascunho.gazetadopovo.com.br/noticia/rubens-figueiredo-e-marcelo-ferroni-vencem-premio-sao-paulo/</a>&gt;.</p>
	<p>Método Prático da Guerrilha. <b>O Escritor japim</b>, 23 abr. 2011. Entrevista de Marcelo Vassallo. Disponível em:&lt;<a href="http://ramonbarbosaf Franco.blogspot.com.br/2011/04/metodo-pratico-da-guerrilha.html">http://ramonbarbosaf Franco.blogspot.com.br/2011/04/metodo-pratico-da-guerrilha.html</a>&gt;.</p>
	<p>Rubens Figueiredo e Marcelo Ferroni vencem o Prêmio SP de Literatura. <b>Folha de S. Paulo</b>, 02 ago 2011. Notícia. Disponível em:&lt;<a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0208201121.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0208201121.htm</a>&gt;</p>
	<p>Algumas pílulas sobre a FLIP. <b>G1</b>, 09 jul. 2011. Notícia de Luciano Trigo. Disponível em:&lt;<a href="http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2011/07/09/pilulas-sobre-a-flip/">http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2011/07/09/pilulas-sobre-a-flip/</a>&gt;.</p>
	<p>Em alto-mar. <b>Jornal Rascunho</b>. Entrevista de Rogério Pereira. Disponível em:&lt;<a href="http://rascunho.gazetadopovo.com.br/em-alto-mar/">http://rascunho.gazetadopovo.com.br/em-alto-mar/</a>&gt;.</p>
	<p>Rubens Figueiredo e Marcelo Ferroni ganham Prêmio São Paulo de Literatura. <b>Folha de S. Paulo</b>, 01 ago. 2011. Notícia de Fábio Victor Marco Almeida. Disponível em:&lt;<a href="http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/953025-rubens-figueiredo-e-marcelo-ferroni-ganham-premio-sao-paulo-de-literatura.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/953025-rubens-figueiredo-e-marcelo-ferroni-ganham-premio-sao-paulo-de-literatura.shtml</a>&gt;.</p>
	<p>A literatura pode contar uma história melhor que a história?. <b>Revista Veja</b>, 10 jul. 2011. Comentário de Sérgio Rodrigues. Disponível em:&lt;<a href="http://veja.abril.com.br/blog/todoprosa/sem-categoria/a-literatura-pode-contar-a-historia-melhor-que-a-historia/">http://veja.abril.com.br/blog/todoprosa/sem-categoria/a-literatura-pode-contar-a-historia-melhor-que-a-historia/</a>&gt;.</p>
	<p>Comandante Che Guevara. <b>Que mal lhe pergunte</b>, 16 set. 2011. Texto em blog de Athos Ronaldo Miralha da Cunha. Disponível em:&lt;<a href="http://quemallhepergunte.blogspot.com.br/2011/09/comandante-che-guevara.html">http://quemallhepergunte.blogspot.com.br/2011/09/comandante-che-guevara.html</a>&gt;.</p>

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	Entre fatos e invenções. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 29 nov. 2010. Crítica de Raquel Cozer. Disponível em:< <a href="http://blogs.estadao.com.br/a-biblioteca-de-raquel/2010/11/29/entre-fatos-e-invencoes/?doing_wp_cron=1366752195.8293240070343017578125">http://blogs.estadao.com.br/a-biblioteca-de-raquel/2010/11/29/entre-fatos-e-invencoes/?doing_wp_cron=1366752195.8293240070343017578125</a> >.
	Textos e autores da Granta - Os Melhores Jovens Escritores Brasileiros. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 13 jul. 2012. Notícia de Cristhiano Aguiar. Disponível em:< <a href="http://www.estadao.com.br/noticias/arteeazer,textos-e-autores-da-granta--os-melhores-jovens-escritores-brasileiros,899937,0.htm">http://www.estadao.com.br/noticias/arteeazer,textos-e-autores-da-granta--os-melhores-jovens-escritores-brasileiros,899937,0.htm</a> >.
FONSECA, Aleilton. <i>Nhô Guimarães</i> . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.	Nhô Guimarães - Aleilton Fonseca. <b>Jornal de Poesia</b> . Artigo. Disponível em:< <a href="http://www.jornaldepoesia.jor.br/ReleaseGuimar%C3%A3es.pdf">http://www.jornaldepoesia.jor.br/ReleaseGuimar%C3%A3es.pdf</a> >.
	NHÔ GUIMARÃES NAS VEREDAS DA MEMÓRIA: RECORDAÇÕES DE UMA NARRADORA SERTANEJA. <b>UEL</b> . Artigo acadêmico de Normeide da Silva Rios. Disponível em:< <a href="http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL8BArt02.pdf">http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL8BArt02.pdf</a> >.
	Uma volta no sertão com Aleilton Fonseca: Nhô Guimarães. <b>Peregrina Cultural</b> , 07 ago. 2008. Resenha em blog. Disponível em:< <a href="http://peregrinacultural.wordpress.com/2008/08/07/uma-volta-no-sertao-com-aleilton-fonseca-nho-guimaraes/">http://peregrinacultural.wordpress.com/2008/08/07/uma-volta-no-sertao-com-aleilton-fonseca-nho-guimaraes/</a> >.
	NHÔ GUIMARÃES - Aleilton Fonseca. <b>Moedoteca</b> , 27 fev. 2008. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://moedoteca.blogspot.com.br/2008/02/nh-guimares-aleilton-fonseca.html">http://moedoteca.blogspot.com.br/2008/02/nh-guimares-aleilton-fonseca.html</a> >.
	NHÔ GUIMARÃES PELOS GERAIS*. <b>Carlos Ribeiro escritor</b> . Texto em site pessoal de Carlos Ribeiro. Disponível em:< <a href="http://www.carlosribeiroescritor.com.br/recomenda_nhoguimaraes.htm">http://www.carlosribeiroescritor.com.br/recomenda_nhoguimaraes.htm</a> >.
	A VINGANÇA DO SERTANEJO NO ROMANCE NHÔ GUIMARÃES DE ALEILTON FONSECA. <b>Uel</b> . Artigo acadêmico de Helder Santos Rocha, Márcio Roberto Soares Dias. Disponível em:< <a href="http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/view/812">http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/view/812</a> >.
	Obras de Aleilton Fonseca serão debatidas em colóquio na França e Alemanha. <b>Jornal Folha do Estado</b> , 26 fev. 2013. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www.jornalfolhadoestado.com/noticias/10666/obras-de-aleilton-fonseca-serao-debatidas-em-coloquio-na-franca-e-alemanha">http://www.jornalfolhadoestado.com/noticias/10666/obras-de-aleilton-fonseca-serao-debatidas-em-coloquio-na-franca-e-alemanha</a> >.
	Obras de Aleilton Fonseca serão debatidas em colóquio na França e Alemanha. <b>Secretaria de Comunicação Social da Bahia</b> , 24 fev. 2013. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www.comunicacao.ba.gov.br/noticias/2013/02/24/obras-de-aleilton-fonseca-sao-debatidas-na-franca-e-alemanha">http://www.comunicacao.ba.gov.br/noticias/2013/02/24/obras-de-aleilton-fonseca-sao-debatidas-na-franca-e-alemanha</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	Romances de Aleilton Fonseca são estudados em evento na Sorbonne. Blog <b>Academia de Letras da Bahia</b> , 18 fev. 2013. Disponível em:< <a href="http://academiadeletrasdabahia.org.br/blog/?p=2457">http://academiadeletrasdabahia.org.br/blog/?p=2457</a> >.
	NAS VEREDAS DA ESCRITA PÓS-MODERNA: UMA LEITURA DE FAMIGERADO E NHÔ GUIMARÃES. <b>Anais do II Seminário Nacional Literatura e Cultura</b> . Artigo acadêmico de Gildeone dos Santos Oliveira. Disponível em:< <a href="http://200.17.141.110/senalic/II_senalic/textos_completos/Gildeone_dos_Santos_Oliveira.pdf">http://200.17.141.110/senalic/II_senalic/textos_completos/Gildeone_dos_Santos_Oliveira.pdf</a> >.
	Nhô Guimarães. Digestivo Cultural, 26 jan. 2007. <b>Resenha de Rafael Rodrigues</b> . Disponível em:< <a href="http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2185&amp;titulo=Nho_Guimaraes">http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2185&amp;titulo=Nho_Guimaraes</a> >.
	Euclides e Canudos por Aleilton Fonseca. <b>O Globo</b> , 17 ago. 2008. Entrevista de Mànya Millen. Disponível em:< <a href="http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2009/08/17/euclides-canudos-por-aleilton-fonseca-214637.asp">http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2009/08/17/euclides-canudos-por-aleilton-fonseca-214637.asp</a> >.
	A TRANSTEXTUALIDADE NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ROMANCE NHÔ GUIMARÃES, DO ESCRITOR BAIANO ALEILTON FONSECA. <b>Filologia</b> . Artigo acadêmico de Adna Evangelista Couto dos Santos; Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz. Disponível em:< <a href="http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/resumos/a_transtextualidade_no_processo_de_criacao_ADNA.pdf">http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/resumos/a_transtextualidade_no_processo_de_criacao_ADNA.pdf</a> >.
	UMA ANÁLISE CRÍTICO-GENÉTICA DO CAPÍTULO 2, O SERTÃO VEM A MIM, DA OBRA NHÔ GUIMARÃES, DE ALEILTON FONSECA. <b>IV ENAPEL</b> . Artigo acadêmico de Adna Evangelista Couto dos Santos, Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz. Disponível em:< <a href="http://www2.uefs.br/enapel/files/4enapel_anais.p9-22.pdf">http://www2.uefs.br/enapel/files/4enapel_anais.p9-22.pdf</a> >.
	Professor Aleilton Fonseca da Uefs recebe homenagem na Ufba. <b>Universia</b> , 10 set. 2009. Notícia. Disponível em:< <a href="http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2009/09/10/416054/professor-aleilton-fonseca-da-uefs-recebe-homenagem-na-ufba.html">http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2009/09/10/416054/professor-aleilton-fonseca-da-uefs-recebe-homenagem-na-ufba.html</a> >.
FORTES, Leandro. <i>Fragmentos da Grande Guerra</i> . Rio de Janeiro: Record, 2004.	“Fragmentos da Grande Guerra”. Revista Ecoturismo, 14 ago. 2008. <b>Comentário</b> . Disponível em:< <a href="http://revistaecoturismo.com.br/turismo-sustentabilidade/ed-174-%E2%80%9Cfragmentos-da-grande-guerra%E2%80%9D/&gt;">http://revistaecoturismo.com.br/turismo-sustentabilidade/ed-174-%E2%80%9Cfragmentos-da-grande-guerra%E2%80%9D/&gt;</a> .
	Sob a névoa da guerra. <b>Revista Época</b> . Crítica de Luís Antônio Giron. Disponível em:< <a href="http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR65708-6011,00.html">http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR65708-6011,00.html</a> >.
	DA NARRATIVA AO ROMANCE: A PROSA DA GUERRA DO PARAGUAI NOS LIMITES DA FICÇÃO (HISTÓRICA) CONTEMPORÂNEA. <b>UFPR</b> , 2006. Tese de Naira de Almeida Nascimento. Disponível em:< <a href="http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/16923/Tese%20-%20Elementos%20pr%C3%A9-textuais.pdf?sequence=2">http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/16923/Tese%20-%20Elementos%20pr%C3%A9-textuais.pdf?sequence=2</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

FURTADO, Jorge. <i>Trabalhos de amor perdido</i> . Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.	Trabalhos de Amor Perdidos. <b>Istoé Gente</b> . Crítica de Dirceu Alves Jr. Disponível em:< <a href="http://www.terra.com.br/istoegente/344/diversao_arte/livros_trabalhos_amor_perdido.htm">http://www.terra.com.br/istoegente/344/diversao_arte/livros_trabalhos_amor_perdido.htm</a> >.
	Trabalhos de Jorge. <b>Hamaca de Poti</b> , 02 dez. 2009. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://hamacadepoti.blogspot.com.br/2009/12/trabalhos-de-jorgte.html">http://hamacadepoti.blogspot.com.br/2009/12/trabalhos-de-jorgte.html</a> >.
	Jorge Furtado devora Shakespeare. <b>Recanto das Letras</b> , 02 jan. 2011. Resenha de Norma de Souza Lopes. Disponível em:< <a href="http://www.recantodasletras.com.br/resenhasdelivros/2704282">http://www.recantodasletras.com.br/resenhasdelivros/2704282</a> >.
	Trabalhos de amor perdidos, de Jorge Furtado. <b>Revide</b> , 12 mar. 2010. Resenha de Eduardo Araújo. Disponível em:< <a href="http://revide.blogspot.com.br/2010/12/trabalhos-de-amor-perdido-de-jorge.html">http://revide.blogspot.com.br/2010/12/trabalhos-de-amor-perdido-de-jorge.html</a> >.
GLEISER, Marcelo. <i>A harmonia do mundo</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 2006.	Marcelo gleiser A Harmonia do Mundo, <b>Mágica Livros</b> . Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://magicalivros.blogspot.com.br/2009/09/marcelo-gleiser-harmonia-do-mundo.html">http://magicalivros.blogspot.com.br/2009/09/marcelo-gleiser-harmonia-do-mundo.html</a> >.
	Eles leram Confira as opiniões sobre o novo livro de Marcelo Gleiser - A Harmonia do Mundo. <b>Revista Época</b> . Comentário. Disponível em:< <a href="http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR75014-5856,00.html">http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR75014-5856,00.html</a> >.
	Nossas origens cósmicas: somos poeira das estrelas. <b>Blog do Gutenberg</b> , 28 dez. 2012. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://blogdogutenberg.blogspot.com.br/2012/12/nossas-origens-cosmicas-somos-poeira_28.html">http://blogdogutenberg.blogspot.com.br/2012/12/nossas-origens-cosmicas-somos-poeira_28.html</a> >.
	A harmonia do mundo, de Marcelo Gleiser. <b>O Globo</b> , 19 jan. 2009. Resenha. Disponível em:< <a href="http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2007/01/19/a-harmonia-do-mundo-de-marcelo-gleiser-46363.asp">http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2007/01/19/a-harmonia-do-mundo-de-marcelo-gleiser-46363.asp</a> >.
	Harmonia do Mundo, de Marcelo Gleiser. <b>Alvaro Augusto</b> , 27 ago. 2006. Texto em blog de Álvaro Augusto. Disponível em:< <a href="http://alvaroaugusto.blogspot.com.br/2006/08/harmonia-do-mundo-de-marcelo-gleiser.html">http://alvaroaugusto.blogspot.com.br/2006/08/harmonia-do-mundo-de-marcelo-gleiser.html</a> >.
	A Harmonia do Mundo – Marcelo Gleiser. <b>Cogitamundo</b> , 16 maio 2009. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://cogitamundo.wordpress.com/2009/05/16/a-harmonia-do-mundo-marcelo-gleiser/">http://cogitamundo.wordpress.com/2009/05/16/a-harmonia-do-mundo-marcelo-gleiser/</a> >.
	A harmonia do mundo. <b>Com Ciência</b> , 09 ago 2007. Artigo de Rodrigo Cunha. Disponível em:< <a href="http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&amp;edicao=27&amp;tipo=resenha">http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&amp;edicao=27&amp;tipo=resenha</a> >.
	Marcelo Gleiser discute o desafio da imortalidade. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 26 ago. 2006. Resenha. Disponível em:< <a href="http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2006/not20060823p3447.htm">http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2006/not20060823p3447.htm</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	A Harmonia do mundo. <b>Revista Época</b> . Crítica de Eliane Brum. Disponível em:< <a href="http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/1,,EDG74976-6014,00.html">http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/1,,EDG74976-6014,00.html</a> >.
GONÇALVES, Ana Maria. <i>Um defeito de cor</i> . Rio de Janeiro: Record, 2006.	Um defeito de cor, Ana Maria Gonçalves. <b>Letras e livros</b> . Resenha. Disponível em:< <a href="http://www.letraselivros.com.br/livros/2092-um-defeito-de-cor-ana-maria-goncalves-.html">http://www.letraselivros.com.br/livros/2092-um-defeito-de-cor-ana-maria-goncalves-.html</a> >.
	Resumo da mesa “A Cidade como Personagem: Cachoeira em ‘Um Defeito de Cor’” – Ana Maria Gonçalves. <b>Ficção Oficial</b> , 21 out. 2011. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://flicaoficial.blogspot.com.br/2011/10/resumo-da-mesa-cidade-como-personagem.html">http://flicaoficial.blogspot.com.br/2011/10/resumo-da-mesa-cidade-como-personagem.html</a> >.
	Um defeito de cor, Ana Maria Gonçalves, <b>Record</b> , 2007. Humanarte. Artigo. Disponível em:< <a href="http://www.humanarte.net/goncalves-defeitodecor.pdf">http://www.humanarte.net/goncalves-defeitodecor.pdf</a> >.
GONÇALVES, Regina e ROSA, Regis Lima de Almeida. <i>D. Pedro II e o jornalista Koseritz</i> . Rio de Janeiro: Viajante do Tempo, 2010.	Resenha: D. Pedro II e o Jornalista Koseritz. Garota do livro, 19 out. 2012. Resenha em blog. Disponível em:< <a href="http://livrodagarota.blogspot.com.br/2012/10/resenha-d-pedro-ii-e-o-jornalista.html">http://livrodagarota.blogspot.com.br/2012/10/resenha-d-pedro-ii-e-o-jornalista.html</a> >.
	D.Pedro II e o jornalista Koseritz. <b>Momento do livro</b> , 21 abr. 2010. Resenha. Disponível em:< <a href="http://momentodolivro.blogspot.com.br/2010/04/dpedro-ii-e-o-jornalista-koseritz.html">http://momentodolivro.blogspot.com.br/2010/04/dpedro-ii-e-o-jornalista-koseritz.html</a> >.
HATOUM, Milton. <i>Cinzas do norte</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 2005.	O norte é aqui. <b>Almir de Freitas</b> , set 2005. Artigo de Almir de Freitas. Disponível em:< <a href="http://www.almirdefreitas.com/almir/Cinzas_do_Norte___Milton_Hatoum.html">http://www.almirdefreitas.com/almir/Cinzas_do_Norte___Milton_Hatoum.html</a> >.
	Resenha: Cinzas do Norte – Milton Hatoum. <b>Homoliteratus</b> , 02 mar 2013. Resenha de Vilto Reis. Disponível em:< <a href="http://homoliteratus.com/resenha-cinzas-do-norte-milton-hatoum/">http://homoliteratus.com/resenha-cinzas-do-norte-milton-hatoum/</a> >.
	Cinzas do Norte – Milton Hatoum. <b>Recanto das Letras</b> , 11 out. 2008. Resenha de Maria Olímpia Alves de Melo. Disponível em:< <a href="http://www.recantodasletras.com.br/resenhasdelivros/1222300">http://www.recantodasletras.com.br/resenhasdelivros/1222300</a> >.
	Em "Cinzas do Norte", Milton Hatoum esboça história moral de sua geração. <b>Livraria da Folha</b> , 24 ago. 2010. Release. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/787916-em-cinzas-do-norte-milton-hatoum-esboça-historia-moral-de-sua-geracao.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/787916-em-cinzas-do-norte-milton-hatoum-esboça-historia-moral-de-sua-geracao.shtml</a> >.
	Destinos danados. <b>Entrelivros</b> , 01 out. 2005. Crítica de Daniel Piza. Disponível em:< <a href="http://www2.uol.com.br/entrelivros/noticias/destinos_danados.html">http://www2.uol.com.br/entrelivros/noticias/destinos_danados.html</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	Cinzas do Norte – Milton Hatoum. <b>Lista de livros</b> , 16 jun. 2009. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://listadelivros-doney.blogspot.com.br/2009/06/cinzas-do-norte-milton-hatoum.html">http://listadelivros-doney.blogspot.com.br/2009/06/cinzas-do-norte-milton-hatoum.html</a> >.
	Milton Hatoum, entre exílios e paixões. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 15 jul 2011. Entrevista de Daniel Piza. Disponível em:< <a href="http://blogs.estadao.com.br/daniel-piza/milton-hatoum-entre-exilios-e-paixoes/">http://blogs.estadao.com.br/daniel-piza/milton-hatoum-entre-exilios-e-paixoes/</a> >.
	Milton Hatoum e Ruy Castro ganham Prêmio Jabuti. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 14 set. 2006. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2006/not20060914p3473.htm">http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2006/not20060914p3473.htm</a> >.
	Cinzas do Norte, Milton Hatoum. <b>Convite a literatura</b> , 11 ago 2011. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://convitealiteratura.blogspot.com.br/2011_08_01_archive.html">http://convitealiteratura.blogspot.com.br/2011_08_01_archive.html</a> >.
____. <i>Órfãos do Eldorado</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 2008	Órfãos do Eldorado. <b>Moedoteca</b> . Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://moedoteca.blogspot.com.br/2008/04/rfos-do-eldorado-milton-hatoum-editora.html">http://moedoteca.blogspot.com.br/2008/04/rfos-do-eldorado-milton-hatoum-editora.html</a> >.
	Órfãos do Eldorado – Milton Hatoum. <b>Leitura e Escita</b> , 07 ago. 2012. Artigo. Disponível em:< <a href="http://leituraescrita.com.br/2012/08/07/orfaos-do-eldorado-milton-hatoum/">http://leituraescrita.com.br/2012/08/07/orfaos-do-eldorado-milton-hatoum/</a> >.
	Órfãos do Eldorado - Milton Hatoum/vestibular UNIR 2009. <b>Um questo de estilo</b> , 02 jul. 2009. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://reda-umquestodeestilo.blogspot.com.br/2009/07/orfaos-do-eldorado-milton.html">http://reda-umquestodeestilo.blogspot.com.br/2009/07/orfaos-do-eldorado-milton.html</a> >.
	Órfãos do Eldorado - Milton Hatoum. <b>Vacatussa</b> , 01 nov. 2008. Resenha de Aline Arroxelas. Disponível em:< <a href="http://www.vacatussa.com/2008/11/orfaos-do-eldorado-milton-hatoum/">http://www.vacatussa.com/2008/11/orfaos-do-eldorado-milton-hatoum/</a> >.
	Perseguindo o sonho, Milton Hatoum em Órfãos do Eldorado. <b>Peregrina cultural</b> . Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://peregrinacultural.wordpress.com/2008/08/04/perseguindo-o-sonho-milton-hatoum-em-orfaos-do-eldorado/">http://peregrinacultural.wordpress.com/2008/08/04/perseguindo-o-sonho-milton-hatoum-em-orfaos-do-eldorado/</a> >.
	A FUNÇÃO DA TRANSPOSIÇÃO DOS MITOS EM ÓRFÃOS DO ELDORADO DE MILTON HATOUM. <b>Uniandrade</b> . Dissertação de Lucimara Regina de Souza Vasconcelos. Disponível em:< <a href="http://www.uniandrade.br/mestrado/pdf/bancas/2008-lucimara_regina.pdf">http://www.uniandrade.br/mestrado/pdf/bancas/2008-lucimara_regina.pdf</a> >.
	"Órfãos do Eldorado", de Milton Hatoum, ganha tradução para o inglês. <b>Folha de S. Paulo</b> , 16 dez. 2009. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u667445.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u667445.shtml</a> >.
	Órfãos do Eldorado. <b>Cogitamundo</b> . Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://cogitamundo.wordpress.com/2009/01/21/orfaos-do-eldorado/">http://cogitamundo.wordpress.com/2009/01/21/orfaos-do-eldorado/</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	ÓRFÃOS DO ELDORADO. <b>Nenei Fontes</b> , 11 nov. 2010. Texto em blog de Nenei Fontes. Disponível em:< <a href="http://neneifontes.blogspot.com.br/2010/11/orfaos-do-eldorado.html">http://neneifontes.blogspot.com.br/2010/11/orfaos-do-eldorado.html</a> >.
	Naufrágio da tradição. <b>Folha de S. Paulo</b> , 06 abr. 2008. Crítica de Luiz Costa Lima. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0604200812.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0604200812.htm</a> >.
INOUE, Ryoki. <i>Saga</i> . São Paulo: Globo, 2006.	OBSERVAÇÕES SOBRE MISTIÇAGEM E PRECONCEITO CULTURAL NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA NIPO-BRASILEIRA. <b>Desmedida – Revista da Pós-Graduação em Literatura da UNITAU</b> . Artigo acadêmico de Erika Horigoshi. Disponível em:< <a href="http://periodicos.unitau.br/ojs-2.2/index.php/desmedida/article/viewFile/1145/785">http://periodicos.unitau.br/ojs-2.2/index.php/desmedida/article/viewFile/1145/785</a> >.
	Brasileiro é recordista mundial em publicações. <b>Reportagens</b> . Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://reportagens.wordpress.com/tag/ryoki-2/">http://reportagens.wordpress.com/tag/ryoki-2/</a> >.
JAPIASSU, Moacir. <i>Concerto para paixão e desatino</i> . São Paulo: Francis, 2003.	Trechos do livro <i>Concerto para Paixão e Desatino</i> , de Moacir Japiassu. <b>Revista Época</b> . Trecho do livro. Disponível em:< <a href="http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT645352-1655,00.html">http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT645352-1655,00.html</a> >.
	Moacir Japiassu fala sobre "Concerto Para Paixão e Desatino". <b>Uma coisa e outra</b> . Entrevista. Disponível em:< <a href="http://www.umacoisaeoutra.com.br/literatura/isaias.htm">http://www.umacoisaeoutra.com.br/literatura/isaias.htm</a> >.
	Trechos do livro <i>Concerto para Paixão e Desatino</i> , de Moacir Japiassu. <b>Revista Quem</b> . Trecho do livro. Disponível em:< <a href="http://revistaquem.globo.com/Revista/Quem/0,,EMI41739-9531,00-TRECHOS+DO+LIVRO+ICONCERTO+PARA+PAIXAO+E+DE+SATINOI+DE+MOACIR+JAPIASSU.html">http://revistaquem.globo.com/Revista/Quem/0,,EMI41739-9531,00-TRECHOS+DO+LIVRO+ICONCERTO+PARA+PAIXAO+E+DE+SATINOI+DE+MOACIR+JAPIASSU.html</a> >.
_____. <i>Quando alegre partiste</i> . São Paulo: Francis, 2004a.	Moacir Japiassu: um romance dos anos de chumbo. <b>Uma coisa e outra</b> . Entrevista de Atier Basilio. Disponível em:< <a href="http://www.umacoisaeoutra.com.br/literatura/Moacir1.htm">http://www.umacoisaeoutra.com.br/literatura/Moacir1.htm</a> >.
_____. <i>A Santa do cabaré</i> . São Paulo: Francis, 2004b.	A Santa do Cabaré. <b>Uma coisa e outra</b> . Resenha de Fábio Lucas. Disponível em:< <a href="http://www.umacoisaeoutra.com.br/literatura/santa.htm">http://www.umacoisaeoutra.com.br/literatura/santa.htm</a> >.
	A SANTA DO CABARÉ. <b>Rcélia Mendonça</b> . Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://rceliamendonca.wordpress.com/2010/02/03/a-santa-do-cabare/">http://rceliamendonca.wordpress.com/2010/02/03/a-santa-do-cabare/</a> >.
	Moacir Japiassu fala sobre A Santa do Cabaré. <b>Uma coisa e outra</b> . Entrevista de André Nigri. Disponível em:< <a href="http://www.umacoisaeoutra.com.br/literatura/moacir.htm">http://www.umacoisaeoutra.com.br/literatura/moacir.htm</a> >.
	Crítica epistolar sobre "A Santa do Cabaré", de Moacir Japiassu. <b>Uma coisa e outra</b> . Crítica de Marcos de Castro. Disponível em:< <a href="http://www.umacoisaeoutra.com.br/literatura/mcastro.htm">http://www.umacoisaeoutra.com.br/literatura/mcastro.htm</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

LAGE, Cláudia. <i>Mundos de Eufrásia</i> . Rio de Janeiro: Record, 2009.	A amante de Joaquim Nabuco. <b>Revista Crescer</b> . Artigo de Marcelo Cunha Bueno. Disponível em:< <a href="http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI83013-15565,00-A+AMANTE+DE+JOAQUIM+NABUCO.html">http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI83013-15565,00-A+AMANTE+DE+JOAQUIM+NABUCO.html</a> >.
	Termômetros de uma era veloz. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 25 jul. 2009. Crítica de Lilia Moritz Schwarcz. Disponível em:< <a href="http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,termometros-de-uma-era-veloz,408355,0.htm">http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,termometros-de-uma-era-veloz,408355,0.htm</a> >.
	Não havia outra como ela. <b>Revista Veja</b> , 03 jan. 2010. Crítica de Vilma Gryzinski. Disponível em:< <a href="http://veja.abril.com.br/130110/nao-havia-outra-ela-p-110.shtml">http://veja.abril.com.br/130110/nao-havia-outra-ela-p-110.shtml</a> >.
	Entrevista com Claudia Lage sobre os Mundos de Eufrásia. A vida quer. Entrevista. Disponível em:< <a href="http://www.vidaquer.com.br/entrevista-com-claudia-lage-sobre-os-mundos-de-eufrasia/">http://www.vidaquer.com.br/entrevista-com-claudia-lage-sobre-os-mundos-de-eufrasia/</a> >.
	Dentro do atroz labirinto: relações entre Literatura e História são renovadas em romance contemporâneo. <b>Educação Pública - RJ</b> . Artigo de Cristiane Brasileiro. Disponível em:< <a href="http://www.educacaopublica.rj.gov.br/cultura/livros/0062.html">http://www.educacaopublica.rj.gov.br/cultura/livros/0062.html</a> >.
	MUNDOS DE EUFRÁSIA I. <b>A pequena morte e outras naturezas</b> , 17 ago. 2009. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://apequenamorteeoutrasnaturezas.blogspot.com.br/2009/08/mundos-de-eufrasia-i.html">http://apequenamorteeoutrasnaturezas.blogspot.com.br/2009/08/mundos-de-eufrasia-i.html</a> >.
	Mundos de Eufrásia #review. <b>A vida quer</b> . Artigo. Disponível em:< <a href="http://www.vidaquer.com.br/mundos-de-eufrasia-review/">http://www.vidaquer.com.br/mundos-de-eufrasia-review/</a> >.
LEPECKI, Maria Filomena Bouissou. <i>Cunhataí</i> . São Paulo: Talento, 2003.	ASPECTOS HISTÓRICOS E FICCIONAIS NO ROMANCE CUNHATAÍ. <b>ANAIS DO ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - ENIC - uems</b> . Artigo acadêmico de Adrielly Naiany Martins, José Antonio de Souza. Disponível em:< <a href="http://periodicos.uems.br/index.php/enic/article/view/2301">http://periodicos.uems.br/index.php/enic/article/view/2301</a> >.
	Maria Filomena Lepecki lança 'Cunhataí'. <b>Diário de Cuiaba</b> , 11 out. 2003. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=156848">http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=156848</a> >.
	DA NARRATIVA AO ROMANCE: A PROSA DA GUERRA DO PARAGUAI NOS LIMITES DA FICÇÃO (HISTÓRICA) CONTEMPORÂNEA. <b>UFPR</b> , 2006. Tese de Naira de Almeida Nascimento. Disponível em:< <a href="http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/16923/Tese%20-%20Elementos%20pr%C3%A9-textuais.pdf?sequence=2">http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/16923/Tese%20-%20Elementos%20pr%C3%A9-textuais.pdf?sequence=2</a> >.
	Escritora volta às origens com seu primeiro trabalho. <b>Gazeta digital</b> , 12 out. 2003. Resenha. Disponível em:< <a href="http://www.gazetadigital.com.br/conteudo/imprimir/secao/62/materia/16243">http://www.gazetadigital.com.br/conteudo/imprimir/secao/62/materia/16243</a> >.
	Alta temporada. <b>Gazeta Digital</b> , 14 out. 2003. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www.gazetadigital.com.br/conteudo/imprimir/secao/62/materia/16331">http://www.gazetadigital.com.br/conteudo/imprimir/secao/62/materia/16331</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	Guerra do Paraguai é tema de livro de cuiabana. <b>SECOM - MT</b> , 10 out. 2003. Notícia de Marilu Ribeiro. Disponível em:< <a href="http://www.secom.mt.gov.br/imprime.php?cid=5417&amp;sid=118">http://www.secom.mt.gov.br/imprime.php?cid=5417&amp;sid=118</a> >.
	Guerra do Paraguai é tema de livro de cuiabana. <b>O Documento</b> , 10 out. 2003. Notícia. Disponível em:< <a href="http://odocumento.com.br/print.php?id=75274">http://odocumento.com.br/print.php?id=75274</a> >.
LEVY, Tatiana Salem. <i>A chave de casa</i> . Rio de Janeiro: Record, 2007.	A Chave de Casa - Tatiana Salem Levy. <b>Mundo K</b> , 12 jun. 2009. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://mundodek.blogspot.com.br/2009/06/chave-de-casa-tatiana-salem-levy.html#.UYU5b7WJygs">http://mundodek.blogspot.com.br/2009/06/chave-de-casa-tatiana-salem-levy.html#.UYU5b7WJygs</a> >.
	A Chave de Casa – Tatiana Salem Levy. <b>Sensações Literárias</b> . 19 jul. 2010. Texto em blog de Marianna. Disponível em:< <a href="http://sensacoesliterarias.wordpress.com/2010/07/19/a-chave-de-casa-tatiana-salem-levy/">http://sensacoesliterarias.wordpress.com/2010/07/19/a-chave-de-casa-tatiana-salem-levy/</a> >.
	A Chave de Casa - Tatiana Salem Levy. <b>A vacatussa</b> , 06 mar. 2009. Texto de Aline Arroxelas. Disponível em:< <a href="http://www.vacatussa.com/2009/03/a-chave-de-casa-tatiana-salem-levy/">http://www.vacatussa.com/2009/03/a-chave-de-casa-tatiana-salem-levy/</a> >.
	DICA DE LEITURA: A CHAVE DE CASA (TATIANA SALEM LEVY). <b>Antidoto da Chris</b> , 21 abr. 2009. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://antidotodachris.blogspot.com.br/2009/04/dica-de-leitura-chave-de-casa-tatiana.html">http://antidotodachris.blogspot.com.br/2009/04/dica-de-leitura-chave-de-casa-tatiana.html</a> >.
	Dividi um sanduíche com Tatiana Salem Levy. <b>Os incêndios do Rodrigo</b> , 16 ago 2011. Texto em blog de Rodrigo Canuto. Disponível em:< <a href="http://osincendiosdorodrigo.blogspot.com.br/2011/08/dividi-um-sanduche-com-tatiana-salem.html">http://osincendiosdorodrigo.blogspot.com.br/2011/08/dividi-um-sanduche-com-tatiana-salem.html</a> >.
	Prêmio São Paulo de Literatura 2008. <b>Secretaria de Cultura</b> , 30 nov. 2008. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.a943691925ae6b24e7378d27ca60c1a0/?vgnnextoid=246037be304fd110VgnVCM1000004c03c80aRCRD#.UYU5q7WJygs">http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.a943691925ae6b24e7378d27ca60c1a0/?vgnnextoid=246037be304fd110VgnVCM1000004c03c80aRCRD#.UYU5q7WJygs</a> >.
	Escrita sem seguidores. <b>Tribuna de Minas</b> , 24 fev. 2013. Comentário de Marisa Loures. Disponível em:< <a href="http://www.tribunademinas.com.br/cultura/escrita-sem-seguidores-1.1235493">http://www.tribunademinas.com.br/cultura/escrita-sem-seguidores-1.1235493</a> >.
	1 minuto e 10 livros: Angela Dutra de Menezes lista obras favoritas. <b>Bom dia Brasil</b> , 09 jul, 2012. Entrevista. Disponível em:< <a href="http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2012/07/1-minuto-e-10-livros-angela-dutra-de-menezes-lista-obras-favoritas.html">http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2012/07/1-minuto-e-10-livros-angela-dutra-de-menezes-lista-obras-favoritas.html</a> >.
	Tipos de Narradores. <b>Oficina de narrativas</b> , 14 out. 2009. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://oficinadenarrativas.blogspot.com.br/2009/10/tipos-de-narradores.html">http://oficinadenarrativas.blogspot.com.br/2009/10/tipos-de-narradores.html</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

LODI-RIBEIRO, Gerson. <i>Quatro Brasis</i> . São Paulo: Selo Unicórnio Azul, 2006.	Uma conversa com Gerson Lodi-Ribeiro. <b>Eduardo Kasse</b> , 09 abr 2013. Entrevista de Eudardo Kasse. Disponível em:< <a href="http://eduardokasse.com.br/blog/2013/04/09/uma-conversa-com-gerson-lodi-ribeiro/">http://eduardokasse.com.br/blog/2013/04/09/uma-conversa-com-gerson-lodi-ribeiro/</a> >.
	Causo entrevista Gerson Lodi-Ribeiro. <b>Terra Magazine</b> , 29 dez 2006. Entrevista de Roberto de Souza Causo. Disponível em:< <a href="http://terramagazine.terra.com.br/ficcao/especulativa/blog/2006/12/29/causo-entrevista-gerson-lodi-ribeiro/">http://terramagazine.terra.com.br/ficcao/especulativa/blog/2006/12/29/causo-entrevista-gerson-lodi-ribeiro/</a> >.
	Lido: Outros Brasis. A Lâmpada Mágica, 22 set. 2010. Resenha de Jorge Candeias. Disponível em:< <a href="http://lampadamagica.blogspot.com.br/2010/09/lido-outros-brasis.html">http://lampadamagica.blogspot.com.br/2010/09/lido-outros-brasis.html</a> >.
	Entrevista: Gerson Lodi-Ribeiro. <b>Overmundo</b> , 11 jan. 2010. Entrevista de Romeu Martins. Disponível em:< <a href="http://www.overmundo.com.br/overblog/entrevista-gerson-lodi-ribeiro">http://www.overmundo.com.br/overblog/entrevista-gerson-lodi-ribeiro</a> >.
	Outros Brasis. <b>Blogdefc</b> , 23 jan. 2011. Texto em blog de Luis Felipe Vasques. Disponível em:< <a href="http://blogdefc.blogspot.com.br/2011/01/outros-brasis.html">http://blogdefc.blogspot.com.br/2011/01/outros-brasis.html</a> >.
LUCCHESI, Marco. <i>O dom do crime</i> . Rio de Janeiro: Record, 2010	Autor brinca com possibilidade de crime real ter inspirado "Dom Casmurro". <b>Folha de S. Paulo</b> , 01 jan. 2011. Matéria de Marco Rodrigo de Almeida. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/853262-autor-brinca-com-possibilidade-de-crime-real-ter-inspirado-dom-casmurro.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/853262-autor-brinca-com-possibilidade-de-crime-real-ter-inspirado-dom-casmurro.shtml</a> >.
	Leia trecho de "O Dom do Crime", de Marco Lucchesi. <b>Entretenimento UOL</b> , 13 mar. 2011. Trecho do livro. Disponível em:< <a href="http://entretenimento.uol.com.br/ultnot/livros/trechos/leia-trecho-de-o-dom-do-crime-de-marco-lucchesi.jhtm">http://entretenimento.uol.com.br/ultnot/livros/trechos/leia-trecho-de-o-dom-do-crime-de-marco-lucchesi.jhtm</a> >.
	O Dom do Crime, Marco Lucchesi. <b>Adorno Rules</b> , 06 jul. 2006. Texto em blog de Rafael Moralez. Disponível em:< <a href="http://adornorules.com/2011/07/06/o-dom-do-crime-marco-lucchesi-2/">http://adornorules.com/2011/07/06/o-dom-do-crime-marco-lucchesi-2/</a> >.
	O Dom do Crime de Marco Lucchesi. <b>Fórum de Literatura UFRJ</b> . Artigo acadêmico de Agnes Rissardo. Disponível em:< <a href="http://www.forumdeliteratura.com.br/index.php/resenhas/res-edicao-6/121-obra-anfibia-o-dom-do-crime-de-marco-lucchesi">http://www.forumdeliteratura.com.br/index.php/resenhas/res-edicao-6/121-obra-anfibia-o-dom-do-crime-de-marco-lucchesi</a> >.
	O Dom do Crime (Marco Lucchesi). <b>Anica</b> , 16 jan. 2011. Artigo. Disponível em:< <a href="http://www.anica.com.br/2011/01/16/o-dom-do-crime-marco-lucchesi/">http://www.anica.com.br/2011/01/16/o-dom-do-crime-marco-lucchesi/</a> >.
	Índice remissivo do romance "O dom do crime", de Marco Lucchesi (exclusivo para o Literatura-Vivência). <b>Literatura vivência</b> , 29 jan. 2012. texto em blog. Disponível em :< <a href="http://literaturavivencia.blogspot.com.br/2012/02/indice-remissivo-do-romance-o-dom-do.html">http://literaturavivencia.blogspot.com.br/2012/02/indice-remissivo-do-romance-o-dom-do.html</a> >.
	O Dom do Crime. <b>Cooltural</b> , 03 fev. 2011. texto em blog de ademar Júnior. Disponível em:< <a href="http://coolturalblog.wordpress.com/2011/02/03/o-dom-do-crime/">http://coolturalblog.wordpress.com/2011/02/03/o-dom-do-crime/</a> >

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	A memória de um crime. <b>Revista Pessoa</b> , 11 mar. 2012. Crítica de Claudia Nina. Disponível em:< <a href="http://www.revistapessoa.com/2012/03/a-memoria-de-um-crime/">http://www.revistapessoa.com/2012/03/a-memoria-de-um-crime/</a> >
	O Dom Casmurro sanguinário. Estrela Binária, 04 fev. 2011. Artigo. Disponível em:< <a href="http://estrelabinaria.com/2011/02/04/o-dom-casmurro-assassino/">http://estrelabinaria.com/2011/02/04/o-dom-casmurro-assassino/</a> >.
	Arquivo de Formas da Tradição. <b>Arquivo de Formas</b> , 05 dez. 2010. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://arquivodeformas.blogspot.com.br/2010/12/arquivo-de-formas-da-tradicao.html">http://arquivodeformas.blogspot.com.br/2010/12/arquivo-de-formas-da-tradicao.html</a> >.
	Debate e lançamento do livro “O Dom do Crime” (Record), de Marco Lucchesi, a se realizar no dia 22 de novembro, terça-feira, às 20h, no Sesc Vila Mariana (Rua Pelotas, 141). <b>Dois por um</b> . Notícia. Disponível em:< <a href="http://doisporum.com/debate-e-lancamento-do-livro-o-dom-do-crime-record-de-marco-lucchesi-a-se-realizar-no-dia-22-de-novembro-terca-feira-as-20h-no-sesc-vila-mariana-rua-pelotas-141/">http://doisporum.com/debate-e-lancamento-do-livro-o-dom-do-crime-record-de-marco-lucchesi-a-se-realizar-no-dia-22-de-novembro-terca-feira-as-20h-no-sesc-vila-mariana-rua-pelotas-141/</a> >.
	Divulgados finalistas ao Prêmio SP de Literatura. <b>Diário do Grande ABC</b> , 30 maio 2011. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www.dgabc.com.br/News/5889239/divulgados-finalistas-ao-premio-sp-de-literatura.aspx">http://www.dgabc.com.br/News/5889239/divulgados-finalistas-ao-premio-sp-de-literatura.aspx</a> >.
MAGALHÃES, , Beatriz de Almeida. <i>Caso oblíquo</i> . Belo Horizonte: Autêntica, 2009.	Livro "Caso Oblíquo", de Beatriz de Almeida Magalhães. <b>Petrobrás Cultural</b> . Notícia. Disponível em:< <a href="http://www.hotsitespetrobras.com.br/cultura/projetos/27/488">http://www.hotsitespetrobras.com.br/cultura/projetos/27/488</a> >.
	Caso Oblíquo, premiado pelo Programa Petrobras Cultural, terá lançamento nacional neste sábado. <b>Grupo Editorial Autêntica</b> , 12 nov. 2009. Notícia. Disponível em:< <a href="http://grupoautentica.com.br/fique_por_dentro/noticias/caso_obliquo_premiado_pelo_programa_petrobras_cultural_tera_lancamento_nacional_neste_sabado/312">http://grupoautentica.com.br/fique_por_dentro/noticias/caso_obliquo_premiado_pelo_programa_petrobras_cultural_tera_lancamento_nacional_neste_sabado/312</a> >.
MARCONDES, Ayrton. Por onde andaré Machado de Assis? São Paulo:Nankin, 2004.	Por onde andaré Machado de Assis?. <b>Ayrton Marcondes</b> , 05 abr. 2009. Texto em blog de Valentim Facioli. Disponível em:< <a href="http://www.ayrtonmarcondes.com.br/blog/?page_id=350">http://www.ayrtonmarcondes.com.br/blog/?page_id=350</a> >.
	POR ONDE ANDARÁ MACHADO DE ASSIS?. <b>Nankin Editorial</b> , nov. 2004. Texto de divulgação. Disponível em:< <a href="http://www.nankin.com.br/imprensa/Releases/Release-Por-onde-andara.htm">http://www.nankin.com.br/imprensa/Releases/Release-Por-onde-andara.htm</a> >.
	Joaquim Maria, personagem. <b>UFPR</b> , mar. 2003. Tese de Camila Augusta Valcanover. Disponível em:< <a href="http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/handle/1884/25394?show=full">http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/handle/1884/25394?show=full</a> >.
	POR ONDE ANDARÁ MACHADO DE ASSIS. <b>Folha de S. Paulo</b> , 15 jan 2005. Nota. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1501200511.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1501200511.htm</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	"Machado procurou se esconder", diz biógrafo. <b>Terra</b> , 20 set. 2008. Entrevista. Disponível em:< <a href="http://noticiasco.terra.com.co/tecnologia/interna/0,,OI3196739-EI6595,00.html">http://noticiasco.terra.com.co/tecnologia/interna/0,,OI3196739-EI6595,00.html</a> >.
MEDINA, Sinval. <i>A faca e o mandarim</i> . São Paulo: A Girafa, 2004.	Em busca da essência brasileira. <b>Jornal da USP</b> , 14 a 20 jun. 2004. Artigo de André Chaves de Melo. Disponível em:< <a href="http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2004/jusp690/pag0607.htm">http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2004/jusp690/pag0607.htm</a> >.
	O crime ressuscitado. <b>Observatório da imprensa</b> , 25 maio 2004. Artigo de Deonísio Silva. Disponível em:< <a href="http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_crime_ressuscitado">http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_crime_ressuscitado</a> >.
	A faca e o mandarim', um marco na literatura brasileira. <b>Literacia destaques</b> , 03 nov. 2010. Texto em blog de Adeldo Gonçalves. Disponível em:< <a href="http://literaciadestaques.blogspot.com.br/2010_10_05_archive.html">http://literaciadestaques.blogspot.com.br/2010_10_05_archive.html</a> >.
____. <i>O herdeiro das sombras</i> . São Paulo: Mandarim, 2001.	TRECHO PREDILETO do livro O HERDEIRO DAS SOMBRAS, de Sinval Medina. <b>YouTube</b> . Vídeo com trecho do livro. Disponível em:< <a href="http://www.youtube.com/watch?v=X64pnYldxik">http://www.youtube.com/watch?v=X64pnYldxik</a> >.
	O Herdeiro das Sombras, de Sinval Medina. <b>Trecho predileto literatura</b> , 03 abr. 2012. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://trechoprediletoliteratura.blogspot.com.br/2012/04/o-herdeiro-das-sombras-de-sinval-medina.html">http://trechoprediletoliteratura.blogspot.com.br/2012/04/o-herdeiro-das-sombras-de-sinval-medina.html</a> >.
	Jornalista lança livro sobre pianista. <b>O Estado de S. paulo</b> , 23 abr. 2001. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2001/not20010423p3450.htm">http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2001/not20010423p3450.htm</a> >.
	Uma paródia lúdica da história. <b>Folha de S. Paulo</b> , 03 jun. 2001. Crítica de Marcelo Coelho. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mas/fs0306200111.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mas/fs0306200111.htm</a> >.
MIRANDA, Ana. <i>Dias &amp; Dias</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 2002.	ANA MIRANDA: DIAS E DIAS - PROGRAMA LITERATO. <b>YouTube</b> , 09 maio 2011. Vídeo. Disponível em:< <a href="http://www.youtube.com/watch?v=ppvzqfzHExM">http://www.youtube.com/watch?v=ppvzqfzHExM</a> >.
	Ana Miranda e o romace histórico. <b>Eunice Morais Blog</b> , 10 set. 2007. Artigo de Eunice Morais em blog. Disponível em:< <a href="http://eunicemorais.blogspot.com.br/2007/09/ana-miranda-e-o-romace-historico.html">http://eunicemorais.blogspot.com.br/2007/09/ana-miranda-e-o-romace-historico.html</a> >.
	"A literatura permeia tudo" - Ana Miranda. <b>Counavel</b> , jun 2004. Texto em blog de Helder Miranda. Disponível em:< <a href="http://colunavel.blogspot.com.br/2010/09/entrevista-com-ana-miranda.html">http://colunavel.blogspot.com.br/2010/09/entrevista-com-ana-miranda.html</a> >.
	ENTREVISTA COM ANA MIRANDA. <b>Portal Entre Textos</b> . Entrevista de Helder Miranda. Disponível em:< <a href="http://www.portalentretextos.com.br/noticias/entrevista-com-ana-miranda,1121.html">http://www.portalentretextos.com.br/noticias/entrevista-com-ana-miranda,1121.html</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	Máquina de [re]escrever: processos de reciclagem cultural na obra metabiográfica de Ana Miranda. <b>UFBA</b> , 2010. Tese de ANNE GREICE SOARES RIBEIRO MACEDO. Disponível em:< <a href="http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/8559/1/Anne%20Greice%20Soares%20Ribeiro%20Macedo.pdf">http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/8559/1/Anne%20Greice%20Soares%20Ribeiro%20Macedo.pdf</a> >.
____. <i>Yuxim</i> . Alma. São Paulo: Companhia das Letras; São Paulo: Edições SESC SP, 2009.	YUXIN: ALMA. <b>Revista Boitata</b> , jul - dez. 2011. Artigo acadêmico de Gabriela Cristina Carvalho. Disponível em:< <a href="http://www.uel.br/revistas/boitata/volume-12-2011/B1210.pdf">http://www.uel.br/revistas/boitata/volume-12-2011/B1210.pdf</a> >.
	A voz de Yarina. <b>Meu jornal</b> , 24 ago. 2009. Matéria de Gomes Silveira. Disponível em:< <a href="http://www.meujornal.com.br/panini/jornal/materias/integra.aspx?id=991673">http://www.meujornal.com.br/panini/jornal/materias/integra.aspx?id=991673</a> >.
	Foto da contracapa do livro, sem título. Disponível em:< <a href="http://www.anamirandaliteratura.com.br/yuxin.html">http://www.anamirandaliteratura.com.br/yuxin.html</a> >.
MODERNELL, Renato. <i>Viagem ao pavio da vela</i> . Rio de Janeiro: Record, 2001.	Confira quem foi indicado ao Premio Jabuti de 2002. <b>Fapesp</b> , 26 fev. 2002. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www.bv.fapesp.br/namidia/noticia/14957/confira-indicado-prmio-jabuti-2002/">http://www.bv.fapesp.br/namidia/noticia/14957/confira-indicado-prmio-jabuti-2002/</a> >.
	UPF divulga finalistas do Prêmio Passo Fundo de Literatura. <b>UPF</b> , 13 ago. 2003. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www.upf.br/assessoria/noticias/noticia.php?codNoticia=1564">http://www.upf.br/assessoria/noticias/noticia.php?codNoticia=1564</a> >.
	Confira quem foi indicado ao Prêmio Jabuti de 2002. <b>Folha de S. Paulo</b> , 25 fev. 2002. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u21585.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u21585.shtml</a> >.
MONTELLO, Josué. <i>A mais bela noiva de Vila Rica</i> . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.	ROMANCE DE JOSUÉ MONTELLO INDICADO PELA REVISTA EDUCAR PARA CRESCER DA ED. ABRIL. <b>Secretaria de Cultura - MA</b> , 01 fev. 2011. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www.cultura.ma.gov.br/portal/sede/index.php?page=noticia_extend&amp;loc=ccjm&amp;id=42">http://www.cultura.ma.gov.br/portal/sede/index.php?page=noticia_extend&amp;loc=ccjm&amp;id=42</a> >.
	Morre no Rio o acadêmico Josué Montello. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 15 mar. 2006. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2006/not20060315p3177.htm">http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2006/not20060315p3177.htm</a> >.
MUSSA, Alberto. <i>O enigma de Qaf</i> . Rio de Janeiro: Record, 2004.	Entrevista - O enigma de Qaf. <b>Editora Record</b> . Entrevista. Disponível em:< <a href="http://www.record.com.br/autor_entrevista.asp?id_autor=31&amp;id_entrevista=20">http://www.record.com.br/autor_entrevista.asp?id_autor=31&amp;id_entrevista=20</a> >.
	Alberto Mussa tece lenda árabe na trilha de Borges. <b>Folha de S. Paulo</b> , 25 dez. 2004. Crítica de Bernardo Ajzenberg. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2509200413.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2509200413.htm</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	Livro de Alberto Mussa agora em francês. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 22 dez. 2009. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,livro-de-alberto-mussa-agora-em-frances,485563,0.htm">http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,livro-de-alberto-mussa-agora-em-frances,485563,0.htm</a> >.
	Alberto Mussa e a recriação de um mito indígena. <b>O Globo</b> , 01 jan. 2009. Entrevista de Miguel Conde. Disponível em:< <a href="http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2009/01/31/alberto-mussa-a-recriacao-de-um-mito-indigena-157719.asp">http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2009/01/31/alberto-mussa-a-recriacao-de-um-mito-indigena-157719.asp</a> >.
NEVES, Reinaldo Santos. <i>A longa história</i> . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.	Resenha: A longa história - Reinaldo Santos Neves. <b>Mundo de Fantas</b> , 09 abr. 2009. Resenha de Celly Borges. Disponível em:< <a href="http://mundodefantas.blogspot.com.br/2009/04/resenha-longa-historia-reinaldo-santos.html">http://mundodefantas.blogspot.com.br/2009/04/resenha-longa-historia-reinaldo-santos.html</a> >.
	O contador de estórias. <b>Jazzseen</b> , 20 jul. 2007. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://jazzseen.blogspot.com.br/2007/07/o-contador-de-estrias.html">http://jazzseen.blogspot.com.br/2007/07/o-contador-de-estrias.html</a> >.
NOVAES, Paulo. <i>A caravela dos insensatos</i> . Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.	A caravela dos Insensatos - Paulo Novaes. <b>História e Leitura</b> , 02 out. 2009. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://historiaeleitura2m3.blogspot.com.br/2009/10/caravela-dos-insensatos-thiago.html">http://historiaeleitura2m3.blogspot.com.br/2009/10/caravela-dos-insensatos-thiago.html</a> >.
OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. <i>Bravo Brasil!</i> São Paulo: Fundamento Educacional, 2005.	Livro Bravo Brasil! registra saga do engenheiro alemão Henrique Halfeld. <b>Prefeitura de Juiz de Fora</b> , 25 maio 2005. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&amp;id_noticia2=3132">http://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&amp;id_noticia2=3132</a> >.
PELLEGRINI, Domingos. <i>No coração das perobas</i> . Rio de Janeiro: Record, 2002.	Entrevista - No coração das perobas. <b>Editora Record</b> . Entrevista. Disponível em:< <a href="http://www.record.com.br/autor_entrevista.asp?id_autor=2599&amp;id_entrevista=194">http://www.record.com.br/autor_entrevista.asp?id_autor=2599&amp;id_entrevista=194</a> >.
	Pellegrini lança romance histórico. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 05 fev. 2002. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2002/not20020205p2222.htm">http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2002/not20020205p2222.htm</a> >.
	Saem finalistas do Prêmio Jabuti 2003. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 20 mar. 2003. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2003/not20030320p209.htm">http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2003/not20030320p209.htm</a> >.
_____. <i>Terra vermelha</i> . São Paulo: Geração Editorial, 2003.	Domingos Pellegrini - Terra Vermelha. <b>Geografia e tal</b> , 08 fev. 2012. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://geografiaetal.blogspot.com.br/2012/02/domingos-pellegrini-terra-vermelha.html">http://geografiaetal.blogspot.com.br/2012/02/domingos-pellegrini-terra-vermelha.html</a> >.
	ENTRE AS TRILHAS DA TERRA VERMELHA E A REDE <a href="http://www.sitioterravermelha.com">www.sitioterravermelha.com</a> . MARCAS DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE PARANAENSE. <b>Educadores Dia a dia - Governo do Paraná</b> . Artigo acadêmico de Clair Lima Vasconcelos, Regina Chicoski. Disponível em:< <a href="http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/artigo_-Pos-_Pel.corrigido.doc.pdf">http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/artigo_-Pos-_Pel.corrigido.doc.pdf</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	O ESTUPENDO ROMANCE “TERRA VERMELHA” DE DOMINGOS PELLEGRINI. <b>Geração editorial</b> , 20 maio 2010. Release. Disponível em:< <a href="http://www.geracaobooks.com.br/midia/?id=1619">http://www.geracaobooks.com.br/midia/?id=1619</a> >.
	TERRA VERMELHA, de Domingos Pellegrini. <b>Fundação Itaipu</b> . Nota. Disponível em:< <a href="http://www.fundacaoitaipu.com.br/dica/terra-vermelha-de-domingos-pellegrini">http://www.fundacaoitaipu.com.br/dica/terra-vermelha-de-domingos-pellegrini</a> >.
	“Terra Vermelha”: um épico brasileiro. <b>Ontogenialiteraria</b> , 27 jun. 2011. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://ontogenialiteraria.wordpress.com/2011/06/27/terra-vermelha/">http://ontogenialiteraria.wordpress.com/2011/06/27/terra-vermelha/</a> >.
	“Só um terremoto impede a leitura”. <b>Gazeta do Povo</b> , 16 set. 2012. Entrevista de Diego Antonell. Disponível em:< <a href="http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/leitura-na-pratica/conteudo.shtml?id=1297488&amp;tit=So-um-terremoto-impede-a-leitura">http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/leitura-na-pratica/conteudo.shtml?id=1297488&amp;tit=So-um-terremoto-impede-a-leitura</a> >.
PRADO, Lucília Junqueira de Almeida. <i>A esperança tem muitas faces</i> . São Paulo: Planeta, 2010.	A Esperança tem muitas faces (Lucília Junqueira de Almeida Prado). <b>Blablabaaleatorio</b> , 13 set. 2010. Texto em blog de Nubia Esther. Disponível em:< <a href="http://blablabaaleatorio.com/2010/09/13/a-esperanca-tem-muitas-faces-lucilia-junqueira-de-almeida-prado/">http://blablabaaleatorio.com/2010/09/13/a-esperanca-tem-muitas-faces-lucilia-junqueira-de-almeida-prado/</a> >.
	A Esperança Tem Muitas Faces - LUCILIA JUNQUEIRA DE ALMEIDA PRADO. <b>Mar de leituras</b> , 01 ago 2010. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://mardeleituras.blogspot.com.br/2010/08/esperanca-tem-muitas-faces-lucilia.html">http://mardeleituras.blogspot.com.br/2010/08/esperanca-tem-muitas-faces-lucilia.html</a> >.
	A esperança tem muitas faces. <b>Bibliólatras</b> , 21 abr. 2010. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://www.bibliolatrass.com.br/2010/04/esperanca-tem-muitas-faces.html">http://www.bibliolatrass.com.br/2010/04/esperanca-tem-muitas-faces.html</a> >.
POZENATO, José Clemente. <i>A Babilônia</i> . Caxias do Sul: Maneco, 2006.	Resumo de tese sem título. Lume <b>UFRGS</b> , 2008. Autoria Fischer, Luís Augusto, Carbonera, Ildo. Disponível em:< <a href="http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/15306?show=full..">http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/15306?show=full..</a> >
	Pozenato na Iluminura. <b>GAZ</b> , 25 jul. 2012. Disponível em:< <a href="http://www.gaz.com.br/blogs/leiturasdemundo/posts/13092-pozenato_na_iluminura.html">http://www.gaz.com.br/blogs/leiturasdemundo/posts/13092-pozenato_na_iluminura.html</a> >.
RODRIGUES, Sérgio. <i>Elza, a garota</i> . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.	15/11 - ELZA, A GAROTA! A OUTRA TRAGÉDIA POLÍTICA!. <b>A Verdade sufocada</b> . Artigo. Disponível em:< <a href="http://www.averdadesufocada.com/index.php?option=com_content&amp;task=view&amp;id=1498&amp;Itemid=34">http://www.averdadesufocada.com/index.php?option=com_content&amp;task=view&amp;id=1498&amp;Itemid=34</a> >.
	Elza, a Garota, Sérgio Rodrigues. <b>Adorno rules</b> , 10 ago. 2011. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://adornorules.com/2011/08/10/elza-a-garota-sergio-rodrigues/">http://adornorules.com/2011/08/10/elza-a-garota-sergio-rodrigues/</a> >.
	Elza, a Garota, de Sérgio Rodrigues. <b>Revista Bula</b> , 30 mar. 2009. Resenha de Euler de França Belém. Disponível em:< <a href="http://acervo.revistabula.com/posts/livros/elza-a-garota-de-sergio-rodrigues">http://acervo.revistabula.com/posts/livros/elza-a-garota-de-sergio-rodrigues</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	Elza, a garota. <b>Espanadores</b> , 01 abr. 2011. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://espanadores.blogspot.com.br/2011/04/elza-garota.html">http://espanadores.blogspot.com.br/2011/04/elza-garota.html</a> >.
	JOGO 12 – Elza, a garota x O livro dos mandarins. <b>Copa de Literatura</b> . Artigo. Disponível em:< <a href="http://copadeliteratura.com.br/index.php/clb2010/jogo-12-elza-a-garota-x-o-livro-dos-mandarins">http://copadeliteratura.com.br/index.php/clb2010/jogo-12-elza-a-garota-x-o-livro-dos-mandarins</a> >.
	A vítima esquecida do PCB. <b>Revista Veja</b> , 18 mar. 2009. Crítica de Jerônimo Teixeira. Disponível em:< <a href="http://veja.abril.com.br/180309/p_157.shtml">http://veja.abril.com.br/180309/p_157.shtml</a> >.
	Elza, a garota!. <b>Roberto Menezes</b> , 25 set. 2010. Texto em blog de Roberto Rodrigo de Menezes. Disponível em:< <a href="http://robertomenezes.blogspot.com.br/2010/09/elza-garota.html">http://robertomenezes.blogspot.com.br/2010/09/elza-garota.html</a> >.
	Elza, a Garota de Sérgio Rodrigues. <b>Paulacajaty</b> . Artigo. Disponível em:< <a href="http://www.paulacajaty.com/boletimleiturascrcas-mainmenu-32/488-elza-a-garota">http://www.paulacajaty.com/boletimleiturascrcas-mainmenu-32/488-elza-a-garota</a> >.
	Elza, a garota: a história da jovem comunista que o partido matou. <b>Raging bulls</b> , 27 set. 2010. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://ragingbulls.blogs.sapo.pt/8151.html">http://ragingbulls.blogs.sapo.pt/8151.html</a> >.
	Elza, a garota - Sérgio Rodrigues. <b>Vacatussa</b> , 15 fev. 2010. Texto em blog de Thiago Correa. Disponível em:< <a href="http://www.vacatussa.com/2010/02/elza-a-garota-sergio-rodrigues/">http://www.vacatussa.com/2010/02/elza-a-garota-sergio-rodrigues/</a> >.
	RSergio rodrigues As historias de elza a garota. <b>O Globo</b> , 21 mar. 2009. Entrevista de Miguel Conde. Disponível em:< <a href="http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2009/03/21/sergio-rodrigues-as-historias-de-elza-garota-170610.asp">http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2009/03/21/sergio-rodrigues-as-historias-de-elza-garota-170610.asp</a> >.
	Elza, a garota que o Partido matou. <b>FM de la Cuadra</b> , 19 set. 2009. Texto em blog de Ana Amélia M. C. Melo. Disponível em:< <a href="http://fmdelacuadra.blogspot.com.br/2009/09/elza-garota-que-o-partido-matou.html">http://fmdelacuadra.blogspot.com.br/2009/09/elza-garota-que-o-partido-matou.html</a> >.
	Quando o imaginário emoldura o real. <b>Jornal Rascunho</b> . Crítica de Maurício Melo Jr. Disponível em:< <a href="http://rascunho.gazetadopovo.com.br/quando-o-imaginario-emoldura-o-real/">http://rascunho.gazetadopovo.com.br/quando-o-imaginario-emoldura-o-real/</a> >.
	Um cadáver incômodo. <b>G1</b> , 19 mar. 2009. Entrevista de Luciano Trigo. Disponível em:< <a href="http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2009/03/19/601/">http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2009/03/19/601/</a> >.
	a filha de prestes quer brincar de história? Como no jogo, aceito o truco e ainda chamo pra seis!!!!. <b>Revista Veja</b> , 18 nov. 2009. Comentário de Reinaldo Azevedo. Disponível em:< <a href="http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/a-filha-de-prestes-quer-brincar-de-historia-como-no-jogo-aceito-o-truco-e-ainda-chamo-seis/">http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/a-filha-de-prestes-quer-brincar-de-historia-como-no-jogo-aceito-o-truco-e-ainda-chamo-seis/</a> >.
	A história estrangulada. <b>Jornal opção</b> , 20 a 26 maio 2012. Reportagem. Disponível em:< <a href="http://www.jornalopcao.com.br/posts/reportagens/a-historia-estrangulada">http://www.jornalopcao.com.br/posts/reportagens/a-historia-estrangulada</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

RORIZ, Aydano. <i>O Desejado</i> . São Paulo: Ediouro, 2002.	QUE IMPORTA O AREAL E A MORTE E A DESVENTURA?. <b>Entre textos</b> . Texto em blog de Rogel Samuel. Disponível em:< <a href="http://www.portalentretextos.com.br/colunas/cronica-de-sempre/que-importa-o-areal-e-a-morte-e-a-desventura,189,5055.html">http://www.portalentretextos.com.br/colunas/cronica-de-sempre/que-importa-o-areal-e-a-morte-e-a-desventura,189,5055.html</a> >.
_____. <i>O Livro dos hereges</i> . Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.	"O Livro dos Hereges", Aydano Roriz. <b>Hepáticas</b> , 09 abr. 2012. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://hepaticas.wordpress.com/2012/04/09/257-o-livro-dos-hereges-aydano-roriz/">http://hepaticas.wordpress.com/2012/04/09/257-o-livro-dos-hereges-aydano-roriz/</a> >.
_____. <i>Nova Lusitânia</i> . São Paulo: Ed. Europa, 2008.	"Nova Lusitânia", de Aydano Roriz. <b>Vontade de escrever</b> , 01 fev. 2009. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://vontadedescrever.blogs.sapo.pt/2387.html">http://vontadedescrever.blogs.sapo.pt/2387.html</a> >.
	Dica de Leitura 112 - Nova Lusitânia. <b>A guerra do fim do mundo</b> , 11 dez. 2009. Texto em blog de Rodrigo Guimarães Motta. Disponível em:< <a href="http://aguerradofimdomundo.blogspot.com.br/2009/12/dica-de-leitura-112-nova-lusitania.html">http://aguerradofimdomundo.blogspot.com.br/2009/12/dica-de-leitura-112-nova-lusitania.html</a> >.
_____. <i>Van Dorth</i> . Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.	Van Dorth, de Aydano Roriz. <b>Smetakiando</b> , 16 jan. 2011. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://smetakiando.wordpress.com/2011/01/16/van-dorth-de-aydano-roriz/">http://smetakiando.wordpress.com/2011/01/16/van-dorth-de-aydano-roriz/</a> >.
SALLES, Iza. <i>O coração do rei</i> . São Paulo: Planeta, 2008.	nada
SANCHES NETO, Miguel. <i>Um amor anarquista</i> . Rio de Janeiro: Record, 2005.	Um Amor Anarquista - Miguel Sanches Neto. <b>Gabarito Literário</b> . Texto em blog de Sérgio Camargo. Disponível em:< <a href="http://gabaritoliterario.blogspot.com.br/2010/08/um-amor-anarquista-miguel-sanches-neto.html">http://gabaritoliterario.blogspot.com.br/2010/08/um-amor-anarquista-miguel-sanches-neto.html</a> >.
	Obras do Vestibular Unicentro: Uma amor anarquista- Miguel Sanches Neto. <b>Gorpacult</b> , 11 jan. 2012. Texto em blog de Nincia Cecília Ribas Borges Teixeira. Disponível em:< <a href="http://gorpacult.blogspot.com.br/2012/01/obras-do-vestibular-unicentro-uma-amor.html">http://gorpacult.blogspot.com.br/2012/01/obras-do-vestibular-unicentro-uma-amor.html</a> >.
	Trecho do livro <i>Um Amor Anarquista</i> , de Miguel Sanches Neto. <b>Revista Veja</b> , 24 ago. 2005. Trecho do livro. Disponível em:< <a href="http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/240805/trecho_amo_r.html">http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/240805/trecho_amo_r.html</a> >.
	Sem título. <b>Paisagens da crítica</b> , 01 set. 2006. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://paisagensdacritica.zip.net/arch2006-08-27_2006-09-02.html">http://paisagensdacritica.zip.net/arch2006-08-27_2006-09-02.html</a> >.
	O amor anarquista de Miguel Sanches Neto. <b>Cronópios</b> , 24 jan. 2006. Entrevista de Astier Basílio. Disponível em:< <a href="http://www.cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=948">http://www.cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=948</a> >.
	Trecho do livro <i>Um Amor Anarquista</i> , de Miguel Sanches Neto. <b>Revista Época</b> . Trecho do livro. Disponível em:< <a href="http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR71408-5856,00.html">http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR71408-5856,00.html</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	Drama anarquista começa em casa. <b>Folha de S. Paulo</b> , 03 set. 2005. Crítica de Marcos Strecker. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0309200523.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0309200523.htm</a> >.
	A utopia dissecada. <b>Revista Veja</b> , 24 ago. 2005. Crítica de Mario Sabino. Disponível em:< <a href="http://veja.abril.com.br/240805/p_122.html">http://veja.abril.com.br/240805/p_122.html</a> >.
	POÉTICA DE UMA UTOPIA: A COLÔNIA ANARQUISTA CECÍLIA ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA. <b>UFPR</b> , 2010. Monografia de Raphael Guilherme de Carvalho. Disponível em:< <a href="http://www.historia.ufpr.br/monografias/2010/1_sem_2010/raphael_guilherme_carvalho.pdf">http://www.historia.ufpr.br/monografias/2010/1_sem_2010/raphael_guilherme_carvalho.pdf</a> >.
SANTIAGO, Silvano. <i>Heranças</i> . Rio de Janeiro: Rocco, 2008.	Entrevista: Silvano Santiago. <b>G1</b> , 02 out. 2008. Entrevista de Luciano Trigo. Disponível em:< <a href="http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2008/10/02/entrevista-silvano-santiago/">http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2008/10/02/entrevista-silvano-santiago/</a> >.
	Prisão das memórias. <b>Folha de S. Paulo</b> , 07 set. 2008. Crítica de Alcir Pécora. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0709200810.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0709200810.htm</a> >.
	Prêmio São Paulo de Literatura define finalistas. <b>Paraná online</b> , 19 jan. 2013. Notícia de Leonardo Coneto. Disponível em:< <a href="http://www.parana-online.com.br/editoria/almanaque/news/376233/">http://www.parana-online.com.br/editoria/almanaque/news/376233/</a> >.
	Prêmio São Paulo de Literatura acontece nesta segunda-feira. <b>Folha de S. Paulo</b> , 03 ago 2009. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u604288.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u604288.shtml</a> >.
	Tendências da literatura brasileira contemporânea de ficção. <b>Letra selvagem</b> , 26 out. 2010. Texto em blog de Levi Bucalem Ferrari. Disponível em:< <a href="http://www.letraselvagem.com.br/pagina.asp?id=184">http://www.letraselvagem.com.br/pagina.asp?id=184</a> >.
SCHWARZ, Rodrigo. <i>A ilha dos cães</i> . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.	A caixa chinesa de Schwarz. <b>Terra</b> , 11 maio 2005. Resenha de Roberto de Souza Causo. Disponível em:< <a href="http://terramagazine.terra.com.br/ficcao/especulativa/blog/2006/05/11/a-caixa-chinesa-de-schwarz/">http://terramagazine.terra.com.br/ficcao/especulativa/blog/2006/05/11/a-caixa-chinesa-de-schwarz/</a> >.
	UNS & OUTROS. Dohler. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www.dohler.com.br/revistadohler12/principal.htm">http://www.dohler.com.br/revistadohler12/principal.htm</a> >.
SCLIAR, Moacyr. <i>Os vendilhões do templo</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 2006.	Os Vendilhões do Tempo - Moacyr Scliar. <b>Revista O Grito!</b> , 03 ago. 2006. Crítica de Fernando de Albuquerque. Disponível em:< <a href="http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/blog/2006/08/03/os-vendilhoes-do-templo-moacyr-scliar/">http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/blog/2006/08/03/os-vendilhoes-do-templo-moacyr-scliar/</a> >.
	Comércio sagrado. <b>Revista Veja</b> , 10 maio 2006. Crítica de Jerônimo Teixeira. Disponível em:< <a href="http://veja.abril.com.br/100506/p_130.html">http://veja.abril.com.br/100506/p_130.html</a> >.
	Moacyr Scliar lança "Os Vendilhões do Templo" em Curitiba. <b>Gazeta do Povo</b> , 26 jul. 2006. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=585362&amp;tit=Moacyr-Scliar-lanca-Os-Vendilhoes-do-Templo-em-Curitiba">http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=585362&amp;tit=Moacyr-Scliar-lanca-Os-Vendilhoes-do-Templo-em-Curitiba</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

	Os Vendilhões do Templo. <b>Istoé Gente</b> , 22 maio 2006. Resenha de Fernando Oliveira. Disponível em:< <a href="http://www.terra.com.br/istoegente/352/diversao_arte/livros_vendilhoes_templo.html">http://www.terra.com.br/istoegente/352/diversao_arte/livros_vendilhoes_templo.html</a> >.
	Trecho do livro Os Vendilhões do Templo, de Moacyr Scliar. <b>Revista Veja</b> , 10 maio 2006. Trecho do livro. Disponível em:< <a href="http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/100506/trecho_vendilhoes.html">http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/100506/trecho_vendilhoes.html</a> >.
	Jogo 8 – Os vendilhões do templo x Um defeito de cor. <b>Copa de literatura</b> , 15 out. 2007. Artigo. Disponível em:< <a href="http://copadeliteratura.com.br/index.php/clb2007/jogo-8-os-vendilhoes-do-templo-x-um-defeito-de-cor">http://copadeliteratura.com.br/index.php/clb2007/jogo-8-os-vendilhoes-do-templo-x-um-defeito-de-cor</a> >.
	Scliar relê fábula bíblica para atacar hipocrisia. <b>Folha de S. Paulo</b> , 13 maio 2006. Crítica de Marcelo Pen. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1305200621.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1305200621.htm</a> >.
	A vez dos veteranos. <b>Digestivo cultural</b> . 28 ago. 2006. Crítica de Jonas Lopes. Disponível em:< <a href="http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2025&amp;titulo=A_vez_dos_veteranos">http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2025&amp;titulo=A_vez_dos_veteranos</a> >.
	Prêmio Jabuti divulga lista de finalistas; Scliar e Veríssimo concorrem. <b>Folha de S. Paulo</b> , 19 jun. 2007. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u305633.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u305633.shtml</a> >.
SILVA, Carlos Nascimento. <i>Desengano</i> . Rio de Janeiro: Agir, 2006.	Perversão pálida. <b>Revista Veja</b> , 01 fev. 2006. Crítica de Jerônimo Teixeira. Disponível em:< <a href="http://veja.abril.com.br/010206/p_120.html">http://veja.abril.com.br/010206/p_120.html</a> >.
	Desengano recebe Jabuti de romance. <b>O Estado de S. Paulo</b> . Notícia de Ubiratan Brasil. Disponível em:< <a href="http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,desengano-recebe-jabuti-de-romance,38699,0.htm">http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,desengano-recebe-jabuti-de-romance,38699,0.htm</a> >.
	DESENGANO, de Carlos Nascimento Silva. <b>Empressões</b> , 01 out. 2011. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://empresoes.wordpress.com/2011/10/01/desengano-de-carlos-nascimento-silva/">http://empresoes.wordpress.com/2011/10/01/desengano-de-carlos-nascimento-silva/</a> >.
	Prêmio Jabuti divulga vencedores de sua 49ª edição. <b>Folha de S. Paulo</b> , 21 ago. 2007. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u321862.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u321862.shtml</a> >.
____. <i>Vale do sol</i> . Rio de Janeiro: Record, 2003.	nada
SILVA, Juremir Machado da. <i>Getúlio</i> . Rio de Janeiro: Record, 2004.	Primeiro capítulo em homenagem a Getúlio. <b>Correio do Povo</b> , 23 ago 2011. Trecho do livro. Disponível em:< <a href="http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/?p=1265">http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/?p=1265</a> >.
	56ª Feira do Livro de Porto Alegre supera expectativas. <b>Jornal agora</b> , 17 nov. 2010. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=1&amp;n=3937">http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=1&amp;n=3937</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

SILVEIRA, Maria José. <i>Eleanor Marx, filha de Karl</i> . São Paulo: Francis, 2002.	nada
_____. O fantasma de Buñuel. São Paulo: Francis, 2004.	nada
_____. <i>Guerra no coração do cerrado</i> . Rio de Janeiro: Record, 2006.	A guerra no coração de Damiana da Cunha. <b>Overmundo</b> , 25 mar. 2007. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://www.overmundo.com.br/overblog/a-guerra-no-coracao-de-damiana-da-cunha">http://www.overmundo.com.br/overblog/a-guerra-no-coracao-de-damiana-da-cunha</a> >.
_____. <i>A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas</i> . Rio de Janeiro: Globo, 2002.	A MÃE DA MÃE DA SUA MÃE E SUAS FILHAS: O PASSADO REVISITADO SOB A ÓTICA FEMINISTA. <b>UFPR</b> . Artigo acadêmico de PATRÍCIA BERTACHINI TALHARI. Disponível em:< <a href="http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/patricia7.htm">http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/patricia7.htm</a> >.
	A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA HISTÓRIA DO BRASIL: TRANSFORMAÇÕES PERCEBIDAS PELO OLHAR DA LITERATURA. <b>Unioeste</b> , 06 a 08 out. 2010. Artigo acadêmico de CASTRO, Neuza Brazil de SOUZA, Wagner de. Disponível em:< <a href="http://cac-php.unioeste.br/eventos/iisnel/CD_IISnell/pages/simposios/simp osio%2007/A%20REPRESENTACAO%20FEMININA%20NA%20HISTORIA%20DO%20BRASIL%20TRANSFORMACOES%20PERCEBIDAS%20PELO%20OLHAR%20DA%20LITERATURA.pdf">http://cac-php.unioeste.br/eventos/iisnel/CD_IISnell/pages/simposios/simp osio%2007/A%20REPRESENTACAO%20FEMININA%20NA%20HISTORIA%20DO%20BRASIL%20TRANSFORMACOES%20PERCEBIDAS%20PELO%20OLHAR%20DA%20LITERATURA.pdf</a> >.
	UOL Educação: erro em resenha do livro de Maria José Silveira. <b>Uol. Nota</b> . Disponível em:< <a href="http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/erratas/2011/09/26/uol-educacao-erro-em-resenha-do-livro-de-maria-jose-silveira.htm">http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/erratas/2011/09/26/uol-educacao-erro-em-resenha-do-livro-de-maria-jose-silveira.htm</a> >.
	A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas. <b>Uol educação</b> . Resenha de Ana Lúcia Brandão. Disponível em:< <a href="http://educacao.uol.com.br/resenhas/a-mae-da-mae-da-sua-mae-e-suas-filhas.htm">http://educacao.uol.com.br/resenhas/a-mae-da-mae-da-sua-mae-e-suas-filhas.htm</a> >.
SOUZA, Márcio. <i>Desordem</i> . Rio de Janeiro: Record, 2001	nada
_____. <i>Revolta</i> . Rio de Janeiro: Record, 2005.	Revolta, de Márcio Souza. <b>Anotações de Leitura</b> , 14 abr. 2010. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://anotacoesdeleitura.blogspot.com.br/2010/04/revolta-de-marcio-souza.html">http://anotacoesdeleitura.blogspot.com.br/2010/04/revolta-de-marcio-souza.html</a> >.
	Márcio Souza lança terceiro livro sobre a Cabanagem em Belém. <b>Portal Amazônia</b> , 24 abr. 2005. Notícia. Disponível em:< <a href="http://portalamazonia.globo.com/new-structure/view/scripts/noticias/noticia.php?id=19696">http://portalamazonia.globo.com/new-structure/view/scripts/noticias/noticia.php?id=19696</a> >.

Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010

TAPIOCA, Ruy. <i>O proscrito</i> . Rio de Janeiro: Rocco, 2004.	nada
____. <i>A conspiração barroca</i> . Parede, Portugal: Saída de Emergência, 2008.	Conspiração Barroca, de Ruy Tapioca. <b>Recanto das letras</b> , 15 ago. 2008. Texto em blog de Regina Igel. Disponível em:< <a href="http://www.recantodasletras.com.br/cronicas/3832345">http://www.recantodasletras.com.br/cronicas/3832345</a> >.
TORRES, Antônio. <i>O nobre seqüestrador</i> . Rio de Janeiro: Record, 2003.	Resenhas de <i>O Nobre Sequestrador</i> . Antonio Torres. <b>Clipping</b> . Disponível em:< <a href="http://www.antoniotorres.com.br/resenha_onobre.html">http://www.antoniotorres.com.br/resenha_onobre.html</a> >.
	<i>O nobre sequestrador</i> , Antônio Torres. <b>Ronaldo Costa Fernandes</b> , 06 jun. 2011. Resenha em blog de Ronaldo Costa Fernandes. Disponível em:< <a href="http://ronaldocostafernandes.blogspot.com.br/2011/06/o-nobre-sequestrador-antonio-torres.html">http://ronaldocostafernandes.blogspot.com.br/2011/06/o-nobre-sequestrador-antonio-torres.html</a> >.
	Antônio Torres conta sobre o seqüestro do Rio. <b>O Estado de S. Paulo</b> , 06 set. 2003. Resenha. Disponível em:< <a href="http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2003/not20030906p434.htm">http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2003/not20030906p434.htm</a> >.
	NA REESCRITA DA HISTÓRIA, A (DES)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL: uma leitura de <i>Meu Querido Canibal</i> e <i>O Nobre Sequestrador</i> . <b>Littera online</b> , 2011. Artigo acadêmico de Normeide da Silva RIOS. Disponível em:< <a href="http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/viewFile/757/474">http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/viewFile/757/474</a> >.
	<i>O rio seqüestrado</i> . <b>História Viva</b> . Resenha de Mônica Cristina Corrêa. Disponível em:< <a href="http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o_rio_sequestrado.html">http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o_rio_sequestrado.html</a> >.
VERÍSSIMO, Luís Fernando. <i>A décima segunda noite</i> . Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.	<i>A décima segunda noite</i> - Luis Fernando Verissimo. <b>Vacatussa</b> , 31 out. 2008. Texto em blog de Thiago Correa. Disponível em:< <a href="http://www.vacatussa.com/2008/10/a-decima-segunda-noite-luis-fernando-verissimo/">http://www.vacatussa.com/2008/10/a-decima-segunda-noite-luis-fernando-verissimo/</a> >.
	Desafio Literário 2013: <i>A Décima Segunda Noite</i> (Luís Fernando Veríssimo). <b>Estranho mundinho insano</b> , 17 mar. 2013. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://estranhomundinhoinsano.blogspot.com.br/2013/03/resenhadecima.html">http://estranhomundinhoinsano.blogspot.com.br/2013/03/resenhadecima.html</a> >.
	Ranking de mais vendidos tem Shakespeare reescrito por Verissimo. <b>Folha de S. Paulo</b> , 01 jan. 2007. Notícia. Disponível em:< <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u67262.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u67262.shtml</a> >.
YAZBECK, Fuad. <i>O segundo degredado</i> . Rio de Janeiro: Record, 2008.	nada

**Tabela 8: Índice catalográfico – 2001 a 2010**

WIERZCHOWSKI, Letícia. <i>A casa das sete mulheres</i> . Rio de Janeiro: Record, 2002.	A casa das sete mulheres - Letícia Wierzchowski. <b>Viagem literária</b> , 26 set. 2012. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://www.viagemliteraria.com.br/2012/09/a-casa-das-sete-mulheres-leticia.html">http://www.viagemliteraria.com.br/2012/09/a-casa-das-sete-mulheres-leticia.html</a> >.
	A Casa das Sete Mulheres - Letícia Wierzchowski. <b>Polaroides críticas</b> . Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://www.polaroidescriticas.com/2008/12/casa-das-sete-mulheres-leticia.html">http://www.polaroidescriticas.com/2008/12/casa-das-sete-mulheres-leticia.html</a> >.
	Verdade ou Consequência? A Casa das Sete Mulheres. <b>Bibliofilia</b> , 21 fev. 2011. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://abibliofila.blogspot.com.br/2011/02/verdade-ou-consequencia-casa-das-sete.html">http://abibliofila.blogspot.com.br/2011/02/verdade-ou-consequencia-casa-das-sete.html</a> >.
	A casa das Sete Mulheres - Letícia Wierzchowski. <b>Literatura com liberdade</b> , 06 jun. 2011. Texto em blog. Disponível em:< <a href="http://literaturacomliberdade.blogspot.com.br/2011/06/casa-das-sete-mulheres-leticia.html">http://literaturacomliberdade.blogspot.com.br/2011/06/casa-das-sete-mulheres-leticia.html</a> >.

**Fonte:** a autora